



Universidade Federal de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Educação
Metodologia de Ensino

“Cultura Negra na sala de aula: pode um cantinho de Africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?”

Dissertação de Mestrado

Valéria Aparecida Algarve

Orientadora

**Prof. Dra. Petronilha Beatriz
Gonçalves e Silva**

Setembro/2004

Valéria Aparecida Algarve

“Cultura Negra na sala de aula: pode um cantinho de Africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?”

Dissertação de Mestrado

Apoio



Setembro/2004

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A394cn

Algarve, Valéria Aparecida.

Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas? / Valéria Aparecida Algarve. -- São Carlos : UFSCar, 2005.

154 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2004.

1. Educação – discriminação racial. 2. Relações intergrupais. 3. Africanidades. 4. Auto – estima. 5. Identidade. I. Título.

CDD: 370.19342 (20^a)

Banca Examinadora

Profª. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Profª. Dra. Eliane dos Santos Cavalleiro

Profª. Dra. Ilza Zenker Leme Joly

Agradecimentos

Agradeço a Deus e à Mãe Rainha.

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse a esse momento importante em minha carreira:

- aos meus pais Roberto e Lourdes que sempre me apoiaram e não mediram esforços para eu chegar até aqui.
- aos meus irmãos Andreza, Danilo e Denilson, que torceram por mim.
- aos meus avós, por todas as orações;
- ao meu noivo Rubens pela paciência, compreensão e incentivo;
- aos meus sogros Elizabet e Carlos, que sempre incentivaram meu trabalho.
- à Regina e ao Cesar pelo apoio e por todos os livros.
- à tia Marili, por sua colaboração e sugestões.
- à Elaine, parceira neste trabalho, por permitir a minha presença em sua sala de aula, e sempre colaborar para o bom andamento do nosso projeto.
- à Regina Conceição e à Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, pelas contribuições.
- à professora Petronilha, pela paciência, atenção, dedicação, amizade e, principalmente, por ser a maior incentivadora do meu ingresso no campo da pesquisa.
- à Prof^a Ilza Zenker Leme Joly e à Prof^a. Eliane dos Santos Cavalleiro, pelas sugestões, que contribuíram para este trabalho.
- a todos os alunos da 4^a série C da escola CAIC do ano de 2003, que me acolheram com carinho e desenvolveram o trabalho com o Cantinho de Africanidades com muita vontade e dedicação.
- ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (NEAB) da UFSCar que emprestou objetos indispensáveis ao Cantinho de Africanidades.
- aos verdadeiros amigos que sempre estiveram comigo nesta caminhada.
- à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro, muito importante no desenvolvimento desta pesquisa.

A todos, o meu muito obrigada !

“Enegrecer o mundo, eis nosso motivo. Enegrecer não como antônimo de embranquecer, portanto, não para absorver o branco.

Enegrecer, maneira própria de os negros se porem no mundo ao receberem o mundo em si. Enegrecer, face a face em que negro e branco se espelham, se comunicam, sem deixar de ser cada um o que é.”

(Silva P., 1987, p.147)

SUMÁRIO

Resumo	07
Abstract	08
1. Introdução	09
2. Referências Teóricas	
2.1.Raça e Etnia.....	18
2.2.Racismo, preconceito e discriminação.....	21
2.3.Auto-estima e Auto-conceito.....	27
2.4. Identidade.....	32
2.5.Cultura.....	39
2.6.Cultura Negra.....	41
2.7.Africanidades.....	44
2.8.Multiculturalismo.....	47
3. Metodologia	
3.1.Contexto da Pesquisa.....	52
3.2.Intervenção e Pesquisa.....	53
3.3.Procedimentos da Intervenção.....	58
3.4.Procedimentos da Pesquisa.....	67
4. A que levou o Cantinho de Africanidades	
4.1. Quem e como são as crianças participantes da pesquisa.....	76
4.2. Como as crianças situam pessoas negras e brancas.....	89
4.3. Os significados que as crianças foram adquirindo.....	93
4.4. Como a professora avaliou o Cantinho de Africanidades	121
5. Como avaliamos a experiência com o Cantinho de Africanidades	
5.1. O Cantinho de Africanidades e a professora.....	127
5.2. O Cantinho de Africanidades e a minha formação.....	133
5.3. O Cantinho de Africanidades e as crianças	135
5.4. Os resultados do Cantinho de Africanidades	143
6. Referências Bibliográficas	147
7. Anexos	154
Anexo 1 (Atividades desenvolvidas)	
Anexo 2 (Lei 10639/2003)	
Anexo 3 (Parecer CNE/CP 003/2004)	
Anexo 4 (Imagem do Cantinho de Africanidades e CD-Rom)	

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo: analisar as concepções de crianças brancas e negras frente aos negros e sua cultura; analisar as características de um trabalho que visa combater o racismo e as discriminações, tendo como ponto de partida um Cantinho de Africanidades. Através dele se buscará analisar as diferentes experiências das crianças, da professora e da família, identificando e descrevendo as contribuições das atividades desenvolvidas em função da educação das relações étnico-raciais, para relações positivas entre crianças brancas e negras.

Criou-se na escola estudada um Cantinho de Africanidades, com um espaço material que foi a exposição permanente de objetos que retrataram a cultura e história dos negros, mas também com uma parte que se constituiu das relações das crianças com objetos, com textos e, sobretudo, com as outras crianças. Várias atividades foram desenvolvidas, durante o ano letivo, retratando a cultura e história do povo negro, seja em África, no Brasil ou na diáspora.

Houve melhora considerável no relacionamento das crianças brancas e negras; houve aceitação das crianças negras que, antes, não se assumiam como tal; as crianças brancas entenderam que podem existir culturas diferentes da sua e tão interessantes quanto e, finalmente, houve aumento na auto-estima das crianças negras no momento em que se perceberam integrantes de uma cultura valorizada.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the conceptions of the white children and the black ones before the black people and their culture, to analyze the characteristics of a project that aims at fighting racism and discrimination having a “Cantinho de Africanidades” as a starting point. By the agency of it, we will try to analyze the different experiences of the children, the teacher and the family, identifying and describing the contributions of the developed activities on account of the education of the ethnic-racial relations to positive relations between the white children and the black ones.

It was created a “Cantinho de Africanidades” at the investigated school, with a material space which was a permanent exposition of objects that showed the culture and history of the black people, but there was also a part that consisted of the relations of the children with the objects, texts, texts and, above all, with the other children. Several activities were developed during the school year and they showed the culture and history of the black people in Africa, in Brazil or in the diaspora.

There was a remarkable improvement in the relationship between the white children and the black ones; there was acceptance of the black children, who previously had not assumed themselves as such; the white children understood that there may be different cultures from theirs which can be as interesting as their own, and finally, there was the increase in the black children self-esteem when they realized they were members of a valorized culture.

Introdução

Vivemos em uma sociedade preconceituosa, que pratica a discriminação e atos de racismo com frequência. Sabemos o quanto são comuns atos que minimizam os outros diferentes de nós, pessoas e grupos que não correspondem aos padrões estabelecidos pela sociedade, como os de beleza, de inteligência, ou de capacidade, entre outros. O modelo de humano é o homem, branco, jovem, bom, bonito, inteligente, saudável e bem sucedido; é, ainda, o que se denomina cristão, rico e sem deficiência aparente. Veja-se bem que as mulheres, de qualquer grupo étnico-racial e todos os índios, afro-descendentes e afro-asiáticos estão fora desse padrão.

Estudos estatísticos como o Censo do IBGE¹ e os estudos do IPEA² comprovam o que o Movimento Negro vinha dizendo, durante o séc. XX: que existe desigualdade no Brasil. Mesmo havendo estudos que mostrando que existem desigualdades sociais, econômicas, culturais, físicas e, até mesmo, no tratamento aos outros que estão fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, ainda ouvimos com frequência frases como: “todos são iguais”; “não existe mais racismo”; “eu não vejo pessoas discriminando o negro”; “eu não sou racista”; “os negros discriminam mais que os brancos”.

Desde a nossa infância, no seio da família, aprendemos o que é racismo. Eu, como tantas outras pessoas, cresci ouvindo de vizinhos e até mesmo de pais, tios e avós, piadas ou frases reveladoras de preconceito e racismo. Quantas vezes ouvimos comentários como: “olha aquela loirinha tão bonitinha com aquele negão”; “tantas moças bonitas e aquele menino foi namorar logo aquela morena”; “só podia ser preto”; “isso é coisa de preto”.

¹ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

² IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2001.

A vida é assim, não precisamos ir à escola para aprender o que é preconceito, discriminação e racismo; esses fatores estão presentes, ainda que veladamente, em nossas famílias, e em outros ambientes nos quais convivemos. Aparecem nas pequenas palavras, em frases, comentários e piadas, que minimizam e se recusam a reconhecer o valor do outro, que é diferente de mim, e essa negação se fixa a partir de julgamentos feitos pelos aspectos físicos das pessoas, como cor da pele e textura dos cabelos, entre outros.

Eu, como milhões de brasileiros, cresci sendo preconceituosa e racista, mas é preciso esforçar-se para deixar de sê-lo, pois isso causa mal a quem o é e a quem sofre a discriminação. Quando fui me dando conta dessa situação, comecei a questionar, controlar e procurar corrigir minhas atitudes, meus gestos, minhas palavras e minha postura. Então, cabe aos brasileiros que não são negros e não são indígenas, o dever de cidadãos e a responsabilidade moral de combater e corrigir a situação de preconceito, racismo e discriminação que estão arraigadas em nossa sociedade.

Durante minha adolescência, eu me sentia incomodada quando ouvia comentários pejorativos e piadas sobre negros; não conseguia me omitir e sempre buscava mostrar para os autores das falas que aquilo não era certo, e que o respeito era necessário, pois cada um tem direito às suas diferenças, que devem ser respeitadas.

Fui cursar Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) onde, tendo aulas com a professora Petronilha, que nos levou a refletir sobre a situação do negro em nossa sociedade e, notadamente, em relação à educação monocultural transmitida pela escola, escola essa que possui uma diversidade de crianças e culturas em suas salas, as quais deveriam ser igualmente valorizadas. Um dia, recebi o convite para participar do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros³ (NEAB) e desenvolver uma

³ O NEAB é um grupo da UFSCar, coordenado pela Prof. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, e que estuda, desenvolve pesquisas, promove cursos de extensão e formação de professores, sobre as questões étnico-raciais.

pesquisa de Iniciação Científica; aceitei prontamente o convite, e percebi que, somente a partir desse momento, minha vida pessoal e acadêmica passou a ter outro sentido; eu me senti útil, feliz e, principalmente, integrada à universidade e à sociedade.

Desde o momento em que passei a fazer parte do NEAB, no grupo de estudos e como pesquisadora, percebi que as situações de discriminação, preconceito e racismo estavam além da família, embora seja no contexto das famílias, inclusive nas famílias que são inter-raciais⁴ que primeiro tomamos contato com o ideário que gera a discriminação e a sua prática.

Quando as crianças de diferentes grupos étnicos raciais e sociais se encontram, principalmente na escola, as crianças negras, incluindo as mestiças, começam a sentir de forma muito contundente e a compreender o que é discriminação (Lopes, 1995; Oliveira R, 1998/2001). Também compreendem pelas atitudes, posturas, olhares de outras pessoas, que não são iguais a elas, e começam a perceber que o seu aspecto físico, o seu jeito de ser, de viver, e a própria religião que a família adota, se for de raiz africana, é razão para ocasionar menosprezo, caçoadas e serem deixadas de lado pelos colegas.

Sendo o Brasil um país multicultural e pluriétnico, torna-se preocupante a educação monocultural que vem sendo destinada a todos os alunos brasileiros. Ao chegarem à escola, as crianças negras passam a enfrentar situações de discriminação, devido à cor de sua pele, ao tipo de cabelo, traços físicos, ou a outras características que não estão de acordo com o modelo de ser humano legitimado pela sociedade, fazendo com que sintam a rejeição da escola à sua pessoa, à cultura de seu povo e ao grupo étnico-racial a que pertencem.

⁴ Famílias Inter-raciais – cujo pai e mãe pertencem a diferentes grupos étnico-raciais, segundo Brito, um dos pares é negro e outro é branco. (BRITO, Ângela E. Entre negro e Branco: socialização de filhos mestiços por famílias interétnicas. In: OLIVEIRA, I. e SILVA, P. B. G. e. (orgs.) *Negro e Educação: Pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil*. ANPED/Ação Educativa e Fundação Ford, 2003).

Essa mentalidade é tão cruel, que até mesmo as crianças negras mais claras incorporam, em relação às crianças negras mais escuras, ditos depreciativos, chegando até mesmo a ofender outras crianças negras — um sinal sutil de que a criança negra que discrimina outra criança negra está tentando se identificar com as pessoas brancas. Como branca, se vê e se faz ver como superior o que, de certa forma é uma estratégia, para, sendo negra, fazer-se reconhecer pela sociedade que o discrimina. Aqui vence a ideologia do branqueamento, a qual, segundo Silva A. (2000) e Domingues (2002), representa a interiorização dos modelos culturais brancos pelos negros, tentando esquecer sua matriz africana. Essa ideologia se efetiva no momento em que uma pessoa internaliza uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, tentando se aproximar ao máximo desse outro que possui atributos positivos, pois descobriu o que é racismo.

Estudos como os de Paré (1991 e 2000); Silva C. (1995); Silva A. (1995 e 2000); Oliveira R. (1998); Silva P. (1998); Cavalleiro (1999); Godoy (1999); Silva A. (2000) e Cirino (2001), preocupados com a criança negra na escola e situações de racismo e preconceitos por elas enfrentadas, apontam diversas atitudes que interferem negativamente em sua auto-estima, no rendimento escolar, interesse e na participação dessas crianças.

Tais situações exercem influências decisivas na vida dos alunos negros e brancos. Levam, muitas vezes, as crianças negras a se afastarem da escola, ou a nela permanecerem aparentemente apáticas, o que costuma ser julgado como falta de interesse nos estudos. (Lopes, 1995; Oliveira R., 2001; Santos, Ciarlo e Ciarlo, 2001)

Silva P. (1998) faz um destaque importante em relação à criança negra na escola, dando conta de que neste ambiente a criança negra não é vista como descendente de africanos, e sim como descendentes de escravos. Na escola, a criança aprende a rejeitar

sua cor e suas características, em função de outra, no caso a branca, e isto se deve, segundo Oliveira R. (1988 e 2001), ao fato de estar cercada de valores culturais da sociedade branca dominante, e sem nenhum referencial étnico/racial positivo para fortalecer sua auto-imagem.

Os alunos negros não são incentivados a participar das aulas, sendo, muitas vezes, rejeitados por colegas nos grupos e, nas festas, deixados no fundo da sala. Todas essas situações fazem com que a criança negra sinta desejo em mudar ou sair da escola. Tal situação perdura durante todo o século XX e neste que se inicia, como nos destaca Silva e Monteiro (2000); Cavalleiro (2000); Paré (2000) e Silva (2001).

Cabe pois questionar:

“como poderá alguém desabrochar seu corpo que é físico, que é inteligência, percepção, sentimento, emoção, com alegria e espontaneidade, sendo ele negro num mundo em que o feio, o negativo, o mau, errado, é qualidade de negro?” (SILVA e MONTEIRO, 2000, p. 81)

Como já foi dito, a criança negra é deixada de lado na escola, e embora a sociedade brasileira seja formada em sua quase maioria por negros, a história do seu povo, seja no Brasil ou na África, sua cultura, seus cantores e compositores (como Milton Nascimento, Gilberto Gil, Jorge Aragão, Leci Brandão, Alcione), escritores (como Machado de Assis, Lima Barreto, Esmeralda Ribeiro, Cuti), engenheiros (como André Rebouças), poetas (como Cruz e Souza, Luiz Gama, Oliveira da Silveira, Carlos Assunção), professores (como Milton Santos, Lurdinha Siqueira) entre outras personalidades negras que fizeram e fazem a nossa história, não são lembradas, reconhecidas ou trabalhadas na escola.

Através de uma pesquisa de Iniciação Científica por mim realizada (Algarve, 2001 e 2002), percebi que a escola não valoriza a diversidade étnico-racial que constitui a sociedade e que nela está presente. Assim, dá prioridade à cultura de raiz européia que representa o grupo social com poder de governar e de influir diretamente nos destinos da sociedade. As demais, quando são abordadas, o são pontualmente, por exemplo, no Dia do Folclore e festa das nações.

Em nossa sociedade, a história e cultura negra não têm sido abordadas pela escola, mesmo depois da promulgação da Lei 10639/2003⁵ que altera a Lei 9394/96, determinando a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos sistemas de ensino formal, e a principal razão apontada é a de que os professores não estão preparados para trabalhar essas questões, visto que os cursos de formação não atentam para elas e isso é, realmente, uma verdade.

Entretanto, abordar as questões e obter informações sobre cultura e história negra pode ser movimento independente, mas simultâneo com a formação formalizada para o trato da história e cultura afro-brasileira. Com estas observações, queremos dizer que a execução do Parecer CNE/CP 003/2004⁶ e da Resolução CNE/CP 001/2004 não tem de esperar que os professores recebam informação e formação, mas que esta se dará num processo de implantação da educação das relações étnico-raciais e do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana dentro das escolas. Ao mesmo tempo, estaria presente na formação de professores, seja em cursos formais, em encontros de aperfeiçoamento ou, então, em discussões e leituras nas horas de trabalhos pedagógicos (HTP).

A falta de conhecimento e de preparo dos professores e, em alguns casos, o não-desejo de superá-los, influencia uma prática que pode se tornar racista e discriminatória, e essa atitude impede o conhecimento, pelos alunos, das contribuições que os afro-

⁵ Anexo 2

⁶ Anexo 3

brasileiros deixaram e deixam em nossa História, assim como das significativas práticas de vida e cultura de seu povo. Essa falta de preparo e de conhecimento faz com que muitos professores, como aponta Triumpho (1991), entre outros, neguem a discriminação racial na escola, ao dizerem que na sala de aula todos são iguais, tirando de seus alunos o direito à identidade cultural diferenciada.

Ao não valorizar a história e cultura negras, assim como a dos povos indígenas e asiáticos, a escola contribui para a discriminação e para o preconceito, gerando, no que diz respeito à criança negra, a baixa auto-estima e prejuízos para sua identidade racial. Para Silva (1995), a baixa auto-estima é percebida quando o negro se reconhece como moreno, o que mostra prejuízo para sua identidade de negro, ao negar-se enquanto tal. Charles Taylor nos aponta que isso é resultado do que outros pensam sobre nós, pois as crianças acreditam que ao dizer-se negras serão julgadas como inferiores, como se sua origem fosse ruim.

Para que as crianças se aceitem e assumam sua identidade negra, a escola tem papel fundamental naquela formação e, para isso, faz-se necessário que trabalhe com seus alunos a história, a cultura, as lutas por que passou e as vitórias que seu povo conquistou e deixou como herança para o povo brasileiro. Também é importante que ela reconheça a diversidade da população brasileira, valorizando-a devidamente, contribuindo para a formação de cidadãos auto-confiantes que possam exercer sem medo sua cidadania.

“acredita-se que o negro vai desenvolver em si o sentimento da auto-estima. Esse processo consiste em ações que promovam o resgate da cultura e história do negro, evidenciando seus heróis, eliminando definitivamente os estereótipos preconceituosos dos livros didáticos que evidenciam o negro sempre de forma inferior”. (Campos Jr., 1999, p. 73)

É importante observar que não se trata apenas de a criança negra aprender sobre a sua cultura e a sua história, é preciso que as crianças brancas também tenham esse conhecimento, indispensável para as relações inter-étnicas, em que as crianças brancas também sofrem prejuízos em sua personalidade, por não se esforçarem por modificar as situações de preconceito, discriminação e racismo que praticam.

Se por um lado, trabalhar a valorização do negro, de sua cultura e sua história favorecerá as crianças negras, sua auto-estima e sua identidade, por outro, as crianças brancas também serão beneficiadas, pois não serão educadas achando que praticar o racismo, o preconceito e a discriminação é normal. Assim, além de não praticá-los, saberão valorizar as pessoas negras como advindas de povos com história e cultura. As crianças brancas também poderão reconhecer-se descendentes de povos que contribuíram para a formação da nossa cultura, o que contribuirá para as relações étnico-raciais no Brasil, já que tanto os negros quanto os brancos estarão se educando para tanto, aprendendo a se conhecer e não apenas se tolerar.

Sant'Ana (2000) destaca a importância da atuação do professor no diálogo franco e esclarecedor com seus alunos, para reforçar a auto-estima das crianças negras, como também para eliminar as atitudes racistas e discriminatórias nas crianças brancas e negras.

Além de os professores tomarem consciência da importância em trabalhar as diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira, precisam se preparar para fazê-lo. Os responsáveis pela manutenção da escola e do sistema de ensino, precisam tomar consciência disso também, e favorecer a formação e capacitação dos professores, além de fornecer materiais e textos didáticos adequados para organização e desenvolvimento do trabalho no decorrer do ano, e não apenas superficialmente uma ou outra vez por ano, sem significado para os alunos.

Observei, assim como Santos (2000) e outras pessoas, que as Salas de Africanidades, montadas em diferentes momentos pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) da UFSCar, constituíram-se um laboratório valioso de direitos humanos. Acreditei que essa seria uma maneira de verificar se ajudaria na formação das crianças negras e brancas. Propus, então, um Cantinho de Africanidades, na sala de aula, que não deveria ser externo aos trabalhos desenvolvidos diariamente pela professora, propondo-se, então, um trabalho colaborativo com ela.

A montagem, organização e desenvolvimento desse Cantinho, pontualmente no trabalho para verificar a desconstrução do preconceito e discriminação em crianças brancas e negras e do conhecimento e valorização da criança negra, leva-nos à seguinte questão de pesquisa:

“que diferenças de posicionamentos, frente a pessoas negras e à cultura negra, podemos observar em alunos do ensino fundamental das séries iniciais, antes, durante e depois da experiência com um Cantinho de Africanidades, em sala de aula?”

Referências Teóricas

A seguir, apresento as referências teóricas que servem de apoio para a elaboração deste trabalho, e cuja construção se fez a partir da localização e explicitação da problemática. Tendo oferecido elementos para a formulação da questão de pesquisa, consolidou-se o trabalho com as reflexões decorrentes dessa questão orientadora, oferecendo encaminhamentos para a análise dos dados e completando-se, finalmente, com as reflexões decorrentes dessas análises e interpretações daqueles dados obtidos.

As referências teóricas a seguir estão constituídas em torno da explicitação dos conceitos e termos-chave que sustentam este trabalho. Iniciemos, pois, com raça e etnia.

2.1. Raça – Etnia

Se pesquisarmos o verbete nos dicionários de Língua Portuguesa de uso corrente, percebemos que, embora apareçam com diferentes destaques, todos os significados partem do princípio de que raça se refere a um conjunto de ascendentes e descendentes de uma família ou de um povo, os quais conservam, por disposições hereditárias, caracteres físicos, culturais, ou outros, semelhantes.

Buscando no dicionário de Relações Étnicas e Raciais, de Cashmore (2000, p. 458), encontramos a seguinte definição: “Um grupo ou categoria de pessoas conectadas por uma origem comum”. Este dicionário destaca ainda, que, dependendo do emprego, o termo pode ter um significado diferenciado, porém sempre ligado à idéia de ascendência.

Silvério, ao tratar do significado de raça, sublinha que as diferenças físicas entre as pessoas são interpretadas como tipos distintos de pessoas, tipos pensados como parâmetros. Então, o termo raça passa a ser utilizado nesse sentido como:

“designando espécies distintas de homens, tanto do ponto de vista da constituição física quanto do ponto de vista das capacidades mentais”. (Silvério, 1999, p. 54)

Este autor afirma que raça pode significar um grupo de pessoas que são socialmente definidas pelas características físicas, como a cor da pele, por exemplo. Para se referir a um grupo definido por sua visibilidade somática, alguns autores fazem uso do termo “raça social”.

A esse respeito, o Parecer CNE/CP 003/2004, nos esclarece:

“o termo raça é utilizado com freqüência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira”.

A partir do séc XIX, cientistas que buscavam a causa das diferenças humanas no corpo físico, acreditavam que as diferenças físico-biológicas fossem fator determinante nas diferenças da vida social. O termo raça ganha, então, uma conotação científica. (Silvério, 1999; Guimarães, 2003 e Hofbauer, 2003).

Ao dar contorno científicos ao termo raça, buscavam-se justificativas para as políticas colonialistas da Europa, em relação a outros continentes. Tentava-se comprovar a inferioridade dos povos indígenas, dos aborígenes e dos africanos, com a finalidade precípua de justificar a necessidade de “civilizá-los”, o que significava, na

realidade, tentativa de transformar suas organizações sociais e culturais, conforme Mudimbe (1988), em constructos europeus.

No Brasil, quando se pronuncia a palavra raça, a tendência é logo pensar em negros, pois, dificilmente, alguém liga raça aos índios ou a outros grupos diferenciados. Em nosso país, a palavra raça foi e é utilizada para expressar atributos negativos às pessoas negras. Contudo, grupos do Movimento Negro dão um sentido político positivo ao termo, e passam a utilizá-lo positivamente para marcar as relações, principalmente entre negros e brancos (CNE/CP, 2004).

Embora a palavra raça seja aparentemente utilizada para marcar as diferenças físicas, como, por exemplo, a cor da pele e o tipo de cabelo, o seu significado vai além dessas características. Em outras palavras, a partir do séc XX, o termo passa a referir-se também às diferenças culturais, isto é, a forma própria de pensar o mundo, de viver, de ser, que no caso dos afrodescendentes, vem ligada a uma ancestralidade africana, como bem mostram Guimarães (1999) e Oliveira E. (2003). Então, para mostrar que, ao pensarmos em raça não estamos nos referindo apenas ao aspecto físico, mas também a dados culturais, temos empregado a expressão “ étnico-racial.”

Quanto ao termo étnico, Cashmore (2000, p. 196) ensina que:

“o termo deriva do grego ethnikos, adjetivo de ethos, e refere-se a povo ou nação. Em sua forma contemporânea, ‘étnico’ ainda mantém o seu significado básico no sentido em que descreve um grupo possuidor de algum grau de carência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, ao menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas”.

Quando dizemos étnico, estamos salientando a dimensão cultural, como expresso no Parecer CNE/CP 003/2004:

“o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas às diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios de origem indígena, européia e asiática”.

Por existirem, no Brasil, grupos étnico-raciais, tais como povos indígenas e afrodescendentes, que possuem diferenças físicas e culturais não respeitadas nem valorizadas, manifestam-se, na sociedade, preconceitos, racismos, discriminações, o que prejudica tanto a subjetividade das pessoas que são discriminadas, como também a daquelas que os discriminam.

2.2. Racismo, Preconceito e Discriminação

O racismo é um problema muito evidente na sociedade brasileira e representa um sistema de opressão da diferença marginalizada, opressão contra grupos étnico-raciais, que possuem suas características próprias em relação ao físico e ao cultural, as quais não condiz com o modelo imposto pela elite dominante (Teodoro, 1996).

No Brasil, o racismo é resultado e reflexo da escravidão, processo pelo qual os negros passaram, o de trabalhar para a construção material e econômica do país, sem nunca terem sido tratados com dignidade, respeito e valorização. As conseqüências da falta de valorização e respeito sofridos pelos escravos africanos são ainda sofridas por seus descendentes. É o que fica evidente quando pessoas contam piadas depreciativas de

negros ou utilizam expressões como “tinha que ser negro”, “o negro foi feito para trabalhar”, “negro parado é suspeito; correndo é ladrão”. É o que revelam, também, programas televisivos que mostram os negros sempre em condições de inferioridade social, e isso sem contar o desemprego e a baixa condição socioeconômica que afetam, principalmente, os negros. Como vemos, embora se diga que o racismo é a opressão às diferenças físicas e culturais de não-brancos descendentes de europeus, no que diz respeito ao Brasil, os negros têm sido fortemente prejudicados por serem os que mais sofreram situações de racismo.

Paulo Freire (2001, p. 68) destaca que “*não faz parte da natureza do ser humano a perversidade do racismo. Não somos racistas, tornamo-nos racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas*”. O racismo é uma construção social, não ser racista ou deixar de ser racista são medidas que também podem ser sociais e, dessa forma, os currículos escolares pode nele influir, pois, assim como os currículos contribuem para manter o racismo, pode fazer efeito inverso, se dispostos a isso.

Então, comecemos por entender, com mais precisão, o que seja o racismo, e também o preconceito de que origina e a discriminação dele decorrente. Em pesquisa a dicionários de uso corrente, como a da Língua Portuguesa de Ferreira (1993), o termo racismo é definido como “*doutrina que sustenta a superioridade de certas raças*”. Já o dicionário de Bueno (1996) diz que é a “*teoria da pureza de raça ou da separação das mesmas; segregacionismo*”. Percebemos por estas definições a que mais facilmente as pessoas têm acesso, que racismo supõe separação, divisão, assim como superioridade de uns sobre outros.

Segundo Memmi (1967), ao referir-se à colonização européia em África, o racismo resume e simboliza a relação fundamental que une o colonizado ao colonizador. Para o autor, não há colonialismo sem racismo, destacando que o racismo nasceu da

exploração capitalista e foi estratégia de imposição da superioridade do branco sobre o negro, assim como forma de manter a exploração e dominação.

O conceito de racismo:

“refere-se não somente a todas ações e inações, a todos os sentimentos e silêncios que sustentam a subordinação ‘negra’, mas também a uma estrutura de esquizofrenia que todo povo ‘branco’ tem, no sentido da totalidade da experiência de seu ser no mundo. Em resumo, todos os povos ‘brancos’ estão universal e inevitavelmente adoecidos pelo racismo”. (Silvério, 1999, p.67)

Como vemos, de maneira contundente, Silvério destaca como o racismo prejudica quem sofreu com ele e, também, quem faz uso deste para manter seus privilégios, o que vem justificar e incentivar as iniciativas que buscam combatê-lo, já que o direito à identidade como à cultura, é garantido pela Constituição Brasileira e leis internacionais.

O racismo, pois, ocorre quando se atribuem a determinados grupos aspectos negativos em razão de suas características físicas ou culturais. Santos (2004, p.02) esclarece que o preconceito e o racismo são atitudes, são modos de viver.

Cabe, pois, explicitar o que seja o preconceito, isto é, um conceito, uma idéia, uma conclusão a que se chegou , antes de qualquer conhecimento prévio:

“do latim prae, antes, e conceptu, conceito, este termo pode ser definido como o conjunto de crenças e valores apreendidos, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes” (Cashmore, 2000, p. 196)

A principal fonte de preconceito, atritos e atraso social são as desigualdades entre ricos e pobres, enquanto que as desigualdades entre brancos e negros são reflexos da escravidão (Silvério, 2002).

O preconceito é uma idéia que se formula antecipadamente, sem mesmo se conhecer a pessoa. Como exemplo, temos o caso de um dentista negro, recém-formado que, ao estar entrando no carro após deixar a namorada no aeroporto, foi assassinado, porque um homem que fora assaltado pouco antes, apontou para ele, dizendo ter sido seu assaltante um negro de camisa preta: “eu acho que é aquele lá”. No entanto, quando viu o rosto do rapaz, não era o assaltante⁷.

É justamente isso que preconceito faz. Julga-se de antemão, e o julgamento é feito pelas características físicas; julga-se o que as pessoas são ou deixam de ser, ou o que vão fazer ou fizeram, sem uma prova consistente do que afirmam. O preconceito é uma forma arbitrária de pensar e agir, quando exercido como forma de controle social para manter as distâncias e as diferenças entre as pessoas e os grupos. (Bandeira e Batista, 2002)

Nos termos do Guia de Elaboração do Programa de Promoção da Igualdade (2000, p. 20), o preconceito:

“é uma atitude negativa que contém uma predisposição à ação e se expressa a partir de uma indisposição ou julgamento prévio que se faz de pessoas estigmatizadas por atributos a ela ou ao grupo a que pertence”.

Quantas vezes, deixamos de nos aproximar de uma pessoa porque não simpatizamos com ela, mesmo sem conhecê-la, ou porque alguém nos disse algo

⁷ Notícia divulgada nos sites: www.agster.com.br/antenido/movimento-negro; www.abong.org.br/novosite/publicacoes/informes_pag.asp; www.noticias.terra.com.br/brasil/interna/o;

negativo sobre a mesma, ou, então, porque não gostamos de seus traços físicos ou de algum grupo a que pertença. Quando julgamos uma pessoa, sem conhecê-la, com base em conceitos que formulamos em virtude de sua aparência ou do que outros nos disseram sobre ela, estamos dando vazão a preconceitos.

Santos (2004) enfatiza que o preconceito é sempre uma atitude negativa em relação a uma pessoa, a um grupo ou a uma idéia e tal atitude, geralmente, é antecipada, sendo o resultado dos padrões de que se utilizam para fazer comparações.

Em decorrência do preconceito, acabamos por discriminar a pessoa, isto é, fazemos distinção, tratando-a de forma desfavorável, para que ela se sinta inferior, sem valor, ao mesmo tempo em que fortalecemos a valorização dos nossos ideais e cultura em função do outro que discriminamos.

Segundo o Guia de Elaboração do Programa de Promoção da Igualdade (2000, p.09), já citado:

“a discriminação compreende qualquer distinção, exclusão ou preferência com base em motivos de raça/etnia, cor, sexo, religião, opinião política, ascendência nacional ou origem social, que tenha por efeito anular ou alterar a igualdade de oportunidades ou de tratamento no emprego e na ocupação”.

A discriminação deixa marca nas pessoas, afeta sua auto-estima, assim como pode ocasionar danos em sua saúde física e mental, ou seja, a discriminação impede o crescimento das pessoas.

“O tratamento discriminatório induz a diferença nas oportunidades de acesso à educação, ao trabalho, na renda e na qualificação das pessoas e, conseqüentemente gera mais pobreza e exclusão” (Progr. de Prom. da Igualdade, 2000, p. 9)

Percebemos que o preconceito representa idéias que formulamos antecipadamente, e a discriminação é o resultado deste preconceito, posto em prática.

Em consideração às questões tratadas nesta pesquisa, faz-se de suma importância precisar o que seja preconceito racial e discriminação racial e, para tanto, valho-me das definições de Lopes (2000, p. 187):

“Preconceito Racial é a idéia preconcebida suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação a outra, sem razão objetiva ou refletida. Normalmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória”

“Discriminação Racial é atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base idéias preconceituosas”

Cashmore (2000, p. 196) nos esclarece ainda que a discriminação racial *“pode ir desde o uso de rótulos pejorativos, como ‘crioulo’ ou ‘negão’ à negação de acesso a esferas institucionais, como habitação, educação, justiça, participação política, etc”*. Destaca, no entanto, que essas ações podem ser intencionais ou não.

Como se vê, ao considerar-se superior aos outros, diante de sua raça, a pessoa se posiciona como sendo racista, visto estar fazendo distinção entre raças e grupos humanos, com tratamento negativo a outros diferentes de si.

Ao considerar a superioridade de um grupo sobre o outro, e julgar o outro sem conhecê-lo, põe-se em prática o racismo, fruto de preconceito que gera discriminações, excluindo do convívio e da participação social aqueles cujas características físicas são diferentes das legitimadas pela sociedade.

Concluimos que não é possível entender esses conceitos separadamente, visto que se referem a atitudes que estão interligadas. A minha vivência em escolas, assim como estudos realizados por Paré (2000) e Cavalleiro (1999), revela que a escola se torna

omissa no reconhecimento da criança negra no espaço escolar, assim como não se preocupa com a convivência multiétnica, contribuindo para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores, além de crianças com auto-estima não sadias, uma por se julgar superior e a outra por sentir-se inferior.

Cavalleiro (1999) destaca que a criança branca, ao sentir-se superior, fortalece e mantém o racismo, o preconceito e a discriminação; já a criança negra, ao sentir-se inferior, se auto-rejeita, rejeita o grupo ao qual pertence, a sua cultura e história.

Quando a criança negra se auto-rejeita e rejeita ao grupo étnico-racial ao qual pertence, ela nos dá sinal de que está com baixa auto-estima e não possui um auto-conceito positivo (Lopes A., 1995; Silva C., 1995; Campos Jr, 1999; Oliveira R., 2001).

Cabe entendermos o que sejam esses conceitos.

2.3. Auto-Estima e Auto-Conceito

A escola, os livros didáticos, a mídia e a sociedade reforçam as representações negativas dos negros, contribuindo para a negação do ser negro. Silva A. (1995, 2000 e 2001); Lima (2000) e Souza (2001) mostram-nos que a escola, ao omitir ou negar a existência do preconceito racial e da discriminação, ao fazer uso de um currículo que reforça o controle social por transmitir uma imagem distorcida da história dos negros, assim como ao utilizar livros didáticos e de literatura infantil ou infanto-juvenil que ilustram o negro de forma caricaturada, deformada e associada a seres sobrenaturais, destrutivos e submissos, está contribuindo para a inferiorização e desumanização dos negros. Para que o negro deixe de ser inferiorizado, as autoras destacam a necessidade e importância em desconstruir a discriminação ao negro feita nos livros didáticos e livros de literatura.

Referente à mídia, Araújo (1996), Conceição (1996) e Ferreira (2003) destacam que, no Brasil, não existem programas voltados para o atendimento específico dos valores, necessidades e história do povo negro, reforçando a falta de referenciais valorativos para os mesmos que, muitas vezes, são tratados e expostos negativamente. Graças aos Movimentos de Direitos Humanos e, sobretudo, à insistência do Movimento Negro, já percebemos a presença e a valorização de alguns personagens negros na televisão, mas ela é ainda pequena, diante da grande maioria dos personagens brancos.

Silva, C. (1995) e Paré (1991 e 2000) destacam que no decorrer da vida, as crianças negras enfrentam diversas situações que contribuem negativamente para sua auto-estima, como é o caso do nome, primeiro elemento de identificação que perde em função dos apelidos pejorativos que recebe, fazendo com que essas crianças se sintam minimizadas, e aproximem sua identidade da do branco, ao dizerem-se morenas, estratégia que utilizam para serem reconhecidas na sociedade.

Segundo Cavalleiro (1999), é impossível negar que a criança negra é a mais afetada e quem mais sofre com a discriminação e preconceito, visto passar cotidianamente por maus tratos, agressões e injustiças que afetam sua infância e comprometem seu desenvolvimento, e nem sempre são reconhecidos e admitidos pelos adultos, particularmente pelos seus professores.

As situações de preconceitos e discriminações enfrentadas pelas crianças negras, influenciam negativamente suas vidas ocasionando, muitas vezes, um sério problema de auto-estima, auto-conceito e identidade. (Lopes, 1995; Silva e Monteiro, 2000; Oliveira, 2001; Silva A., 2000 e 2001)

A baixa auto-estima, que é um desses problemas, é razão de sofrimento, e na população negra; tal sofrimento é constante, pois, a todo o momento, se deparam com pessoas que rejeitam seu jeito de ser, suas características físicas, como sua cor, o tipo

de cabelo, também sua situação econômica e social, sua cultura. Assim, na verdade, a baixa auto-estima está intimamente relacionada com a falta de respeito e de valorização da sociedade, quanto às diferenças étnico-raciais.

A auto-estima representa a maneira como cada um se relaciona consigo mesmo, com o ambiente em que vive, com as pessoas de que descende, e essa relação vai demonstrar o quanto a pessoa gosta de si, o quanto ela se orgulha de suas origens sociais, raciais e culturais. Em outras palavras, a auto-estima decorre de uma atitude positiva ou negativa perante si mesma, e perante aos grupos a que pertence.

Paré (2000, p. 111) destaca que a auto-estima, num processo de auto-avaliação, diz respeito aos juízos conscientes que a pessoa faz de si, e esses podem ser construídos a partir de três pontos principais: comparação da auto-imagem ideal com a pessoal; interiorização dos juízos feitos pela sociedade; avaliação de si próprio com êxito ou fracasso, para satisfazer o que a identidade que assim constrói e de que necessita para ser feliz. Como vemos, além da imagem que a pessoa faz de si, a auto-estima também está vinculada ao valor que outras pessoas lhes dão.

Percebemos, na convivência em escolas, e a literatura tem mostrado isso (Paré, 1991 e 2000; Silva C., 1995; Campos Jr., 1999 e Algarve, 2001 a/b e 2002), que as crianças negras possuem uma baixa auto-estima, isto é, são conduzidas a negar a identidade de seu povo de origem, em favor da identidade do outro, o branco, que é apresentado como superior, enquanto o negro é sempre visto como inferior e incapaz, como vemos no trecho que segue:

“A criança negra brasileira, devido ao condicionamento sócio-cultural de um ideal de beleza e padrões culturais europeus introjetados pela colonização portuguesa, desenvolve a auto imagem e auto-conceito distorcidos e baixa auto-estima.”
(Paré, 2000, p.110)

A baixa auto-estima se manifesta quando, querendo ser diferente e assumir um ideal de branqueamento, as crianças rejeitam sua cor de pele, seu corpo, seus cabelos, sua vida, assim como almejam adquirir características de pessoas brancas, por essas representarem força, poder, coragem e ascensão social. Dessa forma, tentam aproximar-se do protótipo de beleza própria das pessoas brancas, imposto e destacado constantemente pela mídia, criando um ideal que está longe do real, e que contribui para que a criança negra negue sua identidade racial como tão bem explicam Silva C. (1995); Silva A. (1995); Chagas C., 1997); Andrade (2000); Cavalleiro (2000); Paré (2000); Romão (2001); Algarve (2002) e Gomes (2003).

Vimos que a auto-estima se refere à parte afetiva, aos sentimentos e pensamentos que as pessoas têm sobre si mesmas, o quanto gostam de si; já o auto-conceito refere-se à auto-avaliação, auto-consideração e auto-aceitação, isto é, à imagem que fazemos de nós, do que somos, do que podemos realizar, do que queremos ser e do que achamos que outros pensam sobre nós.

Quando as crianças possuem um conceito positivo sobre si mesmas, conseqüentemente, irão desenvolver uma auto-estima positiva, isto é, ao perceberem-se capazes e valorizadas por si e pelos outros, sentir-se-ão importantes e felizes, gostarão de si mesmas e do que são, sem precisarem assemelhar-se aos outros diferentes de si, para serem valorizadas.

A escola, a família e a sociedade têm papel importante no desenvolvimento do auto-conceito, seja na preparação das crianças para o enfrentamento das situações de discriminação, no incentivo à auto-valorização e na transmissão dos valores culturais do seu grupo. (Campbell-Whatley & Comer, 2000; Klein, 2000)

É com esse entendimento e com o objetivo de melhorar as relações étnico-raciais, ou seja, de educá-las, que se construiu uma atividade de intervenção no currículo, para

verificar se, trabalhando a história e cultura africana, teríamos resultados positivos na auto-estima e identidade dos alunos, pois segundo Souza (1983), apenas ter a pele escura no Brasil, não possibilita uma positiva auto-estima e uma identidade negra, pois:

“Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”. (Souza, 1983, p. 77)

Ser negro é viver em conflito, seja na família, na escola, na rua, na igreja, nos grupos sociais ou no ambiente profissional, e é muito provável que não exista experiência de ser negro e bem sucedido, sem antes ter passado por preconceitos racistas, isso porque como já vimos, o negro não é reconhecido nem valorizado e sua cultura é esquecida e estigmatizada. A escola influencia as crianças negras a assumirem ou não sua identidade e, principalmente, a tornarem-se ou não negras.

Silva P. (2003) nos diz que ser negro no Brasil é escolha política, porque, ao assumir a luta por combate ao racismo e discriminações, ou a luta por reconhecimento de identidade, direitos sociais, culturais e políticos, os negros vão se tornando negros. Nesse contexto, a escola tem o papel fundamental de valorizar e trabalhar as diferentes culturas, principalmente a negra para que, assim, os alunos negros possam ter uma auto-estima e um conceito positivo sobre si, assumindo sua identidade sem medo e com orgulho, integrando-se às lutas de seu povo. Precisamos, agora, entender como ocorre o processo no qual as crianças vão assumindo sua real identidade.

2.4. Identidade

Identidade, neste trabalho, é entendida como a consciência que cada pessoa tem de si própria, da comunidade da qual faz parte, da classe social a que pertence, do grupo de raça/gênero que representa, e do país em que vive. Essa consciência é elaborada na vida, no dia-a-dia, sendo significada e dando significado às relações estabelecidas entre as pessoas, e entre essas e o meio no qual se inserem. (SILVA,1998 e SILVA e MONTEIRO, 2000).

A identidade é, pois, elaborada e aperfeiçoada no decorrer da vida, em colaboração com pessoas e grupos a que cada um pertence – étnico-racial, de gênero, de classe social, religioso, entre outros – num processo em constante construção e nesse percurso, recebem influências positivas e negativas de outros grupos distintos. A identidade de negros e brancos, no Brasil, se dá no confronto entre o jeito de ser, viver e pensar de descendentes de africanos e de europeus, da mesma forma que a identidade de todos os brasileiros se dá no confronto dos aportes étnico-raciais que se cruzam e entrecruzam nas relações entre povos indígenas, descendentes de europeus, descendentes de africanos e descendentes de asiáticos.

Para melhor entender a identidade, cabe destacar Charles Taylor (1992), que afirma ser ela formada em ligação direta pelo reconhecimento ou não, que os outros, não pertencentes ao mesmo grupo étnico-racial, social e de gênero, têm de nós. Dizendo de outra forma, a percepção positiva ou negativa que outras pessoas fazem de cada um de nós influencia de forma marcante a maneira como nos percebemos e percebemos os grupos a que pertencemos.

Destaca, ainda, o referido autor, que o desconhecimento e o tratamento dado às pessoas com base em preconceitos geram discriminações, causando sofrimento aos

rejeitados, minimizados. Então, desconhecimento, conhecimento inadequado e preconceito, são fatores que geram a opressão sobre o ser humano.

Dessa forma, percebemos que as relações estabelecidas com outras pessoas são fundamentais na construção da identidade de cada um. Silva P. (1987); Teodoro (1987) e Silva P. (2003-b), ao se referirem à identidade de afro-descendentes, destacam que a pessoa negra elabora e afirma sua singularidade e sua identidade diante e através dos outros, os não -negros, que assumem pensamentos e atuações diferentes das suas.

“É a partir da diferença que se constroem os referenciais identitários. A identidade se constrói com relação à alteridade. Com aquilo que não sou eu. É diante da diferença do outro que a minha diferença aparece” (Oliveira E., 2003, p.83)

A construção da identidade, pois, se processa no confronto e na mistura de identidades no interior de um grupo étnico-racial, social, bem como no confronto com outros, externos a este grupo, que compõem igualmente a sociedade. As influências, tanto a da comunidade negra como a de outra origem étnico-racial, constituem o meio cultural, e até mesmo o social e econômico no qual a pessoa se encontra inserida. Dessa forma, na relação com os familiares, a comunidade, os amigos e desafetos e tudo que rodeia as pessoas, leva a uma identidade pessoal que diferencia cada um dos demais, mas que está fortemente conectada com o grupo étnico-racial e a outros a que pertence. Percebemos que a identidade é, por um lado, o peculiar de cada um e também o que os identifica com grupos étnico-raciais, de classe social, e de gênero, entre outros. A identidade é uma construção da própria pessoa, mas não do indivíduo isolado, pois acontece no convívio com os outros, fazendo deles seu ponto de partida e sua referência (SILVA, 1987, P. 142).

“Na perspectiva africana, a construção da vida própria tem sentido no seio da comunidade, e visa não apenas o avançar de cada um individualmente. O crescimento das pessoas tem sentido quando representa fortalecimento para a comunidade a que pertence.” (Silva P. 2003 (b), p. 181)

Hall (1999) nos alerta que, com a modernidade, as identidades estão sendo descentradas e fragmentadas, de forma que a pessoa está deixando de ter uma única e estável identidade, para adquirir várias, algumas até mesmo contraditórias. A identidade é formada e transformada, continuamente, de acordo com a forma como é representada nos sistemas culturais que a rodeiam.

Poderíamos dizer, então, que as pessoas possuem diferentes raízes de uma mesma identidade, adquiridas nos diferentes ambientes que freqüentam e de que participam, ou seja, uma pessoa tem uma identidade enquanto nascida em uma cidade, como parte de uma família, outra como profissional e outra como membro de um grupo religioso, por exemplo. Cabe, também, destacar que uma pessoa tem uma identidade entre os membros da família, mas, geralmente, outra, perante os amigos, o que não significa que ela tenha deixado de ser o que é na família.

O autor esclarece, ainda, que podemos ter uma identidade partilhada com outras pessoas desconhecidas e distantes e, a título de exemplo, destaca os fluxos culturais e o consumismo que criam a possibilidade desse tipo de identidade, pois somos consumidores de determinados produtos, assim como cliente de alguns serviços e público de mensagens e imagens, o que acaba nos identificando como outras pessoas.

As considerações de Hall ajudam a entender, contrariamente ao que pensam alguns, as ligações que têm os negros brasileiros, embora se tenha tentado eliminá-las, com suas raízes africanas. Também é importante compreender que a ligação dos negros brasileiros com a África não se dá via globalização ou sociedade de consumo, mas em

virtude da ancestralidade comum que se revela nas Africanidades o que, no dizer de Cunha Jr, 2001; Oliveira E., 2003 e Silva P., 2003-a, caracteriza o jeito de ser e de viver próprio dos africanos do continente -mãe e da diáspora.

Voltando à comunidade e à família como fatores importantes na formação da identidade, é importante insistir em que a identificação de cada pessoa com uma comunidade ou com uma família, possibilita que decodifique o mundo em que vive, as relações das quais participa e, nesse processo, ela se constrói enquanto pessoa e cidadão. Essa construção, segundo Barbosa (1987) e Silva C. (1995), vai definir a forma de inserção da pessoa na sociedade, sua identificação ou não com a mesma e, conseqüentemente, a construção positiva ou negativa de sua auto-estima.

Podemos concluir então, que:

“A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.” (Silva T. 2003, p. 96)

Sendo a identidade um processo de produção, e edificada no decorrer da vida, Lopes (1987 e 1988) e Chagas (1997) destacam que, sem um referencial, sem história, sem raízes, um povo não constrói sua identidade, tampouco seus componentes. Diante do que as autoras destacam, percebe-se que é fácil ser branco numa sociedade que valoriza e respeita este grupo étnico/racial, a começar pela escola, que transmite e engrandece a cultura branca-européia, sem se preocupar se existem outras, como a

indígena, a afro-descendente, a dos descendentes de asiáticos, que devem ser valorizadas igualmente.

No entanto, torna-se difícil pertencer aos grupos marginalizados, como é o caso dos afro-descendentes que, embora representem quase a metade da população brasileira, são deixados à margem da sociedade e da escola, sendo designados com termos pejorativos, como bem mostram Silva A.(1995/2000) e Silva C. (1995) entre outros, como escravo, inferior, burro, ladrão, membro de uma cultura sem valor e reconhecimento, enfim, recebendo todo tipo de nomeação e especificação que os inferiorizam.

Como sujeitos sociais, a nossa identidade étnico-racial, de gênero, sexual, nacional ou de classe se dá no âmbito da cultura e da história e é, justamente a multiplicidade dessas diferentes identidades que constituem o sujeito. A identidade negra, entendida como construção social, histórica e cultural, implica o olhar que o sujeito tem de si mesmo e do grupo ao qual pertence, a partir da sua relação com outros (GOMES, 2003)

Sendo as histórias e raízes culturais do povo negro esquecidas, omitidas e distorcidas pela escola, professores e sociedade, a identificação dos negros com o grupo de que é originário fica prejudicada, ao mesmo tempo em que atitudes discriminatórias em relação à cultura e às pessoas de origem africana são permitidas aos brancos. Gomes (2003) diz que a escola pode ser considerada um fator de interferência na construção da identidade negra, podendo, de acordo com a forma com que se olha os negros e sua cultura, valorizar as diferentes identidades, ou segregá-las, discriminá-las e até mesmo negá-las.

Neste sentido:

“Quando a história conta de forma mentirosa, ingênua a saga do povo negro e quando a sua cultura é utilizada no que

convém ao lucro (carnaval, por exemplo) e não é valorizada ou incentivada, nega-se ao negro a possibilidade mínima de conquistar uma identidade pessoal, social e racial satisfatória". (Chagas, 1997, p. 31)

Essa é uma manifestação do que Paulo Freire, na “Pedagogia do Oprimido” (1987, p. 149)”, chama de invasão cultural, isto é, uma ação antidialógica que serve como conquista. Nesse caso, os invasores impõem aos invadidos sua visão de mundo, bloqueando a criatividade, ao inibirem sua expansão enquanto seres humanos.

A invasão cultural é uma violência que tende a levar grupos e pessoas a perderem sua originalidade ou a se verem ameaçados de perdê-la (FREIRE, 1987, P.149). A invasão cultural é a forma de dominar econômica e culturalmente o invadido, justamente o que ocorre com os negros, que têm sua cultura invadida, distorcida e, muitas vezes, esquecida pela sociedade e pela escola e, até mesmo, em muitas dimensões, por eles próprios.

Paulo Freire defende que a experiência humana deva se dar na continuidade da história, isto é, dentro de sua cultura e na interação com outras. A cultura, para ele, seria o suporte para enfrentar a realidade, visto que o ser humano se integra a um contexto, quando nele intervem, transformando-o em experiência vivida (FREIRE, 1987 E 2001).

A invasão cultural provoca dominação, isto é, estabelece relação entre pessoas, estando de um lado algumas que são opressoras e de outro, as outras que são oprimidas. O oprimido é aquele que tem a sua humanidade roubada e sofre com a opressão do outro que lha rouba, no intuito de ser mais e tornar o outro, oprimido, menos (FREIRE, 1987).

Diante da opressão, reporto-me às crianças negras que, desde cedo, são inferiorizadas pelas crianças, jovens e adultos brancos e não-brancos, por estes sentirem-se superiores e melhores que os negros. Também me reporto aos negros de

África ou da diáspora, impelidos a perder sua originalidade e suas raízes culturais em função da cultura de um invasor, no nosso caso a Européia, ocidental e branca, que impõe uma visão de mundo que tenta inibir a expansão da criatividade e expressão dos negros, por desvalorizá-la.

A problemática vivida pelos oprimidos é importante para entendermos a questão da identidade e da auto-estima. Oltramari (2003) destaca que, sendo a identidade construída nas relações estabelecidas entre a pessoa e a sociedade, também se forma dentro da escola. No caso da criança negra, a identidade étnico-racial, de raiz africana, a própria escola se constitui uma sociedade racista e discriminatória, que os despreza, o que a conduz a uma baixa auto-estima.

Oliveira (2003) explica que não é a cor da pele, a língua, o território onde reside, os aspectos naturais e políticos de uma população que irão determinar sua identidade, mas sim, que essa identidade é que permitirá a unidade cultural de um povo:

“A identidade de um povo pode ser reconhecida quando consideramos sua história e as singularidades desta história. Se podemos falar em identidade negra é porque existe uma história deste povo que comunga experiências comuns, singulares, e que enfrenta problemas semelhantes no decorrer do tempo.” (Oliveira, 2003, p. 153)

Percebemos que a identidade de um povo é reconhecida pela sua singularidade e história; no entanto, os negros sofreram com a invasão cultural, sendo obrigados a deixar de lado sua cultura para vivenciar a cultura européia do branco. Diante disso, cabe compreender o que entendemos por cultura neste trabalho.

2.5. Cultura

Segundo Bueno (1996, p. 176), cultura são costumes e valores de uma sociedade; já Ferreira (1993, p. 156) a entende como complexo dos padrões de comportamentos, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, entre outros, de uma sociedade e transmitidos coletivamente e típicos. Oliveira E. (2003), no entanto, vê o termo cultura como aquele utilizado para compreender os fenômenos sociais, principalmente a singularidade dos povos e as relações entre eles, assim como as mudanças conjunturais e transformações estruturais desses povos em interação.

Percebemos que cultura se refere às características, às particularidades de um grupo. Silva P.(1998),entende cultura como um sistema de significações que dá a uma coletividade sua imagem particular. A autora faz uma referência a Milton Santos, que diz:

“a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo como o universo, é uma herança, mas também um aprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo os processos produtivos e as práticas sociais, a cultura é o cimento.” (Milton Santos apud Silva P., 1992, p. 61)

Kreutz (1999, p. 82) explica que a cultura está vinculada à vida social, e mesmo as culturas excluídas e marginalizadas não são mudas, constituindo-se fonte de sentido e de construção do real. Geertz (2000, p. 61) destaca-a como uma ciência interpretativa, à procura de significados, do jeito de viver humano. Para esse autor, sem os seres humanos não haveria cultura, mas também sem cultura não haveria seres humanos, animais inacabados e incompletos, que se complementam através da cultura, não de

uma cultura geral, mas de suas formas altamente particulares. Esclarece, ainda, que nossas idéias, nossos valores, atos, emoções e sistema nervoso são produtos culturais que têm impacto sobre nós, controlando nossos comportamentos.

A cultura de cada grupo social, racial, de gênero e outros, exerce grande influência na vida das pessoas que a eles pertencem. Oliveira R. (1998) aponta que, no Brasil, as crianças negras iniciam a luta pelo seu reconhecimento social, cercadas de valores culturais da sociedade branca dominante e sem um referencial étnico-racial positivo para fortalecer sua auto-imagem. Portanto, as crianças negras, visando ser aceitas, se sujeitam às imposições dos dominantes, rejeitando ou ocultando sua cultura afro-brasileira em favor da outra que lhes é alheia.

Silva A. (1995, p. 33) afirma que os valores culturais dos segmentos sem prevalência na história oficial são omitidos ou distorcidos e, especificamente, em relação ao negro, aparecem folclorizados. Silva e Monteiro (2000, p. 80), sublinham que na escola, assim como na sociedade, a história e cultura do povo negro no Brasil e na África são esquecidas, e quando lembradas, aparecem como folclore.

Voltemos ao conceito de cultura que, segundo Oliveira E. (2003, p. 78), está intimamente ligado ao de história. Ao resgatar a relação cultura-história, está-se buscando a forma pela qual os povos produzem seus significados e se relacionam com o real. O autor ainda nos diz que a história é construída tanto na perspectiva cultural quanto na estrutural, a primeira ocorrendo dentro de uma sociedade, a segunda entre diferentes sociedades, o que significa existir dualidade na ordem cultural, enquanto construída na sociedade e vivenciada pelas pessoas. Destaca que a história é ordenada culturalmente e os esquemas culturais historicamente.

Percebendo a relação entre história e cultura, verificamos que cada povo tem a sua particular e que lhe é inerente. Neste trabalho, em especial, tratamos da importância em

se trabalhar e valorizar a cultura negra e, em função disso, cabe agora explicitar o entendimento de cultura negra que adotamos neste trabalho.

2.6. Cultura Negra

Culturas negras, na verdade, será a referência correta, uma vez que no Brasil, os africanos escravizados foram trazidos de nações africanas com diferentes raízes culturais, como Gege, Bantu, Ioruba.

As culturas regionais africanas têm pontos em comum, em relação à responsabilidade que todos os adultos assumem para cuidar de crianças, sejam suas ou dos outros. Quando os pais de uma criança morrem, ela não fica sem afeto familiar, pois alguém se incumbem dessa tarefa. Em razão de tal postura, a palavra órfã inexistente nas culturas africanas e, por conseqüência, não encontraremos orfanato em sua língua e em sua sociedade.

Neste trabalho, ao dizer cultura negra, estou me referindo a todas as culturas do povo negro, no seio das quais os negros constroem sua história; também me refiro à maneira própria dos negros se colocarem no mundo, de conduzirem a própria vida, de se formarem cidadãos, como nos aponta Silva P. (1988, p. 107 e 2003, p. 183) e Banks, J.A. (2003).

Contrariamente ao que muitos pensam no Brasil, a cultura negra não se restringe às religiões de raízes africanas:

“A cultura negra ultrapassa a esfera religiosa. Poderíamos considerar vários fatores do esporte, da música, da literatura, da dança e das artes em geral, da economia, da política, das organizações populares, etc.” (Oliveira E., 2003, p. 78)

É importante esclarecer que as manifestações religiosas, embora não sejam o centro da cultura, perpassam todas as manifestações africanas. Assim, podemos dizer que a forma como os negros vivem, trabalham, manifestam sua religião, fazem suas festas, se alimentam, lutam, assumem sua negritude, falam, expressam idéias, manifestam pensamentos, enfim, o modo de ser e viver dos negros são, todas, manifestações de cultura negra.

Na cultura africana, assim como na afro-descendente, os ritmos, diz Cunha Jr. (2003), são importantes, não apenas os musicais, mas os da matemática, dos desenhos e da geometria, das artes, dos mitos, da forma de falar, de fazer literatura, filosofia.

Nas comunidades africanas, tanto do Continente como da Diáspora, a oralidade é muito valorizada e trabalhada, pois é por meio dela que se transmite a história e memória de um povo, passada de geração em geração, possibilitando a permanência de suas raízes culturais originais. King (2002, p.80) mostra a importância em destacarmos a memória cultural negra, presente nas comunidades e guardadas, em geral, pelos mais velhos, porém, pouco valorizadas e aproveitadas pela sociedade mais ampla. A autora afirma ainda que, a partir da união da comunidade negra, será possível resgatar e centrar culturalmente o conhecimento, de forma que a memória cultural negra seja passada adiante nas comunidades, famílias e escolas, resistindo a qualquer tipo de ensino alienante da supremacia branca.

As pessoas que assumem o seu modo próprio de ser negro lutam para que a cultura negra não seja vista como exótica pela sociedade, mas que esta a entenda na essência de suas manifestações; que compreenda e valorize o seu modo de interpretar o mundo, a sociedade, os outros, a vida, a morte, o trabalho, “revelado na maneira peculiar de dançar, louvar os Orixás, a Alá ou a Cristo, preparar quitutes, festejar, trabalhar, viver e construir o conhecimento” (SILVA 1998, P. 103).

Estar presente, lutar, e expressar sentimentos, emoções, nos leva a pensar a cultura negra e:

“Pensar a cultura negra é pensar a reterritorialização dos negros no Brasil. O território afro-brasileiro não é o espaço físico africano, mas a forma como os negros brasileiros singularizam o território nacional. O espaço físico reterritorializado é um espaço símbolo-cultural” (Oliveira, 2003, p. 83)

Diante de tudo isso, consideramos importante o destaque que Cunha Jr. (2003) faz, ao dizer que a presença africana no cotidiano histórico e na cultura brasileira é imensa, e temos limitações em compreendê-la, devido à ausência de história africana nas escolas, universidades e movimentos políticos. Completa, dizendo que a falta de história africana nas escolas causa quatro sérias conseqüências: retira a oportunidade de os africanos e afro-descendentes construírem uma identidade positiva sobre sua origem; causa espaços para idéias preconceituosas sobre o povo negro; coloca a apresentação do continente africano em desvantagem no currículo; propicia falta de entendimento da nação brasileira quanto às influências africanas em nossa cultura.

Gonçalves (1987, p.29) enfatiza que se na escola a transmissão do saber não for mediada pela particularidade cultural da população negra, as práticas pedagógicas estarão sempre punindo as crianças negras que ainda freqüentam as escolas. Silva P. (1987, p. 146) esclarece que a criança negra, ao se aceitar como descendente de africanos, passa a ter interesse por histórias de seu povo.

Como estamos percebendo, é muito importante a inclusão de história e cultura negra nos diferentes níveis de ensino, já que o Brasil é um país multicultural e quase todos os brasileiros possuem uma ancestralidade africana. Quando falamos em cultura

negra, estamos nos referindo também às Africanidades, que dizem respeito aos negros e aos elementos de sua cultura. Diante disso, passemos a explicitar o entendimento que temos de Africanidades.

2.7. Africanidades

Quando perguntei a alguns alunos participantes desta pesquisa sobre o que seria Africanidades, obtive respostas tais como: “coisas que aprendemos sobre a África”; “coisas que a gente faz”; “o que tem no cantinho”; “as coisas dos negros”. De certa forma, essas respostas expressam o que vêm dizendo pessoas que se dedicam à questão.

O termo Africanidades tem uma dimensão cultural de produção de conhecimento e, por isso mesmo, político. Oliveira (2003, p. 159), referindo-se ao fortalecimento da identidade negra, salienta que o papel político das Africanidades é muito importante, por estar ele fundamentado numa filosofia, filosofia esta baseada na ancestralidade, na diversidade, na integração, na tradição, e na sabedoria existente a qualquer tempo e momento.

No Brasil, ouvimos falar sobre Africanidades Brasileiras, termo que vem sendo construído desde os anos 80 e, segundo o professor Cunha Jr (2001, p. 07), o uso sistemático do termo Africanidades brasileira começou a ocorrer quando foi oferecido um curso de extensão com esta temática, em disciplina optativa para a pós-graduação em Educação, pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de São Carlos, em 1992.

O autor diz, ainda, que, para entender o que sejam as Africanidades, é preciso entender a sua ligação com a afro-descendência, por consistir no reconhecimento da existência de uma cultura que tem raiz africana no Brasil, e destaca:

“As Africanidades Brasileiras são reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem”. (Cunha Jr., 2001, p. 12)

As Africanidades Brasileiras são estratégias definitivas de combate ao racismo, pois introduzem as afro-descendências no pensamento brasileiro. Trata-se de um enfoque necessário para estudar o Brasil e as culturas racistas aqui existentes. Também representam a recriação da cultura africana, revelando o jeito de ser africano no Brasil, isto é, de ser afro-brasileiro.

Para Cunha Jr. (1999 e 2003), as Africanidades Brasileiras favorecem a desconstrução de uma cultura ideal, do dominador, e produzem a liberdade intelectual, livre de racismo e conceitos produzidos no processo de dominação presente na cultura brasileira.

Silva (2000, p. 151 e 2003, p. 26) também explicita o que sejam as Africanidades Brasileiras, e destaca-as como sendo as raízes da cultura brasileira que têm sua origem em culturas africanas que, como já vimos, é o modo de ser, viver, organizar lutas, próprias dos negros brasileiros, ou em marcas que a cultura africana deixou e continua deixando na vida diária de cada brasileiro.

A autora aponta, ainda, que, há quase cinco séculos, as Africanidades Brasileiras vêm sendo elaboradas, pois, na medida em que os africanos escravizados e seus descendentes participaram da construção da nação brasileira, deixaram em outros grupos étnicos com quem convivem, suas influências, ao mesmo tempo que incorporaram em si as influências desses grupos. Africanidades Brasileiras representam o trabalho e criatividade dos africanos e seus descendentes no Brasil, situando essas produções na construção da nação brasileira (Silva P., 2000, P. 152).

As Africanidades tomam como base a cultura e a história dos povos africanos e seus descendentes. Segundo Silva (2000), elas abrangem diferentes áreas, podendo estar presentes nos currículos escolares em conteúdos e metodologias. É o que comprova o livro organizado por Munanga (2000) – “Superando o Racismo na Escola” –, com propostas anti-racistas, de metodologias e conteúdos que os professores podem utilizar na sala de aula em sua prática diária, como forma de superar o racismo e as discriminações.

Como se vê, o ensino das Africanidades Brasileiras, no processo escolar, é muito importante para a reeducação das relações étnico-raciais, como bem mostra o Parecer CNE/CP 003/2004.

Em Africanidades, inclui-se a história dos negros e suas diferenças, formas de ver o mundo, isto é, sua cultura enraizada em diferentes culturas africanas: Yorubá, Gegê, Nagô, Bantu, entre outras. Isto é uma construção e para entender e fazer esta construção é necessário estabelecer pontes, não só do negro brasileiro, mas da história do negro com a ancestralidade. O objetivo das Africanidades não é só trazer informações sobre África, mas saber estabelecer a ponte do Brasil com a África e com outras diásporas, além da brasileira. Se isso é bom para a auto-estima das crianças negras, também deve trazer efeitos para o conhecimento, atitudes e posturas das crianças brancas, as quais, vendo que os negros não são aquilo que os preconceitos difundem sobre pessoas negras, mas que são pessoas que descendem de civilizações antigas como as egípcias, a dos reinos do Mali e do Zimbábue, passem a tratá-los com respeito, porque respeitam a história do grupo de que os negros são originários.

Em nossa sociedade, temos pessoas provenientes de diferentes raízes culturais, que trazem consigo uma história e elementos que as tornam distintas, como os afro-descendentes por exemplo. Tais pessoas precisam ser valorizadas e respeitadas em suas

particularidades, como cidadãos de uma sociedade que é multicultural. A seguir, procuro explicitar o que seja o multiculturalismo.

2.8. *Multiculturalismo*

É importante esclarecer o que seja multiculturalismo e, para isso, utilizamos Gonçalves, L. e Silva, P. (2003) que salientam que expressões do multiculturalismo surgem inicialmente nas artes, nos movimentos sociais e políticos, sendo essa uma forma de reconhecimento das diferenças e do direito à diferença. Essa filosofia acabou invadindo o campo educacional, porque, há muito tempo, a minoria em poder e influência clamava por princípios de igualdade e equidade.

O multiculturalismo enfatiza a diferença, o tratamento diferencial, para assim conquistar a igualdade de oportunidades. Ao chegarem no campo da Educação, as estratégias do multiculturalismo, a partir de 1960, com James Banks, abrangeram tanto a formação de docentes quanto os procedimentos de ensino desenvolvidos em sala de aula. (Gonçalves, L E Silva, P. 2003)

Cabe destacar, o que significou o multiculturalismo na experiência educacional dos Estados Unidos. Por volta dos anos 60, estudantes, líderes religiosos negros e professores lutaram para exercer seus direitos civis, assim como negavam propostas pedagógicas que não reconhecessem as diferentes raízes culturais presentes nos Estados Unidos, ou que desqualificassem suas características e possibilidades. Nesse contexto são criados os “Black Studies”, visando oferecer uma crítica à realidade social e ao conhecimento que estava sendo difundido e que descartava aqueles estudos de raiz africana.

Além dessas críticas, os estudos elaboravam um novo conhecimento da história dos negros, e serviam de base para as comunidades negras, em particular para a

sociedade estadunidense em geral. A partir das propostas do “Black Studies”, criam-se outros estudos étnicos, como o “Native American Studies”. (Gonçalves, L E Silva, P. 1998). Os Black Studies idealizados por Karenga (1991) aconteceram no quadro de tensas relações étnico/raciais, numa sociedade multicultural e a partir de idéias e iniciativas que passam a configurar o multiculturalismo no campo da Educação.

Cashmore (2000, p. 371) diz que o multiculturalismo traz a idéia de uma coexistência harmônica entre grupos étnicos ou culturalmente diferentes; Gonçalves L. e Silva P. (1998) contrapõem, dizendo que o multiculturalismo resulta do jogo das diferenças e as reconhece. No ensaio sobre o multiculturalismo, dizem que a Educação multicultural propõe uma escola a que todos tenham acesso, independente do grupo ou classe a que pertençam, assim como institui no sistema de ensino o pluralismo cultural, ao reconhecer e valorizar as diferenças étnicas, raciais, culturais e sociais entre as pessoas.

Tal entendimento exige mudanças nos currículos, livros didáticos e outros materiais que são fontes de construção de conhecimento, assim como mudanças também na formação de professores. Gonçalves, L. e Silva, P. (1998) destacam a importância em valorizar os diferentes grupos étnicos, mostrando heróis, comidas típicas, manifestações culturais, datas comemorativas, enfim, trabalhar diferentes dados culturais, suas contribuições para a construção da nação, além de suas influências em outras culturas.

Cavalleiro (2001) enfatiza que somente com uma educação baseada na informação e no questionamento crítico em relação às desigualdades sociais, como também nos problemas relacionados ao preconceito e à discriminação, será possível uma transformação da sociedade, sociedade esta que tem excluído muitos indivíduos do direito à cidadania.

A proposta do multiculturalismo na Educação está, justamente, no combate ao racismo e à discriminação, o que levará, mesmo que a longo prazo, à eliminação de atitudes preconceituosas e racistas, permitindo o direito à diferença e à cidadania; mas, para isso, é preciso incluir nos currículos escolares a cultura e história negra, o que hoje é uma exigência legal⁸.

O multiculturalismo na Educação é uma forma de conservar, inovar e valorizar o patrimônio cultural afro-brasileiro, que está sendo esquecido e desvalorizado por falta de conhecimento e informação (Gonçalves, L e Silva, P. 1998). Entre iniciativas deste tipo, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), com o objetivo de respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país, trazem um volume referente aos “Temas Transversais”, que contém tópico destinado à Pluralidade Cultural

Ao tratar a temática da Pluralidade Cultural, os PCNs citam que no Brasil existem estudos e pesquisas sobre a situação do afro-descendente em escolas, mas pouco se estuda, se fala ou se pesquisa sobre as diferentes culturas que aqui convivem. Outro ponto destacado nos PCNs é que, nas escolas brasileiras, a diversidade está muito presente, embora seja ignorada, silenciada ou minimizada. Difunde-se, no Brasil, a idéia de um país sem diferenças, fazendo com que todas as culturas estejam subordinadas a apenas uma. Sabe-se que essas atitudes reforçam ainda mais o preconceito e a discriminação.

No tópico referente ao Pluralismo Cultural, constam os fundamentos éticos, jurídicos, históricos, geográficos, conhecimentos sociológicos, antropológicos, populacionais, psicológicos e pedagógicos, a fim de justificar o tratamento do Pluralismo Cultural da sociedade nos currículos escolares, como forma de oferecer o conhecimento das origens dos diferentes grupos culturais que fazem parte da população

⁸ Artigo incluído pela Lei 10.639 de 09/01/2003 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Cap.II, Seção I, Art. 26 que diz: “No estabelecimento de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura afro-brasileira”.

brasileira, assim como a superação da discriminação e do preconceito. Acredita-se que, valorizando as diferentes culturas, os alunos compreenderão seu valor próprio, elevando a sua auto-estima, fator positivo para a formação de sua identidade.

Embora os PCNs promovam uma discussão sobre a importância em valorizar as diferenças e diferentes culturas, não tratam das relações raciais e não trazem estratégias de trabalho para fundamentar o professor nesse conhecimento e nas metodologias de trabalho, gerando falta de estímulo aos professores, para trabalharem a temática. Além disso, percebemos que os PCNs só promoveram um avanço quanto ao reconhecimento do negro e das diferentes culturas no Pluralismo cultural, mas, segundo Cunha Jr (2003) os afro-descendentes, sua cultura e suas contribuições sociais permanecem desconhecidos. E, mais que tudo, não trata das tensas relações raciais vividas pelos brasileiros. Ao tratar de pluralismo cultural sem tratar dessas relações, está-se correndo o risco de não atacar o problema de racismo.

Buscando suprir essas falhas, ao longo do século, propostas têm sido feitas, como por exemplo, na Bahia onde, após anos de luta, por volta dos anos 70 e 80 foi aprovada a inclusão dos “Estudos Africanos” nos currículos de escolas públicas de 1º e 2º grau, projeto que perdurou até 1984, tendo sido interrompido por falta de recursos (CRUZ, 1987, P.75). Mais recentemente, temos propostas como as existentes no livro “Superando o Racismo na Escola”, organizado pelo Ministério da Educação, e que representa um avanço em relação às propostas de Pluralidade Cultural dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), já que traz metodologias de como trabalhar as questões raciais em sala de aula.

As discussões sobre multiculturalismo vêm ocorrendo cada vez com maior frequência no Brasil, e estudos como os de Gonçalves, L. e Silva, P.(1998), Cavalleiro (2000), Machado (2002) e Cunha Jr (2003) são referências para que as escolas

desenvolvam trabalhos de valorização de outras culturas, como a dos negros. A inclusão de história e cultura africanas nos currículos vem como parte das Africanidades e, segundo Cunha Jr (2003), possibilita uma formação identitária positiva dos Afro-descendentes, assim como igualdade em questões concernentes à cidadania e à democracia.

São inúmeras as referências a respeito da necessidade de se trabalhar a cultura negra; atendendo às diferentes propostas, foi promulgada a Lei 10.639/2003, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 26, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Costuma-se dizer que poucos professores trabalham a questão e os principais motivos são: falta de preparo do professor e falta de materiais adequados, já que o tema não constitui uma preocupação na escola. Cabe, entretanto, lembrar que estes poucos não são tão poucos, mas que, em geral, se encontram isolados em escolas ou regiões, e em um país da extensão do Brasil, não são facilmente identificados. Vejam-se, como exemplo, as diversas experiências de escolas do município de Belo Horizonte, projetos esses que tinham por objetivo melhorar as relações raciais, melhorar o quadro de invisibilidade das pessoas negras e das nomeações depreciativas que recebiam, tendo assim um trabalho significativo para a melhoria das relações étnico-raciais (SANTANA, 2001).

Com essas considerações, passo a tratar da metodologia da pesquisa e da intervenção na qual ela se desenvolveu. Mais adiante, trago a análise e a discussão dos dados.

Metodologia

3.1. Contexto da Pesquisa

Esta pesquisa tem como contexto a intervenção, que se constitui a partir de um Cantinho de Africanidades. Foi realizada na escola EMEB “Prof. Afonso Fioca Vitali”⁹ conhecida como CAIC, pertencente à rede municipal de São Carlos, localizada no bairro Cidade Aracy, periferia da cidade de São Carlos. O bairro é formado, em sua grande maioria, por famílias negras ou mestiças (o pai ou a mãe são negros), o que caracteriza a escola com grande número de alunos negros.

Por contar com grande número de afro-descendentes, a escola foi escolhida para desenvolver esta pesquisa, a qual teve início assim que foi encontrada uma professora que se dispusesse a trabalhar com a pesquisadora e que visse como suporte importante pensar e desenvolver com as crianças o Cantinho de Africanidades e questões a ele relacionado. Para tanto, ela teve de desenvolver no quadro das atividades curriculares cotidianas, outras atividades que proporcionassem aos alunos, conhecimento sobre cultura e história dos negros africanos, brasileiros e da diáspora.

A pesquisa, pois, para ser desenvolvida, exigiu que se criasse junto com as crianças e com a professora, um Cantinho de Africanidades, na própria sala de aula. O Cantinho inspira-se nas Salas-Ambiente que, de acordo com a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, são espaços para ensinar e aprender, tendo ao alcance materiais didáticos pedagógicos, que permitem enriquecer e dinamizar as aulas e atividades propostas pelo professor, tornando o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico, prazeroso e eficaz (SE/CENP, 1997).

⁹ Foi realizada nesta escola com autorização da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos.

Assim, tendo por base a proposta de salas-ambiente, e a experiência do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (NEAB) da Universidade Federal de São Carlos que, em diferentes ocasiões, tem organizado uma sala-ambiente de Africanidades, no intuito de criar oportunidades de alunos e professores entrarem em contato com a história e cultura africana, partiu-se para a criação de um cantinho de africanidades em sala de aula.

O Cantinho de Africanidades foi montado numa prateleira ampla, localizada no fundo da sala (que era o único espaço disponível) e contou com Cds de cantores e compositores negros; livros de histórias infantis que retrataram o negro de forma positiva; fotos, postais, figuras, cartazes que mostraram as cidades africanas, população negra e suas manifestações culturais; esculturas provenientes de diferentes países africanos ou da diáspora; roupas e adereços de inspiração africana; bonecas negras e ou africanas, assim como brinquedos; instrumentos musicais; revistas com fotos de negros; receitas de comidas típicas de origem africana ou afro-brasileira, enfim, diferentes objetos que retrataram a história e cultura do povo negro, seja no Brasil, em África ou na Diáspora.

3.2. Intervenção e Pesquisa

Como vemos, trata-se de uma pesquisa que se desenvolveu no seio de uma intervenção nas atividades curriculares e no cotidiano da sala de aula, contando com a colaboração direta e estreita da professora. Para tanto, tomamos como referência o trabalho de Silva e Oliveira (2000) para definir e diferenciar intervenção de pesquisa.

Segundo as autoras, intervenção refere-se a ações deliberadas, no sentido de criar, conformar ou acomodar relações entre grupos sociais, culturais, pessoas e o ambiente em que vivem.

De acordo com os objetivos de uma intervenção, destacados pelas autoras, encontramos alguns que se enquadram aos objetivos da intervenção propostos neste projeto:

- *“Levantar necessidades”* – percepção das necessidades apresentadas em sala de aula, relativamente a relações raciais, bem como aquelas necessárias para apoiar o trabalho da professora para educação das relações raciais.

- *“Desenvolver atividades”* – aplicação de atividades que possibilitem a efetivação dos objetivos anteriores, assim como fornecer dados que auxiliem na pesquisa.

- *“Realizar inquéritos, levantamento de dados”* - coleta dos dados que levem à realização da intervenção a contento.

- *“Modificar comportamentos”* – expectativa de que, após o trabalho de intervenção, os alunos possam melhorar o relacionamento entre si, ou seja, entre crianças negras e crianças brancas; que mudem de posicionamento de ignorância para conhecimento, diante da cultura africana e afro-brasileira e, finalmente, que as crianças negras se aceitem como tal e as brancas reconheçam o valor de ser negro.

- *“Resolver um problema”* – empenho, através da intervenção, da superação de preconceitos e discriminações, da baixa auto-estima, do desconhecimento a respeito da história e cultura dos afro-brasileiros.

- *“Avaliar viabilidade, possíveis repercussões de estratégias de intervenção”* – verificar a possibilidade desse trabalho ser implantado em outras escolas.

- *“Conceber, propor, implantar políticas”* - no ponto de partida, essa intervenção pode se situar como uma ação afirmativa de reconhecimento da história e cultura dos afro-descendentes; como ponto de chegada, espera-se que a experiência possa ser ampliada na própria escola e, quem sabe, na própria rede municipal de São Carlos.

Após os objetivos, Silva e Oliveira (2002, p. 07) destacam o que pode justificar uma intervenção. Diante dos objetivos explicitados acima, o projeto em pauta se enquadra no seguinte aspecto: “as modificações, que poderão resultar em novas situações, relações, comportamentos, condições de vida, presumidamente melhorando-os, transformando-os, adaptando-os”. Este projeto visava à educação das relações interraciais, o que implica atitudes e postura de reconhecimento da cultura e história dos negros. Dessa forma e com esse trabalho, espera-se contribuir para a auto-estima das crianças negras e para relações construtivas entre crianças negras e brancas.

Quanto à metodologia da intervenção, dizem as autoras citadas (p. 08) alguns procedimentos que adotamos neste caso:

- “*observações*”: no sentido de perceber o que dizem, pensam professora e seus alunos, para conhecer e compreender de que forma se dão as relações raciais entre as crianças daquela classe;
- “*coleta de dados*”: constante de todo material produzido pelos alunos e as observações realizadas no decorrer do trabalho;
- “*interpretações*”: o observado e o coletado foram discutidos com a professora, com vista à elaboração das próximas atividades;
- “*trabalho*”: atividades realizadas sistematicamente, três vezes por semana, juntamente com os alunos, planejada e avaliada com a professora;
- “*análise de resultados*”: os resultados parciais são organizados a cada encontro.

No caso deste trabalho, a intervenção se concretizou com a inclusão de atividades do Cantinho de Africanidades nas atividades curriculares cotidianas da sala de aula, uma vez que a professora, a partir do apresentado, discutido e elaborado sobre cultura e Africanidades brasileiras, fez sua integração com os conteúdos de matemática, história, ciências e português.

Quanto à pesquisa, Silva e Oliveira definem como sendo estudos que buscam inquirir em profundidade as realidades físicas, naturais, sociais, culturais, psicológicas; estudos orientados por uma questão elaborada a partir de uma problemática que chama a atenção do pesquisador e que se mostra social e cientificamente relevante.

Relativamente aos objetivos de uma pesquisa, destaco entre os citados, aqueles que dizem respeito a esta investigação:

- “*conhecer a realidade*” – verificar como as crianças da escola trabalhada se posicionam diante da cultura negra, o que conhecem, o que não conhecem, se a valorizam, se gostam do que vêem, se depreciam o que lhes é apresentado, etc;

- “*identificar necessidades*” – a partir do conhecimento da realidade, identificar questões que devem ser abordadas;

- “*avaliar relacionamento entre as crianças e entre elas e os conteúdos trabalhados*” – examinar e avaliar as relações dos alunos entre eles, no que diz respeito ao pertencimento racial de negros e brancos;

- “*descrever processos*” – no presente caso, pretende-se descrever de que maneira foram sendo propostas e desenvolvidas as atividades com o Cantinho de Africanidades e o quanto isso foi influenciando nas relações raciais entre as crianças;

- “*avaliar produtos*” – verificar até que ponto os resultados da intervenção podem ou não ser indicados para a continuidade da mesma.

O que justifica a realização de uma pesquisa, segundo as autoras, é a ampliação e o aprofundamento do já descoberto a respeito do estudado, ou a introdução e o estudo em áreas não exploradas, assim como a possibilidade de aplicação dos resultados da pesquisa. No presente caso, pretende-se aplicar as experiências das salas de Africanidades à sala de aula, bem como recomendar, se for o caso, a utilização do cantinho de Africanidades como uma atividade curricular cotidiana na escola.

Quanto às metodologias, destaca-se a necessidade de constarem objetivos, visões de mundo, referências e referencial teórico que orientam o trabalho, questão de pesquisa e resultados, passos esses que este trabalho buscará seguir.

Após ter clarificado a diferença entre pesquisa e intervenção e buscado relacionar com o estudo que realizei, explicito, a seguir, os objetivos pesquisa e da intervenção.

Objetivos da Pesquisa:

A pesquisa busca analisar:

- as concepções das crianças brancas e negras, relativamente aos negros e sua cultura, no decorrer do desenvolvimento da experiência pedagógica;
- as características do trabalho que visa ao combate ao racismo e às discriminações, e que tem como ponto de partida um Cantinho de Africanidades;
- as diferentes experiências das crianças, da professora e das famílias, frente ao Cantinho de Africanidades;
- a contribuição das atividades desenvolvidas em torno e no Cantinho de Africanidades para relações positivas entre crianças brancas e negras, isto é, para a educação das relações étnico-raciais¹⁰.

Objetivos da Intervenção:

Com a implementação de um cantinho de Africanidades na sala de aula, procurar contribuir para:

- despertar o interesse das crianças em relação aos objetos expostos, suas origens e histórias, assim como para história do povo negro, além de histórias que têm personagens negros;

¹⁰ Quanto aos objetivos para esta educação, ver Parecer CNE/CP 003/04.

- fortalecer a auto-estima das crianças negras;
- favorecer o fortalecimento da identidade das crianças negras, relacionando-as com sua origem negra;
- melhorar o relacionamento entre crianças brancas e negras, evitando atitudes discriminatórias e racistas, tais como xingamentos e palavras depreciativas relacionadas ao pertencimento racial;
- estimular o professor no trabalho constante e na busca de informações para as aulas em que se eduque para as questões étnico-raciais, tendo como ponto de partida o Cantinho de Africanidades.

3.3. Procedimentos da Intervenção

O Cantinho de Africanidades

Para desenvolver a pesquisa, foi realizada uma intervenção, intervenção essa que ocorreu numa sala de 4ª série do ensino fundamental, contando com a colaboração direta da professora.

O Cantinho de Africanidades foi como nomeamos inicialmente um espaço na sala de aula, mais precisamente um armário com prateleiras (Anexo 4), contendo diferentes objetos: cartões postais e folderes de diferentes países e cidades africanas, imagens de pessoas negras de diferente faixa-etária e de ambos os sexos, revistas africanas e brasileiras, livros de literatura infantil com personagens negros, livros que traziam informações e imagens de África, textos diversos, CDs de canções e hinos africanos e afro-brasileiros, bonecas e bonecos negros, diferentes esculturas que retratam a cultura africana, bandeiras dos países africanos, indumentárias como vestido afro, colares, objetos do Carnaval de New Orleans, instrumentos musicais de origem africana, galinha d'Angola em gesso, mapa do Continente Africano, calendário com símbolos africanos e

arte africana. A estes objetos, foram se juntando outros tantos confeccionados pelas crianças, como casas decoradas e inspiradas na tribo Ndebele, bonecas negras com roupas afro, objetos em argila (galinha d'Angola, animais africanos) e massa de biscuit, cartazes, desenhos, entre outros.

O Cantinho de Africanidades, a partir da exposição de objetos que eram manipulados e confeccionados pelos alunos, desencadeou um processo de interação, conhecimento e intercâmbio entre as crianças, que se dirigiam ao Cantinho de Africanidades, olhando e manuseando os objetos, ora reorganizando, pondo ordem ou conferindo se estava tudo no lugar, retirando revistas e livros para ler ou copiar figuras, trazendo novos objetos para serem incorporados como, por exemplo, cartão telefônico contando a história do samba, galinha d'Angola em gesso, desenhos, textos e outros objetos que confeccionavam. Muitas vezes iam, simplesmente, verificar se havia um novo objeto, o que indica que o Cantinho, realmente, chamou a atenção conforme esperávamos que o fizesse.

O conhecimento sobre as raízes africanas da cultura brasileira, sobre a África, sobre a história dos africanos e seus descendentes no Brasil, sobre os problemas de discriminação e racismo que enfrentam, ocorriam de forma sistemática, variando de 6 a 8 horas, em diferentes dias da semana, integrados às outras disciplinas.

Nenhuma atividade do Cantinho ocorria sem a participação direta da professora, fosse no planejamento ou na intervenção. As aulas eram realizadas por temáticas, trabalhando-se a partir de materiais, tais como: livros de histórias, filmes, músicas, mapas, enfim, de elementos palpáveis e sensoriais. Como exemplo, trago os trabalhos desenvolvidos a partir da temática África do Sul, em diferentes disciplinas: em Português - leitura do texto, interpretação, lista de palavras em diferentes idiomas falados na África do Sul e a tradução em Português, e o desenvolvimento da expressão

oral através do vídeo em CD-Rom sobre a África do Sul; em Geografia - o que são Capitais, localização do país no mapa, destaque de algumas cidades; em História – a história do país, o Apartheid; em Matemática – cálculos da população, problemas retirados do texto, pesos e medidas através das receitas de comidas africanas; em Ciências – espécies animais, os minerais, os vegetais; em Música – letra e música do hino nacional da África do Sul; em artes - imagens de pinturas das casas de tribo africana, e em Educação Física – esportes praticados na África do Sul.

A dinâmica da aula se dava em situações e momentos diversos; houve aqueles em que a professora e pesquisadora apresentavam textos, discutiam, desencadeavam perguntas, debates e a curiosidade das crianças, outros em que as crianças elaboravam objetos, movimentavam o Cantinho, propunham atividades. Uma das atividades mais marcantes para os alunos – e que só foi possível graças ao apoio financeiro da FAPESP (Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), por meio de bolsa de estudos conferida a esta pesquisadora, e a parceria estabelecida com a Secretaria Municipal de Educação de São Carlos – foi a visita realizada à Fazenda Santa Maria, em São Carlos, que mantém algumas de suas características originais, como a estrutura arquitetônica e as plantações de cana-de-açúcar e café, o que permitiu com que as crianças percebessem como era a vida dos negros na fazenda durante a escravidão, suas contribuições para a construção daquela fazenda e da economia brasileira.

Além de conhecerem a Fazenda Santa Maria, outros momentos que causaram grandes impactos foram as visitas que receberam, primeiro do Prof. Hassimi Maiga (do Institut Supérieur de Philosophie et Education/Mali) e da Prof. Joyce Elaine King (de Spelman College/EUA), que estudam e escrevem sobre as questões raciais e educacionais.

Percebemos, a professora e eu, que as crianças demonstraram maior interesse pelo Prof^o. Hassimi, talvez por ele estar vestindo roupas africanas e vir de um país africano; quanto à Prof^a Joyce, talvez por vir dos Estados Unidos, e as crianças a associarem ao Presidente Bush, recebeu delas pouca atenção. A outra visita recebida foi do Prof. Jéus Gomés (da Universidade de Barcelona/Espanha) que é estudioso de currículos educacionais e teve interesse em conhecer a experiência com o Cantinho de Africanidades. Essas visitas constituíram importantes momentos de intercâmbio e conhecimento, pois as crianças contavam aos visitantes o que era e o que fizeram no trabalho com o Cantinho, como perguntavam aos mesmos sobre o país do qual vieram, sua cultura e idioma, e também o que conheciam de Africanidades.

Outros momentos importantes contaram com a colaboração de diferentes pessoas, profissionais que trabalharam as temáticas com as crianças, trazendo-lhes informações sobre diferentes manifestações de raiz africana e ensinando-lhes como praticá-las. Assim, o Prof^o. Engels Câmara - a capoeira; a Prof^a. Ione da Silva Jovino - o Hip-Hop; e a Prof^a Carmelita Campos – dança de rua. Também houve uma pessoa que contou sua experiência enquanto pessoa negra e dificuldades enfrentadas para se formar um profissional competente, o Tenente Márcio, do Corpo de Bombeiros de São Carlos.

Percebemos que tanto essas atividades como outras desenvolvidas em sala de aula – onde as crianças discutiram textos, elaboraram em conjunto cartazes, fizeram desenhos e confeccionaram diversos objetos em argila, massa de biscuit, materiais recicláveis, em espaços externos à sala de aula, para compor o Cantinho de Africanidades – foram oportunidades importantes de convivência e interação entre as crianças, ocasião em que todos aprenderam sobre a cultura de raiz africana e puderam interagir entre si. Nessa oportunidade, vimos que o tratamento era cordial e não havia

mais xingamentos entre as crianças, por ser negro, magro, gordo, usar óculos, entre outras diferenças comuns nas escolas.

No final do primeiro semestre, organizamos, eu, a professora e as crianças, uma Sala de Africanidades para mostrar e divulgar para outras salas da escola, Diretora e funcionários, coordenadoras pedagógicas e funcionários da Secretaria Municipal de Educação de São Carlos, professores e alunos da UFSCar, para a família e a comunidade, o trabalho desenvolvido durante o primeiro semestre. Na sala, foram expostos todos os trabalhos desenvolvidos pelas crianças no decorrer do primeiro semestre e os objetos do Cantinho de Africanidades, como também as crianças explicar o que haviam aprendido e desenvolvido tendo como tema as Africanidades.

O trabalho que vinha sendo desenvolvido com o Cantinho de Africanidades, chegou ao conhecimento de outras escolas e professores, através da reportagem publicada no Jornal de São Carlos – “A Folha – Diário Regional”, com o título: “Sala de Africanidades: trabalhando a cultura negra com os alunos”, da cidade de São Carlos, em 10/08/2003, nas páginas 01 e 03, ou por meio do “Jornal Regional – EPTV”, com a reportagem nomeada “Trabalhando as Africanidades e o gibi: “Zumbi e o Dia da Consciência Negra”, transmitida via televisão no dia 03/10/2003, além da divulgação feita pela Secretaria Municipal de Educação através da Orientadora Educacional Regina Conceição, responsável pela área de Educação Étnico-Racial e pelas conversas entre professores.

Com essa divulgação, as crianças receberam diversos convites para visitar outras escolas e alunos, e transmitir para eles o aprendido sobre as Africanidades. Assim, primeiramente, visitamos a EMEI “Cecília Rodrigues”, que atende crianças de 4 a 6 anos. Os alunos participantes da experiência com o Cantinho de Africanidades montaram nesta escola o cantinho, apresentaram o teatro baseado no livro “Menina

Bonita do Laço de Fita” e explicaram muitas coisas que aprenderam sobre a África e os negros no Brasil. A visita foi realizada nos períodos matutino e vespertino. Alguns meses depois, foi feito o convite pela escola “Carminé Bota”, que atende crianças de 5^a à 8^a séries e, ali, os alunos participantes da experiência conversaram, apresentaram o Cantinho e explicaram um pouco do que aprenderam. Essas visitas foram importantes momentos de intercâmbio entre os alunos e as escolas, difusão do conhecimento sobre as Africanidades e, principalmente, permitiu-nos observar a segurança demonstrada pelas crianças do que haviam aprendido e o orgulho que sentiam ao saber sobre a cultura negra e poder passar para outras crianças esse conhecimento.

Aproximando-se o final do ano, foi o momento de a comunidade se integrar ao Cantinho de Africanidades. As crianças deveriam entrevistar uma pessoa negra da família ou da comunidade, seguindo um roteiro de entrevista, para assim conhecer sua vida e em seguida elaborar sua biografia, que seria adicionada a um “Livro de Biografias”. As crianças também desenvolveram suas próprias biografias para serem adicionadas ao livro. Essa tarefa despertou nas crianças o olhar sobre a pessoa negra, sua história, sua vida e sua luta, além de levar o trabalho, desenvolvido em sala de aula, para as pessoas da comunidade, pois, ao solicitar a entrevista, contavam o que estavam aprendendo com o Cantinho de Africanidades.

Finalmente, podemos dizer que o Cantinho de Africanidades não é apenas uma estante na sala de aula contendo objetos, mas tudo aquilo que ele desencadeou para as crianças em particular e para a sociedade, em geral.

A Parceria estabelecida com a professora

A professora Elaine Bedendo foi-me indicada por uma professora que faz Pedagogia na UFSCar e trabalha na mesma escola que ela.

Quando lhe falei pela primeira vez sobre o projeto, a professora aceitou prontamente desenvolvê-lo e me disse que sempre sentira vontade de realizar um trabalho desse tipo, tanto que havia participado de dois cursos de formação, oferecidos pelo NEAB/UFSCar, em parceria com a Secretaria de Educação de São Carlos. Embora tivesse aprendido muito nesses cursos, ela destacou que sentia dificuldades em colocar o aprendizado em prática, visto que não conseguia organizar uma seqüência de aulas que permitisse uma ligação entre as disciplinas, além da carência de materiais sobre a cultura negra e de como trabalhar essa cultura em sala de aula.

Durante a conversa, e no decorrer do trabalho, ela sempre se mostrou muito preocupada com seus alunos, com as situações de preconceito e discriminação que observava na sala de aula, com a baixa auto-estima das crianças negras e, principalmente, com a desvalorização do negro e de sua cultura. Por seu interesse e preocupação, percebi que havia encontrado a parceira ideal para a realização dessa intervenção, que é parte integrante do meu trabalho de mestrado.

Após combinar nosso trabalho, começamos a nos reunir em horários de HTPs (Horas de Trabalhos Pedagógicos) para planejar as aulas. Durante o planejamento, eu trazia diferentes materiais, como sugestões de vídeo, CD-Rom, CDs, imagens, textos, entre outros, que poderiam ser trabalhados com as crianças e, juntas, fazíamos a seleção do que e de como trabalhar com os pequenos alunos. Quando era preciso usar textos, cuja linguagem seria difícil ser decodificada pelas crianças, nós o adaptávamos e tirávamos cópias.

Durante a aula, a professora, colaboradora neste trabalho, executava o que havíamos planejado mas, sempre que necessário ou solicitada, eu participava das discussões ou intervinha nos assuntos, a fim de esclarecer dúvidas ou, simplesmente, ajudar na organização e no desenvolvimento das atividades.

Passado um primeiro momento de adaptação do nosso trabalho, a Prof. Elaine ficou mais à vontade, como também passou a trazer seus materiais, e, assim, percebi que ela estava mais atenta aos jornais, revistas, TV e livros que traziam informações que poderiam estar sendo trabalhadas com as crianças e enriquecendo cada vez mais nosso trabalho. Em dado momento, notei que ela já estava integrando o projeto Cantinho de Africanidades com outros projetos da escola que estava desenvolvendo. Por exemplo, no projeto música, trabalhou músicas de cantores e compositores negros; no projeto lendas, as crianças criaram uma lenda africana; e no projeto jornais, trabalhou com reportagens sobre os negros, suas histórias e como são apresentados pela mídia.

Os momentos de HTPs eram muito importantes, pois, além do planejamento, também realizávamos uma avaliação do trabalho que vinha sendo desenvolvido e, muitas vezes, detectávamos necessidades e temas que precisariam ser melhor explorados. Muitas vezes, a avaliação, e até mesmo a organização das aulas, ocorria via telefone, momento este que sempre nos mostrava pontos importantes a serem observados, avaliados e planejados.

O trabalho desenvolvido com a professora Elaine foi despertando interesse de outras professoras, que sugeriam atividades e pediam sugestões, como foi o caso da professora Eliane da 1ª série, que sugeriu que fizéssemos bandeiras dos países africanos para decorar o armário no qual colocávamos os objetos, atividade que prontamente atendemos e tanto agradou às crianças. Essa professora, que sempre se inteirava do assunto com que nos ocupávamos, está, neste ano de 2004, desenvolvendo o mesmo trabalho com seus alunos.

Foi muito boa a parceria com a Elaine, pois sempre esteve disposta a fazer tudo o que combinávamos, em nenhum momento se mostrando incomodada com a minha presença constante na sala de aula, desanimada com o trabalho ou cansada; pelo

contrário, sentiu-se cada vez mais segura e à vontade com a temática, principalmente quando percebia mudanças em seus alunos, melhorias no relacionamento e participação em aula.

A Elaine disse em uma de nossas conversas: *“eu acho que o ponto principal do resultado do projeto foi a parceria entre nós, você não foi uma pessoa que veio, me deu o projeto, me deixou e falou agora faça, você me orientou a cada atividade, nós discutimos, você observou, participou em tudo e foi muito atenciosa”*. Eu acredito nisso, mas, essa parceria só obteve resultados positivos porque eu e a professora expusemos nossas atitudes de preconceitos e discriminações, com o esforço para mudá-las. E, também, o que facilitou este trabalho, foi a professora ter percebido as situações de discriminações em sala de aula e sentido o desejo e necessidade de resolvê-las.

Como Vieira (1996) destaca, o processo de parceria no qual trabalhamos, permitiu que eu – pesquisadora –, assumisse diferentes funções na sala de aula, estabelecendo um relacionamento de confiança entre pesquisadora, professora e alunos.

Como aquela autora, que desenvolveu um trabalho colaborativo, eu também nunca assumi uma sala de aula, por isso reforço o que ela diz, no sentido de que o processo de colaboração exige da professora e da pesquisadora a humildade, por ser o pesquisador um conhecedor do científico e o professor um militante da prática; o estabelecimento de confiança; disponibilidade para aprender, o que abre porta à parceria; disponibilidade para dividir espaços e compartilhar papéis; observação da prática para ampliação dos conhecimentos teóricos; observações de questões teóricas para o desenvolvimento da prática; conquista da autonomia, para uma possibilitar que uma seja professora-pesquisadora e a outra pesquisadora-professora.

O processo de parceria que estabelecemos, eu e a professora, contou com tais fatores, permitindo assim um trabalho colaborativo entre nós, de forma que pudemos,

batalhando juntas, construir uma metodologia para trabalhar a cultura negra em sala de aula.

3.4. Procedimentos da Pesquisa

Para a realização da pesquisa, foi criada a intervenção anteriormente descrita. No processo de realização dessa intervenção, foram coletados os dados da pesquisa orientada pela seguinte questão: ***“que diferenças de posicionamentos, frente à cultura negra, podemos observar em alunos do ensino fundamental das séries iniciais, antes, durante e depois da experiência com um Cantinho de Africanidades, em sala de aula?”***.

Para coletar os dados desta pesquisa, utilizei-me de:

- ***Entrevistas:*** com a diretora da escola no início do ano, e com a professora da classe em diferentes momentos.
- ***Conversas:*** que se realizaram no decorrer do processo, com os alunos em situações informais e, freqüentemente, com a professora. No final do trabalho, as crianças foram divididas em 4 grupos, reunidas por pertencimento étnico-racial, de acordo com a classificação, que eu fizera e não eles, em grupos de crianças negras e brancas. Assim procedi, por acreditar que, se houvesse ainda animosidade ou queixas a fazer, advindas das relações étnico-raciais, seriam expressas com maior espontaneidade se os alunos estivessem reunidos por seu pertencimento. Essas conversas eram feitas a partir de perguntas desencadeadoras, e prolongavam-se ou não, dependendo das discussões dos grupos. Essas conversas foram gravadas.
- ***Observações:*** das relações étnico-raciais e pedagógicas entre os alunos e entre a professora e os alunos, de 3 a 4 vezes por semana, dias em que o Cantinho era objeto de trabalho ou não.

- **Diário de Campo:** anotações de falas, atitudes, posturas, gestos de afeto ou desafeto, entre outras ações e reações observadas no decorrer das observações.

- **Coleta de Materiais:** todas as produções realizadas pelos alunos, em atividades desencadeadas pelo Cantinho de Africanidades, como recortes, textos, desenhos e cartazes, foram fontes de importantes informações para esta pesquisa.

A seguir, apresento um quadro com as diferentes atividades de intervenção, cujos detalhes poderão ser observados no Anexo 1, que registra como os dados de pesquisa foram coletados e os aspectos de análise. As atividades de intervenção estão apresentadas por ordem cronológica.

Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
Auto-descrição, intitulada “quem sou eu?” (Anexo 1, p. 01)	Observação das descrições que as crianças fizeram de si mesmas na auto-descrição.	Identificar nos textos das crianças, palavras e expressões com que se classificaram.
Redação de duas histórias a partir de imagens, sendo uma de um menino branco e outra de dois meninos negros. (Anexo 1, p. 02)	Registro das palavras e expressões com que foram descritos os personagens das imagens, suas ações, bem como suas famílias.	Situar frases e palavras que demonstrem como os alunos percebem crianças negras e brancas, quanto às suas similitudes, diferenças, qualidades.
Conversas sobre o tema carnaval, segundo a leitura de textos e imagens. Produção de texto realizada pelos alunos sobre tema: “Influências dos negros no carnaval”. (Anexo 1, p. 04)	Observações de comentários e atitudes dos alunos, anotadas em diário de campo;	Identificar opiniões e posturas diante das informações recebidas; se essas são posturas positivas, negativas ou indiferentes.
Como imagino a África. Manifestações orais, elaboração de um texto coletivo e produção de desenhos individuais utilizando um tangram. (Anexo 1,	Registro de palavras e imagens que caracterizam a África, tanto de forma positiva como negativa.	Identificar as relações sobre o que as crianças imaginam da África e o que os meios de comunicação transmitem sobre ela.

p. 12)		Situar destaques feitos pelos alunos.
Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
Através de texto, imagens, discussões e atividades, desconstruir quando necessário, a idéia que as crianças possuem da África. Elaboração de cartazes sobre a nova imagem da África. (Anexo 1, p. 14)	Observação e registro em diário de campo de como os alunos reagiram ao conhecer a África. Registro de informações sobre a África, que superavam a imagem anterior.	Identificar gestos, palavras e reações das crianças no decorrer do trabalho, em relação ao Continente africano e verificar nos cartazes mudanças de pensamentos em relação à África imaginada.
Sessão de filme: “Kiriku e a Feiticeira”, discussões sobre o contexto da história e produção de um livro baseando-se no filme. (Anexo 1, p. 18)	Observações e registro em diário de campo, em relação às posturas, atitudes; tom de voz, palavras de desqualificação ou qualificação referente ao filme e seus personagens.	Destacar nos livros pontos que os alunos julgaram importantes.
Contando história: “Menina Bonita do Laço de Fita”. Desenhos produzidos individualmente pelas crianças, expressando a menina bonita com sua família, assim como a si próprio e sua família; (Anexo 1, p. 22)	Identificar como eles caracterizam a menina e a si próprios, assim como as famílias. Perceber como se posiciona ao fato de a menina não saber sua história.	Comparar a forma como eles vêem a relação entre negros e brancos, com os dados das histórias dos meninos negros e do menino branco.
Refletindo e estudando sobre a origem do “Dia do Trabalho” e o trabalho exercido pelos negros no Brasil. Recorte em revistas de imagens que expressem a profissão que desejam exercer, colagem e explicação da escolha expressa numa frase, dando forma a um cartaz. (Anexo 1, p. 25)	Através dos recortes, colagens e frases, perceber como, diferentemente, situaram o trabalho de negro, de branco, de homem, mulher, ou se houve tratamento igual. Perceber se entenderam a contribuição do negro no trabalho durante a escravidão.	Verificar se as crianças identificaram profissões de negros e de brancos, e segundo sua etnia, como fizeram suas escolhas, ou se essas escolhas estabelecem relações com seu pertencimento étnico-racial.

Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
Discussão sobre o que seja preconceito e discriminação, a partir do depoimento do Tenente do Corpo de Bombeiros, Márcio, que é um homem negro e jovem. Relato escrito pelos alunos sobre uma situação de preconceito ou discriminação que tenham enfrentado. (Anexo 1, p. 27)	Observação e registro em diário de campo das reações, posturas, palavras, risos, durante a exposição do visitante.	Identificar e situar as situações de preconceito e discriminação vivenciada pelas crianças, suas reações e sentimentos.
Montagem do Cantinho de Africanidades, e decoração com bandeiras de países africanos, feitas pelas crianças. (Anexo1, p. 28)	Observações e anotações em diário de campo das atitudes, posicionamentos, falas e reações, durante a atividade.	Verificar se houve interação das crianças com o Cantinho, no que diz respeito à sua montagem e permanência na sala de aula.
Contando história: leitura e discussão do livro “Que mundo maravilhoso!” (Anexo 1, p. 29)	Observações e anotações em diário de campo das reações, atitudes, posturas, falas, tom de voz e frases de qualificação ou não.	Identificar a reação dos alunos no decorrer da leitura em relação aos personagens negros, principalmente ao fato de Deus ser negro;
A partir da música de Toquinho “Gente tem nome”, destacar a importância do nome de cada um, conhecer nomes africanos e afro-brasileiros e seus significados (Anexo 1, p. 30)	Observações e anotações em diário de campo das atitudes, posicionamentos, falas e reações, durante as atividades.	Situar como as crianças reagem diante da importância de se ter um nome, se demonstram interesses em descobrir a origem do seu nome e reações quanto aos nomes africanos trabalhados.
Contando história: “Bruna e a galinha d’Angola”. Produção da galinha d’Angola em argila. (Anexo 1, p. 34)	Observações e anotações em diário de campo das reações, atitudes, posturas, falas, tom de voz e frases de qualificação ou não aos personagens da história.	Verificar se a reação diante de personagens negros é igual com as outras histórias, assim como as reações diante da construção da galinha em argila.

Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
<p>Conhecer um país africano – Angola através de texto.</p> <p>Produção de texto realizada pelos alunos sobre o que aprenderam de Angola. (Anexo 1, p. 35)</p>	<p>Identificar as palavras com que caracterizam Angola, tanto com significados positivos quanto negativos.</p>	<p>Verificar que imagem de Angola ficou sem a apresentação de imagens desse país, comparando com a atividade em que imaginavam a África, para verificar se houve mudanças.</p>
<p>Identidade: trabalhada a partir da música de Jorge Aragão, que é um cantor e compositor negro que as crianças conhecem.</p> <p>Desenhar-se e recordar de revista ou jornal alguém parecido consigo, montando um cartaz. (Anexo 1, p. 39)</p>	<p>Observações e anotações em diário de campo das reações, posturas, escolhas, frases, palavras, gestos, pinturas, percebidas durante a atividade.</p>	<p>Verificar com que traços físicos, cor e indumentárias se desenham, e se as crianças negras se identificam com pessoas negras ou não.</p> <p>Comparar com a auto-descrição inicial e com o desenho da aula sobre a história da Menina Bonita do Laço de Fita.</p>
<p>Conhecer outro país africano: África do Sul, através de um filme de CD-Rom, fotos e texto.</p> <p>Desenhar o que mais gostou da África do Sul. (Anexo 1, p. 42)</p>	<p>Observação e anotação em diário de campo das reações, palavras e gestos apresentados durante a aula</p>	<p>Verificar as reações ao conhecer o país; por meio dos desenhos descobrir o que destacaram da África do Sul e verificar se houve mudanças e em que sentido.</p>
<p>Conhecer algumas receitas culinárias africanas e de origem afro-brasileira;</p> <p>Execução de uma das receitas com os alunos (Anexo 1, p. 46)</p>	<p>Observações e anotações em diário de campo das manifestações, reações, atitudes, posturas e falas no decorrer das atividades.</p>	<p>Verificar como as crianças se manifestam ao descobrir que algumas comidas a que estão acostumadas a experimentar são de raízes africanas.</p>
<p>Conhecer a arte africana através de textos, livros, imagens, e desenvolver a produção de alguns objetos. (Anexo 1, p. 49 e 50)</p>	<p>Observações e anotações em diário de campo das reações, atitudes, posturas, falas e criatividade.</p>	<p>Identificar o que as crianças apreenderam, as surpresas e posturas; de um lado se gostaram e de outro se mostraram interesse ou não.</p>

Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
Dança de Rua com a profª de dança Carmelita: aprender e dançar uma das manifestações de grupos negros. (Anexo 1, p. 54)	Observações e anotações em diário de campo das reações, atitudes, envolvimento com a dança, interesse, falas e atributos positivos ou negativos.	Levantar aspectos que mostrem se as crianças gostaram de dançar, se houve envolvimento, se as negras sentiram orgulho em saber a origem dessa dança, e se as brancas se envolveram. Verificar a forma como as crianças brancas se referem às negras, e como as negras se vêem e aos outros.
Zumbi dos Palmares: conhecendo sua história e sua importância para os negros brasileiros, através de música e gibi. Desenhos sobre os Quilombos produzidos pelos alunos. (Atividade 1, p. 55)	Observações e anotações em diário de campo sobre as representações que as crianças fazem dos Quilombos, se estas são de valorização ou não.	Verificar como as crianças negras e brancas identificam Zumbi, se o percebem como herói ou não.
Produção de histórias baseadas em imagens de famílias: uma negra e uma branca. (Anexo 1, p. 57)	Destaques feitos pelos alunos na produção.	Identificar como as crianças caracterizam as duas famílias, principalmente no que se refere à cor e a classe social, e comparar esses dados com as histórias dos meninos (um negro e dois brancos), feitas no início.
Passeio histórico cultural realizado na Fazenda Santa Maria, localizada na Cidade de São Carlos/SP. Conhecer e jogar a Capoeira com o Profº Engels. Produção de texto destacando o que aprenderam com esta visita. (Anexo 1, p. 60)	Observações e anotações em diário de campo das manifestações, reações, atitudes, posturas, envolvimento e falas no decorrer das atividades.	Verificar como as crianças se manifestaram em relação à visita, se estabeleceram relações da fazenda com a história dos negros, e se houve mudança de pensamento quanto às pessoas negras e suas contribuições para o país.

Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
Aplicação de um questionário no qual as crianças definiram sua cor e avaliaram o projeto. (Anexo 1, p. 61)	Respostas dos alunos em relação às questões propostas.	Identificar se os alunos apresentaram possíveis mudanças em relação à sua identificação e à de sua família, comparando com a atividade inicial de auto-descrição.
Sala de Africanidades: apresentação dos trabalhos desenvolvidos durante o semestre para a família, demais alunos da escola, professores, funcionários, diretora e pessoas da Secretaria de Educação e do NEAB/UFSCar. (Anexo 1, p. 63)	Observação	Caracterizar como as crianças da sala e os visitantes reagiram diante dos diferentes ambientes, assim como observar as contribuições desta experiência para as crianças e professora.
Hip-Hop: conhecer os movimentos que fazem parte dessa apresentação, assim como sua história, através de explicação e aplicação de atividades apresentada pela Prof ^a Ione. (Anexo 1, p. 64)	Observações e anotações em diário de campo das manifestações, reações, atitudes, posturas, participação e falas no decorrer das atividades.	Verificar se as crianças perceberam o Hip-Hop como uma manifestação negra.
Situação do negro no Brasil: trabalho com jornais trazidos pelas crianças.. (Anexo 1, p. 68)	Observações e anotações em diário de campo das manifestações, reações, atitudes, posturas, análises, falas e críticas feitas no decorrer das atividades.	Identificar o que as crianças estão observando, se concordam com a situação ou não.
Trabalhando o preconceito e a discriminação através do gibi: “A cor da cidadania”; Roda de conversa sobre as situações apresentadas no gibi . (Anexo 1, p. 71)	Observações e anotações em diário de campo das reações diante do gibi na roda de conversa, palavras que falaram, atitudes que tiveram, posturas que tomaram diante da discussão.	Identificar o posicionamento das crianças quanto às situações de preconceito, discriminação e racismo presente no gibi e na sociedade.

Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
Conhecer duas religiões de origens africanas presentes no Brasil: Candomblé e Umbanda, através de textos. (Anexo 1, p.72)	Observações e anotações em diário de campo das manifestações, reações, atitudes, posturas, análises, falas e críticas feitas no decorrer da atividade.	Religião é um ponto sério de preconceito; por isso, então, identificar se essas religiões aparecem nas produções realizadas pelos alunos, antes e após essa discussão.
Conhecer algumas pessoas negras que fizeram história, através de suas biografias; Construir um livro com biografias de pessoas negras da comunidade, assim como dos alunos (negros e brancos) da classe trabalhada. (Anexo 1, p. 75)	Observações e anotações em diário de campo sobre as reações, comentários, idéias, críticas, análises e posições, no decorrer dessas atividades.	Comparar as biografias com os dados de auto-descrição, escolha da profissão, desenho da família, para assim verificar, a auto-estima e a identidade das crianças negras, como também a relações entre crianças negras e brancas.
Visitas realizadas a outras escolas, para partilhar o conhecimento sobre o Cantinho de Africanidades. (Anexo 1, p. 80)	Observações e anotações em diário de campo das manifestações, reações, atitudes, posturas, relações e falas feitas no decorrer e após a visita.	Avaliar a interação das crianças visitadas com as visitantes, bem como as reações das crianças negras e brancas com a temática trabalhada. Verificar com as crianças se relacionam com crianças negras que não são da sua turma
Conhecer os animais que compõem o ecossistema africano, através de textos, imagens e filme. (Anexo 1, p. 81)	Observações e anotações em diário de campo das manifestações, atitudes, posturas, análises, falas e relações estabelecidas durante o trabalho.	Verificar se as crianças irão valorizar os animais africanos, e localizar sua presença no Brasil, como em circo, por exemplo.
Produção de uma história de Natal envolvendo duas crianças: uma negra e uma branca, que em algum momento devem se encontrar. (Anexo 1, p. 83)	Observar aspectos da história que mostra o relacionamento entre crianças negras e brancas.	Comparar esta atividade com a relação que era estabelecida na sala no início das atividades e com as histórias anteriores.

Atividade de Intervenção	Aspectos da coleta dos dados	Forma e/ou objetivos de Análise
Aplicação de um questionário de avaliação do projeto. (Anexo 1, p. 85)		Verificar se houve ou não mudanças em relação à identificação, conhecimento e valorização dos negros e sua história; Comparar as respostas com as atividades desenvolvidas anteriormente.
Roda de Conversa: em pequenos grupos, pela qual se avaliou o trabalho desenvolvido e sua contribuição para cada um deles. (Anexo 1, p. 87)	Mudanças observadas quanto ao conhecimento, cultura e história, manifestações, posturas, falas, gestos, identificadas nas respostas.	Identificar como as crianças perceberam os trabalhos desenvolvidos e sua importância, frases que nos permitam verificar mudanças de posicionamentos, de identificação e melhora da auto-estima das crianças, bem como o relacionamento entre crianças negras e brancas.

Como se pode ver, as análises mostrarão diferentes tipos de dados como manifestações orais, escritas e desenhos, os quais se buscará cruzar, a fim de explicitar as dimensões educativas de um cantinho de Africanidades para a relação das crianças negras e brancas, bem como para a educação das crianças negras.

A que levou o Cantinho de Africanidades?

A convivência com as crianças, durante as atividades que realizavam, diante das conversas em grupos, das falas e dos seus gestos, deu-nos a oportunidade de observar o que, de fato, aprenderam com o Cantinho de Africanidades durante o ano letivo.

4.1. Quem e como são as crianças participantes da pesquisa.

Na mirada da Direção da escola

A Direção, por meio de diferentes representantes, destaca que as crianças da escola, como um todo, são residentes nos bairros Cidade Aracy 1, Cidade Aracy 2 e Antenor Garcia, e freqüentam a escola desde os 4 anos de idade.

As famílias das crianças são descritas como interessadas e participantes da escola, seja no dia-a-dia, seja nas reuniões ou promoções e festas, o que, no pensar dos dirigentes, demonstra a importância da escola para a comunidade local. Os pais, segundo eles, em sua maioria, trabalham o dia todo fora de casa, e as crianças são atendidas em projetos desenvolvidos pela escola e por outras instituições, em horários diferentes ao das aulas que freqüentam.

Quanto à porcentagem de crianças negras presentes na escola, num dos primeiros contatos com a pesquisadora, alguns representantes da Direção afirmaram constituírem em torno de 60%. Salientaram, na oportunidade, que a cor não é uma preocupação da escola, pois isto levaria as pessoas a prestarem a atenção nos negros. Passados alguns dias, um deles disse ter avaliado melhor a resposta que dera a respeito do número de alunos e que esses, na realidade, chegam a uns 80% ou 90%, e explica que, “*todo o*

povo brasileiro tem origem negra, seja no sangue, na cor da pele ou no fato de ser brasileiro e viver as influências da cultura africana”.

Segundo o corpo administrativo, na escola não havia ocorrência de discriminações contra crianças negras, pelo menos nunca chegara até a direção esse tipo de queixa. Na sua opinião *“o racismo é mais do negro do que do branco, eles se sentem discriminados, mas isso na cabeça de outras crianças, não acontece nesta faixa de idade, pode até ser que a consciência de que existem tipos de diferenças na cor de pele comecem a aparecer mais tarde, e eu nunca percebi isso”.*

Na mirada da Professora

No início das atividades de intervenção e de pesquisa com a classe, em entrevista realizada com a professora Elaine Bedendo, ela destacou conhecer ainda pouco seus alunos, pois o ano letivo estava apenas começando, encontrando-se, pois, em período de adaptação com a turma. Mesmo assim, apresentou suas primeiras observações e impressões.

Quanto à cor de seus 35 alunos, disse serem 12 negros. Teve dúvidas em relação à que cor atribuir a três alunos, por eles possuírem a pele mais clara. Os 20 restantes, classificou-os como brancos.

A professora destacou que a dúvida em classificar algumas crianças em negras ou brancas ocorria por ela conhecer seus pais, e sabendo serem eles um casal inter-racial (o pai é negro ou a mãe o é) não sabia como definir a criança, que possuía fenótipo branco, como é o caso do aluno Jackson que, tanto ela quanto eu classificamos como sendo branco, mas cujo pai é negro.

Naqueles primeiros dias de trabalho, a professora Elaine disse perceber os alunos um pouco lentos na realização das atividades, e observou que alguns possuíam

dificuldades na escrita. Quanto ao relacionamento entre eles, relatou haver presenciado muitos tipos de ofensas, destacou que dificilmente ouviu as crianças elogiarem um coleguinha, mas sim xingar ou ressaltar algo negativo, o que era comum entre eles. Como exemplo, cita uma aluna negra e com problema de estrabismo que, freqüentemente, ouvia gozação dos colegas. No entanto, de acordo com a sua avaliação, isto foi mudando, no decorrer do ano.

Mais ao final do ano letivo, Elaine destacou, quanto à aprendizagem, que havia conseguido trabalhar muitas coisas em diferentes disciplinas, sempre tendo como ponto de partida o Cantinho de Africanidades, *“e por ser um projeto de que as crianças gostavam muito, a aprendizagem se tornou mais fácil”*. A professora destaca que as crianças se envolveram com o Cantinho, participaram das atividades e se tornaram mais produtivas.

Ela também destaca que a turma se tornou unida, mais do que outras que já tivera e, mesmo que ainda se formassem, algumas vezes, grupinhos na sala de aula, as crianças, no decorrer do projeto, foram tendo um relacionamento mais amigável e respeitoso, sem tantas agressões orais, *“principalmente em relação ao negro, eu não escutava mais”*, afirmou a professora.. A professora observou que o Vander, embora estivesse mudando, ainda fazia comentários preconceituosos, mas ao se dar conta do que havia falado, tentava consertar suas palavras.

A professora disse que, na sua opinião, tanto as crianças brancas como as negras se envolveram com o trabalho e gostaram dele, e que, em nenhum momento, percebeu a criança branca constrangida por estar aprendendo a cultura negra, nem os negros por estarem falando de si, ou melhor, do seu povo. Pelo contrário, disse que conhecer a cultura, saber exatamente a história, conhecer as coisas que são veladas e outras coisas que não sabiam, e perceber situações de preconceito, discriminação e racismo, fez com

que todas as crianças se sentissem valorizadas por estarem aprendendo algo que poucos na escola e na sociedade conhecem. São palavras da Elaine: *“acho que foi tão valorizado, tão interessante o trabalho, que eu percebi que em alguns momentos, algumas crianças queriam mudar de cor, crianças que a gente até acha que é branca, queriam ser negras”*.

Em relação às crianças negras, destaca que, no decorrer do trabalho, foi percebendo um envolvimento maior dessas crianças e, principalmente, mudanças em relação à auto-classificação da cor, e destaca: *“eu acho que houve uma grande mudança, de chegar ao fim do projeto, com um posicionamento não tímido, mas firme, cheio de segurança em dizerem que eram negros, aliás, acho que não tinha ninguém no início do ano que dizia ser negro, percebi que eles sentiram sua cultura sendo valorizada, e isso deu segurança para eles se perceberem como negros que são”*.

Na mirada da pesquisadora

No primeiro contato que tive com a 4ª série C, observei as características físicas das crianças, como a cor da pele, o tipo de cabelo, os traços faciais, e as classifiquei em dois grupos: negras e brancas. Das 35 crianças da sala, considerei 17 negras e 18 brancas.

O bairro em que se localiza a escola é constituído, em sua maioria, por famílias inter-raciais, em que o pai ou a mãe são negros, o que caracteriza o bairro com grande número de crianças negras e mestiças.

Pensava, a partir de experiência realizada em outra escola do bairro, que muitas dessas crianças teriam pais que trabalhavam o dia todo fora de casa, deixando seus filhos em projetos assistenciais da cidade, ou em casa com irmãos (Algarve, 2001), pensamento que a Diretora da escola afirmou ser verdadeiro. Essa verdade, porém, não

se aplicava à realidade da 4ª série C, pois apenas uma criança (negra) freqüentava um projeto assistencial e uma (também negra) ficava sozinha ou pela rua depois da aula diária.

Na sala de aula e no intervalo, percebia muitas ofensas entre as crianças, fosse pela cor, pelas características físicas ou por acessórios que usavam. Algumas vezes, cheguei a presenciar brigas físicas entre eles, que se desenrolavam, no geral, a partir de ofensas verbais. No decorrer do trabalho, fui observando, assim como a professora Elaine, que essas situações tenderam a desaparecer, e eles foram se tornando mais amigos e companheiros.

Percebia que algumas crianças tinham dificuldades com a escrita, o que não impediu a participação e o envolvimento com o Cantinho de Africanidades. Alguns trabalhos que redigiam no início do ano eram quase ilegíveis, já ao final do ano letivo, havia estrutura e era perfeitamente possível compreendê-los.

Quanto à participação em aula, percebia, no início do ano, que as crianças brancas se destacavam mais, eram as que mais participavam, que tomavam a frente para falar e mostrar atividades; após o meio do ano, observei uma mudança neste quadro, pois, embora as crianças brancas continuassem participativas, as crianças negras também passaram a participar e a se destacar nas aulas, trazendo importantes contribuições para a classe como um todo.

As crianças, tanto as brancas como as negras, gostavam das atividades de que eu participava, sempre perguntavam quando eu iria voltar, o que iríamos fazer, e outras curiosidades relacionadas ao conhecimento que eu tinha sobre os negros e a África. Mostravam-se crianças interessadas, participantes, abertas a outras culturas e a novos conhecimentos. Percebi que se sentiam orgulhosas em conhecer a cultura negra, em saber sobre a África, e ficavam felizes ao perceber o interesse de outras pessoas por

aquilo que estavam aprendendo e fazendo. Sentiam-se importantes e valorizadas por poder transmitir um conhecimento que outros não tinham, como ocorreu nas visitas que realizaram, a convite, a duas escolas da cidade.

No início das atividades, eu considerava que as crianças negras não tinham uma auto-estima elevada, por não se dizerem negras e sim morenas, por sentirem vergonha ou medo em participar da aula, por freqüentemente se dizerem não-capazes ou de, realmente, não conseguirem fazer uma atividade. Estas eram algumas das situações em que os alunos se sentiam inferiores aos demais, o que podia ser observado no olhar, nos gestos e até mesmo nas palavras. Considero, porém, que esta situação foi se modificando no decorrer do trabalho, visto que as crianças foram se auto-valorizando enquanto pessoas e advindas de povos com cultura que, até então, desconheciam.

Tanto eu como a professora desejávamos que as crianças se dissessem negras ou brancas, uma visão binária, o que após nosso trabalho se modificou. Na medida que o trabalho vinha se desenvolvendo, demos-nos conta de que alguns alunos não se identificavam definitivamente como negro ou como branco; evitavam essa classificação e não se incluíam em nenhum outro grupo, como também não citavam qualquer outra possibilidade, enquanto outros ainda continuaram a dizer-se morenos.

No decorrer do trabalho, fomos nos dando conta de que a classificação binária que havíamos escolhido entre negros e brancos, não incluía as crianças mestiças de pele clara, que não se identificavam nem como negro nem como branco.

Na mirada deles mesmos

A turma da 4ª série C da escola EMEB “Profª Afonso Fioca Vitali”, do ano de 2003, variou de 35 a 37 alunos no decorrer do ano letivo e, para esta pesquisa,

considere os 35 que permaneceram até ao final do ano, sendo 18 meninos e 17 meninas.

Por meio das diferentes atividades realizadas no decorrer do ano letivo, e tendo por ambiente o Cantinho de Africanidades, foi possível ver como as crianças foram se identificando, segundo a cor (Tab.1). No início do ano letivo, através de uma auto-descrição, das 35 crianças, 18 se descreveram como morenas, 10 como brancas, 2 como pretas, 1 como um pouco preta e 4 não identificaram sua cor. Como vemos, a maioria das crianças não se identifica nem com negros nem com brancos, mas se dizem morenas.

Após dois meses de atividades, representaram sua imagem em desenho, sendo que 9 crianças se pintaram brancas, 4 negras, 17 não pintaram o rosto, braços e pernas e 5 não estavam presentes naquele dia.

Na mesma época, das 35 crianças, que recortaram de revistas e jornais, imagens de pessoas que consideravam parecidas consigo, 23 crianças escolheram pessoas brancas, 8 pessoas negras e 4 não estiveram presentes no dia da atividade. Das 31 crianças que realizaram a atividade, 16 recortaram cantores e atores (fig. 2 e 3), sendo 11 brancos e 5 negros. Nesta atividade, 9 crianças que possuem fenótipo negro (segundo minha classificação), recortaram pessoas brancas (fig. 1). Embora tenha aumentado de 9 para 23 o número de crianças que se dizem brancas, e de 4 para 8 que se dizem negras, percebi que recortaram pessoas com quem teriam o desejo parecer, e não aquelas com quem realmente se pareciam. .

Após cinco meses do início do trabalho, ao responderem algumas questões de avaliação, os alunos deveriam dizer qual a sua cor, sendo que 17 se descreveram brancos, 15 negros e 3 não estiveram presentes naquele dia. Percebemos, aqui, um

aumento de 8 para 15 o número de crianças negras, tendo baixado de 23 para 17 o de crianças brancas.

Depois de oito meses de trabalho, ao redigirem suas biografias, as crianças novamente disseram sua cor, sendo que 18 crianças se reconheceram brancas, 11 negras, duas morenas, 2 não disseram sua cor e 2 faltaram à aula. O número de crianças brancas chegou, nesse momento, a 18, igualmente ao que eu havia classificado como brancas, mas diminuiu o número de crianças negras de 15 para 11, aparecendo novamente aquelas que se definem como morenas, aquelas que não definem sua cor, talvez por esquecimento, já que vinham fazendo isso sem receio e houve outras que faltaram no dia. Sem as faltas, e as crianças que não disseram a cor, talvez nos aproximássemos do número de alunos que defino como sendo negros.

Com dez meses de atividades, as crianças responderam um questionário no qual deveriam, novamente, dizer sua cor. Na oportunidade, 19 crianças disseram ser brancas e 16 negras, e as justificativas para se definirem como negras ou brancas foram por se assemelharem à família, no caso das crianças negras, por terem o pai ou a mãe ou ambos negros.

No final do ano letivo, em conversas realizadas com pequenos grupos, perguntei quem era negro, 12 crianças levantaram a mão, perguntei quem era branco, 18 crianças levantaram a mãos. Nesse dia faltaram 5 crianças, das quais 4 eu considero e elas mesmas vinham se classificando como negras, e uma branca. Embora tenha havido uma oscilação no quadro de 16 para 12 crianças negras, se considerarmos antes, manteríamos os dados anteriores.

	No Início do ano	Após 2 meses-1	Após 2 meses-2	Após 5 meses	Após 8 meses	Após 10 meses	No Fim do ano
Branços	10	9	23	17	18	19	18
Negros	0	4	8	15	11	16	12
Morenos	18	0	0	0	2	0	0
Pretos	2	0	0	0	0	0	0
Um pouco preto	1	0	0	0	0	0	0
Não disse a cor	4	17	0	0	2	0	0
Faltaram no dia	0	5	4	3	2	0	5

Tab. 1. Como os alunos se auto-identificam

Além da cor, para se descrever, as crianças se designaram pelo pré-nome, sendo que alguns acrescentaram o sobrenome. Um dos meninos é conhecido pelo diminutivo do seu pré-nome, e ele mesmo, quando tem que dizer seu nome, utiliza-o.

Algumas crianças ao dizerem quem são, também localizaram seu nascimento, seja indicando o local onde nasceram, a data de nascimento ou ambos. A faixa etária dos alunos varia entre 9 a 11 anos e, quanto ao local de nascimento, 14 crianças nasceram em São Carlos, 6 em São Paulo, 1 em Araraquara, 1 em Assis, 1 no Mato Grosso do Sul, 1 no Paraná, 1 em Pernambuco e 10 não mencionaram o local.

Destacaram a que Zona da cidade de São Carlos em que residem – Sul – (fig. 4), e outros destacaram os bairros da região, como o Cidade Aracy I, Cidade Aracy II e Antenor Garcia. Também se caracterizaram, dizendo sua escola e a série que cursam, CAIC/4^a C, além de diferentes locais que costumam frequentar, como casa de avós, tios, UFSCar e parque ecológico.

As crianças também falaram das atividades prazerosas que desenvolvem ou de que participam. Entre as meninas, as atividades mais comuns são: jogar vôlei, ver TV,

dançar, brincar e estudar; já os meninos preferem jogar futebol, ver TV, jogar vídeo game, pescar, passear, andar de bicicleta e viajar.

Ainda para dizerem quem são, as crianças mencionaram as igrejas que freqüentam, quando 15 apontaram a católica, 12 a evangélica, 1 disse que não freqüenta nenhuma igreja e 8 não fizeram menção à igreja. Esses também não disseram se freqüentam algum terreiro de Umbanda, Candomblé ou Macumba.

As crianças destacam a profissão que desejam seguir, sendo comum entre crianças brancas e negras, profissões como cantores, atrizes, médicos e jogadores de futebol; já entre as crianças brancas há quem deseje ser dono de prédio, mecânico, estilista e taxista; e entre as crianças negras, há quem queira ser engenheiro, veterinário, cientista, bombeiro, piloto de Fórmula1, jogador de vôlei ou basquete e agricultor. Também são destacados pelas crianças, os gêneros musicais preferidos, estando entre eles o RAP, citado por 18 crianças, o Pop por 10, o Axé, Forró, Sertanejo e Reggae por 2.

Ao traçar sua biografia mais ao final do ano, 12 crianças disseram ter passado por situações de discriminação, como o recebimento de apelidos negativos e referências pejorativas em relação às suas características físicas. Algumas crianças esclarecem:

Crianças brancas

“as pessoas me chamam de dentuça” (A.T.P)

“me chamaram de gorda, dente de ferro e boca de lata” (B.R.P.)

“porque sou branco, minha mãe me chama de arroz doce” (L.C.C.)

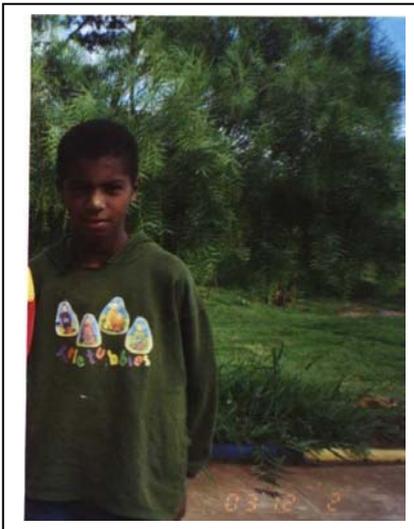
Crianças negras

“um amigo disse que eu tenho os dedos tortos porque sou negra” (V.G.R.)

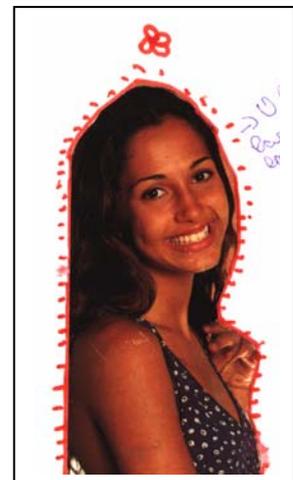
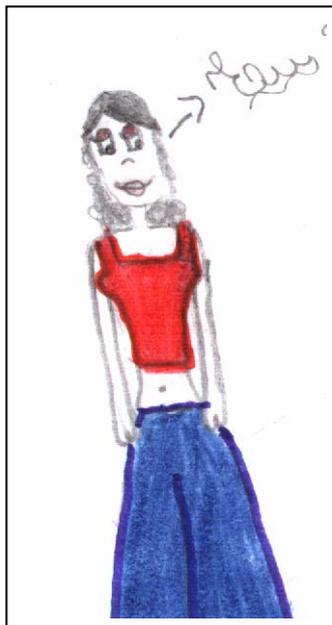
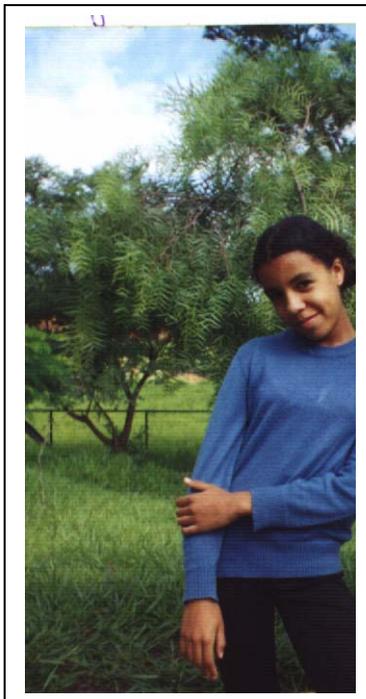
“os meninos me xingam de neguinho e macaco” (É.S.)

Finalmente, para se apresentarem, as crianças também se referiram aos familiares, principalmente aos pais, mas também aos avós, tios e primos. Para melhor apresentar os pais, com exceção de uma, todas as crianças disseram a cor dos mesmos, sendo que 12 crianças citam que os pais são brancos, 5 que os pais são negros, 12 que o pai é negro, 5 que a mãe é negra, indicando-nos que 22 crianças possuem ou o pai ou a mãe ou ambos negros. Um dos meninos, além de destacar os pais, também faz referência aos avós maternos, que são negros, e outro, esclarece que o pai é negro porque seu avô o é, outro se lembra da prima ao dizer: “eu sou branco porque pareço com minha prima” (L.C.C.).

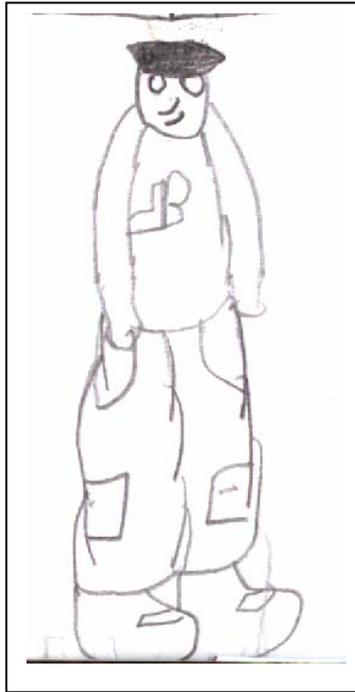
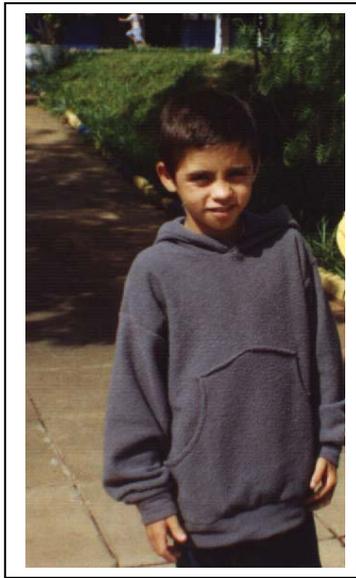
As profissões ou o local de trabalho dos pais também são destacados pelas crianças, sendo que 3 crianças não indicam a profissão do pai, uma da mãe e 3 de ambos. Quanto aos pais, 20 trabalham como empregados em diferentes empresas ou casas de comércio, 5 são pedreiros, 1 policial, 1 caminhoneiro, 1 trabalha na lavoura e 1 é engenheiro; já as mães, 18 não trabalham fora de casa, 7 são funcionárias em empresas ou casas de comércio, 3 trabalham como doméstica e 3 como faxineira. Dessa forma, as crianças foram construindo sua apresentação no decorrer do ano.



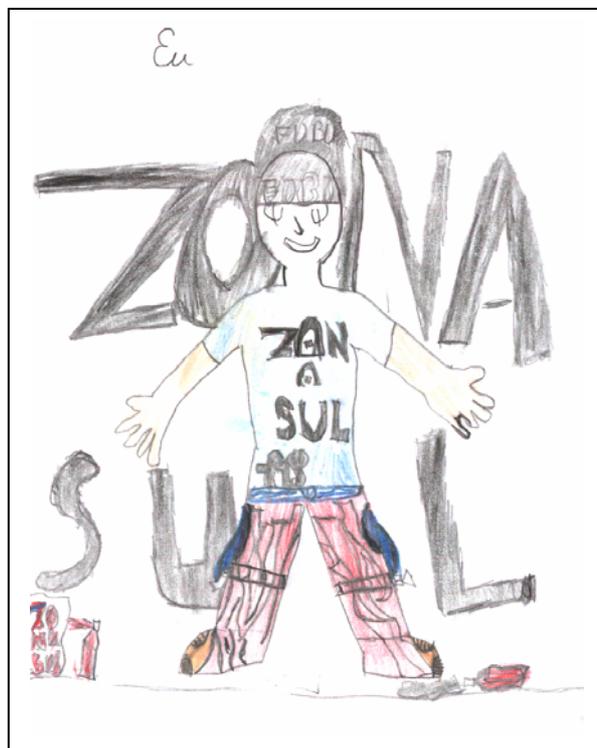
(Fig. 1. Fotografia de R.F.S/Desenho que fez para se auto-representar/Recorte de alguém parecido consigo.)



(Fig. 2. Fotografia de V. G. R. Desenho que fez para se auto-representar/Recorte de alguém parecido consigo.)



(Fig. 3. Fotografia de N.H.S. Desenho que fez para se auto-representar/Recorte de alguém parecido consigo.)



(Fig. 4. Desenho que o aluno L. fez, se auto-representando)

4.2. Como as crianças situam pessoas negras e brancas

Ao longo da experiência, da convivência, da análise de situações, as crianças foram situando em suas produções pessoas negras e brancas; entretanto, o que se nota não é uma mudança quanto à situação social de pessoas negras, mas sim quanto à sua capacidade, desenvolvimento da inteligência e conhecimento.

Nessas produções, tanto as pessoas brancas como as negras residem em cidades como São Carlos, Rio Claro, Araraquara, Araras, Piracicaba, Matão, Batatais, que são cidades da região de São Carlos, ou, ainda, em São Paulo, Jundiaí, São José do Rio Preto, Bom Retiro, Santos e Rio de Janeiro, sendo que, mais ao final do ano letivo, aparecem citações de pessoas negras que moram na África.

Quando descrevem que a residência fica em São Carlos, são citados os bairros, mostrando que tanto as brancas como as negras residem no bairro Cidade Aracy, localizado na periferia da cidade, local onde moram as crianças que escreveram as descrições. Chama-nos a atenção o fato de brancos também residirem em bairros centrais, nos quais os moradores possuem poder aquisitivo maior, diferente dos bairros destinados aos personagens negros.

Ao descrever a casa dos personagens, dizem que tanto os brancos quanto os negros possuem móveis, tv e computador. Quanto à casa dos brancos têm de 4 a 10 cômodos, é bem grande, é um sobrado, é um apartamento, fica em condomínio, é um castelo nos Estados Unidos, possui sala de jantar, escritório, biblioteca, banheiro com banheira, brinquedos, carro e fatura. Já a casa dos negros tem de 3 a 9 e até 12 cômodos, alguns situam a casa na favela, alguns dizem que têm moto, piscina e outros dizem que possui figuras geométricas nas paredes. Quanto às figuras geométricas, fazem associação com as casas da nação Ndebele que visualizaram em algumas imagens.

As escolas em que as crianças das histórias estudam, sejam negras ou brancas, são as localizadas no bairro, como a escola CAIC que atende crianças de creche à 4ª série, a escola Orlando Perez que atende de 5ª à 8ª série, e outras escolas públicas. Além de estudarem em escolas públicas, as crianças brancas são vistas como estudantes de escolas particulares e “escola mais chique da cidade”, ao contrário das crianças negras, que estudam numa “bem pobrezinha”. Embora apontem que o menino negro faça faculdade, o que pode ser um desejo ou uma imagem positiva, não dizem em relação às crianças brancas que elas não estudam, como ocorre com as negras.

Conhecendo um pouco da vida dessas crianças, percebíamos que pelos textos expressavam a realidade em que vivem, suas próprias histórias, que eram relatadas por meio de personagens. A realidade dessas crianças, em sua maioria, é ser pobre, morar num bairro discriminado pela sociedade e passar o mês com muitas dificuldades, mas, também observamos o que desejariam para si, o sonho de ser e ter mais, como os brancos das histórias que construíram.

Outras informações sobre as crianças nos dão conta de que as brancas e as negras recebem qualificações como educadas, estudiosas, espertas, também descritas com pessoas que gostam de andar de bicicleta, ver tv, brincar, comer bolo, ir à igreja, passear, jogar vídeo game, fazer cursos, e algumas desejam alcançar profissões de prestígio, como médicas.

As crianças brancas também são descritas como sendo amigas, atenciosas, bonitas, felizes, inteligentes, legais, qualificações essas não destinadas às crianças negras, que são descritas como calmas, simpáticas e sozinhas. Aqui, percebemos o que a sociedade, a mídia, os livros nos fazem acreditar que as pessoas negras não são bonitas, nem inteligentes e nem felizes. No decorrer do ano letivo, percebemos que essa imagem foi

mudando, e passaram a situar as crianças negras como tendo muitos amigos e em alguns momentos como sendo boas alunas por tirarem 10 nas provas.

As crianças brancas também são filhas únicas, alguém que vai à igreja, que é coroinha, já as negras não. As negras gostam de ouvir Rap, cantar, dançar, tocar, diferente das brancas, que apenas gostam de ouvir músicas, mas não têm um ritmo/estilo definido. As crianças já começam a situar as crianças negras como alguém com cultura.

Nas produções, as crianças demonstraram estar familiarizadas com as situações de discriminação enfrentadas na sociedade; destacam que as pessoas negras sofrem discriminação, inclusive as crianças passaram por isso na escola. Já as pessoas brancas, são descritas como alguém que nunca passou por esse tipo de situação, a de ser discriminada devido à sua cor.

Quanto às profissões ou trabalhos exercidos pelos pais, percebemos em comum, profissões menos valorizadas/remuneradas, como pintor, pedreiro, caminhoneiro, porteiro, carpinteiro, jardineiro, mecânico, policial, taxista, vendedor e funcionário em indústria, como também outras mais valorizadas/remuneradas, como advogado, médico, professor, gerente e engenheiro. Percebemos que os pais negros são valorizados, já que não ocupam apenas posições subalternas, mas é importante destacar que essa valorização dos pais foi ocorrendo no decorrer do trabalho com o Cantinho de Africanidades, visto que em algumas atividades, foram destacados como catador de lixo, desempregado, aposentado e falecido, itens que não apareceram nos pais brancos, que são proprietários de empresas, administradores, executivos e arquiteto. Chama a atenção que um dos pais negros, é descrito como vendedor de colares africanos.

A mãe também é descrita pela profissão ou trabalho que exerce, sendo comum entre as mães das crianças negras e brancas não trabalharem, serem donas de casa. Há

as que trabalham de empregada doméstica, de enfermeira, de faxineira, de funcionária, de professora, de secretária e as que fazem crochê. As mães brancas têm profissões como médica, empresária, professora de música, estilista, psicóloga, supervisora das empregadas e o que mais nos chama a atenção é ser ela cozinheira de um restaurante chique; já a mãe negra, é descrita em um momento como veterinária, mas geralmente é aposentada, costureira, lavadeira, telefonista, funcionária em lojas, hotéis, além de ser cozinheira. Associam também a função desenvolvida pela mãe negra, com a África, de forma positiva, ao destacar que ela vende colares africanos, parecendo-nos que a mãe traz um pouco da África para o Brasil.

Chamou a atenção nas descrições feitas, quase ao final do ano, o surgimento das famílias como freqüentadoras de terreiros de Umbanda e Candomblé; isso após trabalharmos essas manifestações religiosas, pois, anteriormente, além de não aparecerem, só a igreja católica e evangélica eram freqüentadas pelos personagens. O mais interessante, é que não só os negros, mas os brancos também aparecem como adeptos dessas manifestações.

Percebemos entre as famílias, que houve quem citasse que a branca é rica, tem vida boa, gosta de viajar para a praia, para a Disney, de passear no Shopping, eles têm carro, são como príncipes e princesas, são italianos ou alemães ou portugueses, pagam as contas direito e discriminam as negras. Já a família negra, é pobre, é feliz na África, viaja para a África, é africana, acha Angola bonita, gosta de comer inhame, não tem carro e sim moto, é discriminada e não gosta de preconceito. Quanto à família negra, percebemos que eles a associam à África de forma positiva, como, também, destacam que os negros sofrem discriminação e que não gostam de preconceito, geralmente praticado pelos brancos.

Para as pessoas negras, as crianças descrevem situações de preconceito pelas quais passaram, como, por exemplo, o pai quase perder ou não conseguir emprego, situações presentes e constantes em nossa sociedade, principalmente em relação aos negros. Outra situação interessante foi o destaque para as crianças que precisaram mudar da escola particular para a pública, por causa da discriminação que enfrentavam, e parece-me que as crianças têm clareza de que, das escolas particulares, pouca ou nenhuma criança negra faz parte, primeiro pela situação sócio-econômica e depois pela dificuldade de permanência por, muitas vezes, não serem aceitas e respeitadas pelas demais crianças que são brancas e ricas. Uma última situação de discriminação que cabe destacar nos dá conta de que a família negra precisou sair da África devido à discriminação, já fazendo associações com o estudo que realizamos sobre a África do Sul, e sobre o antigo Apartheid.

4.3. Os significados que as crianças foram adquirindo

Sobre África

Antes de iniciarmos as atividades sobre como é a África, realizamos uma atividade na qual as crianças deveriam dizer como imaginavam aquele Continente. Após as manifestações dos alunos, foi construído um texto coletivo, englobando as respostas, que vemos a seguir:

“Título: A África

Dandara é uma menina africana. Ela mora com seus pais numa casa feita de palha, bambu, folhas de palmeiras, cipó, madeira, numa aldeia, no sul da África.

A África é um país com muitas matas, florestas, rios, animais, lagos, montanhas, tribos, terras.

Dandara é uma menina muito feliz porque ela brinca com os animais, nada nos rios, freqüenta a escola na sua aldeia e gosta muito da África”.

A professora Elaine destaca que as crianças fizeram relação com as tribos indígenas, tema que estavam trabalhando. Foi interessante o questionamento sobre a existência de escolas, carros, hospitais, casas de tijolos, pois imaginavam a África um país, e composto apenas de aldeias, matas, animais, rios e até casas como sendo tocas.

Após um primeiro trabalho sobre a África, surgiu em cartazes produzidos pelas crianças, a África como sendo um Continente, tendo riquezas como ouro, prata, petróleo e diferentes minerais, tendo rios, como o maior do mundo – Nilo, florestas, animais, indústrias e também pessoas negras e brancas que são felizes lá. Ainda nos cartazes, desenham montanhas, o rio Nilo, minas de ouro, florestas, Ilha de Cabo Verde, indústrias, vegetação, plantações, trabalhadores, indústria de petróleo, deserto do Saara com pirâmides e camelos e o mapa do Continente.

Após algumas aulas, trabalhamos um país africano, Angola, e as crianças mostram novidades em relação à África imaginada. As produções feitas por elas nos revelaram as compreensões que tiveram, como, por exemplo, o fato de Angola ser um país em que se fala o português, por ter sido colonizado pelos portugueses, tal como o Brasil. Também mostram que lá existem cidades como São Carlos, que têm comércio, prédios e bares e que são bonitas.

As crianças, tanto as negras como as brancas, gostaram de saber sobre Angola e sentiram despertado o interesse em conhecê-la ou morar lá, como vemos nas falas abaixo:

Criança negra

“Angola é um país muito bonito, e deve ser legal morar lá. Angola é um país da África é um grande país e se eu morasse lá eu seria a melhor pessoa do mundo” (F.N.S.)

Criança Branca

“O país Angola é muito legal e é um país que eu gostaria de conhecer”. (P.C.S.)

Um aluno associa a Capoeira com o país, por trazer o nome de “capoeira Angola”. A criança negra demonstra interesse em morar em Angola e o fato de achar que lá ele seria a melhor pessoa do mundo, se deve ao fato de a maioria da população ser negra, e nesse ambiente ela não seria estranha, diferentemente da criança branca que deseja apenas conhecer o país.

Mais adiante, trabalhamos África do Sul, momento em que levamos cartões postais de cidades como Durban e da nação Ndebele, e os comentários que surgem, entre crianças negras e brancas, são:

“Nossa que bonito!”

“Tem casas de tijolos! Eu disse que tem casas, prédios!”

“Olha a praia!”

“Tem carro na África!”

“Olha os animais!”

“Não pensei que a África fosse tão bonita!”

As crianças perceberam a diversidade existente nesse país africano. Além disso, ficaram surpresas ao se darem conta de que em países africanos também existem prédios, casas de tijolos, praias, carros, enfim, que existem coisas como há no Brasil ou em qualquer outro país. Esta surpresa é resultado da imagem que a TV sempre procura passar quando se trata de África: casas de palha, madeira, pessoas doentes, além de muita pobreza, omitindo-nos as outras imagens que compõem seu cenário.

Após mostrar a imagem de algumas cidades da África do Sul, trabalhamos um texto e passamos um filme sobre o país. Nos desenhos que produziram após esse

trabalho, surgem barcos, montanhas, florestas, animais africanos, pessoas negras, pessoas surfando, outras com indumentárias africanas e outras dançando; havia mar, baleia, ilha, balão, ouro, casas decoradas como as da nação Ndebele, prédios, indústrias, campo de golfe e mapa do país dividido em três capitais, mudando a imagem que faziam quando ouviam a palavra África.

Percebemos, aqui, a imagem da África que foi sendo construída no decorrer do trabalho, continente esse que seis crianças brancas demonstraram interesse em conhecer e quatro negras, em conhecer e/ou até mesmo em lá morar. O trabalho despertou a curiosidade, desmanchou estereótipos, ajudou um menino negro a pensar que lá seria o melhor lugar do mundo para ele morar, ajudou crianças brancas a sentirem o desejo em conhecer aquela terra e seu povo, o que representa um avanço, se pensarmos na imagem que faziam inicialmente daquilo que desconheciam.

Sobre os Negros

No decorrer do ano letivo, as crianças foram se dando conta de que os negros, mesmo tendo sido trazidos como escravos para o Brasil, não eram preguiçosos, mas sim trabalhadores, espertos, inteligentes, além de serem os principais responsáveis pela construção do nosso país, da nossa cultura, da nossa economia e da nossa culinária.

Quando trabalhamos a origem do carnaval, surgem nas produções dos alunos, importantes informações sobre o negro e sua contribuição para nossa cultura.

Crianças brancas:

-“...todo mundo sabe que o samba é de origem africana. Com o passar do tempo o negro foi começando a participar do carnaval brasileiro, mas eu acho que não faz muito tempo por causa do racismo... eu acho muito legal essa mistura de negros e brancos no Brasil...” (T. S.S.)

-“...os negros iam na casa da tia Ciata para fazer uma reunião que era para preservar a cultura africana...” (A. T. P.)

Crianças negras:

-“...teve um negro que se chama Zumbi e foi ele o negro que libertou os negros e sacrificou sua vida até a morte...” (F.N.S.)

-“...o negro era escravo, mas agora ele é livre para fazer o que quiser...” (W.M.S.)

As crianças brancas passam a perceber que reuniões de pessoas negras, como as realizadas na casa da Tia Ciata eram importantes momentos de preservação da cultura africana, forma de não ser esquecida ou apagada. As crianças, tanto as brancas como as negras, destacam líderes dos negros, como Zumbi dos Palmares que lutou pelos negros, sendo sua história tema de uma escola de samba e Tia Ciata que reunia os negros para o batuque, dando origem ao carnaval.

Uma criança branca percebe a restrita participação do negro em diferentes segmentos da sociedade, e cita como exemplo o carnaval. Ela percebe a existência do racismo, que impera no Brasil, até hoje, e que priva muitos negros da participação. Considero importante a aluna branca ter notado a mistura existente no Brasil entre negros e brancos, o que é fundamental para a compreensão e convivência com a miscigenação que aqui existe.

Percebemos que o aluno F. reconhece Zumbi como um líder, alguém que lutou e se sacrificou pela liberdade do povo negro; já o aluno W. nos mostra a importância de os negros perceberem-se livres, alguém que pode fazer o que desejar, alguém que saiu da condição de escravo, para a de senhor de si mesmo.

Quando se pergunta para as crianças sobre influências dos negros e sua cultura no Brasil, diferentemente do início do ano, destacam que os negros foram trazidos para o

Brasil como escravos, que eles trabalharam muito nas lavouras de café, nas construções de casas para os senhores, na abertura de estradas, nas casas dos senhores, sem para isso ganhar nada, o que contribuiu para a economia do Brasil.

Também são lembradas pelas crianças as contribuições em nossa culinária, como a feijoada, que foi inventada pelos negros escravos; em nosso carnaval, através do samba que teve origem dos instrumentos de percussão utilizados em rituais africanos; na capoeira, que também surgiu com os negros escravos; e, principalmente, na nossa cultura, que se formou na junção das diferentes culturas africanas que aqui chegaram, como também de outras.

Algumas falas nos mostram como as crianças foram significando positivamente os negros, pelo trabalho, pelas contribuições e até mesmo pela miscigenação que existe em nosso país:

Criança Negra

-“...algumas contribuições do negro para a nossa cultura foi não perder sua cultura e dividir ela com nós e é a mesma coisa que deveríamos fazer com eles, ensinaram a gente o samba e a capoeira.” (V.N.S.)

Criança branca:

-“... os negros são importantes porque eles trouxe tantas coisas como a feijoada, o samba, a capoeira e eles ajudaram a construir o nosso país, e o negro é muito importante para o nosso país porque nós somos brancos e negros.” (J.H.P.)

É interessante como a criança negra percebe que a cultura negra sofreu transformação quando os negros chegam ao Brasil e se depararam com outra cultura, mas, mesmo com muitas dificuldades, conseguiram manter preservada suas raízes culturais originais.

A criança negra também nos chama a atenção para que possamos conhecer e preservar a nossa cultura, mas que, principalmente, reconhecamos nela as contribuições que outras culturas, principalmente as africanas, deram para sua constituição.

As crianças brancas mostram elementos de nossa cultura que são contribuições dos negros, como a capoeira e o samba. Também percebem essas crianças, a miscigenação existente no Brasil que, mesmo existindo, não acabou nem com o negro, nem com o branco.

Tanto as crianças brancas como as negras começam a perceber a importância dos negros para a nossa sociedade e a vê-los como pessoas advindas de uma outra cultura, pessoas que têm tradições, que são espertas, trabalhadoras e que construíram a história brasileira.

Sobre a cultura negra

Em relação à cultura negra, algumas crianças fazem destaques importantes da aprendizagem que tiveram:

Crianças brancas:

“Eu aprendi que não se deve achar uma cultura melhor que a outra, porque todas têm o mesmo valor e direito” (M.M.G.)

“Eu aprendi que os negros trouxe muitas culturas para o nosso país” (D.)

Criança negra:

“Que toda cultura é importante para a sociedade, não só a branca” (V.N.S.)

“Que os negros que não assumem sua cor, que a partir de agora comecem a assumir, porque os negros tiveram muita participação no nosso país, eles que construíram nossa cultura” (M.)

Pelas frases expressas por crianças brancas e negras, percebemos que elas começaram a formar a noção do que seja cultura. Destacam ser equivocada a idéia de que existe superioridade entre as culturas e reforçam que todas as pessoas têm direitos iguais e devem ser valorizadas igualmente. A criança branca percebe que os negros que aqui chegaram como escravos eram provenientes de diferentes culturas africanas.

Ao destacar que os negros contribuíram para a formação do nosso país, a criança negra quer valorizá-los, para que outras pessoas negras se convençam da importância do negro e se assumam como tal. As crianças percebem que, para valorizar, é preciso conhecer; com isso, aconselham outras pessoas a buscarem conhecer a cultura negra, visto que esse conhecimento, segundo elas, pode acabar com as situações de preconceito e discriminação, como vemos na fala abaixo:

“que as pessoas procurem se interessar mais pela cultura negra, porque esta cultura é muito legal, e o que a gente aprendeu e está aprendendo, ainda tem muita coisa, e também vamos descobrir com o crescimento nosso, e para eles descobrirem também para não ficar discriminando os negros porque são iguais a gente” (T.S.S.-branca)

Essa cultura de que as crianças falam, refere-se a tudo o que foi trabalhado no Cantinho de Africanidades, a todas as contribuições que procuramos destacar, mostrando o que os negros deram ao nosso país, na cultura, na economia e na nossa vida diária. É interessante destacar que a criança branca percebe a cultura negra como sendo “legal”, isto é, gosta de aprendê-la, assim como relaciona que o conhecimento desta cultura é uma forma de eliminar discriminações contra os negros e percebê-los com cultura, como os brancos. Vemos, aqui, pela fala de uma criança branca, o quanto o Cantinho de Africanidades foi importante para as crianças brancas e negras.

As aprendizagens destacadas pelas crianças em textos, conversas em grupos ou questionários, e que disseram ter gostado e ter sido importante aprender, foram: a África como sendo um continente e não um país; a existência de casas de tijolos nas cidades africanas; os diferentes idiomas, principalmente o “Khoza”; a moda africana com suas vestimentas e indumentárias, que trazem cores quentes; a arte, expressa nas paredes, como as casas da nação Ndebele e expressa em máscaras e esculturas. Chamou-lhes também a atenção a história da capoeira.

Deve-se destacar que algumas atividades trabalhadas despertaram o interesse das crianças, como os livros de literatura infantil contendo personagens negros, como “Bruna e a Galinha d’Angola¹¹”, “Menina Bonita do Laço de Fita¹²” e “Que mundo maravilhoso!¹³”, como também as lendas africanas; as belezas e riquezas da África do Sul; a culinária da África do Sul, que tem receitas semelhantes às nossas; as músicas, como o Rap, que traz as reivindicações dos negros; e as biografias de pessoas negras que foram importantes para o país.

Considero que essas aprendizagens destacadas pelas crianças em diferentes momentos retrataram um pouco do que viram durante o ano letivo, e do que nomeamos cultura negra. As crianças entenderam o processo do que seja Africanidades, isto é, o processo de modificação pelo qual os negros passaram, mas no qual não perderam sua identidade, como muitos pesquisadores dizem ocorrer, pois, mesmo inseridos numa cultura branca/européia, conseguiram manter suas raízes culturais africanas.

Sobre preconceito e discriminação

No início do ano letivo, as crianças faziam uso de qualquer instrumento, fosse pela fala ou se valendo de situações, para fazer graça e piadinhas, muitas vezes no intuito de

¹¹ ALMEIDA, Gercilga de. Bruna e a Galinha d’Angola. Rio de Janeiro: EDC e Pallas, 2003.

¹² MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do Laço de Fita. 7ª ed., São Paulo: Ática, 2002.

¹³ LESTER, Julius & CEPEDA, Joe. Que mundo maravilhoso!. São Paulo: Brinque-Book, 2000.

causar sofrimento, e fazer as pessoas infelizes. Eram constantes as situações de preconceito e discriminação entre elas, devido às suas características físicas, os acessórios que utilizavam ou problemas que possuíam. No início das atividades com o Cantinho de Africanidades, também observávamos piadinhas em relação aos objetos que compunham este Cantinho, mas que, no decorrer do trabalho, foram desaparecendo.

Entre as crianças, percebíamos, eu e a professora, que uma aluna negra que tem problema de estrabismo, era alvo de gozação entre os meninos, que sempre diziam: “neguinha vesguinha”, além de sofrer com a resistência de algumas crianças em sentarem-se com ela (as crianças se sentam em dupla na sala de aula). A aluna sempre sofria com essas situações que, no decorrer do trabalho foram diminuindo e, ao final do ano, não mais existiam.

Todas as crianças da sala, no início das atividades, acabavam enfrentando situações de preconceito ou discriminação, semelhante às que apresento abaixo.

Crianças negras

- a D.A., era apontada como “faxineira macaca”, por sempre ajudar a varrer a sala de aula;
- o É.S. e o J.C. em desentendimentos se xingavam de “preto nojento, neguinho fedido, vagabundo e macaco”;
- o R. e o R.R. em diferentes momentos são abordados como “macaco e preto”;
- o L. (branco) diz para o A.F. (negro) “seu cabelo é muito feio! Por isso raspas tudo?”;
- o M. era chamado de chefe dos índios, por ter vindo de Peruíbe/SP

Crianças Brancas

- a B. era chamada de dente de lata;
- a P. de gorda, baleia;

- a F.M. era chamada de magrela, esqueleto;
- o V.S. era xingado de “porquinho da índia; botijão de gás;
- o N. era sempre chamado de “nanico, anão de jardim e lerdinho”;
- a J.T. era chamada de “testa rachada”.

Como percebemos, as crianças negras sempre eram discriminadas por serem negras, ou seja, eram associadas a animais e xingadas, tendo como referência os cabelos ou a cor da pele. Diferentemente, as crianças brancas nunca eram discriminadas pela cor da pele ou pelo tipo de cabelo, mas, por características que fugiam do padrão branco, ou seja, por ser muito magra ou por ser gorda. Em outras situações, usar aparelhos nos dentes, ter uma cicatriz na testa ou ser lento na realização das atividades, tudo era motivo de gozação.

Além do relacionamento, as crianças também demonstravam outros tipos de preconceitos e discriminações. Em alguns momentos, as religiões africanas foram alvo de comentários, como quando falamos em Umbanda, e um aluno branco disse: “*chuta, chuta que é macumba*”; em um outro momento, outro aluno branco pega os colares coloridos do carnaval de New Orleans, coloca-os e fazendo gestos com as mãos disse: “*Saravá, saravá, é macumba, é macumba*”.

Quando apresentamos algumas histórias infantis com personagens negros, e o filme “Kiriku e a feiticeira”, as crianças, negras e brancas, ficaram indignadas por ter tantos personagens negros e poucos brancos, como também ficavam gozando dos personagens: “menina feinha do laço de fita, neguinha do caramba e menina da macumba”; “Eu nunca vi Deus preto!; Só tem neguinho nesta história?; Quanto neguinho feio!; Só vi neguinho saravá!”; “Kiriku é neguinho, é macaquinho; é viadinho”. Isso ocorria na primeira vez que fazíamos a leitura; na segunda vez, eles já passavam a olhar de outra forma e destacar qualidades dos personagens, como ser

amigo, inteligente, esperto, ágil, bonito, criativo, entre outras. As crianças também passaram a nos pedir, com freqüência, que retomássemos as leituras dos livros e passássemos novamente o filme. Como vemos, as crianças passaram a valorizar as histórias e seus personagens.

Quando viram uma boneca negra, alguns gostaram, outros riram e um aluno negro disse: *“ela é da tribo das árvores, cortaram a árvore, fizeram o carvão que é ela”*. Quando viram algumas vestimentas e utensílios africanos comentaram: *“que brinco feio, parece pizza”*; *“essas roupas são baianas, muito coloridas”*; *“isso é vestido de mulher? parece roupa de judô!”*. O que observamos são os desprestígios pelo que é novo, pelo que não conhecem, riram das roupas africanas, mas quando o Prof. Hassimi Maiga esteve na sala de aula com este tipo de vestimenta, as crianças gostaram.

Essas foram algumas situações observadas e que ocorriam com freqüência na sala de aula no início da pesquisa, e as próprias crianças, em conversas realizadas no final do ano, assumiram que era comum entre eles atitude de discriminação, como vemos em algumas falas abaixo.

Crianças negras

“agora melhorou, porque a pessoa era negra, chamava ela de macaco, neguinho, feio, agora não, chama todos pelo nome” (R.)

“antes a gente xingava muito, tinha preconceito contra o negro, xingava devido a cor, de neguinho do pastoreio” (D.A.)

Crianças brancas

“eu discriminava, mas todo mundo fazia” (V.S.)

“a gente discriminava, não sabia o que era preconceito e agora nós não discriminamos. Primeiro tem que conhecer o que é aquilo pra discriminar” (F.M.)

“antes nós brigava, xingava um o outro e agora não fazemos mais” (J.S.A.)

Percebemos que as crianças negras reconheceram a existência da discriminação na sala de aula referente ao ser negro, assumem que eles, sendo negros, também discriminavam outros negros, mas destacam que, após o trabalho desenvolvido no decorrer do ano com o Cantinho de Africanidades, esse quadro mudou, pois as pessoas passaram a se respeitar e a se tratar pelo nome. As crianças brancas se assumiram preconceituosas, disseram que isso era comum a todos e destacaram que havia brigas e xingamentos entre eles, mas reforçaram o que a criança negra disse, que após o projeto isso não mais ocorreu, e uma aluna branca destaca que não se pode discriminar aquilo que não se conhece. Parece-me que se dão conta de que eles não conheciam a cultura negra, a importância do negro, suas contribuições e valores, por isso os discriminavam, situação esta que mudou após o conhecimento.

Numa conversa sobre o gibi “A cor da Cidadania¹⁴”, surgiram muitas falas sobre discriminação:

Criança branca

A aluna F. M. abre uma discussão importante, visto que é muito comum ouvi-la entre as pessoas brancas: “*o próprio negro discrimina o negro!*”.

Pesquisadora

Por quê o negro faz isso?

Criança negra

O S. T.G. disse: “*o negro que discrimina o negro é porque ele não se aceita negro, que quer ser branco de qualquer jeito*”.

¹⁴ LOPES, Vera Neuza. A Cor da Cidadania. Porto Alegre, 1997. (Gibi adaptado para apresentar a Lei 9.459/97 de autoria do Deputado Paulo Paim)

Criança Branca

O V.S. completa: *“mas não adianta, porque mesmo sendo branco ele vai ter sangue negro como o Michael Jackson”*.

Criança negra

O M. conclui: “O Brasil é muito discriminoso”.

Muitas das falas das crianças repetem o que os adultos dizem, a menina branca continua dizendo isso, mas o menino negro já possui argumentos para conversar com ela. É comum as pessoas dizerem que os negros se discriminam, mas as pessoas que dizem isso não param para refletirem sobre o porquê de isso ocorrer, e as crianças da sala deram demonstrações de que foram adquirindo uma conscientização sobre essa situação, como um aluno negro que demonstrou firmeza em sua fala, e mostrou o que muitos adultos não percebem que os negros que discriminam não se consideram negros e agem como os brancos, no intuito de serem como eles, e outro aluno completa dizendo que isso tudo ocorre devido à discriminação existente no Brasil, discriminação esta que faz com que um negro, sentindo-se branco, discrimine alguém do mesmo grupo étnico-racial que o seu. Também surge neste diálogo a questão do sangue que, em alguns momentos foi destacado pelas crianças, como sendo o fator responsável por elas serem negras, ou seja, diziam que eram negras porque tinham o pai (ou a mãe) negro e como traziam o sangue deles, também era negra.

No decorrer do trabalho e, principalmente, mais ao final do ano letivo, já percebíamos que não mais existiam atitudes negativas em relação às crianças negras; no entanto, embora tivessem diminuído, ainda havia situações em que ser gordo ou ser muito magro era motivo de gozação entre as crianças. Percebemos que ao aprender o que é cultura e história dos negros no Brasil e suas contribuições para a nossa cultura,

como também compreender o que é ser discriminado e o que é discriminação, as crianças foram valorizando, respeitando e reconhecendo o negro como possuidor dos mesmos direitos que os brancos, como vemos abaixo.

Crianças negras

“Os negros pensavam que era escravo, e a professora falou, que se não fosse os negros não existiria as casas, as ruas, as fazendas, e por isso que os negros ficaram mais importantes pra gente” (É. S) “e pra cultura também!” (A.F.)

“todas as raças são iguais, nenhuma é melhor que a outra” (F.N.S.)

Crianças brancas

“Aprendi que os negros e os brancos têm o mesmo direito” (J.D.R.)

Pelas falas, percebemos que as crianças negras se viam como escravas, pois apenas essa parte da história é passada na escola, é o que as crianças aprendem e assimilam para suas vidas. Revelaram, no entanto, que neste trabalho puderam ver que os negros não são escravos, mas sim pessoas livres e responsáveis pelo desenvolvimento do nosso país, já que trabalharam muito na construção de fazendas, abertura de estradas de ferro, nas plantações, sem ganhar nada para isso. Ao perceberem os negros valorizados pelo trabalho e capacidade, as crianças dizem que os negros ficaram importantes para eles, como também para a nossa sociedade, cultura e economia, reconhecendo que os negros só fizeram contribuir para a nossa sociedade e nossa cultura, e por isso devem ser valorizados e não discriminados. Tanto as crianças negras como as brancas perceberam que nenhuma raça é melhor ou superior a outra e que todas têm o mesmo direito e valor e devem ser respeitadas em suas diferenças.

Sobre o Cantinho de Africanidades

Para verificar como as crianças acolheram a idéia do Cantinho de Africanidades, como foram percebendo sua importância e contribuição, seja para pessoas brancas ou para pessoas negras, foram analisados todos os textos e desenhos desenvolvidos pelos alunos, como também alguns questionários que foram aplicados e falas em diferentes situações.

Mesmo não sendo prolixas em suas falas, disseram ter gostado, ter achado bom e muito interessante; assim, a partir de algumas indicações tivemos elementos importantes para avaliar este trabalho, como a definição dada pelas crianças sobre o Cantinho de Africanidades:

“eu achei que o Cantinho de Africanidades foi assim: reuniu toda a cultura negra e todo tipo de coisa para ajudar a gente aprender o que a gente não sabia e aprender mais o que a gente sabia”(P.C.S.- branca)

A fala dessa aluna mostra-nos que as crianças compreenderam o que foi o Cantinho de Africanidades: ensinar a elas o que não sabiam, a importância e o valor do negro e sua cultura. Ao destacar que reuniu toda a cultura negra, ela demonstra ter compreendido que essa é composta de diferentes culturas de raízes africanas e, como branca, percebe a importância em conhecer e rever os conhecimentos que já possuem, como, por exemplo, as situações de preconceito, racismo e discriminação que passam os negros e que muitos brancos praticam, sem muitas vezes se darem conta das consequências dessas práticas.

As crianças mostraram que o Cantinho de Africanidades foi importante por possibilitar que elas conhecessem coisas novas, principalmente sobre a África. Chamou a atenção a fala de uma aluna branca, que disse ter sido divertido aprender sobre a

África. Este é um destaque importante, pois o fato de ser dinâmico, atrativo e divertido, fez com que as crianças se envolvessem e assimilassem de forma significativa o aprendido.

A importância do Cantinho de Africanidades para as crianças, pode ser percebida em algumas falas das:

Crianças Negras

“o Cantinho foi importante porque ajudou a gente a arrumar namorada... porque as meninas não gostavam dos pretos” (É.S.)

“porque antes as meninas só gostavam dos brancos e agora gostam dos negros” (P.H.F.)

Crianças Brancas

“o Cantinho de Africanidades foi importante porque se eu não tivesse ele, eu não saberia nada sobre a cultura negra” (J.B.)

“Eu achei muito bom, mudou nossa vida e eu também gostei” (N.)

O Cantinho de Africanidades foi percebido como um projeto pelo qual os alunos puderam adquirir um conhecimento que não é destinado a todos na escola, e isso foi motivo de orgulho para eles, pois se sentiram privilegiados e valorizados. As crianças reconhecem que esse tipo de conhecimento não é fornecido pela escola, tanto que destacam que sem o Cantinho de Africanidades não saberiam nada sobre a cultura negra.

O conhecimento foi importante, segundo a criança branca, por mudar a vida deles, e essa mudança pode ser decorrente da diminuição de situações de discriminação na sala, por eles terem sido os escolhidos para conhecerem algo que outros não conhecem ou por terem sido os negros valorizados, como esclarecem os alunos negros ao dizerem que tanto as meninas brancas como as negras da sala de aula preferiam meninos brancos

e que, após o trabalho com o Cantinho de Africanidades, passaram a gostar dos negros também.

As crianças da 4ª C receberam diferentes visitas devido ao trabalho que vinham desenvolvendo com o Cantinho de Africanidades, entre elas a do Prof. Hassimi Maiga (do Mali), a da Prof. Joyce King (EUA), a do Prof. Jésus Gomés (Espanha) e a da Prof. Petronilha B. G. e Silva (UFSCar). A visita da Prof. Petronilha foi muito especial para eles, por ela ser minha orientadora e por eu sempre falar sobre ela, sentiam muita vontade em conhecê-la e mostrar o que eles sabiam sobre a cultura negra.

A visita do Prof. Hassimi foi a que as crianças mais destacaram em suas falas e textos, e isso se deu pelo fato de ele morar na África (Mali) e estar vestindo roupas africanas. As crianças ficaram o tempo todo à sua volta, queriam saber como estava o país, o que eles comiam, do que gostavam, o que tinham, como falavam, enfim, estavam muito animados em conhecer, falar e tocar em um africano. Nesse dia, eles pediram até autógrafos, para mostrar a parentes e amigos.

Devido à visita dos professores Hassimi e Joyce, a EPTV (jornal regional da TV Globo) foi registrar o momento e, enquanto esperávamos que os visitantes chegassem, um aluno branco disse:

“Agora nós somos celebridades, vem todo mundo aqui, a EPTV, a Americana, o Africano, a Regina, a Petronilha”. (V.S.)

Perguntei a eles por que essas pessoas têm interesse em conhecê-los, e a resposta foi:

“Porque nós aprendemos sobre a África, sobre o Cantinho de Africanidades”

Pela fala, percebemos que o aluno branco também se sentiu valorizado e importante, por conhecer a cultura negra - África. Expressou o aluno, aquilo que todos estavam sentindo, pois a partir do momento que iniciaram os trabalhos com o cantinho,

passaram a ser referência para outras pessoas, crianças e professores, que os viam como “as crianças que estão aprendendo sobre os negros e sua cultura”.

Outras falas reveladoras apareceram na aula em que trabalhamos o gibi “A Cor da Cidadania” e discutíamos sobre o preconceito e a discriminação. Nessa aula, uma aluna branca contou que seu padrasto diz ser moreno e não negro, embora ela tenha tentado convencê-lo do contrário.

Perguntei para as crianças o porquê de ele se considera moreno, e um aluno negro respondeu: *“porque ele não aceita ser negro, tem vergonha”*.

Outro aluno negro completa: *“por causa da discriminação, se ele aprendesse o Cantinho não seria assim”*. E assim um terceiro aluno negro conclui: *“Eu dizia que era moreno, mas agora, que sou negro, porque eu aprendi que o negro é importante”*

As falas mostram que as crianças negras passaram a ter consciência de que, ao dizerem-se morenas, tentam omitir o fato de serem negras ou, então, não se identificam nem com negro nem com branco, porque são mestiças. Essas falas também revelam o que sentem os negros: vergonha de pertencer a um grupo étnico-racial que não é valorizado e respeitado pela sociedade, mas minimizado e discriminado frequentemente, seja em livros, revistas, tv, jornais ou mesmo na escola.

Novamente, vemos que as crianças estão conscientes de que não se assumir negro é consequência da discriminação, mas, cabe destacar que um aluno negro revelou que ele também não se assumia negro, tinha vergonha, medo, mas que após aprender que o negro é importante, ele se sentiu valorizado e passou a pertencer ao grupo negro. Outro aluno negro mostrou que, para ele, o Cantinho é o momento de aprender a se valorizar e assumir sua cor/raça, apesar da discriminação.

Para percebermos a reação das crianças, solicitamos que trouxessem a fotografia de uma pessoa negra de quem eles se orgulhassem, para uma exposição, uma aluna

negra disse: *“eu não tenho foto de ninguém, tenho da minha mãe, mas ela é morena”*.
(N.F.)

A fala da aluna nos preocupou, pois sabíamos, eu e a professora, serem seus pais negros, e pareceu-nos que ela sentia estar ofendendo os pais, se nos trouxesse suas fotos. No segundo semestre, continuamos trabalhando a cultura negra com as crianças e, assim como recebemos, fizemos visitas. Em uma das visitas, a aluna que disse não ter foto de pessoas negras, chega até mim animada e diz: *“Valéria, eu descobri que sou africana, porque meu pai me contou que meu bisavô veio da África”*. Numa atividade no final do ano em que a criança deveria escrever sua cor e porque a possui, a aluna destaca: *“Negra, porque o meu pai e a minha mãe é negra”*

Percebemos a mudança da aluna que, no início, se considerava morena e definia a mãe como morena e, agora, além de se dizer negra, diz sentir-se negra, assim como os pais são definidos como negros. Além desta mudança, percebemos que nosso trabalho está chegando aos pais, pois numa conversa, o pai revela à filha a origem africana da família, coisa que até o momento não havia sido revelado.

Quando a aluna conta para mim e para a classe sobre ser africana, demonstra alegria e orgulho por ser descendente deste povo, e sua fala mostra isso: *“Eu me considero como negra e que o projeto ajudou muitas crianças. Eu me sinto negra”*.

Um aluno negro que se considerava branco, demonstrou muito interesse no projeto e passou a se classificar como negro. Uma das falas mais marcantes desse aluno, e que chamou a atenção dos próprios companheiros, de outras crianças, de professores e diretores, foi durante uma visita, a convite, à escola Carmine Botta. Enquanto ele conversava com os alunos desta escola, perguntou quem se considerava negro, dentre os aproximadamente 90 alunos presentes, apenas um aluno levantou a mão, e um aluno negro disse:

“Você que levantou a mão parabéns, porque não tem vergonha de ser negro, agora os que não levantaram, comecem a levantar, porque sua origem é bonita, e os negros foram importantes para o nosso país”. (M.)

O aluno tenta convencer outras crianças da importância em assumir-se negro e, para isso, reforça as qualidades dos negros, já que entendeu que sem conhecimento, sem valorização, é difícil alguém se assumir negro, uma vez que na sociedade este é sinônimo de inferior, feio, ruim, ladrão, enfim, de algo negativo.

Quando voltamos para a escola após esta visita, os alunos comentaram no ônibus:

“a gente estava com medo, porque eles sabem mais, mas eles sabem menos que a gente, a gente sabe mais” (conversa entre F.N.S.–negro; F.M.- branca e É.S - negro).

As crianças achavam que, por estarem na 5^a, 6^a e 7^a série, as outras crianças conheciam mais do que eles, da 4^a série, sobre a história e a cultura dos negros, mas perceberam que, embora aquelas estivessem em séries mais avançadas, sabiam muito pouco sobre o assunto. Mesmo sem se darem conta, as crianças perceberam que a escola não trabalha a cultura negra com seus alunos, e que eles são exceção. Torna-se importante destacar que mais uma vez as crianças se sentiram valorizadas, o que nos leva a uma conclusão muito importante: o conhecimento é uma das formas de valorização dos negros.

Em relação à cultura, durante as conversas em grupos, quando questionados sobre o Cantinho ter ou não ajudado as crianças negras da sala, chamou minha atenção a fala de uma aluna branca:

“O É.S. fica todo todo por causa disso, ele fala assim, que ele tem cultura”.

Quando paramos para refletir sobre esta fala, percebemos o quanto deve ser difícil para uma criança se dizer negra numa sociedade racista, preconceituosa e para a qual não se tem argumento que fortaleça a identificação do negro com o seu grupo. Pela fala,

verificamos que a aluna branca percebeu que o amigo se sente feliz após conhecer suas raízes culturais, assim como passou a sentir-se membro dela, é como se nos dissesse que antes disso ele era desprovido de cultura, de significado, de valor, só possíveis após o conhecimento que adquiriu.

As crianças negras começaram a perceber que o Cantinho de Africanidades contribuiu para que elas assim se identificassem, como vemos nas falas das:

Crianças negras

“eu achei muito interessante, principalmente para quem é negro, porque o projeto ajudou muito a ser negro” (V.G.R.)

“achei um ótimo projeto, com ele cada um de nós se identificou como é, com o projeto acabou alguns comentários chato, com ele eu me identifiquei como negra, como ao mesmo tempo me diverti e aprendi mais sobre a África ” (V.N.S)

“o cantinho resgatou a raça negra que os negros não gostava de sua cor, mas quando surgiu o cantinho de Africanidades os negros se sente igual ao branco” (É.S.)

Crianças brancas

“Eu achei muito legal, porque antes, no começo, eu também achava assim - ah que chato, fica falando só de negros - mas não, agora eu aprendi que os negros foram tão importantes como os brancos também, para a construção do país”. (T.S.S.)

“Eu achei que foi muito importante pra mim aprender, pra gente saber agora e não ficar mais discriminando os negros, porque é chato, a gente não gosta que discrimina a gente por alguma coisa, e eles também não gostam, e nós aprendemos muito que não pode discriminar os negros, e não é porque somos brancos que não podemos conhecer a cultura negra, porque cada um tem sua cultura” (A.T.P.)

“Me ajudou no preconceito, porque antes eu tinha preconceito e agora não tenho mais” (F. M.)

“eu aprendi que a gente não pode achar nenhuma cultura melhor que a outra, porque todos temos os mesmos direitos.” (D.M.)

As crianças perceberam que o trabalho com o Cantinho de Africanidades foi importante para as crianças brancas e negras, por possibilitar que ambas conhecessem a cultura negra e suas contribuições para a nossa cultura, nosso país e nossa população. Vimos que, para as crianças negras, possibilitou o pertencimento, isto é, o “ser negro, o assumir-se negro” e pertencer a esse grupo mas, também, exerceu importante influência nas crianças brancas que sentiram, igualmente, entusiasmo pelo trabalho e entenderam a importância em conhecer a história e cultura negra. Uma aluna disse que no início sentiu-se incomodada com o trabalho, mas revela que gostou e que aprendeu muitas coisas, como a importância dos negros e dos brancos para o nosso país. As crianças destacaram que sendo brancas podem conhecer outras culturas, e que este conhecimento todos podem e devem ter, pois nenhuma cultura pode ser considerada melhor ou superior a outras, como enfatizou uma criança.

O conhecimento da história e da cultura negra foi considerado importante para as crianças brancas, por terem aprendido que não podem discriminar os outros por serem negros ou por terem algum traço que os tornam diferentes de nós, inclusive uma aluna se assumiu preconceituosa e disse que mudou de atitude após o trabalho.

Vemos, então, que, se o Cantinho de Africanidades foi importante para as crianças negras, também o foi para as crianças brancas, que puderam conhecer outra cultura, que puderam assumir-se preconceituosas e racistas, atitudes que levam à discriminação mas, principalmente, mudar essas atitudes, ao perceberem-se membros de uma cultura que traz contribuições da negra. Enfim, puderam sentir que os negros são portadores de uma cultura e de uma diferença que deve ser respeitada e valorizada por todos, pois os negros possuem os mesmos direitos, capacidades e valores que os brancos.

Houve uma criança branca que me chamou muito atenção durante todo o trabalho, pois ele demonstrava, diariamente, uma resistência aos objetos do Cantinho de Africanidades, com as temáticas trabalhadas e com os negros, fossem os da sala ou os demais. Em uma das aulas, recebemos a visita do Tenente do Corpo de bombeiros de São Carlos, Márcio, e questionei se ele já havia sofrido discriminação por ser negro. O aluno V.G. ficou indignado com minha pergunta, e quando o Tenente foi embora, ele virou-se para mim e disse: **“você só fez a gente passar vergonha!”**, eu perguntei quando os fiz passarem vergonha e me disse: **“quando você falou assim – você é negro!”**. Eu destaquei que não havia nada de errado em dizer que a pessoa é negra, e abrimos uma conversa sobre o ser negro, mas, mesmo depois da discussão, ele ainda não se conforma, e diz: **“se falar para o meu pai que ele é negro, ele mata”**. Nesse momento, revela o que ainda não havia dito, o seu pai é negro e, pelo que entendemos, não aceita que o chamem de negro, como se isso fosse uma ofensa.

Quando fizemos a exposição da Sala de Africanidades, as crianças trouxeram as fotografias de pessoas negras de quem eles gostassem muito, como já me referi anteriormente, e esse mesmo aluno branco, trouxe a foto do pai e, todo orgulhoso, mostrava para a classe dizendo: **“olha o negro capoeirista!”**. Outra revelação: o pai é mestre de capoeira. A criança não trazia traços de pessoas negras, mas nos impressionava o fato de ter pai negro e discriminar tanto os negros. Para isso, talvez possamos encontrar explicações no fato do pai ter abandonado a família, deixando-os em situação difícil, o que pode ter causado rejeição do filho pelo pai, ou então, pela transformação que a capoeira vem sofrendo nos últimos anos, tornando-se um esporte e perdendo suas raízes culturais, de forma que o pai não se identifique negro e não trabalhe com os filhos a valorização da cultura de raiz africana.

Após alguns meses de trabalho, o aluno já modificou seu pensamento – se antes dizer que era negro parecia ofensa, agora parecia elogio, pois, ao apresentar o pai como negro e capoeirista, sentia-se orgulhoso e feliz. No decorrer do trabalho, o V.G.S. foi se envolvendo, já havia diminuído bastante suas atitudes negativas em relação ao negro e ao Cantinho de Africanidades e, em conversa informal durante um intervalo, o aluno me revela ser negro. Questionei o porquê dessa afirmação, ele me disse que era negro porque o pai e o avô eram. Embora tenha revelado em diferentes momentos ser negro, como em um dia na sala quando disse: **“se sou carvão, sou carvão!”**, em nenhuma atividade escrita ele colocou ser negro, podendo estar em conflito com quem se identificar, com a mãe, de quem herdou os traços físicos, ou com o pai de quem traz o sangue e uma cultura que está sendo valorizada em sala de aula. Eu e a professora, sem conhecer suas origens, o havíamos classificado como branco.

Este aluno sempre me mandava desenhos e num, em especial ele escreveu: **“Valéria, não desista da luta, parabéns!”**, chamei-o e perguntei a que luta ele se referia, e disse: **“a dos negros!”**. Essa fala mostra-nos uma grande mudança de discurso e de atitude, pois agora me vê como uma pessoa que luta e contribui para a valorização e para os direitos dos negros, por isso, pede que eu continue lutando por eles.

Sabemos que as crianças valorizavam a aprendizagem da cultura negra, mas sabemos que esta é uma experiência isolada, pois a Educação é falha no trato de outras culturas, como a africana, japonesa, indiana; enfim, não trabalha nenhuma delas, e essa postura pode estar contribuindo para a manutenção do preconceito e discriminação, assim como deixando de contribuir para a valorização e respeito de seus alunos. Alguns professores tentam trabalhar questões de discriminação acentuando a igualdade, e essa metodologia pode trazer sérias conseqüências para os alunos. Para ilustrar esse

problema, destaco a seguir uma conversa com os alunos sobre terem aprendido ou não a cultura negra em outras séries, e o É.S. diz:

“Só na segunda série a professora falou, ela ficava comparando eu com meu amigo”

Eu pergunto quem é era esse amigo e ele responde: ***“um moleque loiro”***. Questionei então, como ela comparava os dois, e ele me disse: ***“ela perguntava o que eu gostava de fazer e o que ele gostava de fazer - assim – perguntava para mim se eu gostava de jogar bola, depois pra ele, e como os dois respondiam que gostava, ela dizia que eu era igual a ele”***.

Muito intrigada, disse se ele acharia ruim se ela falasse que um era negro e o outro era branco, e ele responde: ***“Não! É, antes seria, mas agora não”***. Pergunto por que agora não, e destaca: ***“é que antes eu tinha vergonha de falar que eu era negro, os cara ficava me xingando”***.

Não podemos tratar a diferença com igualdade, mas mostrar que, embora diferentes, cada um de nós temos os mesmos direitos. A professora buscava mostrar que o negro era igual ao branco em suas atitudes, mas será que somos iguais? Nem os brancos ou negros entre si são iguais ou têm os mesmos gostos, nem irmãos gêmeos são iguais, enfim, o aluno não gostava de ser comparado, ele sabia que era diferente, mas tinha vergonha de dizer-se negro porque os amigos o ofendiam. Agora, após conhecer a África, a cultura, os negros, ele percebe que ser negro, apesar das discriminações, tem sentido, ele construiu com o conhecimento sua identidade presente, como também argumentos para se defender quando xingado ou desvalorizado.

Neste ano de 2004, as crianças participantes do projeto foram para outras escolas, que atendem crianças de 5^a à 8^a série. Os alunos me enviaram cartas contando como estão nos estudos, revelando estarem com saudades de mim, da professora, do Cantinho

de Africanidades e dos colegas da 4ª série C. O aluno E.S. me enviou uma carta na qual ele deixa claro já argumentar com professores as questões concernentes ao negro e sua cultura:

Caro Carlos, 28 de maio de 2004 28/05/04

Oi Valéria

me desculpa pelo demora, espero que você continue essa pessoa maravilhosa que você é e sempre será

- Valéria eu de vez em quando estou indo no Elvise e estou indo bem na escola
- Eu agradeço pela entrada na fazenda Santa Maria, foi muito bom eu nunca esquecerei desse dia eu prometo,
- Valéria você por favor me de uma foto de lembrança.
- Valéria outro dia a professora de Inglês falou que a copu-eira foi inventada pelos brancos,
- Eu falei para ela que estava errada ela falou que eu estava errada

Um abraço do seu amigo Erik

Refletindo sobre as falas e, principalmente, sobre esta carta, percebemos que os professores não estão preparados, ou não querem estar, para trabalhar com questões concernentes à cultura, discriminação, preconceito e diferenças. É preocupante a falta de conhecimento e principalmente de interesse e vontade em conhecer, da professora referida na carta que, ao invés de buscar informações, se contenta em dizer que o aluno está errado, contribuindo para que os alunos que não participaram do Cantinho de Africanidades assimilem informações como essas, sem questionar sua veracidade. É preciso que os pais estejam atentos e exijam mudanças em relação aos professores e a educação que está sendo transmitida aos seus filhos.

Volto a uma questão que fiz aos alunos sobre a importância ou não de o Cantinho de Africanidades ser ampliado para outras salas de aulas e outras escolas. Todas as crianças destacam que deveria ocorrer a ampliação, porque não adianta nada apenas eles conhecerem, porque outras pessoas poderão continuar discriminando os negros ou não se aceitando como negro. Algumas justificativas para a existência do Cantinho de Africanidades em todas as escolas foram segundo as:

Crianças brancas

“não é só a nossa sala que tem que conhecer o Cantinho, porque tem gente que discrimina sem saber quem é a pessoa, se ela é chata, e também não sabe que isso é errado, não sabe a história dos negros” (B.R.P.)

“tem negro que não conhece sua cultura ainda, mas conheceria melhor e teria orgulho de sua cor” (D.)

“eu acho que se teria em todas as escolas seria melhor, porque até mesmo as pessoas que não estuda, as crianças iriam ensinar se aprendessem, mas elas não aprendem! Então as escolas que a gente andar, que for agora, a gente tem que ensinar”. (A.T.P.)

Crianças negras

“pra todo mundo aprender essa cultura ... é importante pra ninguém xingar o outro, porque tem gente que é branco e não conhece que o negro é importante, e assim eles iam saber que não pode mexer com os negros” (P.H.F.)

“pra eles aprenderem e não discriminar mais nós”(W.S.)

“pra eles aprenderem e passar pra outras gerações”(M.)

Chama a minha atenção a conscientização que as crianças passaram a ter após este trabalho, a consciência de que a escola não valoriza o negro e sua cultura, que a sociedade é preconceituosa, que o conhecimento possibilita a valorização e que ser

negro é ter uma história, uma cultura que deve ser mantida viva. Percebem que não adianta apenas eles conhecerem, porque outros continuarão discriminando os negros, por não saberem sua importância, sua história. Cabe destacar a fala dos alunos que mostram que outras pessoas e mesmo os negros não conhecem sua história, a história do seu povo, e se conhecem é de forma errônea e negativa. E, como diz uma criança, conhecer a cultura negra é a forma que os negros têm de sentirem orgulho de sua cor, e de brancos e negros conhecerem e transmitirem para outras pessoas, eliminando, assim, a discriminação existente em nossa sociedade.

4.4. Como a professora avaliou o Cantinho de Africanidades

No decorrer do ano letivo, eu e a professora conversamos muitas vezes sobre o trabalho que vinha sendo desenvolvido, assim como realizei entrevistas em diferentes momentos com ela, a fim de perceber como estava analisando o trabalho com o Cantinho de Africanidades. Para a professora, o Cantinho foi e continua sendo – já que o está trabalhando com sua turma deste ano de 2004 – a oportunidade de colocar em prática o que aprendeu em diferentes cursos¹⁵ e considerava importante para a vida das crianças negras e também brancas. E relata:

“eu gosto desta cultura, e acho muito interessante, eu gosto, por prazer primeiro, porque eu sempre faço aquilo que eu tenho prazer em fazer, e isso, eu quero que as crianças tenham consciência, consigam definir sua etnia, sua raça, e as que discriminam entendam e mudem.”

Após um ano de trabalho desenvolvido, a professora enfatiza que esses objetivos foram atingidos, primeiro devido a fato de os alunos negros se identificarem como tal e

¹⁵ Cursos oferecidos pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro/NEAB em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Carlos.

segundo por terem as crianças brancas compreendido as situações que levam à discriminação e mudarem de comportamento, respeitando mais seus colegas.

A professora, embora tenha conhecimento de algumas coisas sobre a cultura negra, seja pelos cursos que realizou ou por reportagens de revistas, jornais ou Tv relatou, a partir de sua experiência, a dificuldade que os professores encontram para trabalhar essa cultura, tanto pela falta de materiais acessíveis aos professores sobre o que trabalhar, como pela dificuldade em organizar um currículo que comporte os principais pontos dessa cultura e que possibilite o trabalho interdisciplinar. Por último, destaca a falta de conhecimento que os professores têm sobre essa cultura e a importância da mesma para seus alunos. Dentre as dificuldades que a professora encontrou nas tentativas para desenvolver esse tipo de trabalho, destaca:

“você tem que ir atrás do material, e nós não temos material disponível tão fácil, por exemplo, você não acha em qualquer livro um texto que fale de África, de países africanos, da cultura, da religião, enfim, tudo relacionado à África, mas eu acho que o que facilitou para mim, foi a parceria com você, Valéria”

A parceria que estabelecemos, – a proposta de trabalhar um Cantinho Africanidades em sala de aula – , foi o que ela considerou importante para desenvolver as atividades, pois o fato de eu levar os materiais facilitou o nosso planejamento, a organização e seqüência das aulas que tratassem da história dos negros no Brasil, na África e na Diáspora. A professora relata:

“O material que nós usamos no projeto eu achei muito bom, eu achei que ficou um material gostoso de trabalhar, algumas coisas eu percebi que poderia ter explorado de outra forma, mas eu achei que teve no decorrer, um resultado muito legal, eu gostei”

Ela considerou um bom material e, assim como as crianças, achou que o trabalho foi interessante e gostoso. O importante é quando a professora passa a observar e a criticar o trabalho desenvolvido, e se dá conta da necessidade de explorar mais, ou de outra forma alguns tópicos, o que, com certeza, está fazendo neste ano de 2004, com sua nova turma. Enfatiza, ainda, que o Cantinho de Africanidades foi um momento de interação com objetos, no momento em que as crianças puderam olhar, tocar, produzir e organizar esses objetos no Cantinho de Africanidades, numa interação e cumplicidade com os companheiros da sala, com ela e com a pesquisadora.

Foi um momento de aprendizagem, já que estavam tendo contato com uma cultura até o momento desconhecida para eles; foi, principalmente, um momento de intercâmbio, pois que puderam receber visitas que trouxeram importantes contribuições para eles, como o fez o Prof. Hassimi Maiga. Também o fato de transmitir para outras pessoas o que haviam aprendido, fosse para os alunos da escola que visitaram a Sala de Africanidades, montada para expor todo trabalho desenvolvido no decorrer do projeto, ou mesmo para crianças de outras duas escolas que foram visitar e levar o Cantinho de Africanidades, que se tornou itinerante. A interação, a aprendizagem e o intercâmbio são, para a professora, fatores importante num projeto, e enfatiza:

“eu acho que trabalhar um projeto e ficar só dentro da sala não tem muito sentido, a gente tem que chegar até a família, tem que chegar em outras escolas, outras salas, tem que ter envolvimento e as crianças como agentes”

Os pais são destacados como um referencial para que o Cantinho de Africanidades tenha sentido, já que a família também é importante no fortalecimento do pertencimento racial da criança. Muitos pais não se assumem negros por medo da reação dos outros, como um caso contado pela Elaine em que um de seus alunos queria levar a foto do pai (fotografia de uma pessoa negra de que gostasse muito) e ele não permitiu por achar que

os outros iriam ficar rindo dele. Embora concordemos, eu e a professora, que ainda precisariam ser desenvolvidas atividades que envolvessem mais os pais com essa cultura, a Elaine destacou que o Cantinho de Africanidades chegou aos pais, e conta:

“na reunião de hoje, com os pais, perguntei os pontos positivos e negativos da escola, a primeira coisa que eles falaram foi do projeto Cantinho de Africanidades, que as crianças chegam em casa falando muito das aulas e das atividades que desenvolveram, que é uma coisa impressionante, o que eles falam, comentam, como eles gostam do Cantinho, os pais inclusive vieram ver a exposição, e gostaram demais”

As crianças souberam levar para casa o que estavam aprendendo, e os pais, em nenhum momento do ano letivo, reclamaram do trabalho, e sempre demonstraram posição de apoio e confiança no que vínhamos desenvolvendo.

O interesse despertado em outras pessoas, seja da família, dos vizinhos, dos amigos da escola, de outros professores, de outras escolas e, principalmente, de pessoas importantes como a Prof^a. Petronilha, e pessoas de outros países como os Prof. Hassimi, Joyce King e Jésus contribuíram para que as crianças se sentissem valorizadas, como vemos na fala da professora Elaine:

“da mesma forma que saíram para passar o que aprenderam, interessante quando vieram pessoas até a sala também, algumas vieram exatamente para ver o que eles fizeram, nossa, eles se sentiram muito valorizados, ficaram nervosos, e depois se descontraíram, explicaram, eles adoraram! Escreveram até no relatório do final de bimestre, que a gente apresenta no conselho de classe, o quanto eles haviam gostado das visitas e das pessoas que vieram visitá-los para ver o que eles tinham feito”

Quanto aos resultados que esta experiência possibilitou, a Elaine destaca que as crianças aprenderam um pouco sobre a cultura negra, as influências desta cultura na nossa, sua importância, a necessidade de valorizá-la e resgatá-la. Aprenderam que toda cultura tem seu valor e deve ser respeitada. Considera, porém, que o mais importante foi a mudança de atitude, possível através do conhecimento, pois as crianças passaram a refletir mais sobre as situações ao seu redor, deixando de lado o preconceito por falta de conhecimento.

A professora destaca, numa conversa:

“as crianças parecem muito conscientes, e quando eu volto no assunto, eu sempre procuro voltar no assunto que vimos, eles logo puxam outras coisas, relembram assuntos e demonstram que sabem e gostam de saber. Parece que eles sabem tantas coisas, e sentem orgulho em saber e falar da África e do Cantinho... É interessante perceber o quanto eles sabem, aprenderam e gostaram de aprender sobre as questões da África.”

Como a professora continua desenvolvendo este trabalho, relatou-me que as crianças que foram seus alunos no ano passado (Jo. - negro, Já. - branco e We. - negro) e continuam na 4ª série neste ano (em sua turma) por ainda estarem defasados na aprendizagem, são os que mais se envolvem, tomam a frente para fazer explicações, relembrar assuntos, trazer informações e chegam até mesmo a simplificar uma explicação que a professora deu (sobre o Cantinho) e que os alunos não entenderam muito bem. Ela revela estar feliz com os resultados do Cantinho de Africanidades: aprendizagem dinâmica, divertida e que despertou o interesse dos alunos; crianças negras e brancas conscientes sobre o que seja preconceito, discriminação, racismo e suas conseqüências para a vida das pessoas que as praticam e para as outras que sofrem com essas atitudes; crianças negras com auto-estima elevada, assumindo-se negras com

orgulho, sem medo e vergonha; crianças brancas e negras valorizadas por conhecerem uma cultura que não sabiam ser tão importante e principalmente por transmiti-la para outras pessoas; formação de crianças com consciência negra.

Este trabalho, além de muito importante para as crianças negras e brancas, também foi importante para a professora, que percebeu a importância de iniciativas como essas, reconhecendo ser possível trabalhar a cultura negra em sala de aula e, principalmente, por passar a refletir e a questionar algumas situações, como, por exemplo, os professores não assumirem a existência de situações de preconceitos e discriminação entre seus alunos. Para ela, é importante que o professor reconheça a existência dessas situações, pois elas existem e devem ser trabalhadas, para que se consigam mudanças.

Isso é fundamental, pois somente no momento em que os professores e profissionais ligados à Educação passarem a observar e a assumir as situações de discriminação e preconceito, será possível descobrir uma estratégia para eliminá-la.

Após submeter as análises à professora, ela diz que é interessante rever o caminho percorrido pelas crianças no decorrer do ano letivo, que as falas e produções mostram o crescimento e o amadurecimento que alcançaram, assim como a conscientização da importância do negro e sua cultura para a constituição do povo e cultura brasileira. Quanto a suas falas, diz ser interessante observar essa postura inicial e revela que, hoje, diria de outra forma, pois seus pensamentos e atitudes em relação aos alunos mudaram após a experiência com o Cantinho de Africanidades.

Como avaliamos a experiência com o Cantinho de Africanidades

Com este capítulo, encerro minha dissertação que analisou: as concepções das crianças negras e brancas, em relação aos negos e sua cultura, no desenvolvimento de um trabalho com o Cantinho de Africanidades em sala de aula; as características de um trabalho que visava combater o racismo e a discriminação; as diferentes experiências frente ao Cantinho de Africanidades; e, finalmente, as contribuições das atividades desenvolvidas em torno do Cantinho de Africanidades para as relações positivas entre criança negras e brancas.

O título desta dissertação nos traz um questionamento: “Cultura negra na sala de aula: pode um Cantinho de Africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?”, questionamento este que venho respondendo no decorrer do trabalho e que, neste capítulo final, será retomado.

5.1. O Cantinho de Africanidades e a Professora

As considerações a seguir sobre posturas, valores e atitudes, puderam ser observadas na atuação da professora Elaine.

Um trabalho no estilo do Cantinho de Africanidades requer muita responsabilidade por parte dos professores que irão desenvolvê-lo. Para isso, considero fundamentais três características que esses professores precisam ter, para um trabalho que vise às relações étnico-raciais:

- atentar para a existência de preconceitos, discriminações e racismo na sociedade brasileira, de um lado reconhecê-los entre seus alunos e na sociedade como

um todo, para que consiga perceber a importância em desenvolver trabalhos que visem a mudanças;

- reconhecer os preconceitos negativos que possam estar orientando atitudes negativas em relação aos negros e sentir o desejo em mudar essas atitudes;

- e, finalmente, é imprescindível sentir vontade e perceber a necessidade de trabalhar em sala de aula a cultura e história afro-brasileira, e com isso, por em prática uma relação positiva sobre as questões étnico-raciais, dispendo-se a buscar informações, planejar atividades, superar dificuldades e passar adiante a experiência.

Silva P. (2001) enfatiza que o educador que estiver disposto a prevenir outras pessoas contra o racismo e a intolerância deve se posicionar como quem se educa, deve incluir-se no processo e não apenas ditar regras, pois isso não trará resultados verdadeiros.

Desde o início do trabalho, chamou minha atenção a postura da professora Elaine que, além de possuir as características anteriormente mencionadas, é firme, sincera e consciente da necessidade de desenvolver trabalhos que favoreçam as crianças negras, brancas, enfim, todas as crianças. Trabalhos que contribuam para a educação, conforme recomenda o Parecer CNE/CP 003/04, das relações étnico-raciais na sociedade, bem como de seus alunos. Ela não é omissa diante do que observa entre as relações que seus alunos mantém, esta atitude é muito importante pois, segundo Cavalleiro (2001), quando o professor se mostra omissa, sem atitudes em relação à discriminação sofrida por seus alunos, está mostrando que a criança discriminada não pode contar com a colaboração de seus educadores, e que os colegas que a discriminam podem continuar com esta atitude, pois nada lhes acontece, ninguém os repreende, critica ou mostra como agir corretamente..

Alguns professores, ao observar situações discriminatórias entre seus alunos, fazem de conta que nada aconteceu; outros acham que o ocorrido é coisa da idade, que é normal; outros negam que isso ocorra em sua sala de aula; e outros, ainda, na tentativa de minimizar a situação, dizem que isso não deve ocorrer porque todos são iguais, encerrando assim a conversa. Tenho observado, na minha vivência em escolas e em conversas com alunos e professores, o que a literatura (Cavalleiro 2000; Oliveira R. 2001) tem mostrado, ou seja, muitas são as situações e atitudes dos professores que, ao invés de contribuírem, acabam agravando o problema de discriminação.

Diz-se freqüentemente que os professores não estão preparados para trabalhar com essas questões em sala de aula, não sabem como agir, prejudicando tanto as crianças que sofrem com a discriminação como as que a praticam. Um exemplo da falta de preparo dos professores foi observado pela Elaine e por mim, num curso de formação para professores¹⁶, ocorrido no ano 2004, na cidade de Limeira, no qual o NEAB/UFSCar foi convidado a levar suas experiências, e nós apresentamos o trabalho desenvolvido com o Cantinho de Africanidades. Durante os trabalhos, uma professora questionou como tratamos as situações de preconceitos e discriminações em sala de aula, e relatou que ela sempre chama a atenção para que os alunos não ajam daquela forma, mas suas palavras não têm resolvido o problema, não sabendo, pois, como agir.

A falta de materiais é o maior motivo de reclamação entre os professores, e segundo a Prof. Elaine, não se encontram facilmente materiais com metodologias de trabalho, temáticas e informações importantes sobre a cultura negra. A professora Elaine disse, em diferentes momentos em que conversávamos, que ela sentia necessidade de desenvolver um trabalho que trouxesse o conhecimento sobre a África e as culturas que lá existem e que foram trazidas para o Brasil, como forma de valorizar o

¹⁶ Curso de formação para o trabalho com as questões étnico-raciais.

negro e sua história, mas destacou que não encontrava os materiais. Por isso, em algumas tentativas de trabalhar a cultura negra, a Elaine logo desistia, não se fazia saber como desencadear a temática em diferentes disciplinas que precisava ensinar, conforme prevê a grade curricular.

O convívio com outros professores do ensino fundamental, ao coordenar cursos de formação¹⁷ para professores sobre as relações étnico-raciais, me fez perceber que os professores se sentem inseguros para educar para as relações positivas e promover o conhecimento sobre história e cultura africana. Essa insegurança do professor não vem da falta de acesso a materiais e formas de trabalhá-lo, mas, na dificuldade em se aprofundar nas informações que tem acesso e articular as mesmas com as diferentes disciplinas. Acredito que a maior dificuldade está em reconhecer a visão de mundo de base africana que é, necessariamente, a base da educação da História e cultura Africana.

Em diferentes momentos, a Prof^a. Elaine disse ter sido muito importante a parceria que estabelecemos neste trabalho. Concordo com ela, nossa parceria foi realmente essencial, pois, se eu contribuí com os materiais, informações e sugestões, a Elaine contribuiu com sua experiência como professora, com o conhecimento do currículo escolar, com a vontade, com sugestões e com a prática. Juntas, construímos mais do que uma estratégia de ensino e aprendizagem, criamos estratégias de combate ao racismo e discriminações dentro da sala de aula, com repercussões fora dela. A criação dessas estratégias foi muito importante tanto para Elaine como para mim, pois crescemos enquanto professora, pesquisadora e principalmente pessoa.

A Elaine aproveitou alguns projetos que vinha realizando para trabalhar o Cantinho de Africanidades, e, na música, deu ênfase a cantores negros, como Jorge

¹⁷ Cursos realizados pelo NEAB/UFSCar no ano de 2004 na cidade de Limeira e de Santa Bárbara D'Oeste.

Aragão, Milton Nascimento e Gilberto Gil; nas lendas¹⁸ trabalhou com uma lenda africana e explicou o papel das lendas na formação das crianças e jovens africanos. Ainda neste trabalho, a professora explicou a tradição oral dos africanos e incentivou as crianças a construírem um texto sobre o que aprenderam sobre as Africanidades.

Voltando ao Cantinho de Africanidades, criamos, a professora, eu e as crianças, com os materiais que reunimos, um importante e rico material que traz informações e metodologias de trabalho, que estaremos divulgando na medida do possível. Um desafio nesta divulgação não é torna-lo apenas acessível, mas, incentivar os professores na leitura e aplicação em sala de aula das estratégias de combate ao racismo que criamos a partir do trabalho com o Cantinho de Africanidades.

Espero que as contribuições deste trabalho e de outros que possam dele decorrer, sejam importantes para professores e alunos. Eu e a Elaine reconhecemos nossas atitudes, preconceitos e julgamentos que muito atrapalhavam nosso desenvolvimento enquanto pessoa e professora, por isso, espero que outros professores também reconheçam e mudem suas atitudes, pois ninguém educa ninguém, mas pelo que se tendem a ensinar é que outros tendem a aprender.

Os professores precisam ser preparados para trabalhar as questões étnico-raciais e a cultura negra em sala de aula, precisam receber da Secretaria de Educação incentivo e condições de trabalho, é importante que seja disponibilizado materiais para que os professores tenham acesso às informações e busque cada vez mais recursos para trabalhar a temática étnico-racial com seus alunos.

Considero que o trabalho com o Cantinho de Africanidades também contou com a formação da professora, mas a minha preocupação, que também era de outras pessoas que conheceram o projeto, girava em torno da continuidade ou não do trabalho pela

¹⁸ O que chamou lendas são na verdade mitos africanos. Esse trabalho da professora leva a perceber a importância em se trabalhar, com as crianças, o que seja lendas e mitos.

Elaine, quando já não mais estivesse na sala de aula com ela. Foi com alegria que vi no decorrer do ano letivo de 2004 a professora desenvolvendo o projeto Cantinho de Africanidades com seus alunos. Após o trabalho desenvolvido, a professora se motivou a buscar novas informações, a construir outros materiais e metodologias e trabalhar novamente com as crianças o Cantinho de Africanidades, se valendo do que já possuía e de novos materiais.

Os professores, a exemplo da Prof^a. Elaine, devem executar, como diz Goodiwin (2004), uma Pedagogia Emancipatória, em que as idéias e identidades dos alunos são consideradas tão centrais quanto tudo aquilo que os professores querem ensinar. Neste caso, tem-se o que Ladson-Billings (s/d) destaca como uma relação social culturalmente relevante, em que o relacionamento entre professor e estudante é fluente e se estende para além da sala de aula e da comunidade. O professor demonstra ligação com todos os seus alunos e incentiva a aprendizagem que deve ocorrer em colaboração mútua.

No trabalho que desenvolvemos, a Prof^a. Elaine e eu, com o Cantinho de Africanidades, as crianças, suas diferenças e suas identidades eram o centro do processo ensino-aprendizagem. A Prof^a. Elaine, tem postura profissional com seus alunos, que conduz a uma relação social culturalmente relevante. Ao decorrer do ano letivo, buscou conhecer seus alunos por meio das histórias que contavam e pelo contato com as famílias e a comunidade à qual pertenciam, ela sempre buscava ajudar, motivar e incentivar os alunos em suas aprendizagens e, considerava as diferenças de cada um, aproveitando essas diferenças para um ensino em que os diferentes se ajudavam – colaboração.

A experiência desenvolvida por mim – pesquisadora, juntamente com a professora Elaine Bedendo na escola EMEB Prof^a. Afonso Fioca Vitali (CAIC), em São Carlos/SP – mostra que, quando os professores sentem a importância de desenvolver trabalhos de

valorização das diferentes culturas que compõem a nação brasileira e a identidade pessoal de cada aluno, podem diminuir as discriminações e preconceitos entre as crianças da sala, pois elas se reeducam, passam a respeitar os outros, suas diferenças, os grupos do qual fazem parte, suas culturas e suas histórias. Como se vê, a experiência desenvolvida com o Cantinho de Africanidades mostra que ao valorizar as diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira, as escolas estarão contribuindo para as relações positivas entre seus alunos.

5.2. O Cantinho de Africanidades e a minha formação enquanto pesquisadora e professora.

A experiência de realizar esta pesquisa e que resultou na minha dissertação de mestrado, constitui-se numa experiência riquíssima para minha formação enquanto pesquisadora. No decorrer do trabalho, fui aprendendo a pesquisar, a distinguir pesquisa de intervenção, mas, principalmente fui compreendendo a importância da pesquisa para mudanças na educação, na sociedade e, notadamente, na vida das pessoas. A pesquisa nos torna mais sensíveis aos problemas sociais, nos faz questioná-lo com maior frequência e, o mais importante, nos leva à busca constante de soluções que resolvam, ainda que parcialmente, esses problemas. Assim, além de me formar, enquanto pesquisadora, esta experiência também contribuiu para minha complementação como professora, já que sou formada no Ensino Médio em magistério e na graduação em curso de Pedagogia.

Durante todo o curso de magistério, em nenhum momento aprendi que as diferenças entre os alunos, suas culturas e histórias deveriam ser consideradas no processo ensino-aprendizagem; em relação à cultura negra, simplesmente, não existia nenhuma informação ou incentivo à sua utilização em sala de aula. No curso de

Pedagogia, em que se formam professores para atuar no ensino fundamental e até mesmo formar outros professores (magistério), não existe preparo para desenvolver trabalhos de valorização dos alunos provenientes de outras culturas, muito menos das africanas, que são em maior número em nossa sociedade. O pouco que conheci durante a Pedagogia¹⁹, foi com a Prof^a. Petronilha, que sempre trazia para a sala de aula discussões em torno do multiculturalismo; além dela, nenhum professor se preocupava com essa questão.

Considero que esta pesquisa me formou enquanto professora em diferentes circunstâncias: por estar presente na sala de aula diariamente, conhecendo o dia-a-dia de uma professora e de seus alunos, o processo de ensino e, principalmente, os avanços que os alunos tinham em relação à aprendizagem; também, por estar em contato com uma professora, conhecer seus conflitos, suas dúvidas e necessidades, seus interesses, suas experiências e as preocupações com os alunos; e, finalmente, por eu me tornar uma professora-pesquisadora, já que buscava em livros, revistas, jornais, internet, consulados de países africanos no Brasil, informações, textos, imagens, atividades, enfim, materiais que pudessem ser trabalhados com os alunos e que trouxesse para eles o conhecimento sobre a história e cultura dos negros na África, no Brasil e na Diáspora.

Para mim, foi muito importante conviver e aprender com uma professora muito mais experiente do que eu, no exercício da docência. Na tradição africana, esse processo de aprendizagem é muito importante, pois os mais experientes são responsáveis pela educação e formação dos menos experientes.

Pude aprender, juntamente com a professora, a incorporar ao currículo escolar da 4^a série o material trabalhado com os alunos e, o mais importante, percebi que o professor deve sempre se colocar na condição de aprendiz, pois a cada momento, temos

¹⁹ Conclui meu curso superior em 2001.

a necessidade de aprender e buscar novos conhecimentos, que contribua para a formação de nossos alunos.

Com esta experiência, aprendi que ser professora e pesquisadora é – como diz Freire (1996) –, ensinar, aprender e pesquisar, é lidar com dois momentos da teoria do conhecimento: o que se ensina e o que se aprende o conhecimento já existente; e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. No trabalho com o Cantinho de Africanidades, a Prof^a. Elaine e eu nos tornamos professoras, aprendizes e pesquisadoras, aprendizes de uma nova cultura que foi pesquisada para formar um novo conhecimento a ser trabalhado em sala de aula com os alunos.

5.3. O Cantinho de Africanidades e as crianças

Como vimos no decorrer deste trabalho, o racismo, o preconceito e a discriminação, são elementos presentes na escola e afetam principalmente as crianças negras.

Durante esta pesquisa que teve como intervenção um Cantinho de Africanidades em sala de aula, percebemos, não diferente do que mostram autores como Chagas (1997), Cunha Jr (1999; 2001; 2003), Gonçalves L. e Silva P. (1998), Lopes (1987; 1988), Silva C. (1995), o sofrimento que as crianças negras enfrentavam na sala de aula e na escola devido atitudes discriminatórias praticadas pelos próprios amigos, brancos e até mesmo negros.

As atitudes discriminatórias e a falta de referências positivas, fazem com que as crianças negras tenham uma baixa auto-estima, não gostando de si, de seu jeito, de suas características e de sua origem (King, 2002).

Quando a criança negra está com a auto-estima baixa, também demonstra um problema de identidade, pois não se identifica com seu grupo étnico-racial e sente o

desejo de ser diferente, de não ser identificada com um grupo desvalorizado, por isso, quando as crianças negras são questionadas sobre sua cor, como foi o caso desta pesquisa, se identificam como morenas, morenas claras ou escuras, um pouco preta, marrom ou até mesmo branca.

Quando as crianças se classificam como morenas ou brancas, estão, até onde pude verificar, nos alertando para um problema de auto-estima e identidade, estão possivelmente nos mostrando que não querem ser negras e sim brancas, já que apenas essas pessoas são valorizadas e respeitadas na sociedade brasileira. As crianças da 4ª série C. não queriam ser e não se diziam negras, mostravam a todo instante que ser negro era motivo de riso entre os amigos brancos que se sentiam superior e melhores, como também entre os negros, que não se reconheciam como tal.

Cunha Jr (1999 e 2003); Cavalleiro (2000); Pare (1991 e 2000); Silva P. (1998) entre outros autores, destacavam a importância e necessidade em desenvolver trabalhos que valorizem o negro, sua história e sua cultura, como forma de contribuir para o aumento da auto-estima das crianças negras e a identificação com seu grupo étnico-racial. Com esses estudos surgia a ideia de se criar na sala de aula um Cantinho de Africanidades.

O Cantinho de Africanidades foi uma experiência pedagógica, foi um momento em que se conheceu a cultura negra, os aspectos da história brasileira e da africana, os conhecimentos, sentimentos e sofrimentos das pessoas negras, enfim, foi a oportunidade que todas as crianças tiveram de conhecer os negros e sua história, positivando dessa maneira, as relações entre negros e brancos. Foi uma experiência pedagógica em que os conhecimentos permitiam que as crianças negras se sentissem seguras, contentes por pertencer a povos que possuem cultura, e também aprenderam a reclamar seus direitos quando sofrem preconceitos e discriminações. Já as crianças brancas deixaram de

relacionar os negros unicamente à condição de escravos, para considerá-los descendentes de um povo que foi muito importante para o nosso país, para a nossa cultura e para a nossa economia, além de passarem a rever suas posturas e atitudes.

As diferenças, principalmente as que existiam na sala de aula, eram motivos de preconceitos e atos de discriminação. No início do ano, percebíamos muitas ofensas entre as crianças por serem negras, serem gordas ou magras, usarem óculos ou aparelho; enfim, o diferente incomodava e era motivo de caçoada. No final do ano, as próprias crianças reconheceram que aquelas atitudes não eram corretas e afirmaram não mais praticá-las. No entanto, torna-se importante destacar que, se em relação ao negro as atitudes de discriminação não mais ocorriam, elas continuavam em relação ao ser gordo, magro ou usar algum acessório, embora acontecessem com menor frequência. Nessas ocasiões, as próprias crianças se davam conta de suas atitudes e tentavam concertá-las. Isso tudo nos mostrou que, se eu combato uma forma de discriminação, tenho que combater todas; então, desenvolver um trabalho de valorização é o caminho para eliminar atitudes de discriminação, preconceito e racismo entre as crianças.

Os objetos do Cantinho de Africanidades também eram alvo de discriminação e preconceito no início do ano. Algumas vezes presenciei as crianças rindo de algumas imagens de pessoas negras, de bonecas negras, de roupas africanas, fazendo piadinhas sobre manifestações religiosas africanas. Ao conhecerem a história, porém, passaram a respeitar e a valorizar as pessoas negras, inclusive em imagens; as bonecas tornaram-se objeto desejado pelas meninas e até mesmo pelos meninos; as manifestações religiosas de origem africana começaram a aparecer em produções dos alunos; entre os alunos ninguém disse freqüentá-las, mas os personagens das histórias que criavam, passaram a ter como religião o Candomblé e a Umbanda, o que representou um grande avanço e o

início de uma conscientização da importância em se respeitar as diferentes crenças e quem delas fazem parte.

Um dos resultados significativos da proposta e da dinâmica do Cantinho de Africanidades foi influenciar positivamente as relações étnico-raciais, desconstruindo situações de discriminação em sala de aula, sem que chamássemos a atenção das crianças a todo o momento, dizendo que aquilo era errado, pois esse tipo de atitude só contribuiria para constranger as crianças e não resolveria o problema. O resultado que alcançamos – relações positivas entre brancos e negros – foi fruto de um trabalho desenvolvido no decorrer do ano letivo, no qual buscamos positivar os negros, sua cultura e história.

Fomos notando e sentindo que as crianças, negras e brancas, após as experiências provocadas com atividades decorrentes do Cantinho de Africanidades, tornaram-se mais observadoras das situações de preconceitos e discriminações. Quando ocorriam na sala de aula, as crianças chamavam a atenção e logo pediam desculpas, mas, se ocorriam fora da sala de aula, traziam para as rodas de conversas e textos que produziam. As crianças negras tornaram-se mais conscientes das situações vivenciadas por elas e pelas pessoas negras da sociedade. Já as brancas, percebiam e buscavam corrigir suas atitudes, que carregavam preconceitos e discriminações.

A medida que as crianças foram reconhecendo-se preconceituosas e racistas, compreenderam que tais atitudes eram reflexos da falta de conhecimento a respeito da contribuição dos negros para a história da humanidade. Muitas crianças, brancas e negras, destacaram que, ao conhecer a importante história e cultura do povo negro, começaram a criticar suas próprias ações quando eram depreciativas e foram deixando de lado os preconceitos e as atitudes discriminatórias.

O trabalho desenvolvido com a história e cultura do povo negro do Brasil, da África ou da Diáspora, objetivou atingir crianças negras e brancas, e isso foi possível no momento em que houve envolvimento de ambas em atividades que introduziram esta cultura. Este trabalho também permitiu às crianças, conhecerem a si próprias e a sua origem, tendo como base o outro que é diferente de si.

Santos I. (2001) enfatiza, e a intervenção realizada nesta pesquisa mostrou, que o racismo deixa de ser um problema do discriminado para se tornar um problema de todos, assim, tratar a discriminação racial na escola não significa de modo algum, ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, numa tentativa de superar problemas de auto-estima, a pretensão do trabalho foi permitir que as crianças negras e brancas se conhecessem e instaurassem novas formas de relação e pudessem, dessa forma, construir uma imagem positiva de si mesma e das outras pessoas. Neste sentido, o Cantinho de Africanidades trouxe influências positivas no que diz respeito à identidade e auto-estima das crianças brancas, na medida em que passaram a dar demonstrações que não mais se sentiam superiores e melhores que as negras e essas, a não sentirem-se desvalorizadas e inferiores. E assim, uns e outros passaram, gradativamente, a entender que a igualdade requer ter reconhecidas e valorizadas o que uns e outros tem de diferente.

Munanga (2000) destaca que o resgate da memória e história do povo negro não interessa apenas a pessoas negras, mas também a pessoas de outras ascendências, principalmente a branca, pois todas recebem uma educação envenenada de preconceitos que afetam suas estruturas psíquicas. Também esclarece que a memória do povo negro pertence a todos, já que fazemos parte de uma cultura que é fruto de todos os segmentos étnicos.

O autor confessa acreditar que a educação é capaz de oferecer a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre os grupos, introjetados pela cultura racista. O trabalho com o Cantinho de Africanidades comprovou que isso é possível, visto que todas as crianças, negras e brancas, perceberam que, embora sendo diferentes, têm o mesmo valor e o mesmo direito de qualquer cidadão, de qualquer ser humano. Os negros também são e foram importantes para a construção da nossa cultura, de nossa economia e do nosso país. As crianças disseram em alguns momentos que “nenhuma cultura é melhor que a outra, mas que todas são importantes para a formação da sociedade”, mostrando-nos que compreenderam a importância em conhecer e valorizar as diferentes culturas. Gonçalves L. e Silva P., 2003, destacam que a educação precisa reconhecer a sociedade como multicultural que ela é, conhecendo as diferenças e reconhecendo os diferentes grupos, deixando de identificar diferença com desigualdade.

Quando as crianças brancas conheceram a história e cultura negra, passaram a compreendê-la, a respeitá-la e a melhor se integrar e se relacionar com as pessoas que dela faziam parte. Não mais observávamos na sala de aula, crianças brancas xingando, fazendo piadas ou desprezando as crianças negras; já as crianças negras, reconstruíram seu auto-conceito e sua auto-estima, identificando-se positivamente como negras. Silva A. (2000), salienta que ao ensinar às crianças que a diferença é bela, que a diversidade é enriquecedora e não sinônimo de desigualdade, estamos possibilitando que as crianças exerçam sua cidadania e acolham as diversas culturas presentes na sociedade de forma valorativa, como ocorreu com as crianças da 4^a série C, com as quais trabalhamos o Cantinho de Africanidades.

Percebemos a importância do conhecimento para a valorização da pessoa e de sua cultura, pois as crianças com as quais trabalhamos, fossem negras ou brancas, sentiam-

se felizes e valorizadas por conhecerem algo que outras crianças não conheciam, além disso, demonstraram em diferentes momentos gostar e sentir-se orgulhosas em saber sobre uma cultura que é esquecida ou não é conhecida pela sociedade, até mesmo por muitos negros.

A professora e eu tivemos, no princípio, um pouco de insegurança em trabalhar a questão da religião de raiz africana, por existirem na sala muitas crianças evangélicas e por preocupação com a reação dos pais, mas procuramos trabalhar de forma a informar a existência e os princípios da Umbanda e do Candomblé, sem maiores envolvimento. Nosso empenho deu certo, talvez tivesse faltado ir um pouco mais fundo; contudo, o que trabalhamos possibilitou que as crianças conhecessem, deixassem de lado o pré-conceito e manifestassem respeito às religiões e os integrantes que delas fazem parte.

Quanto às vestimentas africanas, o estranho passou a ser conhecido e valorizado. Exemplo disso, foi a reação das crianças quando o Prof. Hassimi Maiga (Mali), esteve visitando-os. O Prof. estava vestindo roupas típicas africanas (uma túnica que lembra um vestido), deixando as crianças encantadas, queriam tocar, saber o nome, quem a fizera. Enfim, as vestimentas do prof. chamaram a atenção das crianças e não havia caçoadas, mas sim interesse e admiração. Outro momento foi quando levamos indumentárias de raízes africanas para o Cantinho de Africanidades e todos queriam vesti-las e tirar fotografia com elas. Vimos mais uma vez a importância do conhecimento para a valorização, para o respeito e, até mesmo, para a adesão a algo diferente que antes era desconhecido.

As crianças, negras e brancas, passaram a estar mais atentas às coisas que viam e ouviam sobre a África, sobre os negros e sua cultura; traziam para a sala de aula qualquer informação que viam na TV, que encontravam em livros, revistas ou jornais, como também qualquer objeto que lembrasse o que estávamos trabalhando no Cantinho

de Africanidades. Nos dias em que freqüentavam a biblioteca, alguns alunos traziam para eu ver, livros que haviam retirado e que continham trechos falando sobre os negros e sua história como, por exemplo, a capoeira e os quilombos. No entanto, cabe mencionar que as crianças sempre reclamavam que pediam livros sobre a cultura negra e que a bibliotecária sofria para encontrar alguma coisa, pois não havia quase nada a respeito.

É importante destacar que as bibliotecas escolares estão defasadas em relação às questões étnico-raciais, tanto para o estudo dos professores como para o acesso dos alunos. A professora, inclusive, salientou que aquele não era um problema especificamente da escola, pois nas listas que chegam até os professores para a escolha dos livros, não constam materiais com temáticas envolvendo a cultura negra ou mesmo as questões raciais. Nós nos deparamos novamente com a falta de materiais para que as crianças tenham acesso à informação, além da má qualidade dos materiais que estão disponíveis na escola.

Como já foi dito, o trabalho com o Cantinho de Africanidades, trabalho este que mostrou e valorizou a história, a cultura, as lutas e as vitórias que seu povo negro passou e deixou como herança para o povo brasileiro, as crianças brancas foram sentido-se na responsabilidade de mudar suas atitudes em relação ao negro e as diferentes manifestações que fazem parte de sua cultura, respeitando-os e valorizando-os. Já as crianças negras, foram se construindo enquanto negras, pois sentindo sua história, sua cultura e seu povo sendo valorizados, também se auto-valorizaram, construindo um auto-conceito positivo de si, a auto-estima foi aumentando e, com isso, foram identificando-se como negras que são, confirmando o que Souza (1983) nos dizia: “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

As crianças tornaram-se negras, passaram, como bem mencionou a professora Elaine em sua fala, a assumirem-se negras sem medo e restrições, resultado de um trabalho de valorização do negro e sua cultura, desenvolvido durante o ano. Além disso, o trabalho desenvolvido permitiu a eliminação de estereótipos que são criados em relação ao negro e sua cultura, como também despertou a curiosidade das crianças para o desconhecido - cultura negra.

5.4. As repercussões do trabalho com o Cantinho de Africanidades

O trabalho com o Cantinho de Africanidades ficou muito conhecido no âmbito da rede escolar do Município de São Carlos. Professoras de outras escolas da cidade de São Carlos, ao tomarem conhecimento desta experiência, convidaram-nos para levá-la aos seus alunos em outras duas escolas da cidade, quando se foi divulgando o conhecimento sobre a cultura negra, por intermédio das próprias crianças, que participavam ativamente do processo.

Além das escolas, as pessoas da cidade tiveram acesso a este trabalho por meios de comunicação, como o jornal²⁰ que circula na cidade, que divulgou a experiência com o Cantinho de Africanidades e uma reportagem na EPTV²¹ (Jornal Regional da Rede Globo) que mostrou o trabalho e a visita do Prof^o. Hassimi Maiga e da Prof^a. Joyce King.

As famílias acompanharam todo o processo do Cantinho, os pais sempre diziam à professora o quanto o trabalho estava sendo importante e interessante para as crianças,

²⁰ Jornal A Folha – Diário Regional. *Sala de Africanidades: trabalhando a cultura negra com os alunos. São Carlos, 10/08/2003*, pg. 01 e 03

²¹ Jornal Regional – EPTV. *Trabalhando as Africanidades e o gibi “Zumbi e o Dia da Consciência Negra”*. Transmissão dia 03/10/2003

já que era algo desconhecido, mas que se referia a muitos deles. A sala de Africanidades, que montamos no meio do ano de 2003, representou um importante espaço para que os pais vissem os resultados desse trabalho, como também a comunidade, e as demais pessoas da escola, direção, funcionários, professores e alunos. Do que observamos, todos gostaram da Sala de Africanidades e se impressionavam com muitos objetos e trabalhos feitos pelas crianças, que ali estavam.

Esta experiência foi enviada para um concurso lançado pelo CEERT²², e foi premiado como o terceiro melhor trabalho desenvolvido no ensino fundamental de 1ª à 4ª série. Constitui para a Profª Elaine e para mim, uma grande vitória ver que, além dos resultados que conseguimos entre as crianças, também está o nosso trabalho sendo reconhecido como uma experiência significativa no ambiente escolar.

Além de a experiência ser divulgada nas formas acima destacadas, também procuramos transmiti-las a outros professores. Em curso de formação para as questões étnico-raciais, oferecidas para professores das cidades de Limeira e de Santa Bárbara D'Oeste, nos quais o NEAB/UFSCar foi convidado a participar com suas experiências, levamos aos professores imagens do trabalho desenvolvido, assim como materiais que foram utilizados, como os existentes no Cantinho de Africanidades, os textos e planos de aulas que elaboramos e utilizamos. As professoras desses cursos mostraram-se surpresas e diziam que não pensavam ser possível um trabalho como aquele. O interesse foi expresso pelas conversas, pela solicitação de referências, materiais; enfim, buscavam suporte para desenvolver um trabalho semelhante.

Nesses cursos, chamou-me, sobremaneira a atenção quando uma professora branca veio até mim e disse ter ficado surpresa ao chegar naquele curso e encontrar pessoas brancas defendendo a causa negra; disse ter imaginado que só haveria negros

²² Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – II Prêmio Educar para a Igualdade Racial, ano de 2004.

falando, mas quando se deparou com brancos também, pensou: “Esta é uma luta que deve ser de todos, inclusive minha que sou branca, e não só dos negros, pois tenho alunos negros e brancos e devo valorizá-los igualmente, e como educadora branca, devo lutar por todos”. É isso que desejamos, que todos percebam a importância da luta pelos negros, brancos, índios, orientais, enfim, por todos aqueles que são diferentes, independentemente de pertencermos ou não a esses povos, pois como nos diz Paulo Freire (2001, p.70): *“A luta contra as discriminações, contra a negação do nosso ser só levará à vitória se realizarmos o óbvio: a unidade na diversidade”*.

Como já vimos, os resultados foram além do que poderíamos. As crianças gostaram da minha presença na sala e, neste ano de 2004, recebi cartas de diversos alunos, contando novidades e acontecimentos que envolvem a temática que trabalhamos no Cantinho de Africanidades. Em uma dessas cartas o aluno, agora na 5ª série, me conta que argumentou com uma de suas professoras sobre a origem da capoeira, que ela dizia ser dos brancos e o aluno informava-a de que foram os negros escravos quem a inventaram; em outra carta, outro aluno me conta que foi até a biblioteca e achou um livro muito interessante sobre contos populares de Angola, e me passa inclusive a referência. Isto é um exemplo que nos mostra que entre os alunos, alguns se tornaram mais atentos às questões concernentes ao negro e sua cultura, mudaram seus posicionamentos e buscaram, a todo momento, conhecer e também ensinar a outros, o conhecimento que adquiriram.

Podemos considerar a experiência com o Cantinho de Africanidades uma prática de educação das relações étnico-raciais já que atende o que o Parecer CNE/CP 003/2004 nos define como sendo esta educação: “reeducação das relações entre negros e brancos”. Além disso, a experiência nos ofereceu elementos para refletir sobre a Pedagogia anti-racista e seus objetivos:

“Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influencias, a contribuição e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com outras pessoas, notadamente as negras.”

(Parecer CNE/CP 003/2004, p.15)

Acredito que este trabalho com o Cantinho de Africanidades foi muito significativo para as crianças, para suas famílias, para a professora e para a pesquisadora, pois nos mostrou o quanto são importantes e necessários trabalhos de valorização para que haja respeito entre as pessoas, suas culturas, suas origens, suas histórias e suas opções. Só assim, conseguiremos eliminar o preconceito, o racismo e a discriminação de nossa realidade social, melhorando, conseqüentemente, as relações étnico-raciais e possibilitando o respeito ao ser humano. Caberá a realização de novos estudos a partir deste, quanto a requisitos necessários para delinear uma Pedagogia Anti-Racista.

Referências Bibliográficas

ALGARVE, V. A. Auto-Estima de Crianças Negras em Escola Pública de São Carlos. In: *ANAIS - 4a Jornada Científica da UFSCar*. São Carlos: UFSCar/Propg/Proex, 2001 (a). CD-ROM.

ALGARVE, V. A. Conhecimento da Cultura como influência na Auto-estima e identidade de crianças negras. In: *ANAIS - II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros*. São Carlos: UFSCar, 2002.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000, p. 111-118.

ARAÚJO, Joel Zito. Estratégias e políticas de combate à discriminação racial na mídia. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial*. São Paulo, 1996, p.143-251.

BANDEIRA, Lourdes e BATISTA, Anália Soria. Preconceito e Discriminação como expressões de Violência. *Revista Estudos Femininos*, v. 10, n.1. Florianópolis, jan/2002.

BANKS, James A. & SILVA, Petronilha B. G. Citizenship and Education in Brasil: The contribution of Indian People and Blacks in the Struggle for Citizenship and Recognition de *Diversit and Citizenship Education*, Globa Percepives, 2003, 485 p.

BARBOSA, Irene Maria Ferreira. Socialização e Identidade Racial. *Cadernos de Pesquisas Fundação Carlos Chagas*, n. 63, novembro/1987, p. 54-55.

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. Edição revisada e atualizada por Helena Bonito C. Pereira. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

CAMPOS JR, Pe. João. *A criança negra na escola*. São Paulo: Salesianas, 1999.

CAMPBELL-WHATLEY, Gloria D.; COMER, James P. Source: *Teacher Education and Special Education*, v. 23 n.1 (Winter 2000) p. 19-31, ISSN: 0888-4064. Number: BEDI00009350. Copyright: The magazine publisher is the copyright holder of this article and it is reproduced with permission. Further reproduction of this article in violation of the copyright is prohibited.

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. São Paulo: Summus, 2000.

CAVALHEIRO, Eliane dos Santos. Identificando o Racismo, o Preconceito e a Discriminação racial na escola. In: LIMA, J. C.; ROMÃO, J. e SILVEIRA, S.M.

(orgs.). *Os negros e a Escola brasileira*. Florianópolis: NEN, n. 6, 1999, p. 49-80. (Série Pensamento Negro em Educação).

_____. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

CHAGAS, Conceição Correa das. *Negro, uma identidade em construção, dificuldades e possibilidades*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CIRINO, Vera. Relato sobre a Criança Negra na Escola. In: SANTOS, Ana Paula; Ciarlo, Ana Maria e Ciarlo, Marco Antônio (orgs). *A criança negra e a escola: Coleção Projeto “Salve 13 de Maio?”* São Carlos: NEAB/Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 2001, CD Rom

CONCEIÇÃO, Fernando. Mordendo um cachorro por dia. No Brasil a mídia retrata a imagem do negro com três “l”: lúgubre, lúdico e luxurioso. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial*. São Paulo, 1996, p.253-259.

CRUZ, Manoel de Almeida. Pedagogia Interétnica. In: *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*, nov/1987, n. 63.

CUNHA JR, Henrique. As estratégias de combate ao racismo. Movimentos Negros na escola, na universidade e no pensamento brasileiro. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial*. São Paulo, 1996, p.147-156.

_____. Africanidades, Afrodescendência e Educação. *Revista Educação em Debate*. Fortaleza, ano 23, n.42, v. 2, 2001, p.05-15.

_____. *A inclusão da história Africana no Tempo dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Disponível em: <<http://www.mulheresnegras.org/azoilda.html>> Acesso em: 06 de julho de 2003.

DOMINGUES, Petrônio José. *Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930*. Estud. afro-asiáticos [on line], 2002, v. 24, n. 3. [citado 13 setembro de 2003] p. 563-600. Disponível em www.scielo.br/scielo.php. ISSN 0101-546X.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed., 1993.

FERREIRA, Ricardo Alexino. A desconstrução do estereótipo nos meios de comunicação social. In: BARBOSA, L. M. A. ; SILVA, P.B.G. e SILVÉRIO, V. R. (orgs.). *De preto a Afro-descendente*. São Carlos: EDUFSCAR, 2003, p. 221-226.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. *À Sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 2001.
GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

GODOY, Eliete Ap. de. Refletindo a Construção do autoconceito e da auto-estima pela criança negra. In: LIMA, J. C.; ROMÃO, J. e SILVEIRA, S.M. (orgs.). *Os negros e a Escola brasileira*. Florianópolis: NEN, n. 6, 1999, p. 37-88. (Série Pensamento Negro em Educação).

GONÇALVES, Luiz Alberto e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Multiculturalismo e educação: um protesto de rua a propostas políticas. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.29, n. 1, 2003, p. 109-123.

GOMES, Nilma Lino. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In: BARBOSA, L. M. A. ; SILVA, P.B.G. e SILVÉRIO, V. R. (orgs.). *De preto a Afro-descendente*. São Carlos: EDUFSCAR, 2003, p. 137-150.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.29, n. 1, 2003, p. 167-181.

GOODWIN, Susan. Emancipatory Pedagogy. In: GOODWIN, S. & SWART, E. *Teaching Students of Color: Seven Constructs of Effective Teaching in Urban School*. New York: RTA Press, 2004, p.36-51.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, ed. 34, 1999.

_____. *Como trabalhar com "raça" em sociologia*. Educação Pesquisa, jan/jun. 2003, v. 29, n. 1, p. 93-107.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOFBAUER, Andreas. Raça, cultura e identidade e o "racismo à brasileira". In: BARBOSA, L. M. A. ; SILVA, P.B.G. e SILVÉRIO, V. R. (orgs.). *De preto a Afro-descendente*. São Carlos: EDUFSCAR, 2003, p. 137-150.

KARENGA, M. *Introduction to Black Studies*. 7. ed. Los Angeles, CA: University of Sankore Press, 1991.

KING, Joyce E. Usando o Pensamento Africano e o conhecimento nativo da comunidade. In: GOMES, N.L. e SILVA, P.B.G. (orgs.). *Experiências Étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KLEIN, Helen Altman. Source: *Childhood Education*, v. 76 n.4 (Summer 2000). ISSN: 0009-4056 Number: BEDI00010596 .Copyright: The magazine publisher is the copyright holder of this article and it is reproduced with permission. Further reproduction of this article in violation of the copyright is prohibited.

KREUTZ, L. Identidade Étnica e Processo Escolar. In: *Cadernos de Pesquisa* - Fundação Carlos Chagas. Ed. Autores Associados, n. 107, junho/1999, p. 199-231.

LADSON-BILLINGS, Glória. *The dreamkeepers*: successful teacher of African American children. 1st ed. (The Jossey-Bass education series), s/d, p. 54-77.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: um breve perfil na Literatura Infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000, p. 95-110.

LOPES, Ademil. *Escola, socialização e cidadania*: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos. São Carlos: EDUFSCAR, 1995.

LOPES, Helena Teodoro. *Educação e Identidade*. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, n. 63, nov/1987, p. 38-40.

_____. A discriminação racial na escola. In: MELO, R. L. C. e COELHO, R. C. (orgs.) *Educação e Discriminação dos Negros*. Belo Horizonte: IRHJP, 1988, p. 53-58.

LOPES, Vera Neuza. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000, p. 183-202.

MACHADO, Vanda. *Ilê Axé: a vivência e invenção pedagógica, crianças Apo Afonjá*. Salvador: EDUFBa, 2002.

MEMMI, Albert. *O Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MUDIMBE, V. Y. *The invention of África; Gnosis, philosophy, and the order of knowledge*. London, Indiana University Press, James Currey, 1988.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

OLIVEIRA, Rachel. *A Identidade do Negro brasileiro*: implicações para a educação de mulheres e homens negros e brancos. Trabalho apresentado no Seminário em Educação- O negro brasileiro. Educação e Cultura: PUC/RS, 1998.

_____. *Preconceito, discriminação e formação de professores* - do proposto ao alcançado. São Carlos: UFSCar, 2001. (Tese de Doutorado)

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Cosmovisão Africana no Brasil*: para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

OLTRAMARI, Leandro Castro. *Discriminação, Educação e Identidade*. Disponível em: <http://www.virtual.udesc.br/html/documentos/artigo%20leandro_castro.doc> Acesso em 27 de set. de 2003.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: *apresentação dos temas transversais*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PARÉ, Marilene. O Desenvolvimento da Auto-estima da criança negra. In: TRIUMPHO, Vera (org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991, p. 29-37.

_____. *Auto Imagem e auto-estima na criança negra*: um olhar sobre o seu desempenho escolar. Porto Alegre, 2000. (Dissertação de Mestrado).

PARECER CNE/CP 003/2004. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Conselho Nacional de Educação/CP, aprovado em 10/03/2004.

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE: *guia de elaboração*. Brasília: TEM, Acessória Internacional, 2000.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e Anti-Racismo na educação*: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001, p. 161-178.

SANT'ANA, A. O. de. História e Conceitos Básicos sobre Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, K. (org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2000, p. 31-60.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Rompendo as barreiras do silêncio: Projetos pedagógicos discutem relações raciais em escolas da rede municipal de Belo Horizonte. In: *Negro e Educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro*. São Paulo, 2001. (Ação Educativa/ANPED/Fundação FORD)

SANTOS, Ana Paula; Ciarlo, Ana Maria e Ciarlo, Marco Antônio (orgs). *A criança negra e a escola*: Coleção Projeto "Salve 13 de Maio?" São Carlos: NEAB/Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 2001, CD Rom.

SANTOS, Ana Paula. Sala ambiente de Africanidades, um laboratório de Direitos Humanos. In: *Anais do VIII Congresso de Jovens Pesquisadores da A.U.G.M.* São Carlos, 2000, p.23.

SANTOS, Gislene Ap. *A invenção do "ser negro"*: um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: EDUC/FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Hélio. *Discriminação Racial no Brasil*. Disponível em: <<http://www.mulheresnegras.org>> acesso em 21 de jan. de 2004 às 22:00:08.

_____. Discriminação Racial no Brasil. In: SABOIA, Gilberto Vergne (org). *Anais de Seminários Regionais para Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação, Xenofobia e Intolerância Correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001, p. 81-102.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e Anti-racismo na escola**: repensando nossa escola. São Paulo: SUMMUS, 2001, p.97.

SECRETARIA da Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **A escola de Cara Nova: sala ambiente**. São Paulo: SE/CENP, 1997.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO/CED, 1995.

_____. A desconstrução da Discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000, p. 13-30.

_____. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **A identidade da Criança Negra e a Educação Escolar**. Palestra proferida durante o seminário “Cultura e Discriminação Negra na Escola”. Rio Grande do Norte, 1998.

_____. **Formação da Identidade e Socialização no Limoeiro**. Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, n. 63, nov/1987, p. 141-147.

_____. Espaço para Educação das Relações Interétnicas: contribuições da produção científica e da prática docente, entre gaúchos, sobre negro e educação. In: SILVA, L.H. da. **A Escola Cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

_____. Aprendizagem e Ensino de Africanidades Brasileira. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000, p. 151-168.

_____. Relato sobre a criança negra na escola. In: SANTOS, Ana Paula; Ciarlo, Ana Maria e Ciarlo, Marco Antônio (orgs). **A criança negra e a escola**: Coleção Projeto “Salve 13 de Maio?” São Carlos: NEAB/Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 2001, CD Rom.

_____. Pode a Educação prevenir contra o racismo e a intolerância? In: SABOIA, Gilberto Vergne (org). **Anais de Seminários Regionais para Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação, Xenofobia e Intolerância Correlata**. Brasília: Ministério da Justiça, 2001, p. 103-121.

_____. Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. **Revista do Professor**. Porto Alegre: ano XIX, n. 73, jan. à mar. de 2003 (a), p. 26-30.

_____. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, L. M. A.; SILVA, P.B.G. e SILVÉRIO, V. R. (orgs.). *De preto a Afro-descendente*. São Carlos: EDUFSCAR, 2003, p.181-198.

_____ e MONTEIRO, Hilda. Combate ao racismo e construção de identidades. In: ABRAMOWIXZ, A. e MELLO, R. R. *Educação: Pesquisas e Práticas*. Campinas: Papirus, 2000.

SILVA, Petronilha B.G. e. & OLIVEIRA, Walderez de. *Iniciação de Educadores Sociais à Pesquisa Científica*. São Carlos, NEAB/UFSCar, 2000. (Texto)

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomas Tadeu da (org.), Hall, Stuart, Woodward, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000 .

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Raça e racismo na virada do milênio*: os novos contornos da racialização. Campinas/SP, s/n, 1999. (Tese de Doutorado)

_____. Ação Afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. *Cadernos de Pesquisa* [online] nov/2002, n. 117 [citado 13 set/2003], p. 219 – 246. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid> ISSN 0100-1574.

SOUZA, Andréia Lisboa. Personagens Negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e Anti-Racismo na educação*: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001, p. 195 - 213.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

TAYLOR, Charles. *Referências Filosóficas para abordar o Multiculturalismo* : A contribuição de Charles Taylor. Interpretação de Taylor, Charles. Multiculturalisme and “the politics of Recognition”, Princeton, Princeton University, 1992.

TEODORO, Maria de Lourdes. Identidade, Cultura e Educação. In: *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*, n. 63, nov/1987, p.46-50.

_____. Elementos básicos das políticas de combate ao racismo brasileiro. In: Munanga, Kabengele (org). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: EDUSP, 1996.

TRIUMPHO, Vera R. S. A questão racial e a educação: uma releitura a partir do povo negro. In: _____ (org.) *Rio Grande do Sul: Aspectos da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1991, p. 17-25.

VIEIRA, Hilda Maria Monteiro. *Pesquisa Colaborativa*: a interação necessária entre professor e pesquisador. São Carlos: UFSCar, 1996. (Dissertação de Mestrado)

ANEXOS

Anexo 1 - Atividades desenvolvidas

Anexo 2 - Lei 10639/2003

Anexo 3 - Parecer CNE/CP 003/2004

**Anexo 4 - Imagem do Cantinho de Africanidades e
CD-Rom**

ANEXO 1

Atividades desenvolvidas

**(Planos elaborados pela pesquisadora Valéria e pela
professora Elaine Bedendo)**

Aula 1 : Quem sou eu?

Objetivos:

- Conhecer as crianças com as quais será realizado o trabalho, quanto ao nome, bairro que mora, nome e profissão dos pais, religião, escola e série que está, entre outros;
- Verificar como elas se definem quanto à sua cor;
- Apresentar o trabalho que será desenvolvido com os alunos, durante o ano;

Recursos:

- 1 boneca (de origem africana ou negra)
- Folhas com pauta

Metodologia:

1. Apresentação da boneca como vinda de um país africano, como por exemplo da África do Sul;
2. Falar que a África do Sul fica próximo a alguns países que eles conhecem, como Angola, Marrocos, Egito, e destacar que ela possui uma história, pois vem de um país, tem um nome, etc.
3. Destacar que assim como a boneca, todos tem uma história, e que a professora que estará trabalhando com eles, também tem uma, e para que o trabalho seja interessante, os alunos devem conhecê-la.
4. O professor se apresenta destacando os seguintes pontos: nome, descendência, nome e profissão dos pais, quantos irmãos tem, bairro no qual reside, sua cor, cor dos cabelos e dos olhos, religião que frequenta, assim como seus amigos e suas religiões (é importante destacar algumas como Umbanda, Espiritismo, Evangélica, para que as crianças não se encabulem em dizer qual frequenta).
5. Pede-se para que cada criança fale seu nome para que você as conheça, mas, que a apresentação será feita através de uma redação com o título: quem sou eu.
6. Após as crianças se apresentarem e fazerem a redação, solicitar para que desenvolvam um desenho se representando.
7. Explicar o trabalho sobre o cantinho de Africanidades que será desenvolvido com eles.

Aula 2: História de Mateus e Pedro

Objetivos:

- Verificar como os alunos definem as crianças das imagens, quanto à cor, situação econômica (bairro em que residem, escola que estudam, profissão dos pais, passeios), religião.
- Analisar o que essas definições têm em comum com sua própria vida;

Recursos:

- Imagens (ampliadas) de duas crianças, sendo uma negra e a outra branca;
- Folhas com pauta

Metodologia:

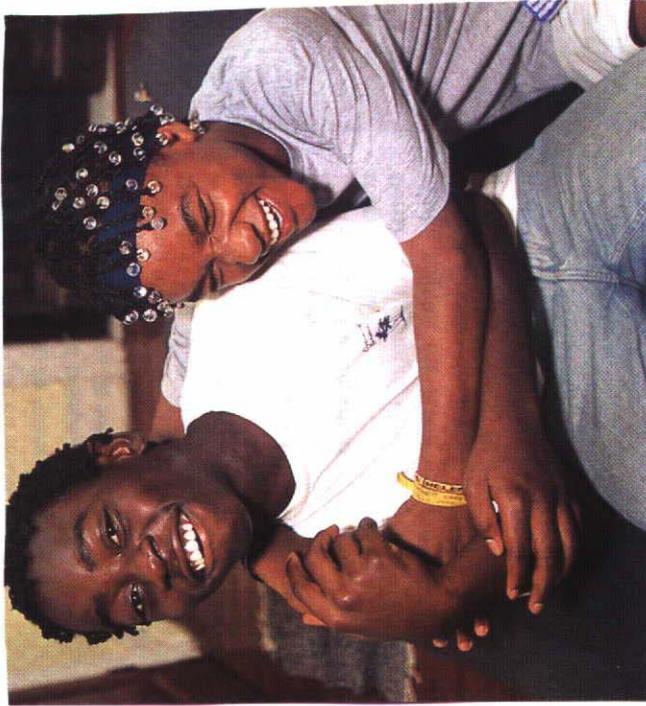
1. Em primeiro lugar, prega-se as imagens na lousa para que todos possam visualizá-las (Atividade 1).
2. Definir nome para os personagens, com o objetivo de facilitar a análise.
3. Solicitar que as crianças escrevam uma história para cada personagem. Avisar que devem também colocar os mesmos fatores de quando se descreveram (nome, onde reside, nome e profissão dos pais, nome dos irmãos, religião, escola e série que está, entre outros).
4. Destacar para as crianças que toda história tem um título, e eles devem colocar um título bem bonito para cada uma das histórias.
5. Para descontrair, pode-se ensinar uma música para que as crianças cantem:

Música

Como vai, amigo, como vai,
A sua simpatia me atrai,
Faremos tudo, tudo,
Para sermos bons amigos,
Como vai, amigo, como vai.

Atividade 1

Imagem das crianças



Aula 3: O Carnaval

Objetivos:

1. Valorizar a cultura negra;
2. Trabalhar de forma interdisciplinar, para que as crianças:
 - Compreendam a história do carnaval e suas diferenças regionais e internacionais;
 - Reconheçam as influências dos negros no samba e no carnaval brasileiro, assim como no carnaval de New Orleans;
 - Localizem no mapa as cidades e os países citados;
 - Representem o que foi estudado através de desenho e produção de texto;
 - Resolva as atividades matemáticas com sucesso.

Recursos:

- Imagens (de jornal) de carros alegóricos de diferentes escolas de samba, assim como de bonecos (Zé Pereira) ou mesmo trios elétricos;
- Confete e Serpentina;
- Símbolos de outros carnavais, como o de New Orleans (colares e Pierrô Negro)
- Música do Zé-Pereira e de carnaval;
- Folhas com pauta;
- Folhas de sulfite;

Metodologia:

1. Perguntar para as crianças o que é carnaval, se já viram, participaram.
2. Contar a origem do carnaval e do samba (atividade 1).
3. Explicar que cada região e cada país tem uma forma diferente de comemorar o carnaval, exemplificar contando sobre o Zé Pereira, bonecos utilizados no carnaval de Pernambuco/PE e Mariana/MG, e o de New Orleans/EUA (atividade 2).
4. Mostrar objetos: quando contar sobre o Zé Pereira, mostrar as imagens do mesmo para que as crianças conheçam; quando falar sobre New Orleans, mostrar os colares, e quando falar do Rio de Janeiro e São Paulo, mostrar confete, serpentina e fotos de carros alegóricos.
5. Entregar textos para as crianças sobre o que foi contado.

6. Destacar alguns pontos que mostrem a influência dos negros no carnaval: instrumentos de percussão; samba; desfiles (baianas).
7. Desenvolver uma cruzadinha com algumas palavras dos textos estudados (atividade 3).
8. Propor que as crianças desenhem sobre o carnaval.
9. Solicitar uma produção de texto sobre as influências dos negros no carnaval brasileiro e de New Orleans.
10. Desenvolver alguns problemas matemáticos fazendo uso dos objetos trabalhos no texto (atividade 4).
11. Colocar a música do Zé Pereira e passar a letra para que possam cantar (atividade 5).

Observações:

1. Essas atividades devem ser trabalhadas em mais de uma aula.
2. Anexo 6: pontos importantes a serem destacado pela professora.

ATIVIDADE 1

O Carnaval

Logo após as comemorações da passagem do ano, você vê na televisão o Rei Momo²³, a Rainha do Carnaval, samba enredo das escolas de samba, enfim, símbolos do carnaval brasileiro, anunciando que esta festa, que pára o Brasil por três ou mais dias, está chegando. Geralmente é festejado no mês de fevereiro, este ano 2003 será em março.

Os carnavais existem desde a antigüidade na Grécia e em Roma. Os primeiros cristãos, preparando-se para comemorar a Páscoa, deveriam durante quarenta dias, chamado quaresma, não comer carne. Antes de começar este período de Penitência, de oração e de abstinência de algo que lhes dava prazer, como a carne, faziam um grande festejo, então dançavam, cantavam, comiam coisas de que mais gostavam e bebiam bebidas saborosas. Esse período passou a se chamar carnaval, e até hoje antecede a quaresma para os católicos.

²³ Filho do sono e da noite, era considerado deus. Com uma de seus mãos levanta a máscara e na outra leva um cetro com uma cabeça que representa a loucura. Para os carnavalescos é o rei da folia. No Rio de Janeiro é financiado pelos cofres públicos para distribuir alegria e graça. Ao lado do Rei, temos a Rainha com o mesmo poder, e as princesas.

Para o Brasil, os portugueses católicos trouxeram uma festa popular chamada Entrudo e que precedia a entrada na quaresma. As pessoas colocavam fantasias, faziam brincadeiras, e para essas brincadeiras, usavam água, farinha, gema, cal, fuligem, entre outras coisas, que eram usados para jogar nas pessoas nas ruas. Algumas pessoas mais inconvenientes, usavam fezes e urina. Como essas brincadeiras eram muito violentas, começou-se a jogar confete e serpentina nas pessoas que andavam pelas ruas.

Os condes, nobres, reis e rainhas, dançavam nos salões, as demais pessoas brincavam nas ruas. E assim, com o passar do tempo vai cada vez mais se modificando o carnaval. Alguns grupos faziam uma massa de papel e esculpiam grandes cabeças de pessoas como se fossem grandes máscaras pintadas, e nos dias de carnaval, pessoas cobriam os corpos com roupas coloridas e na cabeça a máscara e desfilavam ao som de um bumbo e de outros instrumentos musicais, isso é o Zé Pereira. Em Mariana/MG, ainda se encontram os grupos de Zé Pereira.

Mais tarde foram criando-se outros grupos para desfilarem, chamados cordões, blocos, ranchos e escolas de samba, usavam diferentes instrumentos e ritmos musicais para desfilarem.

Quem não conhece o barulho dos bumbos, cuícas, tamborins, pandeiro, surdo, caixas, frigideiras (instrumentos de percussão²⁴) tocando marchinhas e samba?

As músicas de carnaval como o samba, tem sua origem no batuque africano. O samba foi criado nas rodas formadas por músicos que se reuniam em casa de tia Ciata, uma incentivadora da cultura de raízes africanas. Entre esses músicos que tocavam em casa de Tia Ciata estão Piscinguinha, Sinho e Donga.

Reuniões em outras famílias, como estas, aconteciam para cantar o samba, dando origem as escolas de samba. As escolas de samba eram um ponto de encontro dos negros para cultivar a cultura herdada dos povos africanos.

A primeira escola de samba chamava “Deixa Falar, hoje, ela mudou de nome e se chama Estácio de Sá, e seu fundador foi Esmael Silva. Depois desta, outras escolas foram surgindo, como Mangueira, Portela, Beija Flor, Caprichosos de Pilares, e outras.

Hoje as escolas existem em muitas cidades no Brasil, não apenas no Rio de Janeiro.

²⁴ São instrumentos musicais mais antigos. São agitados. Em sua maioria são rítmicos; poucos são considerados melódicos. Há dois grupos de sons determinados que produzem as notas musicais como tímpanos, carrilhão, sinos, xilofone, vibrafone, e os de sons indeterminados como o tambor, castanhola, gongo, prato, triângulo, bombo, pandeiro e tantã.

Uma escola de samba é constituída por diferentes grupos, o que damos o nome de “alas”. A ala de comissão de frente representa a escola e a história que ela vai contar no desfile e no samba enredo. Outra ala muito bonita é a ala das baianas. A bateria é a ala que reúne os ritmistas que tocam instrumentos como o surdo, cuíca, pandeiro, pratos, tamborim, para sustentar a cadência do samba e as coreografias e danças.

Muitas pessoas desfilam na escola de samba, uma muito grande chega a ter 5.000 pessoas que usam fantasias e enfeites que são alegorias que constam a história apresentada pela Escola de Samba.

Muito importante são os casais de Mestre Sala e Porta bandeira, responsáveis pelo bailado da escola.

Esta é uma parte da história do carnaval.

ATIVIDADE 2

MARDI GRAS - O CARNAVAL DE NEW ORLEANS

Será que o carnaval de New Orleans é parecido com o nosso aqui no Brasil?

Talvez não exista outro carnaval tão parecido e ao mesmo tempo tão diferente do carnaval do Brasil como o carnaval de New Orleans, principalmente se comparado ao do Nordeste.

É marcado por uma multidão brincando pelas ruas, camelôs que se espalham por toda a cidade; muitas pessoas bebendo algumas diferentes misturas alcoólicas, degustando a excelente comida local, assistindo a shows particulares de exibicionistas solitários, curtindo música, assistindo desfile de carros, liberando seus sentimentos e uma energia sem fim que começa bem cedo do dia e se estende noite adentro. Esta é a essência do carnaval do Brasil e esta é a essência do carnaval de New Orleans.

O carnaval de New Orleans é único nos Estados Unidos e, a exemplo dos carnavais europeus, desde os séculos passados, as pessoas usam máscaras para desfilar nos carros alegóricos, assim com aqueles que ficam nas ruas. São máscaras diferentes das nossas (no Brasil, com exceção de uma cidade, cujos foliões são "mascarados e caretas", não se tem conhecimento de outro carnaval idêntico).

Os carros alegóricos jogam milhares de *beads* - um colar de bolinhas plásticas, confeccionados em diferentes tamanhos e cores brilhantes. As cores-símbolo do Mardi Gras são verde, amarelo e roxo, simbolizando fé, poder e justiça, respectivamente.

Também das sacadas as pessoas se divertem e divertem o público passante jogando *beads*. A diversão consiste em tentar pegar o maior número possível destes colares.

A música também é diferente. Jazz é a marca registrada de New Orleans e os Blues, muito apreciado. Mas eles desenvolveram um ritmo diferente tocado mais especialmente em Mardi Gras: é uma mistura incrível que tem a influência *creole* direta (creole é a mistura de franceses com negros). É um som energético, divertido e gostoso mixando diversos ritmos e instrumentos, incluindo a gaita; lembra bem de leve o nosso samba.

Mardi Gras, que significa a terça-feira gorda de carnaval, traduzida do francês, é mesmo o último dia de carnaval que encerra uma festa que começou em torno de 15 dias antes. Esta festa é considerada a maior festa popular gratuita dos Estados Unidos, e talvez do mundo. Os quatro últimos dias são reservados para os maiores e mais importantes desfiles, os mais ricos carros alegóricos e o maior número de bandas marciais, que podem ser de escolas públicas, da polícia, dos militares, da guarda-marítima e sempre acompanhadas das meninas imitando bailarinas, que sempre acompanham as bandas com diferentes coreografias.

Bibliografia

MARTINS, Maria Isabel. In: http://www.viajareua.com/new_orleans.shtml. Acesso em 03/03/2001 às 21:34:22.

ATIVIDADE 3

CRUZADINHA

Encontre as seguintes palavras: FRANCESES, TIA CIATA, NEW ORLEANS, CARNAVAL, INSTRUMENTOS, MÁSCARAS, NEGROS, SAMBA, CARRO ALEGÓRICO, ZÉ PEREIRA.

C	A	R	R	O	A	L	E	G	O	R	I	C	O	D
O	Z	E	A	C	A	C	O	U	A	E	P	T	A	D
T	E	F	R	A	N	C	E	S	E	S	J	Q	P	O
T	P	Z	T	R	B	A	R	J	T	N	U	I	Q	A
A	E	C	I	N	S	T	R	U	M	E	N	T	O	S
E	R	B	A	A	G	S	M	S	A	G	N	D	O	A
R	E	A	C	V	S	L	N	I	S	R	M	V	Q	B
V	I	O	I	A	L	K	D	L	C	O	K	K	X	G
C	R	T	A	L	N	P	B	M	A	S	A	M	B	A
O	A	W	T	C	B	H	Z	N	R	X	E	W	T	U
T	T	B	A	P	I	A	G	Y	A	C	Y	D	L	M
N	E	W	O	R	L	E	A	N	S	M	F	W	R	S

ATIVIDADE 4

PROBLEMAS MATEMÁTICOS:

- Lucas estava no carnaval de New Orleans e pegou 2045 colares, seus amigos pegaram: Fernando pegou 2235, João 3843, Leonardo 2243, Francisco 1204 e Mateus 4532.
 - Se todos resolverem juntar os colares, quantos eles pegaram juntos?
 - Após juntarmos todos, com quantos colares cada um ficaria se dividíssemos em partes iguais?
 - Organize em ordem crescente para saber quem pegou mais e quem pegou menos colares.
 - Se Mateus resolver dividir com Francisco seus colares, com quantos cada um vai ficar? Lembre-se que Francisco já tem alguns!
 - João emprestou 1342 colares de Mateus. Com quantos colares cada um ficou?

2. Na roda de samba na casa de tia Ciata haviam 389 pessoas negras e 185 brancas.
- Quantas pessoas haviam no total?
 - Se chegarem novos convidados, sendo 254 negros e 232 brancos, quantos haverão de cada um?
 - E o total de pessoas, como ficará após a chegada dos novos convidados?
 - Se 40 negros estiverem tocando Bumbo, 34 pandeiro, 25 tambor, 5 xilofone e os outros cantando, quantas pessoas teremos tocando instrumentos e quantas estarão cantando?
3. No carnaval de São Carlos, o rei momo jogou para o público, 59 caixas de serpentina com 38 pacotes contendo 10 serpentinas cada, a rainha jogou 39 caixas de confete, com 74 pacotes cada, então:
- Quantos pacotes de serpentina foram jogados pelo rei momo?
 - Quantos pacotes de confete foram jogados pela rainha?
 - No total, quantos pacotes haviam de serpentina e confete?
 - Se você pegou 75 serpentinas, quantos pacotes pegou?

ATIVIDADE 5

MÚSICA DO ZÉ PEREIRA

Viva o Zé Pereira (3x)

Que ele não faz mal,

Viva o Zé Pereira (3x)

Neste carnaval

OBS: reformulamos a letra original (abaixo), para que não haja incentivo à bebida.

Viva o Zé Pereira (3x)

Pois que ninguém faz mal

Viva a bebedeira (3x)

Neste carnaval.

ATIVIDADE 6

PONTOS IMPORTANTES A SEREM DESTACADOS

Origem do Samba = Instrumentos de Percussão



**Usados nas tribos africanas, em momentos especiais, como cerimônias religiosas, sudações,
etc.**



Os instrumentos chegam ao Brasil com os negros trazidos da África para trabalhar na lavoura como escravos.



As primeiras rodas de batuque aconteceram na Bahia e no Rio de Janeiro, para onde os primeiros libertos migraram após serem libertos.



Tia Ciata reuniu seus amigos negros para as rodas de samba, essa era a forma encontrada para garantir a identidade da comunidade negra.



Oficialmente o samba surge em 1917, quando Donga grava o primeiro samba: “Pelo Telefone”.



Na época o ritmo era perseguido por não ter valor artístico.



Em 1937, quatro anos após oficializar o desfile, Getúlio Vargas determina que os enredos tenham caráter histórico, didático e Patriótico.



Até hoje as escolas de samba fazem homenagens, contam histórias ou conscientizam o povo sobre problemas sociais e políticos.

Aula 4: Como imagino África

Objetivo:

- Perceber como as crianças imaginam e definem a África.

Recursos:

- Boneca (o) negra (o) de pano.
- Folha para texto coletivo
- Folhas de sulfite
- Cópia do Tangram

Metodologia:

1. Levar os alunos para o pátio, ou um espaço em que possam sentar em círculo.
2. Mostrar a boneca negra e sugerir alguns nomes africanos para que as crianças votem e escolham um (sugerimos: Dandara - significa rainha dos Quilombos e Amina - pacífica).
3. Perguntamos se eles sabem qual é a origem da boneca.
4. Quando alguém falar Africana, fazer destaque e apontar que os bisavós dela vieram da África, por isso ela tem descendência Africana e é negra.
5. Como ela veio da África, cada um deve passar a boneca para quem desejar e falar como imagina a África, o que pensa que existe lá.
6. Quando todos falarem, repetir tudo o que foi falado para ver se alguém tem algo a acrescentar.
7. Após essa dinâmica, voltar para a sala.
8. Escrever na lousa um texto coletivo sobre o que foi falado de África.
9. Quando terminar o texto, solicitar que os alunos façam um desenho utilizando o tangram (atividade 1), retratando a África (como eles imaginam).
10. Fixar os desenhos na parede da sala, com o título: como eu imagino a África.

Aula 5: África

Objetivos:

1. Desmistificar a idéia de África como país;
2. Fazer com que os alunos:
 - Identifiquem a África como Continente;
 - Dividam os países africanos em regiões;
 - Reconheçam as diferenças culturais existentes na África;
 - Valorizem as riquezas minerais, hidrográficas e agrícolas do continente africano;

Recursos:

- Texto digitado sobre a África (atividade 1);
- Mapa reduzido da África (em branco), para colorir de acordo com as regiões (atividade2);
- Mapa da África para a visualização dos alunos;
- Cartolina para criação de cartazes;

Metodologia:

1. Entregar o texto sobre a África para as crianças.
2. Leitura e explicação do texto.
3. Os alunos deverão assinalar no mapa as regiões (norte, sul, leste, oeste e centro), com lápis colorido, criando uma legenda para identificação.
4. Em grupo elaborar um cartaz falando o que existe na África que eles não conheciam. Deve-se também colocar um mapa no cartaz.
5. Expor os cartazes no corredor da escola com o título: “O que aprendi sobre a África”

ATIVIDADE 1

África

Quando falamos África, estamos nos referindo ao Continente Africano, que é composto por diversos países dividido nas seguintes regiões:

- 1. Norte da África:** Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito.
- 2. Leste da África:** Sudão, Etiópia, Eritreia, Djibuti, Somália, Quênia, Tanzânia, Malavi.
- 3. Oeste da África:** Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Guiné Bissau, Guiné Conacry, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Ghana, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, Gabão.
- 4. Centro da África:** Mali, Níger, Chade, República Centro Africana, Uganda, Ruanda, Burundi, República Popular do Congo, República Democrática do Congo.
- 5. Sul da África:** Angola, Zâmbia, Zimbabwe, Moçambique, Namíbia, Botswana, Lesoto, Swazilandia, África do Sul.

O Continente Africano é o único que se estende pelos quatro hemisfério: Norte, Sul, Leste e Oeste.

A África se separa da Europa pelas águas do Mar Mediterrâneo, ao Norte; é banhada pelo Oceano Índico ao Leste; pelo Oceano Atlântico à Oeste, e separa-se da Ásia pelas águas do Mar Vermelho.

As principais ilhas são: Madeira, Canárias e Cabo Verde - no Oceano Atlântico, e a grande ilha de Madagastar - no Oceano Índico. Além das ilhas, na África existem lagos (Vitória, Niassa e Tanganica), montanhas (Kilimanjaro, Quênia, Ruvenzori), rios (Nilo - é o mais importante da África e o mais extenso do mundo, 6.738Km, deságua no Mar Mediterrâneo; Congo - 4.667 Km é o segundo mais extenso da África e deságua no Oceano Atlântico; Níger - 4.184 km e deságua no Oceano Índico);

Fica neste Continente o Deserto do Saara, que é muito conhecido.

Continentes, Oceanos, Mares, Rios e Montanhas do mundo inteiro têm comunicação com a África, é por isso que esta cultura se espalhou pelo mundo todo.

Na África, os povos, as comunidades, os grupos étnicos, não são iguais, cada um tem sua própria cultura, sua organização, mas todos conservam as raízes africanas.

A população é em sua maioria negra, sendo que 1/3 da população é branca, de origem europeia (encontrados principalmente no Norte da África e na África do Sul.

A África é fornecedora de matérias primas para indústrias estrangeiras, merecem destaques as indústrias de madeiras, óleos comestíveis, açúcar, algodão, têxteis, alimentares, siderúrgicas, metalúrgicas, refino de petróleo, entre outras.

Na agricultura de subsistência cultivam: mandioca, milho, batata, inhame, arroz; na comercial: algodão, borracha, cacau, café e amendoim.

Possui grandes reservas minerais: ouro e diamante (África do Sul); petróleo e gás natural (Nigéria, Líbia, Gabão, Argélia e Egito); fosfato (Marrocos é grande produtor mundial); manganês, cobre, bauxita, ferro, urânio (maiores do mundo), prata.

Está aqui também um dos maiores potenciais hidrelétricos do mundo.

Percebemos assim, que a África é um continente que possui muitas riquezas, precisamos conhecê-las melhor!

ATIVIDADE 2



Países Africanos e suas Capitais

Nº	Países	Capitais
1	África do Sul	Cidade do Cabo
2	Angola	Luanda
3	Argélia	Argel
4	Benin	Porto Novo
5	Botsuana	Gaborone
6	Burkina Fasso	Uagadugu
7	Burundi	Bujumbura
8	Camarões	Iaundê
9	Chade	Ndjamena
10	Congo	Brazzaville
11	Costa do Marfim	Abidjan
12	Djibouti	Djibouti
13	Egito	Cairo
14	Eritreia	Asmara
15	Etiópia	Adis-Abeba
16	Gabão	Libreville
17	Gâmbia	Banjul
18	Gana	Acra
19	Guiné Bissau	Bissau
20	Guiné Conacri	Conacri
21	Guiné Equatorial	Malabo
22	Lesoto	Maseru
23	Libéria	Monróvia
24	Líbia	Trípoli
25	Madagástar	Antananarivo
26	Malavi	Lilongue
27	Mali	Bamaco
28	Marrocos	Rabat
29	Mauritânia	Nuakchott
30	Moçambique	Maputo
31	Namíbia	Windhoek
32	Níger	Niamei
33	Nigéria	Abaja
34	Quênia	Niaróbi
35	Rep. Centro Africana	Bangui
36	Rep. Democrática do Congo	Kinshasa
37	Ruanda	Quigali
38	Saara	Elaiún
39	Senegal	Dacar
40	Serra Leoa	Freetwn
41	Somália	Mogadíscio
42	Suazilândia	Mbabane
43	Sudão	Cartum
44	Tanzânia	Dodoma
45	Togo	Lomé
46	Tunísia	Túnis
47	Uganda	Campala
48	Zâmbia	Lusaka
49	Zimbábue	Harare
50	São Tomé e Príncipe	São Tomé

Aula 6: Filme “Kiriku e a Feiticeira”

Objetivos:

Valorizar o negro: alguém inteligente, esperto, bondoso e preocupado com a comunidade;

1. Reconhecer o valor e a sabedoria dos mais velhos;
2. Conhecer algumas tradições africanas;
3. Recriar a história;

Recursos:

- Filme: “Kiriku e a Feiticeira” (atividade 1)
- Folhas de sulfite

Metodologia:

1. Passar o vídeo do filme para as crianças assistirem;
2. Discussão sobre o filme (o que entenderam, o que mais gostaram);
3. Destacar algumas das tradições africanas faladas no filme (atividade 2);
4. Solicitar que rescrevam a história, em formato de livro. (atividade 3);
5. Expor esses livros para que todos os alunos tenham acesso;

ATIVIDADE 1

Filme: Kiriku e a Feiticeira

Filme de: Michel Ocelot

Música: Youssou N’Dour

Produção: Cymax Group

Sinopse

Este filme traz todo o fascínio da tradição africana numa estória que celebra a coragem, a curiosidade e a astúcia, baseada em uma lenda da África Ocidental sobre uma comunidade subjugada por uma terrível feiticeira.

Nesta aldeia vive Kiriku, um menininho que nasceu para lutar contra o mal. A princípio, mesmo seus companheiros riem de seu tamanho, demorando a reconhecer nele sua coragem, esperteza e sabedoria, no entanto, Kiriku enfrenta o poder de Karabá

(a feiticeira) e seus "guardiões", esculturas conduzidas pela força da magia do espírito do mal, enquanto seus companheiros guiados pelo contador de histórias morrem de medo da feiticeira. Kiriku tem coragem para enfrentar o mal e aprende em sua luta, que a origem de tanta maldade é o sofrimento e só a verdade, o amor, a generosidade e a tolerância aliados a inteligência, são capazes de vencer a dor.

Resumo

Kiriku é um menino que já nasce muito esperto. Ele é muito pequeno, mas é valente, inteligente, esperto, corajoso e curioso, e faz de tudo para proteger sua aldeia das maldades da feiticeira Karabá.

Primeiramente, salva a vida do seu "tio" através de um chapéu, que ele entra e fala, fazendo a feiticeira achar que o chapéu é mágico, e em troca do chapéu, a feiticeira deixa o tio voltar para a aldeia.

Em seguida, vai brincar no rio, as crianças o ignoram por ele ser pequeno, mas aparece uma canoa muito bonita no rio (que é da feiticeira), as crianças entram (mesmo Kiriku dizendo que não deveriam), e não conseguem sair, Kiriku pega um facão e fura a canoa, libertando as crianças, que cantam uma música para ele:

“Kiriku não é grande,
mas é bem valente,
Kiriku é pequeno,
mas é meu amigo,
e da feiticeira,
ele nos libertou”.

Novamente Kiriku vê seus amigos em perigo. As crianças sobem numa árvore diferente para pegar as frutas (mesmo sob alerta de Kiriku), a árvore se fecha como uma gaiola, Kiriku corta o caule e salva novamente as crianças.

O povoado não tem água, pois o rio secou. Kiriku muito curioso, tenta descobrir porque o rio secou, entra num pequeno buraco e vê algo como uma bolha que retêm a água (um lagarto que entrou, cresceu e impediu que a água chegasse ao rio). Ele pega uma faca, e sendo o único que consegue entra no buraco, fura o lagarto e a água volta a abastecer o rio, deixando as pessoas felizes.

Sua mãe diz que apenas o sábio (seu avô) poderia lhe dizer como derrotar a feiticeira. Kiriku, com a ajuda de sua mãe, entra numa toca e cava até chegar nas terras do avô. No caminho, salva os esquilos de um animal, se disfarça de pássaro para que o

“sentinela” da feiticeira não o reconheça, enfrenta um Javali, e consegue entrar no “cupinzeiro” do avô.

O avô que conhece muitas histórias, conta que a feiticeira não come homens, como todos pensam, mas inham bem apimentado, e que na verdade, ela gosta que as pessoas tenham medo dela, mas não faz mal a ninguém, apenas transforma os homens em seus guardiões. Revela que ela tem um espinho nas costas que lhe causa muita dor e lhe permite poder, mas, ao ser retirado com os dentes, ela perde os poderes e a dor, Kiriku promete que irá tirar o espinho.

Voltando para casa (pela toda), ele pega algumas jóias da feiticeira como forma de atraí-la para a floresta, ela vai atrás dele e quando se abaixa ele tira o espinho, fazendo com que ela sinta muita dor.

Em seguida, a dor passa e ela percebe que acabou o feitiço, com isso, as flores nascem no jardim e ela feliz, agradece a Kiriku com um beijo, e com isso ele se torna homem, e fica com a feiticeira.

Quando volta para a aldeia, ninguém o conhece, e tentam matar a feiticeira, mas nesse momento chega o avô cercado de homens batucando, e confirma a história, fazendo com que todos acreditem, e os homens que desapareceram quando foram enfrentar a feiticeira, voltam para suas casas, e a aldeia passa a viver muito feliz.

ATIVIDADE 2

Tradições Africanas destacadas no filme

1. **Solidariedade/Ajuda:** é um traço importante das comunidades africanas, uns ajudam os outros. No filme isso fica claro em alguns momentos, como quando os homens vão enfrentar Karabá, quando Kiriku salva as crianças, quando enfrenta tudo para devolver a água ao rio, etc.

2. **Família:** é um núcleo essencial para os africanos, ela é a base de todo conhecimento, força, sabedoria.

3. **O Diálogo, argumento, conselho e a palavra:** são práticas essenciais na vida dos africanos, pois para eles, o homem é um ser de palavra e deve ser respeitado, seus conselhos devem ser ouvidos e passados de geração para geração.

4. **Sabedoria dos mais velhos:** esses são muito respeitados e valorizados, por guardar uma sabedoria, por reunir palavras, contos, cantos, lendas, histórias, enfim, por ser aquele que ensina os mais novos (como o avô de Kiriku).

5. **Mémorização e Tradição oral:** para eles, a memória é fator importante para a educação, e a tradição oral é fundamental e legítima, tendo o mesmo valor que um escrito.

6. **Batuque:** tem origem africana, é sempre tocado em momento importante, como nascimento, chegada e partida de alguém, em aniversários, em festas, movimentos religiosos, enfim, em todas as comemorações (no filme o batuque acontece no anúncio da chegada do avô e na volta dos homens da comunidade).

7. **Inhame:** é um dos produtos cultivados na África para subsistência da população (no filme, inhame apimentado era o prato predileto da feiticeira).

8. **Luta e coragem:** dois fatores importantes entre os negros, Kiriku teve muita coragem, esperteza, vontade e lutou muito para libertar seu povo das maldades de feiticeira, assim como os negros escravos lutaram muito para se libertarem da *escravidão*.

ATIVIDADE 3

Formato do livro

	<p>Autor: Editora: .</p>		

Aula 7: “Menina Bonita do Laço de Fita” (Ana Maria Machado)

Objetivos:

Que as crianças possam:

1. Demonstrar sua resistência ou não, em assumir-se como negra;
2. Entender o porque a pele é negra e os cabelos enrolados;
3. Compreender o que é miscigenação;
4. Ver o negro como alguém bonito e importante.

Recursos:

- Livro de história: Menina Bonita do Laço de Fita.
- Para a encenação: máscaras de coelhos (duas coelhas negras, um coelho branco e coelhos coloridos);
- Fitas vermelha para o cabelo da menina bonita;
- Folhas de sulfite.

Metodologia:

- Contar a história mostrando as figuras;
- Indagar os alunos para que destaquem pontos que gostaram;
- Perguntar quem deseja ser os personagens da história;
- Dramatizar a história;
- Destacar alguns pontos importantes (atividade 1);
- Reapresentar a história com outros personagens que se dispuserem;
- Desenvolver um desenho com os seguintes itens: a menina bonita e sua família, a criança com sua família (atividade 2)
- Resolver alguns exercícios matemáticos (atividade 3)

ATIVIDADE 1

Pontos importantes:

1. A menina inventava diversas histórias o porque era negra, mas na verdade, somos como somos devido uma herança genética de nossa família.
2. O que determina e colore a pele é uma substância chamada MELANINA.

3. As pessoas que tem a pele escura (negra), tem maior pigmentação de Melanina. Na África as pessoas geralmente possuem a pele mais escura, isso é comum porque representa uma proteção contra o sol, que naquela região é muito forte.
4. As diferenças de tons na pele é resultado de uma mistura entre pessoas, por exemplo: negro e branco, desta mistura nasce uma criança que pode trazer a cor do pai ou da mãe, ou então uma mistura dos dois, resultando numa coloração mais clara, “moreno”. A essa mistura, chamamos miscigenação.
5. Os negros possuem cabelos enrolados/encaracolados, em sua maioria, porque aumenta o volume e conseqüentemente a proteção do couro cabeludo do sol. Um penteado típico africano são as tranças.

ATIVIDADE 2

<i>A MENINA BONITA</i>	<i>EU: _____</i>
<i>A FAMÍLIA DA MENINA</i>	<i>MINHA FAMÍLIA</i>

ATIVIDADE 3

1. A mãe da menina bonita do laço de fita fez 1050 tranças nos cabelos da filha, sendo que em 320 tranças ela colocou fitas vermelhas, em 150 azuis, em 232 amarelas, em 177 verdes e em 171 rosas.

- a) Organize em ordem crescente as cores de fitas utilizadas nas tranças?
- b) Qual é o total de tranças com fitas vermelhas, amarelas e rosas?
- c) Se a mãe da menina fizesse o dobro de tranças, com quantas ela ficaria?
- d) Das 1050 tranças, 345 foram desfeitas. Com quantas tranças ela ficou?

2. A mãe coelha era _____ e o pai coelho era _____, eles tiveram vários filhotes, sendo que:

3425 eram negros

1538 eram brancos

853 eram cinzas

943 eram rosas

789 eram de cores variadas

- a) Qual é o total de filhotes?
- b) Se 1253 filhotes negros eram fêmeas, quantos machos, negros, haviam?
- c) Organize os filhotes em ordem decrescente.
- d) Se cada aluno desta turma fosse cuidar de alguns filhotes, com quantos cada um ficaria responsável?

Aula 8: O Trabalho

Objetivos:

1. Compreender por quê é comemorado o dia do trabalho;
2. Valorizar as lutas dos trabalhadores;
3. Reconhecer o escravo negro como alguém que lutou por dignidade e liberdade;
4. Conhecer as formas de resistências dos escravos;
5. Perceber que o negro hoje não é escravo, e sim alguém com valor e direitos;

Recursos:

- Texto: “O Dia do Trabalho” (Atividade 1)
- Revistas;
- Folhas de sulfite;
- Cola e tesoura;
- Fita adesiva;

Metodologia:

- Iniciar a aula com a leitura do texto;
- Discutir o texto e explicar os pontos importantes: a luta dos negros, a contribuição dos negros escravos na construção do nosso país e da nossa economia;
- Desenvolver após o esclarecimento de dúvidas, um trabalho com revistas: recortar e colar algo que determine a profissão que deseja exercer.
- Expor os trabalhos.

ATIVIDADE 1

O Dia do Trabalho

O dia mundial do trabalho foi criado em 1889, por um Congresso Socialista realizado em Paris. A data foi escolhida em homenagem à greve geral, que aconteceu em 1º de maio de 1886, em Chicago, o principal centro industrial dos Estados Unidos na época.

Milhares de trabalhadores foram às ruas para protestar contra as condições de trabalho desumanas a que eram submetidos e exigir a redução da jornada de trabalho de 13 para 8 horas diárias. Neste protesto, muitas pessoas foram presas, feridas e mortas no confronto com a

polícia. Em memória das pessoas que morreram, lutando por seus direitos e servindo de exemplo para o mundo, o 1º de maio foi instituído como o Dia Mundial do Trabalho.

Quando falamos em luta, lembramos do período de escravidão no Brasil.

Dá para acreditar que, por mais de trezentos anos, o negro sustentou muita gente rica, ajudou no desenvolvimento da economia brasileira sem ganhar nada, e ainda por cima era maltratado?

Pois é, menos de 100 anos depois do [Descobrimento](#), o Brasil era um território enorme e cheio de riquezas, mas precisava de gente para colocar a "mão na massa". Os índios, que não queriam nem saber de ser explorados e viviam fugindo, deram lugar aos negros africanos no trabalho pesado. **Sem os escravos, que trabalhavam duro nas lavouras, minas e engenhos (fazendas produtoras de cana), o Brasil e outros países que compravam nossos produtos não teriam açúcar, algodão, ouro, gado ou café.**

Como os escravos não recebiam nem um centavo, o tráfico de negros cativos era um negócio bastante lucrativo - e terrível. Milhares de negros foram trazidos da África em condições desumanas, e eram tratados como verdadeiros animais aqui no Brasil, o que provocou várias revoltas.

Quanto a procedência étnica do negro, destacaram-se dois grupos importantes: os **bantos**, capturados na África equatorial e tropical provenientes do Congo, Guiné e Angola, além dos **sudaneses**, vindos da África ocidental, Sudão e norte da Guiné.

Os escravos não conseguiram suportar os maus-tratos por muito tempo, e encontraram várias formas de acabar com a injustiça, uma delas foi o desenvolvimento na senzala, de uma luta (CAPOEIRA) para habilitar o negro a vencer, usando apenas o seu corpo; outras, foram fugas, passando pelo suicídio, pelo banzo (nostalgia que fazia o negro cair em profunda depressão o levando à morte) e pelos quilombos.

Os quilombos eram aldeamentos de negros que fugiam dos latifúndios, passando a viver comunitariamente. O maior e mais duradouro foi o quilombo dos Palmares, surgido em 1630 em Alagoas, estendendo-se numa área de 27 mil quilômetros quadrados até Pernambuco. Desenvolveu-se através do artesanato e do cultivo do milho, feijão, mandioca, banana e cana-de-açúcar, além do comércio com aldeias vizinhas.

Seu primeiro líder foi Ganga Zumba, substituído depois de morto por seu sobrinho Zumbi, que tornou-se a principal liderança da história de Palmares.

Como percebemos, os negros escravos, lutaram muito pela sua dignidade e pela sua libertação, e embora sejam eles responsáveis pelas riquezas do nosso país, são até hoje discriminados em nossa sociedade. Mas mesmo assim, com luta e vontade, muitos negros vencem a luta e conquistam espaços. Hoje, o negro não é mais escravo, e sim uma pessoa livre que possui os mesmos direitos que os brancos.

Aula 9: Preconceito e Discriminação

Objetivos:

1. Compreender o que é preconceito e discriminação;
2. Relatar um momento em que foi discriminado;
3. Reconhecer na experiência de vida do Tenente Márcio, os momentos de discriminação, superação e realização.

Recursos:

- Um convidado negro, que possa falar sobre sua profissão e momentos de discriminação que passou e superou para a conquista profissional;
- Folhas de linguagem para a produção sobre a discriminação que passou;

Metodologia:

- O convidado conta sua experiência de vida, desde a infância, perpassando por momentos de discriminação que passou;
- Definir para as crianças os conceitos de discriminação e preconceito (atividade 1);
- Questionar os alunos com relação ao relato do visitante: profissão, dificuldades, superação, discriminação, entre outras coisas;
- Solicitar que os alunos escrevam um texto relatando um momento que passou por preconceito e/ou discriminação; se não passou (as vezes não querem assumir esse fato) descrever a história de alguém que conhece e já passou por isso.

ATIVIDADE 1

Discriminação e Preconceito (Programa de Promoção da Igualdade: guia de elaboração. Brasília: TEM, Assessoria Internacional, 2000, p. 09 e 20)

Discriminação: compreende qualquer distinção, exclusão ou preferência, com base em motivos de raça/etnia, cor, sexo, religião, opinião política, ascendência nacional ou origem social, que anula ou altera a igualdade de oportunidades ou tratamento.

Preconceito: atitude negativa de julgar previamente uma pessoa, por seus atributos físicos, ou ao grupo a que pertence.

Aula 10: Cantinho de Africanidades e bandeiras africanas

Objetivos:

1. Participar da montagem do cantinho com idéias, sugestões e ações;
2. Conhecer a bandeira dos países africanos;
3. Identificar as cores predominante nas bandeiras;
4. Reconhecer alguns países africanos como bonito e desenvolvido;

Recursos:

- Modelo de bandeiras africanas para os alunos reproduzirem;
- Folhas de papel crepom de diferentes cores;
- Cola, tesoura, fita crepe, durex;
- Folhas de sulfite
- Imã
- Canetinhas coloridas;
- Objetos diversos;
- Cartões postais de diferentes cidades africanas;

Metodologia:

- Distribuir as bandeiras para que as crianças reproduzam;
- Dialogar sobre as bandeiras, países, cores;
- Mostrar alguns postais de cidades africanas;
- Montar o cantinho com ajuda das crianças;
- Inserir os objetos, identificando-os (o que é e sua origem);

Aula 11: Contando história e trabalhando as diferenças

Objetivos:

1. Perceber a presença de personagens negros na história;
2. Reconhecer as diferenças como importantes;
3. Valorizar o outro como diferente mas com direitos iguais;

Recursos:

- Livro de História: “Que mundo maravilhoso” de Julius Lester & Joe Cepeda. Editora Brink-Book.

Metodologia:

- Leitura do livro de história;
- Discussão do livro: o que gostaram, o que acharam interessante ou estranho;
- Criar discussão sobre as diferenças e sua importância, destacando que embora diferentes, todos tem os mesmos direitos. (relacionar com o livro - diferentes cores)

Aula 12: Importância do nome

Objetivos:

1. Perceber que cada pessoa tem nome e sobrenome, e isso determina a identidade da pessoa;
2. Identificar que todo nome tem significado e origem;
3. Compreender o nome como sendo próprio e um substantivo;
4. Aprender alguns nomes africanos;
5. Escrever um acróstico;
6. Compreender o que são versos e estrofes;
7. Resolver exercícios matemáticos;

Recursos:

- Letra da música de Toquinho: “Gente tem Nome” (atividade 1);
- Fita ou CD com a música;
- Lista com nomes africanos, significados e origem (atividade 2);
- Livro de nomes com origem e significados (brasileiro);
- Sulfite para acróstico;

Metodologia:

- Aproveitar a história do dia anterior: “que mundo maravilhoso”, para introduzir a aula destacando que para cada flor Deus determinou um nome, isso para identificar e diferenciar uma da outra;
- Passar a letra da música do Toquinho para que possam ler;
- Colocar a música para que ouçam na primeira vez, e cantem na segunda vez;
- Passar a lista de nomes africanos para que as crianças os conheçam e vejam seus significados e origem;
- Mostrar o livro com nomes e destacar alguns;
- Explicar: o que é nome próprio e substantivo;
- Escrever um acróstico (escrever uma poesia usando o nome) para o amigo (fazer sorteio);
- Expor o acróstico ou entregar ao amigo;
- Passar atividades matemáticas (atividade 3);

ATIVIDADE 1
GENTE TEM NOME

Música de Toquinho

Todas as coisas tem nome
casa, janela e jardim
coisas não tem sobrenome
mas a gente sim.

Todas as flores tem nome,
Rosa, Camélia e Jasmim,
flores não tem sobrenome,
mas a gente sim.

O Chico é Buarque,
Caetano é Veloso,
o Ari foi Barroso também,
entre os que são Jorge
tem o Jorge Amado
e o outro que é o Jorge Bem.

Quem tem apelido,
Dedé, Zacarias,
Mussum e Fafá de Belém,
tem sempre um nome
e depois do nome,
tem sobrenome também.

Todo brinquedo tem nome
bola, boneca e patins,
brinquedos não tem
sobrenome,
mas a gente sim.

Coisas gostosas tem nome
bolo, mingau e pudim,
doces não tem sobrenome
mas a gente sim.

Renato é Aragão
o que faz confusão,
Carlitos é o Charles Chaplin
e tem o Vinícius,
que é o de Moraes
e tom brasileiro é Jobim

Quem tem apelido
Zico, Maguila
Xuxa, Pelé e He-Mam
tem sempre um nome,
e depois do nome,
tem sobrenome também

ATIVIDADE 2

Nomes Africanos - Masculinos

<i>Nome</i>	Significado	Origem
ABEDE	Homem abençoado	Etiópia
ADDAE	Sol da manhã	Gana
AFOLABI	Nascido com fama	Nigéria
AKIL	Inteligente	Árabe
ASWAD	Negro	Árabe
AZIBO	Terra	Malawi
BARUTI	Professor	Botswana
BALONDEMU	O escolhido	Uganda
DAKARAI	Felicidade	Zimbabwe
DIOP	Líder	África Ocidental
ENILO	Foi embora e voltou	Nigéria
GAMAL	Belo	Egito
HAMADI	Louvado	Swahili
KAMAL	Guerreiro silencioso	África Oriental
KILUANGE	Rei de Angola, pai da rainha Nzinga	Angola
KOFI	Nascido na Sexta-feira	Gana
LUKATA	Dinâmico	África do Sul
MAKALANI	Secretário, habilidoso na escrita	Quênia
MANU	O segundo filho	Gana
OBASEKI	A influência do rei vai além do mercado	Benin
SALIM	Paz	África Oriental
SIMBA	Forte	África Oriental

Femininos

Nome	Significado	Origem
AÍSHA	Vida	Swahili
ALAMAZÊ	Jóia	Etiópia
AMINA	Pacífica	África Ocidental
AMIRH	Princesa	Egito
DALILA	Gentil	Swahili
DANDARA	Guerreira dos quilombos dos palmares	
DARA	A bela	África Oriental
JAMILA	Linda	Swahili
KISSA	Nascida depois de gêmeos	Uganda
MALIKA	Rainha	África Oriental
MAWUSI	Nas mãos de Deus	Gana
NEFERTARI	Linda companheira	Egito
NJINGA	A famosa rainha de Angola	Angola
NYALA	Mulher	Etiópia
NYASHA	Uma criança nascida para a família	África do sul
OMOLARA	Nascida no tempo certo	Benin
RAKHIYA	Agradável	Swahili
SAFIYA	Pura, mente limpa	Swahili
SARAN	Alegria	África oriental
TULANI	Pacífica	África do sul
YAKINI	Verdade, certeza, Segurança, profa	
ZENA	Boas notícia	Etiópia
ZOLA	Produtiva	África Central

ATIVIDADE 3***Exercícios Matemáticos***

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26

1. Somando as letras do seu nome completo, quanto fica o total?
2. Some agora o nome de seu amigo ao lado.
3. Se multiplicarmos o total do seu nome com o de seu amigo, quanto fica o total?
4. Some agora o seu nome com os dias de seu nascimento.

Aula 13: História da Galinha d'Angola

Objetivos:

1. Perceber a presença de personagens negros na história;
2. Conhecer um conto africano;
3. Identificar elementos da cultura africana;
4. Confeccionar uma galinha d'Angola.

Recursos:

- Livro de História: “Bruna e a Galinha d'Angola” de Gercilga de Almeida
- Imagem da Galinha d'Angola
- Argila
- Tinta Guache e Pincel

Metodologia:

- Contar a história.
- Mostrar que no Cantinho tem um postal com uma imagem da galinha d'Angola;
- Explicar o que é conto;
- Destacar pontos interessantes da história;
- Levar as crianças para um ambiente externo à escola para que confeccionem uma galinha com argila;
- Voltar à sala de aula para que os alunos pintem suas galinhas;
- Expor as galinhas no cantinho de africanidades;

Aula 14: Um país africano - Angola

Objetivos:

1. Conhecer Angola: sua história, clima, riquezas, moeda, religião, língua e governo.
2. Relacionar Angola com o Brasil;
3. Identificar pontos semelhantes e diferentes entre os dois países (Brasil e Angola);
4. Trabalhar o texto interdisciplinarmente;

Recursos:

- Texto sobre a história de Angola (atividade 1);
- Folhas de linguagem para produção de Texto;

Metodologia:

- Leitura do texto;
- Trabalhar o texto de forma interdisciplinar, explicando alguns aspectos importantes (atividade 2), comparando Angola e Brasil.
- Como atividade final, solicitar uma produção de texto sobre o que conheceu de Angola.
- Resolver exercícios matemáticos (atividade 3);

ATIVIDADE 1

História de Angola

Angola situa-se na costa ocidental da África, tendo sido colônia portuguesa até 11 de novembro de 1975, quando conquistou sua independência. Tem uma área de 1.246.700 Km quadrados. O país divide-se em 18 províncias e tem como capital a cidade de Luanda. Com uma extensão de 4.837 Km, tem uma costa de 1.650 Km banhada pelo Oceano Atlântico. A moeda corrente é o Kwanza (KZ).

O número estimado de habitantes em 1995 era de 11 milhões, com previsão de chegar a 16 milhões em 2010. O censo de 1995 indica que a população era composta de 49,3% de homens e 50,7% de mulheres. Desse total, 32% da população vivia em áreas

urbanas. A língua oficial é o português, mas Angola tem várias línguas nacionais, como o umbundo, kimbundo, kikongo, chokwe, mbunda, luvale, nhanheca, gangela e o xikuanyama. A população é predominantemente cristã, e a religião católica é a mais difundida.

Angola tem duas estações climáticas: a das chuvas e a do cacimbo. A do cacimbo ou seca é menos quente e vai de Maio a Setembro. A das chuvas, mais quente, normalmente dura de Setembro a Abril.

Os recursos florestais são outra das riquezas e estão situados principalmente em Cabinda (floresta de Maiombe) onde existe madeira de grande valor económico como por exemplo o pau-preto, o pau-ferro, o ébano e o sândalo africano. O potencial energético dos rios angolanos é enorme. Diz-se que só o Rio Kwanza poderia produzir 30 mil milhões de kw por ano.

A costa angolana possui um litoral rico em peixe, moluscos e crustáceos. A fauna é bastante rica e variada e até 1974 eram conhecidas cerca de 872 aves, 268 espécies piscícolas, 275 espécies animais, uma grande diversidade de anfíbios, répteis e insetos, encontrando-se em vários pontos de Angola, manadas de elefantes.

Angola é um país rico em recursos minerais. O subsolo abriga 35 dos 45 minerais mais importantes do comércio mundial destacando o petróleo, o gás natural, diamante, fosfato, ferro, magnésio, ouro e rochas ornamentais.

A peça designada Pensador, é uma das mais belas esculturas de origem Cokwe, constituindo hoje o referencial cultural inerente a todos os angolanos, visto tratar-se do Símbolo da Cultura Nacional. O Presidente da República de Angola é José Eduardo dos Santos

A bandeira Nacional tem duas cores que representam:

Vermelho-rubro – o sangue derramado pelos angolanos durante a opressão colonial, a luta de libertação nacional e a defesa da pátria.

Preta - o continente africano.

Hino Nacional da República de Angola

Oh Pátria nunca mais esqueceremos

Os heróis do 4 de Fevereiro

Oh Pátria nós saudamos os teus filhos

Tombados pela nossa independência

II

Honramos o passado a nossa história

Construindo no trabalho o homem novo

Honramos o passado a nossa história

Construindo no trabalho o homem novo

Refrão

Angola avante revolução

Pelo poder popular

Pátria unida, liberdade

Um só povo, uma só nação

III

Levantemos nossas vozes libertadas

Para glória dos povos africanos

Marchemos combatentes angolanos

Solidários com os povos oprimidos

IV

Orgulhosos lutaremos pela paz

Com as forças progressistas do mundo

Orgulhosos lutaremos pela paz

Com as forças progressistas do mundo

Refrão

Angola avante revolução

Pelo poder popular

Pátria unida, liberdade

Um só povo, uma só nação. (**Manuel Rui Monteiro**)

ATIVIDADE 2

Aspectos Importantes do Texto

História:

- O que é colônia;
- Religiões existentes no mundo ou no Brasil;
- Formas de governo;

- Província, Capital;

Matemática:

- Leitura dos números (o que é, quanto vale);
- Porcentagem;
- Valor do Km;
- Censo 2000;
- Moedas de outros países;

Português:

- Leitura;
- Língua utilizada em diferentes países;
- Siglas;

Ciências:

- Clima
- Fauna e flora;
- Anfíbios, répteis e insetos;
- Recursos minerais;
- Oceanos;

ATIVIDADE 3

Exercícios Matemáticos

Resolva:

1. Angola tem uma costa de 1650 Km. Quantos metros tem a Costa e Angola?
2. A distância entre São Carlos e Jaú é de 42 Km. Quantos metros tem entre as duas cidades?

Aula 15: Identidade

Objetivos:

1. Compreender as diferenças sociais, econômicas e raciais presentes na sociedade;
2. Resgatar a identidade negra dos alunos negros;
3. Valorizar o ser negro;
4. Reconhecer alguns negros que são famosos e venceram;

Recursos:

- Letra da música: “Identidade” de Jorge Aragão;
- CD ou gravação da música;
- Folhas de sulfite;
- Revistas;

Metodologia:

- Ler a letra da música
- Ouvir e cantar a música;
- Explicar os parágrafos da letra (atividade 1) como valorização do ser negro, resgatando a identidade dos mesmos;
- Destacar cantores, atores, professores, bombeiros, enfim, pessoas negras famosas ou que venceram e fazem sucesso em suas profissões;
- Explicar que o cantinho resgata a cultura africana;
- Desenvolver a atividade: “desenhar-se e recortar da revista alguém com quem você se considera parecido”
- Expor os trabalhos para que outros alunos possam ver.

ATIVIDADE 1

Explicação da Música Identidade

1. Elevador é quase um templo

Elevador eleva, representa a ascensão social desejada por todos; assim como o templo é sagrado, o desejo de se elevar também.

2. Exemplo pra ninar teu sono

Elevar-se tranqüiliza o sono por realizar o sonho.

3. Sai desse compromisso

Livrar-se do compromisso de subir (na vida), sendo outro (através do outro);

4. Não vai medir serviço

Não ter medo de lutar/trabalhar para conquistar o que deseja

5. Se o social tem dono, não vai.

Se a sociedade tem alguém que manda (o branco) não desanime, mas trabalhe para conquistar seu espaço na sociedade, como negro que é.

6. Quem cede a vez não quer vitória

Quem não luta não quer vencer, mas continuar como está, sendo dominado.

7. Somos herança da memória

Negro é a herança/riqueza deixada na história do nosso país, está na memória por ter construído o Brasil.

8. Temos a cor da noite

Assumir a cor preta/negra

9. Filhos de todo açoite

Negros como sendo filhos daqueles que “apanharam”/ “sofreram”, mas, que foram responsáveis pela construção de nossa economia.

10. Fato real da nossa história

A escravidão, tortura que os escravos passaram é fato da na nossa história, mas , não significa que o negro é escravo, pelo contrário, é alguém livre, com direitos e capacidades igual a dos brancos.

11. Se preto de alma branca pra você, é exemplo da dignidade

Muitos negros não se assumem como tal, tentam se aproximar do branco ao dizer-se moreno, mulato, achando que ser “branco” é exemplo de dignidade, é ser melhor, o que não é verdade, por ser o negro também digno e bom. Não se pode esquecer que querer parecer com o branco é ter a identidade daquele que escravizou os negros e se acham superiores. Como negro, você quer ser parecer com aquele que o obriga a ter outra identidade?

12. Não nos ajuda só nos faz sofrer

Ao dizer-se branco, o negro só sofre mais, por não estar lutando por sua dignidade e reconhecimento, e por não ser reconhecido pelos brancos como iguais. Se anular, se omitir, só fará sofrer ainda mais o negro.

13. Nem resgata nossa identidade.

Só haverá resgate da identidade, quando o negro conhecer e valorizar suas manifestações culturais, e transmiti-las para outras pessoas. Só haverá resgate de identidade quando cada negro assumir-se como tal, lutar por seus direitos e por ser reconhecido. Se omitir, ser outro, não resgata a identidade, mas apenas contribui para manter a condição existente. Está na hora do negro assumir o lugar de direito que lhe cabe na sociedade.

Aula 16: Um país africano: África do Sul

Objetivos:

1. Conhecer a África do Sul, seus recursos e riquezas;
2. Aprender algumas palavras em idiomas africanos;
3. Reconhecer a tecnologia e desenvolvimento do país;
4. Relacionar o texto estudado com o filme (CD ROM)
5. Comparar alguns aspectos da África do Sul com o Brasil;

Recursos:

- CD Rom com o filme sobre África do Sul;
- Texto sobre a África do Sul;
- Xerox de palavras em 3 idiomas utilizado no país;
- Folhas de sulfite;

Metodologia:

- Leitura do texto sobre a África do Sul (atividade 1);
- Explicar pontos importantes (atividade 2);
- Estudar algumas palavras, em diferentes idiomas utilizados no país (atividade 3);
- Ver filme sobre a África do Sul (no computador);
- Fazer um desenho sobre a África do Sul;

ATIVIDADE 1

Texto sobre a África do Sul

Em 1994 a África do Sul inicia uma nova etapa com uma eleição multiracial que elege como presidente Nelson Mandela (ex preso político), em 1999 a segunda eleição elege Thabo Mbeki.

No país existem cerca de 43 milhões de habitantes, tendo 11 idiomas oficiais (Afrikaans, English, isiNdebele, Sepeti, Sesotho, siSwati, Xitsonga, Setswana, Tshivenda, isiXhosa e isiZulu).

A África do Sul fica no extremo sul do continente africano, é banhada pelos oceanos Atlântico e Índico. O país ocupa 4 % do território africano, sendo grande produtor de ouro, diamante e 50 tipos de minerais. Apesar de ocupar uma pequena área, tem a

economia mais forte do continente, detendo mais da metade dos carros, dos telefones, bancos e indústrias.

O país possui 3 capitais: Pretória – responsável pela parte administrativa; Cape Town – legislativa e Bloemfontein – judiciária; é dividido em 9 províncias: Gauteng, Northern, Mpumalanga, Kwazulu-Natal, Western Cape, North-West, Free State, Northern Cape e Eastern Cape.

As pessoas desconhecem a excelente infra-estrutura disponível, com modernos hotéis, sofisticados restaurantes, ótimas estradas e espaço aéreo que interliga a todos os países do continente. Existem 4 vôos semanais ligando o Brasil à África do Sul, sendo que os brasileiros não precisam de visto para visitar o país, basta apresentar o passaporte e tomar a vacina contra febre amarela.

A moeda é o Rand Sul Africano (R).

Dança: a dança integrou o estilo de vida africano, marca presença na caça, guerras, galanteios, casamentos, iniciação e trabalho.

Artes visuais: teve início com a decoração das paredes das casas.

Esporte: é um país fascinado pelo esporte, abrigando diversos campos para prática de esportes (futebol, atletismo, golfe, entre outros). É um país muito procurado para a prática de golfe devido 400 campos, assim como para esportes náuticos (surf, canoagem, ski, barco a vela e pesca) devido extensa costa e grande número de rios e lagos. Também é propício para esportes radicais (asa delta, salto de pára-quedas, passeios de balões,) por causa das altas serras.

Compras: existem pulseiras em ouro, diamantes, artigos coloridos e decorativos, toalhas de mesa tecidas de capim, ovos de avestruz decorados, colares e cabaças gravadas. Esses produtos podem ser encontrados em ambulantes, feiras, lojas e nas aldeias.

Comidas: são saborosas e com temperos exóticos, os frutos do mar são usados, assim como carnes de caça, frutas e legumes.

Animais: abriga leões, búfalos, leopardos, rinocerontes, elefantes; girafas, hienas, cães selvagens, além de 90 espécies de pássaros.

Isto é um pouco das belezas que existem na África do Sul. Será que é tão ruim ser negro? Você não gostaria de fazer parte deste continente? E deste país? Percebemos que o negro traz em suas raízes, uma cultura rica e bela. Sabemos que no Brasil muitos negros foram obrigados a serem escravos, mas lutaram por liberdade e a conquistaram,

e a vivência dos negros no Brasil, deixa em nossa história uma cultura que mistura África e Brasil.

ATIVIDADE 2

Pontos importantes a serem destacados

1. O que são Capitais; o que faz; sua importância;
2. O que significa Administrativa, legislativa e judiciária (comparar com Brasil);
3. O que é e para que é preciso Visto para entrar em um país;
4. Infra-estrutura
5. Destacar a utilização da dança em diferentes momentos;
6. Artes Visuais - o que é, para que serve - contrapor falando sobre a poluição visual;
7. Esportes radicais;
8. Artesanato - o que é, quem vende, onde vende, etc.;
9. Animais - falar sobre os africanos e os brasileiros;
10. Comidas típicas;
11. Idiomas;
12. Hino Nacional da África do Sul (mostrar música e tradução)
13. Formas de governo
14. Aparteid
15. População

ATIVIDADE 3

Palavras em diferentes idiomas utilizados na África do Sul

Português	English	Afrikaans	isiXhosa/isiZulu
Amor	Love	Liefde	Uthando
Alegria	Happiness	Vreugde	Uvuyo
Amizade	Friendship	Liefderyk	Umhlobo
Beijo	Kiss	Soen	Phuza
Bonita	Beautiful	Pragtig	Umhle/Buhle
Coração	Heart	Hart	Intliziyo
Coragem	Courage	Moed	Ubugora
Dia	Day	Dag	Usuku
Educação	Education	Onderwys	Imfuno
Flor	Flower	Blom	Intyatyambo
Feliz	Happy	Bly	Uvuyo
Inteligente	Intelligent	Intelligent	Ukukhalipha
Luz	Light	Lig	Ukukhaya
Princesa	Princess	Prinses	Inkosazana
Sol	Sun	Son	Ilanga

O que trabalhar?

1. Ler as palavras nos 4 idiomas e destacar as diferenças de escrita e pronúncia;
2. Criar uma frase para que traduzam nos 3 idiomas. Ex: Feliz dia, princesa Vitória Luz.

Aula 17: Receitas Africanas e Afro-brasileiras

Objetivos:

1. Conhecer algumas receitas de origem africana;
2. Perceber a influência dos africanos em nossa culinária;
3. Reconhecer a África como produtora do amendoim e outros produtos do nosso consumo;
4. Aprender a fazer uma receita;
5. Compreender os instrumentos de medidas;

Recursos:

- Xerox com algumas receitas para os alunos (atividade 1)
- Texto explicativo sobre as medidas;
- Ingredientes da paçoquinha: amendoim, bolacha e leite condensado;
- Folhas de sulfite;

Metodologia:

- Entregar a cópia das receitas para os alunos;
- Fazer a leitura e explicar alguns ingredientes;
- Contar a história do surgimento da feijoada;
- Explicar os instrumentos de medidas;
- Fazer a receita da paçoquinha e comê-la;
- Confeccionar uma capa e um livro de receitas africanas;
- Passar exercícios de medida;

ATIVIDADE 1

RECEITAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS

<p style="text-align: center;">SCONES (Pãezinhos)</p> <p>Ingredientes: 2 xícaras (chá) de trigo 2 colheres (sopa) de açúcar cristal 1 colher (sopa) bem cheia de fermento em pó 1 colher (café) de sal 4 colheres de margarina 1 ovo inteiro 150ml de leite</p> <p>Modo de fazer: Coloque o açúcar, fermento, sal e margarina numa vasilha, misturando com as mãos até ficar em migalhas. Em outra vasilha, misture o leite e o ovo, misturando na massa delicadamente, mexendo sem amassar. Vire a massa em uma mesa com trigo, abra com as mãos até que fique com 2 dedos de altura, corte com um copo, coloque em uma forma untada (manteiga e trigo) e leve ao forno para assar. Se desejar, pincele gema de ovo em cima.</p>	<p style="text-align: center;">GEEL RYS EN ROSYNTJIES (Arroz Amarelo com uvas passas)</p> <p>Ingredientes: 3 xícaras (chá) de água fervendo 1 xícara (chá) de arroz ½ colher (chá) de curcuma (corante comestível amarelo) 1 colher (chá) de sal 1 colher (sopa) de manteiga ½ xícara (chá) de uvas passas (sem sementes)</p> <p>Modo de fazer: Cozinhe o arroz com sal, manteiga e curcuma. Depois de pronto, misture com as uvas passas e pode servir. Se desejar, pode colocar amendoim ou amêndoas em pedaços.</p>
<p style="text-align: center;">MELKTERT (Torta de leite)</p> <p>Ingredientes: 125 g de margarina ou manteiga 1 xícara (chá) de açúcar cristal 1 ovo inteiro batido 2 xícaras (chá) de trigo 1 pitada de sal 2 colheres (chá) de fermento em pó.</p> <p>Misture o ovo, a margarina e o açúcar. Acrescente os outros ingredientes amassando bem. Forre a forma com uma camada fina da massa, e leve ao forno para dourar. Retire do forno e coloque o</p> <p>Recheio: 1 ½ litro de leite 50 g de margarina ou manteiga 4 ovos 1 xícara de açúcar cristal ½ xícara de trigo e ½ de maisena 1 colher de baunilha e canela para decorar. Bata bem os ovos e coloque-os em uma panela com os outros ingredientes (menos a canela) mexendo bem. Leve ao fogo pra engrossar. Quando estiver grosso, despeje na massa, polvilhe canela</p>	<p style="text-align: center;">SOSATIE (Espeto de Carne)</p> <p>Ingredientes: 1kg de carne de carneiro ou de vaca cortada em cubos 1 cebola cortada em cubos 2 pimentões vermelhos (pequenos cortados em cubos) Espeto de madeira Coloque em forma intercalada a carne, pimentão e cebola, no espeto.</p> <p>Molho: 3 cebolas cortadas 2 colheres (sopa) manteiga 1 colher (sopa) de curry e 1 (chá) de curcuma 2 colheres (sopa) de açúcar cristal 1 colher (sopa) de maisena 2 xícaras (chá) de vinagre 20 gramas de damascos ou castanhas ou amendoim. Sal e pimenta à gosto. Frite a cebola na manteiga, adicione os outros ingredientes e cozinhe. Deixe esfriar, coloque nos espetos e leve à geladeira. No outro asse os espetos.</p>
<p style="text-align: center;">FEIJOADA</p> <p>Ingredientes: 1Kg de feijão preto 500 g de carne seca 3 calabresas e 1 paio ½ Kg de costela de porco 200 g de bacon 200 g de couro de porco 1 pé de porco 1 orelha de porco 1 rabo de porco Sal e folhas de louro</p> <p>Modo de fazer: Cozinhe o feijão. Lave bem, corte em pedaços e cozinhe a carne-seca, costela, pé, rabo e couro até amolecer. Tire do fogo, lave novamente muito bem, e reserve. Corte a calabresa e o paio e reserve. Frite o bacon com a cebola, alho, folhas de louro. Tempere o feijão com esta mistura, acrescente os demais ingredientes, deixando ferver bem.</p>	<p style="text-align: center;">PAÇOQUINHA</p> <p>Ingredientes: ½ Kg de amendoim 250 g de bolacha maisena 1 lata de leite condensado</p> <p>Modo de fazer: Torrar o amendoim, retirar a casca e bater no liquidificador (ou amassar) até ficar moído. Bata ou amasse a bolacha maisena até que fique um farelo. Coloque os ingredientes numa vasilha e mexa até grudar. Coloque a massa numa forma, passe o rolo (ou garrafa) para que amasse bem. Deixe descansar até o dia seguinte. Corte em Quadrinhos e pode comer!</p>

Aula 18: Arte Africana

Objetivos:

- Compreender a arte de contar histórias do povo africano;
- Reconhecer a origem da arte visual africana;
- Observar algumas casas decoradas africanas;
- Construir e decorar uma casa em cartolina;

Recursos:

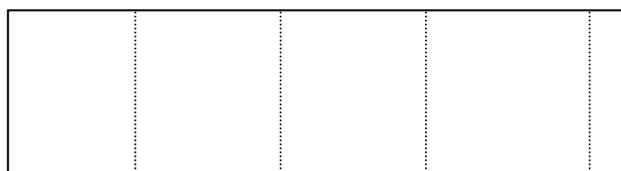
- Um conto do livro: “Vivendo a Matemática”;
- Postais, livros ou fotos de casas africanas decoradas;
- Pedacos de cartolina para construção das casas (atividade 1);

Metodologia:

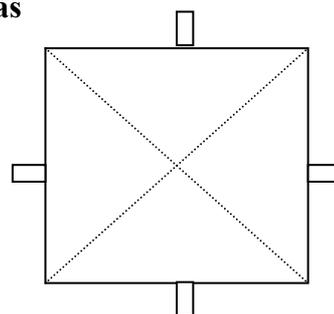
- Contar um conto do livro;
- Explicar a tradição africana da oralidade e contar histórias, associando à construção dos desenhos;
- Mostrar as imagens de casas decoradas de aldeias africanas;
- Construir uma casa com pedacos de cartolina;
- Decorar a casa no estilo africano (desenhos geométricos, cores quentes e variadas)

ATIVIDADE 1

Modelo para construção das casas



Base da Casa



Teto da casa

Aula 19: Tarde de Arte

Objetivos:

- Conhecer um pouco da arte africana;
- Compreender a arte africana como representação da cultura e história do povo;
- Criar diferentes objetos para serem expostos no cantinho de Africanidades;

Recursos:

- Folhas coloridas, cartolina ou sulfite 60, cola, tesoura, cola quente;
- Bolas e pratos de isopor;
- Argila e massa de biscuit;
- Panos coloridos e linha de tricô;
- Olhos de bonecas;
- Etiquetas para identificação;
- Rolos retirados do papel higiênico e jornal;
- Tintas guache coloridas;
- Palitos de sorvetes;
- Outros materiais que possam ser utilizados e transformados em arte;

Metodologia:

- Conversar sobre as manifestações artísticas africanas; (Atividade 1)
- Distribuir os materiais para que utilizem a criatividade e construam objetos diversos (por exemplo: casa africanas decoradas, galinhas d'Angola e animais africanos, rodas de capoeira, bonecas africanas, esculturas, máscaras, etc.);
- Expor os objetos criados no cantinho de Africanidades;

ATIVIDADE 1

(Texto base para discutir a arte africana)

A arte africana é uma arte funcional, preocupada com a utilização do objeto de arte. Muitas vezes a funcionalidade se dava sob o aspecto da utilização religiosa. Os africanos realizavam cerimônias para os seus mortos e soma-se a isso toda influência vinda da Europa, o resultado disso é uma arte complexa e variada, mais frequentemente voltada para a religiosidade.

A arquitetura africana foi extremamente utilitária, em Gana e Mali por exemplo, foram construídos palácios imponentes dentro do contexto africano, no leste da África foram encontrados edifícios e templos escavados nas rochas.

O povo africano gosta muito de utilizar enfeites, roupas e adornos, o que também constitui uma arte.

As esculturas são nitidamente representativas e procuram retratar pessoas importantes como reis e rainhas, e algumas procuram substituir pessoas falecidas. Os africanos modelam peças de grande valor, em bronze, ouro e marfim, utilizando técnicas que só seriam conhecidas dos europeus um século depois. As peças mais comuns eram cabeças e bustos.

Nas esculturas também se mostram os hábitos do povo africano e ritos religiosos, sendo que algumas peças eram produzidas em ouro, um metal abundante em algumas regiões africanas.

As máscaras são um dos segmentos mais importantes da arte africana. A máscara representava um disfarce que permitia a incorporação de espíritos e possibilitava absorver forças mágicas e místicas. Eram usadas em funerais, nos rituais mágicos, nascimentos e casamentos. A África tem muitas seitas secretas que utilizam dessas máscaras para preservar a identidade dos participantes.

O continente africano, por sua vasta extensão, apresenta inúmeros povos diferentes, com costumes e [arte](#) característicos. De uma maneira geral, a atividade migratória é grande dentro dessas tribos. Os pigmeus, por exemplo, povos caçadores, devido à frequência de migrações que costumam realizar, constroem suas casas de

maneira simples, com galhos e folhas, dando pouco espaço para o desenvolvimento da arquitetura ou das artes plásticas de uma maneira geral. Entretanto, a maioria desses povos têm no pastoreio - que também exige constantes mudanças em busca de terras melhores - sua principal atividade. As artes plásticas, nessas condições, ficam seriamente restritas aos trabalhos como decorações no corpo e aos vasos onde, por exemplo, armazenam leite.

Para concluir, é importante lembrar que o Egito faz parte da África, o que significa a grande importância da arte deste continente.

Pedras decoradas do Sahara: a [pintura](#) parece ser atividade bastante apreciada por essas tribos, realizadas em superfícies como pedras. O melhor exemplo desse tipo de prática pode ser dado pelas pedras decoradas do Sahara, pintadas durante interrompidos períodos de tempo. Essas pinturas eram realizadas por nômades pastores que por ali passavam e, muito provavelmente, faziam parte de seus ritos de iniciação para a vida adulta, tema frequente da [arte primitiva](#).

Escultura e arquitetura: entretanto, têm sido de povos agricultores os mais conhecidos exemplos da arte africana, como esculturas, a princípio colecionadas por arqueólogos e etnografistas do Século 19. A arquitetura também pôde desenvolver-se nessas áreas. Entre os povos migratórios, a escultura só pode ser realizada em pequena escala. Os Ife, cuja cultura floresceu entre o ano 1000 e 1500 da Era Cristã, na região da Nigéria, eram conhecidos pelo seu estilo de esculturas em bronze mais naturalistas (principalmente nas representações da cabeça, uma vez que o restante do corpo não possuía aproximação com as proporções reais). É bastante variado os tipos de trabalhos encontrados desse povo, sobretudo pela enorme quantidade de artistas que os realizavam.

Criando uma noção de conjunto: entre os Séculos 12 e 14, pode ser notada, entretanto, uma diretriz comum fornecida pela religião e uma maior homogeneização das obras. Materiais de diversas naturezas passam a ser utilizados em conjunto, como por exemplo as obras entalhadas em madeira e recobertas com latão (tribo Bakota, no Gabão). As máscaras surgem como novos objetos artísticos, tratando-se de representações antropomórficas das forças sobre-humanas ou divindades que estes povos cultivavam em seu imaginário religioso.

Evolução na representação de animais: pinturas de animais também foram freqüentes na arte africana, representando inclusive animais já extintos, como é freqüente nos desenhos em pedra do Sahara. Representações de leões, elefantes, antílopes e humanos armados para caçá-los foram encontradas por europeus do Século 13 ao 19.

Bibliografia

http://www.pitoresco.com.br/art_data/arte_africana. Acesso em 10/05/2003 às 15:30:05
(Fonte: Enciclopédia Digital. Enciclopédia Koogan-Houaiss).

<http://www.cyberartes.com.br/edicoes/41/aprenda.asp?edicao=41>. Acesso em 10/05/2003 às 16:01:30.

Aula 20 : Dança de Rua

Objetivos:

Que as crianças:

- relacionem a dança de rua com movimentos negros;
- compreendam a importância e sentido desta dança;
- participem da aula de dança;

Recursos:

- Rádio
- CDs com músicas de dança de rua;
- Espaço para execução da dança;

Metodologia:

- Convidar uma professora de dança que possa desenvolver este trabalho com as crianças – Profª Carmelita, vinculada à Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São Carlos/SP;
- Explicar a importância, fundamentos e história desta dança, assim como seu surgimento no Brasil;
- Destacar em que momento este movimento se relaciona com os negros;
- Ensinar alguns passos para que as crianças possam dançar;
- Avaliação pelos alunos do que aprenderam, gostaram e não gostaram;

Aula 21: Zumbi dos Palmares

Objetivos:

Compreender:

- a escravidão no Brasil;
- a contribuição dos negros para nossa economia;
- as formas de resistências;
- o que são os Quilombos;
- a história e importância de Zumbi;
- a música como retrato da história;

Recursos:

- Letra da música: “Zumbi, a Felicidade Guerreira” (atividade 1);
- Gibi: “Toinzinho apresenta: Zumbi e o dia da consciência negra” (a cópia deste gibi se encontra no final deste anexo)
- Folhas de sulfite;

Metodologia:

- Colocar a música para que as crianças ouçam e cantem;
- Discutir o significado da letra e ritmo desta música e a mensagem que nos passa;
- Entregar os gibis para que cada aluno faça a leitura do mesmo;
- Trabalhar e explicar alguns conceitos do gibi, assim como destacar a importância de Zumbi para os negros e brancos;
- Como atividade, solicitar que os alunos desenhem um quilombo.

ATIVIDADE 1**Letra da música: Zumbi, a Felicidade Guerreira**

Gilberto Gil/Wally Salomão

Zumbi, comandante guerreiro,
Ogunhê, Ferreiro-môr capitão
Da capitania da minha cabeça
Mandai alforria pro meu coração
Minha espada espalha o sol da guerra
Rompe mato, varre céus e terras
A felicidade do negro é uma felicidade guerreira
Do maracatu, do maculelê e do moleque Bamba
Minha espada espalha o sol da guerra
Meu quilombo incandescendo a serra
Tal e qual o leque, o sapateado do mestre-escola-de-samba
Tombo de ladeira, rabo de arraia, fogo de liamba
Em cada estalo, em todo estopim, no pó do motim
Em cada intervalo da guerra sem fim
Eu canto, eu canto, eu canto, eu canto, eu canto assim
A felicidade do negro é uma felicidade guerreira (bis)
Chica da, Chica da, Chica da, Chica da Silva a negra (bis)
A felicidade do negro..., Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu grande terreiro, meu berço e nação
Zumbi protetor, guardião, padroeiro
Mandai a alforria pro meu coração.

Aula 22: Produção de História baseando-se na imagem de duas famílias

Objetivos:

- Desenvolver a habilidade em criar histórias;
- Verificar como as crianças definem as famílias: branca e negra;
- Perceber a concepção que possuem em relação ao ser negro;

Recursos:

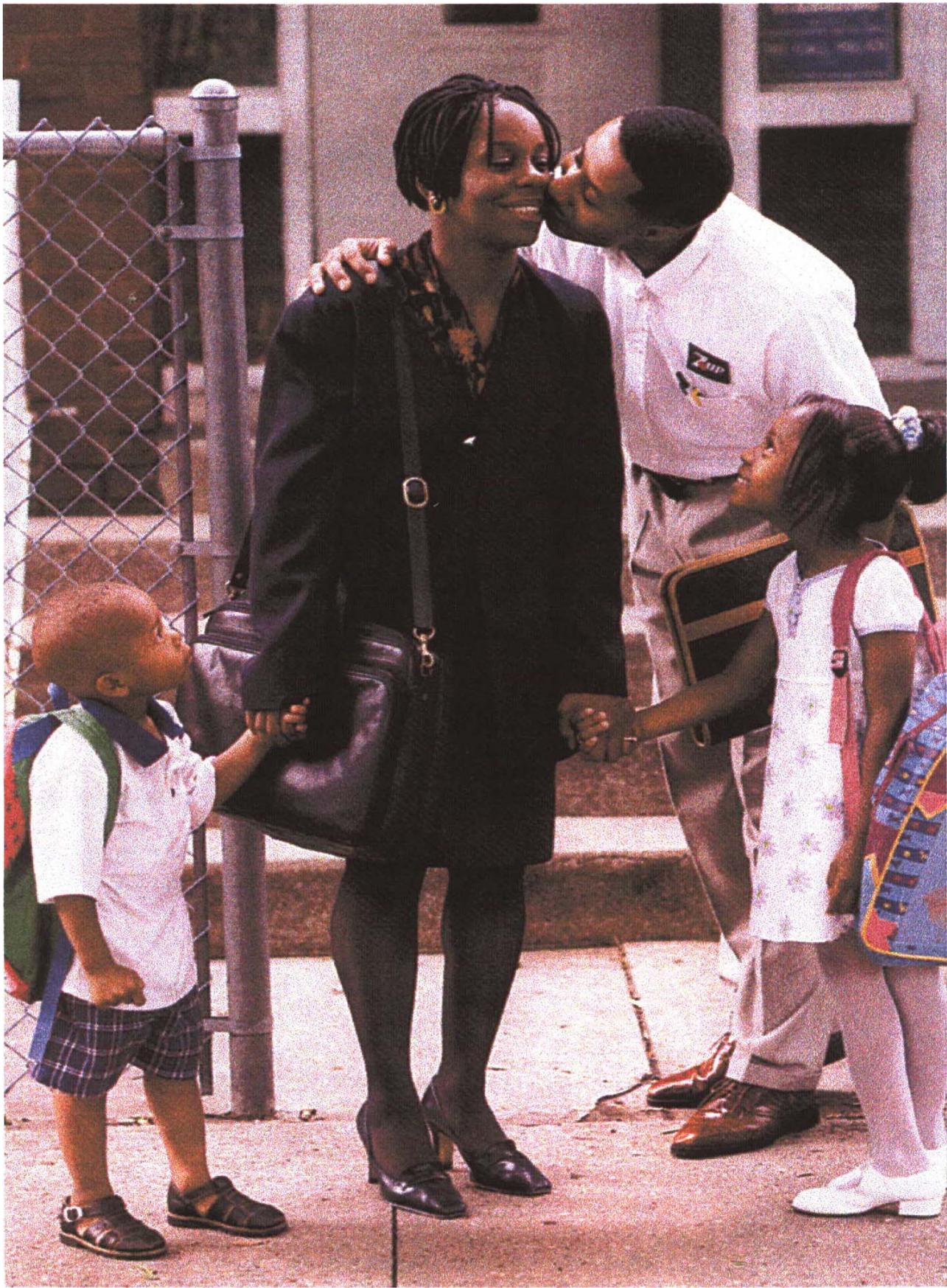
- Imagem de duas famílias: uma negra e uma branca (Atividade 1);
- Papel pautado para a criação da história;

Metodologia:

- Fixar na lousa a imagem das duas famílias;
- Explicar aos alunos o que são aquelas imagens;
- Solicitar que as crianças escrevam uma história contando a vida daquelas famílias;

Atividade 1
Imagens das Famílias





Aula 23: Passeio Histórico Cultural

Local: Fazenda Santa Maria – São Carlos/SP

Justificativa:

Este passeio está sendo proposto como parte do projeto: “cantinho de africanidades na sala de aula”, que está sendo desenvolvido com esta turma desde o início do semestre. A realização desta atividade é fundamental para que as crianças entrem em contato com a história, observem o local em que houve presença de negros na época da escravidão e percebam a importância das fazendas e dos negros na construção da economia e cultura brasileira.

Objetivo:

Compreender a formação da cultura e economia brasileira, assim como, conhecer uma das manifestações culturais de origem africana, a capoeira.

Metodologia:

- Circular na fazenda, conhecendo seus locais históricos;
- Sentados em círculo, conversar sobre a contribuição dos escravos para a construção do nosso país;
- O convidado Engels Câmara (mestrando da UFSCar) estará trabalhando a história da capoeira e ensinando as crianças como jogá-la;
- Voltando para a sala de aula, outras atividades serão desenvolvidas tendo como base esta visita e os trabalhos que lá foram realizados.

Avaliação:

Estaremos avaliando a participação e o interesse das crianças nas atividades desenvolvidas durante o passeio, assim como, nos trabalhos a serem desenvolvidos posteriormente.

Aula 24: Aplicação de Questionário

Objetivos:

Verificar:

- como as crianças irão definir suas famílias;
- como se ato definirão;
- o que pensam do cantinho de Africanidades;
- o que aprenderam e consideram importante;
- se o trabalho com o cantinho tem ajudado essas crianças;

Recursos:

- Cópia do questionário para ser entregue aos alunos (Atividade 1);

Metodologia:

- Primeiramente, explicar a importância desta avaliação;
- Entregar a folha com as questões, ler com os alunos, explicar e tirar dúvidas caso haja;
- Ao terminar de responder, recolher;
- Deixar aberto um espaço para discutir o que foi respondido, com as crianças que desejarem falar suas respostas;

*Atividade 1**Aplicação de Questionário*

1. Eu _____.
2. Tenho _____ anos.
3. Sou _____
4. Meu pai se chama _____ ele é
_____ e trabalha de/no (a)
_____.
5. Minha mãe se chama _____ ela é
_____ e trabalha de/no (a)
_____.
6. Eu achei o Cantinho de Africanidades e as atividades

7. Porque _____

8. Eu aprendi e não sabia que a/na África _____

9. O que eu aprendi vai me ajudar para _____

10. O cantinho deve continuar? Sim Não
11. Porque _____

Aula 25: Sala de Africanidades

Objetivos:

- Transmitir para outras pessoas o conhecimento adquirido sobre a cultura africana;
- Possibilitar que outras crianças tenham contato com objetos de origem africana ou afro-brasileira, assim como as produções dos alunos;
- Permitir que a família conheça o trabalho desenvolvido em sala de aula;
- Motivar outros professores a desenvolver trabalhos semelhantes;

Recursos:

- Objetos que foram expostos no cantinho: fotos, postais, bonecas, artesanatos, CDs, roupas, revistas, gibis, livros de literatura infantil, entre outros.
- Trabalhos desenvolvidos pelos alunos (desenhos, cartazes, recortes, casas, bonecas, galinha de Angola, etc.)

Metodologia:

- A sala será organizada por cantos contendo objetos trabalhados em cada bloco (1. Livros infantis; 2. revistas, jornais, folders, gibis, etc.; 3. livros de histórias construídas pelos alunos; 4. casas decoradas pelos alunos; 5. livros de receitas; 6. bonecas negras; 7. panos e roupas de origem africana; 8. esculturas africanas; 9. instrumentos musicais; 10. fotos de pessoas negras; 11. desenhos desenvolvidos pelas crianças)
- Em cada espaço ficarão responsáveis de duas a três crianças, que deverão explicar o conteúdo daquele canto para os visitantes;
- Estará entrando para visita, uma sala por vez;
- Os visitantes como funcionários da escola, diretora, professora da UFSCar, pessoas da Secretaria da Educação e as famílias terão acesso no momento que desejarem.

Aula 26: O Hip-Hop

Objetivos:

- Conhecer o movimento Hip-Hop;
- Reconhecer neste movimento, as influências dos grupos negros;
- Perceber no Rap as reivindicações de grupos excluídos da sociedade;

Materiais ou Recursos:

- Rádio para ouvir músicas de Rap;
- TV e Vídeo para assistir a um clipe de Rap;
- Cópia de uma música de Rap para discussão;
- Uma pessoa que participe do movimento Hip-hop.

Metodologia:

- Trazer uma pessoa que participe ou conheça o movimento Hip-Hop para conversar com as crianças (Profª Ione da Silva Jovino);
- Explicação sobre o movimento (Atividade 1);
- Passar um clipe de Rap para que as crianças vejam a música e a dança;
- Entregar a cópia com a letra da música (Atividade 2), e toca-la, para que as crianças possam ouvir, e depois realizar uma reflexão sobre o que a mesma nos diz e reivindica;
- Relacionar a letra com a necessidade e importância em cada um assumir sua identidade para lutar por justiça;

ATIVIDADE 1

Explicação sobre o Movimento Hip-Hop (Profª Ione)

Hip – Hop: do Inglês, significa Saltar e Balançar.

É um movimento de paz, assim como um convite para dançar, se divertir, balançar. Representado pelo GRAFITE, BREAK e RAP.

Esse movimento foi uma forma que os grupos negros encontraram para reivindicar seus direitos, antes disso era usada de violência e desafio à polícia, que sempre acabava muito mal.

Nessas brigas, muitos iam presos, e na prisão não podiam usar sinto, acostumando assim com a calça caindo, característica usada até hoje pelos integrantes deste movimento.

Um DJ (Disk Jôquei) africano propôs que fizessem o **GRAFITE** (pintura) como forma de disputa e expressão.

Após a guerra, muitas pessoas voltavam mutilados, e alguns grupos resolveram protestar contra as guerras através do **BREAK** (dança), dança esta que tentava imitar os movimentos de pessoas mutiladas.

No final da década de 60, surge uma outra forma de expressão, o **RAP** (música), que traz em suas letras protestos às injustiças sociais, econômicas e culturais, e as reivindicações de justiça e igualdade.

Embora o RAP tenha se tornado maior que o movimento HIP-HOP, faz parte dele, e significa ritmo e poesia. Para a base sonora do RAP, utilizam Soul e Funk.

No Brasil, o Rap chegou no final da década de 70 e o Break foi o primeiro que aqui chegou. Os que mais se interessaram pelo Break e Rap, foram os jovens negros através dos bailes Black.

No Break temos:

B. Boy (Break Boy) = garoto que dança

B. Gil (Break Gil) = garota que dança

No Rap temos os Rappers que são:

MC (Mestre de Cerimônias) = pessoa que canta ou faz a poesia

DJ (Disk Jôquei) = pessoa que controla o som.

O primeiro Rap tocado no Brasil foi o Rap animação, diferente dos que vemos hoje. Depois surge o Rap político, que serve para pensar, isto é, pensar na história do Brasil, da população negra, dos povos de todo o mundo, na África, no que você aprende no cantinho de Africanidades, na vida.

O Rap político foi muito importante para as pessoas assumirem sua negritude e lutar pela igualdade dentro da diversidade. Servia este Rap para informar, conscientizar e denunciar.

O Rap representa: a liberdade de expressão; a luta por direitos negros, realizada e idealizada por jovens; e o mundo da informação.

Em São Paulo, o Rap é feito em sua maioria por pessoas jovens e negras. Mas o Rap existe em vários países, inclusive no continente Africano. Também existe o Rap na Colômbia, na França, Estados Unidos, entre outros.

O Rap é uma música negra e tem suas ramificações no: Raggae; capoeira; samba; repente; afro-baiana; funk e rap.

ATIVIDADE 2

Letra de uma música de Rap (para escutar, ler e discutir com as crianças)

Sou negro d+ pra você

DJ Thaíde

Ó, irmã, assumo a sua mente/eu sei que você é inteligente/infelizmente tem uma pá de Judas por aí/mesmo não querendo eles vão ter que me ouvir/viver , intensamente é o meu objetivo/se sou feliz assim como sou, é porque tem motivo/ meu instinto guerreiro tá no sangue/pra mim não basta apenas ter a cor predominante/não, não tem como fugir daquilo que a gente é/se aceite, ou seja escravo pra sempre; se você quiser/dentro do bus, uma vez, eu vou dizer pra vocês/confesso, tive que contar até três pra não fazer besteira/uma pretinha falava pra sua parceira/hill: preto não namoro, nem por brincadeira/tem também o idiota que saiu na revista/dizendo que negra tá fora da sua lista/demente, diz que quer a outra porque é mais inteligente/mais uma ovelha branca prejudicando a gente/sua atitude doente vai te levar à loucura/e seu castigo é ter pra sempre a pele escura/tenho razão no que digo/minha intenção é te ofender/sai fora! **Sou negro demais pra você:/qual o motivo pra sentir tanta vergonha negra?/se vendeu e não quer admitir?/qual o motivo pra sentir tanta vergonha, negra?/um erro difícil de corrigir/qual o motivo pra sentir tanta vergonha, nêga?/vou te perseguir o tempo inteiro/qual o motivo pra sentir tanta vergonha, negro?** Seja escuro, mas seja escuro e verdadeiro/paga um pau pros brancos, se acha pior que eles/foi , chamado de preto ladrão, quantas vezes?/puxa-saco como é, deve nem ligar pra isso/acha normal usar elevador de serviço/sou direto, mesmo não dando nome aos bois/como a "preta branca" que, se pudesse/morava dentro de um saco de pó de arroz/pra ficar mais clara passa tanta maquiagem/que, quando beija alguém, quase gruda a cara/como não dá pra se livrar da cor preta que tem pelo corpo/ corre na loja mais próxima, compra um par de

lentes/põe no olho e investe fundo neles/agora a negra se intitula morena dos olhos verdes/eu apoio a miscigenação quando o amor é verdadeiro/não como fazem muitos negros brasileiros/ganham dinheiro e logo compram o kit-fama/vem com carro importado, uma corrente de ouro/e uma loira em cima da cama/pode se morder comigo, eu não ligo/por esse puxão de orelha você tinha que me chamar de amigo/tenho razão no que digo/minha intenção é te ofender/sai fora! sou negro demais pra você: **ei, ei, não ouviu? eu te chamei/olhe pra mim. você que não se enxerga de tão branco que é, negro/que falta de respeito, decepção, ser traído pelo próprio irmão/você é muito fácil. quinze moedas te compram/o contrário de corajoso é medroso, covarde.../o certo seria cada um fazer a sua parte/mas você me obriga a fazer a minha e a sua/você é mais baixo que o nível da rua/pernilongo, sanguessuga, é pior que inseto/sinto cheiro de enxofre quando está por perto/ está sempre no mato, mas não é capitão/é excremento deixado por cachorro pelo chão/vou pôr seu nome lá no meu terreiro/sou macumbeiro, descendente de guerreiro afro-brasileiro/a pé, de carro, de bus o, tomo geral dos home/nem por isso estou por aí/escondendo meu nome/eu passo gingando, provoco, desafio/eu tenho orgulho profundo de ser assim tão vadio/sou um neguinho baixinho, muito cabuloso/eu como a carne toda e te faço roer o osso/como vê, minha pessoa pode te comprometer/sai fora/agora, você sabe por quê?/preste atenção/eu sou negro demais pra você. A todos os negros e negras que não se assumem/prestem atenção no que eu vou dizer/isso é vocês:"a tonga da mironga do cabuletêêêê:::!"**

Aula 27: Trabalho com jornais

Objetivos:

- Perceber o que os jornais trazem sobre o negro;
- Analisar se a cultura e história negra esta sendo mostrada no jornal;
- Refletir sobre a situação dos negros no Brasil;

Materiais ou Recursos:

- Cópias de algumas reportagens de jornais pré-selecionadas pela professora;
- Jornais trazidos pelos alunos;

Metodologia:

- Distribuir as cópias para os alunos, para que leiam (Atividade 1);
- Conversar sobre o que os jornais nos trazem de informações sobre o negro, sua cultura, sua história;
- Perceber se a discriminação e o preconceito estão ou não presentes na situação apresentada pela reportagem;
- Em grupos, discutir e escolher a melhor reportagem para expor num painel;
- Montar um painel com a classe, que fique exposto na escola para que outras crianças tenham acesso às informações estudadas.

ATIVIDADE 1

(Exemplo de um texto trabalhado)

Hampâté Bâ leva oralidade africana ao papel

Autor: PAULO DANIEL FARAH

Origem do texto: ESPECIAL PARA A FOLHA DE SÃO PAULO

Editoria: ILUSTRADA, Página: E3

Edição: São Paulo, 16 de setembro de 2003

Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima. A frase, do malinês Amadou Hampâté Bâ, expressa a importância da transmissão oral no continente e a sensação de ouvir um sábio africano relatar suas experiências: é como se vários livros se abrissem, com uma profusão de detalhes, para dar voz às histórias e às tradições locais.

"Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem", diz o etnólogo, filósofo e historiador em "Amkoullel, o Menino Fula".

Um dos maiores pensadores da África no século 20, Hampâté Bâ integra a primeira geração do Mali com educação ocidental. Seu vínculo com a tradição oral do povo fula (nação de pastores nômades que conduz seu rebanho pela África savânica) o levou a buscar o reconhecimento da oralidade africana como fonte legítima de conhecimento histórico.

Hampâté Bâ (1900-91) participou da elaboração dos primeiros estudos que usam as fontes orais de maneira sistemática, como em "História Geral da África", publicada pela Unesco em 1980. Se escritos como esse e outros de caráter sociológico e filosófico são mais conhecidos, o relato autobiográfico tem o mérito de revelar a trajetória desse mestre da transmissão oral e comprovar a força da "oralidade deitada no papel" (nas palavras do autor).

"O extraordinário é que ele faz a palavra por escrito. Em momentos do livro, tenho a impressão de escutar um mestre da palavra. E ele era um mestre da palavra", afirma o professor Fábio Leite, do Centro de Estudos Africanos da USP. "A obra aborda a realidade das sociedades africanas a partir de uma visão interna, que vai de dentro para fora dos fenômenos e revela a África-sujeito, a África da identidade profunda, originária, mal conhecida, portadora de propostas em valores diferenciais."

Nascido em 1900 em Bandiagara, no atual Mali, Hampâté Bâ começou a viajar "com apenas 41 dias de presença neste mundo" e logo entrou em contato com fulas, bambaras, dogons e hauçás, entre outras comunidades étnicas.

O rei Tidjani Tall, fundador de Bandiagara, mandara dizimar todos os membros do sexo masculino da família de seu pai, que sobreviveu ao massacre. À mãe, empreendedora e de caráter forte, chamavam de "mulher de calças". Os pais naturais, o pai espiritual (o mestre sufi Tierno Bokar) e o padrasto lhe ensinaram cedo as regras de honra e conduta.

Hampâté Bâ examina a "morte" da primeira infância, o papel das associações de jovens

na formação da personalidade africana e a relação com os brancos-brancos (os europeus) e os brancos-negros (os africanos europeizados). O autor conta que, quando pequeno, tocou a mão de um "filho do fogo" (um francês) e descobriu que ele era "uma brasa que não queima". Sem perífrases, descreve uma expedição ao lixo dos europeus para confirmar se seus excrementos eram negros _como diziam os rumores_ e, mais tarde, o envio à "escola dos brancos", "considerada pela grande maioria dos muçulmanos como o caminho mais rápido para o inferno!".

A descrição de uma cerimônia de circuncisão, precedida de uma grande festa que vai do pôr-do-sol ao amanhecer, recebe descrição minuciosa. Após as arengas destinadas a estimular a coragem, ao pé de duas acácias, colocavam-se pedaços de noz-de-cola na boca dos meninos, entre os molares, para medir sua coragem. Após a retirada do prepúcio, "que retém prisioneira a maioridade", a marca dos dentes, se ligeira, confirmava a bravura do circunciso.

Hampâté Ba expõe ainda a fragilidade da civilização da oralidade que tanto defendeu. "Uma das maiores consequências da guerra de 1914, pouco conhecida, foi provocar a primeira ruptura na transmissão oral dos conhecimentos tradicionais."

Aula 28: “A cor da Cidadania”

Objetivos:

- Perceber a situação de discriminação e preconceito presente na história;
- Conhecer as leis que protegem os negros em caso de racismo;
- Refletir sobre as diferentes situações em que minimizamos o negro e sua cultura;
- Analisar os pré julgamentos que fazemos das pessoas, sem antes conhece-las.

Materiais ou Recursos:

- Cópias do Gibi nomeado “A cor da Cidadania”, e elaborado a partir da Lei 9.459 de 13/05/1997 de autoria do deputado Paulo Paim

Metodologia:

- Distribuir as cópias do Gibi para as crianças (A cópia do Gibi se encontra no final deste Anexo);
- Fazer uma leitura individual e depois, em círculo, a professora faz nova leitura do gibi;
- Abrir discussão sobre o que entenderam da história, o que é importante destacar, o que é preciso para mudar a situação vivida pelos negros, entre outras questões;
- Discutir a Lei que determina o racismo com crime e as formas de agir em situações de racismo;
- Levar para casa os livrinhos e ler para as famílias, trazendo no dia seguinte um comentário do que eles acharam desta história e desta lei.

Aula 29: Religiões de origem africana

Objetivos:

- Conhecer as duas maiores manifestações religiosas de raiz africana presentes no Brasil;
- Desmistificar a idéia negativa que se tem dessas manifestações;
- Valorizar as pessoas que fazem parte da Umbanda ou Candomblé;
- Entender o que são orixás;

Materiais ou Recursos:

- Um texto sobre Umbanda e Candomblé para os alunos (Atividade 1);
- Folhas sulfite;

Metodologia:

- Fazer a leitura do texto com os alunos;
- Explicar cada uma das manifestações;
- Explicar o que são orixás;
- Relacionar os orixás com os santos católicos (Atividade 2);
- Em dupla, dividir em duas partes a folha de sulfite e destacar em uma das partes: quais religiões freqüentam e o que pregam de importante; na segunda parte: o que mais chamou a atenção sobre o Candomblé e a Umbanda, e por que.

ATIVIDADE 1

Umbanda

É uma expressão religiosa que tem por prática a caridade. É um culto popular aceito em todas as camadas sociais.

A umbanda tem origem em diversas raças e nações e incorpora os adeptos de energias africanas, indígenas e européias. A umbanda é a união do catolicismo com o espiritismo.

O chefe da casa é conhecido como pai-de-santo e seus filiados são os filhos de santo. Ele inicia a cerimônia benzendo e defumando os presentes e segue os cânticos sagrados para formar uma corrente e baixar o santo (espírito), que nada mais é que um ser humano despojado do seu corpo físico.

Terreiro ou Tenda de umbanda é onde se realiza o ritual e onde se encontra o gongá, palavra de origem banto que serve para denominar o “altar sagrado”, onde se encontram as imagens de santos católicos, orixás, caboclos, pretos velhos, e outros.

A umbanda se fundamenta nos princípios: existência de um só Deus, crença nas entidades espirituais em evolução, crença nos orixás e santos, crença em guias e mensageiros, na existência da alma, na prática da mediunidade.

Candomblé

Palavra que segundo a origem Banto, significa “lugar de terra batida” ou terreiro e, segundo a origem iorubana, significa “festa”.

Os escravos vindos de várias culturas trouxeram para o Brasil suas crenças e rituais diferentes. Da união deles nasceu o candomblé com vários orixás.

Os orixás, deuses do candomblé, têm origem nos ancestrais africanos, transformados nas forças da natureza. Ao cultuar os orixás, também cultuamos os elementos da natureza, ou seja, a água, o ar, terra e fogo. Essas forças produzem energia que chamam de axé.

Adorar a Deus significa adorar as forças pertencentes à criação do Pai, Deus supremo que tem o nome de “Olorum”.

O candomblé se expressa nos terreiros ou roças onde os orixás são cultuados. O chefe supremo do terreiro, babalorixá ou yalorixa é detentor de poder sobrenatural. As cerimônias são realizadas com cânticos na língua nagô ou ioruba.

Alguns orixás:

Ogum – deus da guerra; Omulu – deus da doença; Xangô – deus do trovão e da justiça; Oxum – deusa das fontes e da beleza; Iemanjá – deusa dos mares e oceanos; Oxalá – deus da criação.

Bibliografia

VENTURA, Nancy Caruso. **Negro: reconstruindo nossa história**. São Paulo: Noovha América, 2003,p. 47-49.

ATIVIDADE 2

(Orixás e Santos Católicos)

Os negros dançavam e cantavam nas senzalas para cultuar seus orixás, mas os senhores não permitiam esse tipo de manifestação e impunham os santos católicos. Os escravos colocavam os santos católicos nos altares, mas com o tempo as características místicas dos orixás passaram para santos católicos.

Alguns exemplos de Orixás relacionados a Santos Católicos:

Ogum – deus da guerra = Santo Antônio e São Jorge

Iansã – deusa dos ventos = Santa Bárbara

Iemanjá – deusa dos mares e oceanos = Nossa Senhora da Conceição

Oxalá – deus da criação = Jesus Cristo

Oba – deusa do rio = Nossa Senhora Aparecida e Santa Joana D’Arc

Xangô – deus do trovão e da justiça = São Jerônimo

Exu – mensageiro dos deuses, entidade em transformação = mal, demônio

Ibejis – divindade infantis gêmeas = Cosme e Damião.

Bibliografia

VENTURA, Nancy Caruso. **Negro: reconstruindo nossa história**. São Paulo: Noovha América, 2003,p. 35-38.

Aula 30: Biografias

Objetivos:

- Conhecer algumas pessoas negras que fizeram história no Brasil e fora dele;
- Perceber a importância em lutar para conquistar um espaço na sociedade;
- Entender o que é biografia, para fazer a sua;
- Entrar em contato com pessoas negras da comunidade e suas histórias, integrando-as com o trabalho que estamos realizando;
- Reconhecer o negro como alguém com valor;
- Montar um livro de biografia de pessoas negras da comunidade e dos alunos da classe;

Materiais

- Cópias de biografias de algumas pessoas negras (Atividade 1);
- Folhas de sulfite;
- Recursos para montar um livro (fotocópias ou cartucho de tinta para impressão; folhas; folhas coloridas para a capa; grampeador ou encadernação ou gráfica que aplique cola nas laterais do livro);

Metodologia

- Trabalhar com as biografias das pessoas importantes na nossa história;
- Aproveitar uma dessas biografias para explorar datas e explicar o que deve conter uma biografia, sua importância;
- Solicitar aos alunos que façam uma entrevista com uma pessoa negra, baseando-se num roteiro (Atividade 2);
- Em sala de aula, explicar e solicitar que baseados nas entrevistas, montem uma biografia;
- As crianças devem após este trabalho montar sua própria biografia;
- Montar um livro com biografia de pessoas negras da comunidade e das crianças da sala, distribuindo para todos;
- Desenvolver atividades fazendo uso das biografias do livro, por exemplo, em matemática aproveitar as datas, endereços; em português as falas; em geografia, os locais onde nasceram; em história, a vida e contos.

ATIVIDADE 1

Biografias de Pessoas Negras

JOSÉ DO PATROCÍNIO (Jornalista)

José do Patrocínio nasceu em Campos, Rio de Janeiro, no ano de 1853. Filho de um padre com uma escrava vendedora de frutas.

Já adolescente, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde começou a vida como servente de pedreiro na construção da Casa de Misericórdia. Com este trabalho, financiou seus estudos e formou-se em farmacêutico.

Descobriu sua verdadeira vocação ao fundar um jornal satírico “Os Ferrões”.

Tornou-se um dos jornalistas mais brilhantes, criador de textos requintados, o que o transformou num famoso articulador da abolição, conhecido em todo o Brasil como “Tigre Abolicionista”.

Em 1889, aderiu ao movimento republicano. Foi exilado na Amazônia. Defendido por Rui Barbosa, voltou ao Rio de Janeiro, mas continuou em seus artigos a atacar as ações do Marechal Deodoro da Fonseca, o “Marechal de Ferro”, presidente do Brasil na época. Teve seu jornal fechado. Perseguido, perdeu seu prestígio e foi abandonado pelos amigos, passando a viver miseravelmente num barracão no subúrbio.

CRUZ E SOUZA (Poeta)

Cruz e Souza nasceu em 24 de novembro de 1861, em Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis). Filho do escravo mestre-de-pedreiro Guilherme e da escrava liberta Carolina Eva. Iniciou seus estudos aos 8 anos e estudou latim, grego, alemão, francês, matemática e ciências naturais.

Durante a juventude, viajou pelo Brasil, conheceu vários intelectuais, e passou a dedicar-se à literatura. Encantado pela produção poética francesa, criou no Brasil o Simbolismo. Revelou-se homem engajado (envolvido) nas lutas de seu tempo, através do jornalismo, apontando injustiças sociais. Com humor, sátiras e caricaturas, criticava o costume e a política da época. Fez uso de alguns pseudônimos (supostos nomes), Felisberto, Filósofo Alegre, Habitué, Zék e Trac em suas publicações nos jornais: “O moleque”, “Tribuna Popular”, “Novidades”, e nas revistas “A cidade do Rio de Janeiro” e a revista ilustrada”.

Por ser negro e criador dos versos de vanguarda, muitas vezes incompreendido, teve, durante sua vida, as portas fechadas para o sucesso. Apesar disso, construiu uma

obra poética de estilo e genialidade, de versos transcendentais que ganharam o mundo e fizeram sucesso após sua morte.

ANDRÉ REBOUÇAS (Engenheiro)

André Rebouças, nascido em 13 de janeiro de 1838, filho do alfaiate português Gaspar Pereira Rebouças e Rita Brasília dos Santos, escrava alforriada.

No Rio de Janeiro, matriculou-se na Escola Militar de Aplicação e depois cursou a Escola Central Politécnica, atual Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Completo seus estudos de engenharia civil na Europa. Na volta, não pôde dedicar-se ao trabalho de engenharia, pois foi convocado para a guerra do Paraguai. Teve varíola e saiu do exército.

Percorreu todo o Brasil tentando convencer o imperador a modernizar as ferrovias.

Suas idéias, para a época, eram muito avançadas e seus projetos não se concretizaram. Como pioneiro no conhecimento do solo brasileiro, fez as docas do Rio de Janeiro e os portos do Nordeste.

Com certeza de que a cor de sua pele impedia a realização de muitos de seus projetos, a partir de 1872 passou a dedicar-se, integralmente, ao movimento abolicionista.

André era amigo pessoal e admirador do Imperador D. Pedro II e da Princesa Isabel, mas isto não o impedia de trabalhar intensamente pela abolição, embora soubesse que a realização de seu grande sonho, a libertação do povo negro, traria como consequência a proclamação da República, o que ocorreu em 1889. Por essa razão, abandonou o Brasil e exilou-se na Ilha da Madeira, onde faleceu solitário.

LUÍZA MAHIN

Africana guerreira, teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia. Além de sua herança de luta, deixou-nos seu filho, Luiz Gama, poeta e abolicionista. Pertencia à etnia jeje, sendo transportada para o Brasil, como escrava. Outros se referem a ela como sendo natural da Bahia e tendo nascido livre por volta de 1812. Em 1830 deu a luz a um filho que mais tarde se tornaria poeta e abolicionista. O pai de Luiz Gama era português e vendeu o próprio filho, por dívida, aos 10 anos de idade, a um traficante de

escravos. Luiza foi uma mulher inteligente e rebelde. Sua casa tornou-se quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da Grande Insurreição, a Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida na Capital baiana em 1835. Luiza conseguiu escapar da violenta repressão desencadeada pelo Governo da Província e partiu para o Rio de Janeiro, onde também parece ter participado de outras rebeliões negras, sendo por isso presa e, possivelmente, deportada para a África. Luiz Gama escreveu sobre sua mãe: “Sou filho natural de uma negra africana, livre da nação nagô, de nome Luiza, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa, magra, bonita, a cor de um preto retinto, sem lustro, os dentes eram alvíssimos, como a neve. Altiva, generosa, sofrida e vingativa. Era quitandeira e laboriosa”. Luiza teve outro filho. Em 9/03/1985, o nome de Luiza foi dado a uma praça pública, no bairro da Cruz das Almas, em São Paulo, área de grande concentração populacional negra, por iniciativa do Coletivo de Mulheres Negras/SP.

LUIS GAMA (Jurista)

Luis Gonzaga Pinto da Gama nasceu em Salvador, filho de Luíza Mahin, negra africana livre, e de um fidalgo português empobrecido. Aos dez anos foi vendido como escravo pelo próprio pai. Levado ao Rio de Janeiro e posteriormente para Santos, fugiu da casa de seu “dono” e como soldado, conquistou sua liberdade.

Tornou-se jornalista, poeta e advogado. No âmbito judicial travou uma grande luta, conseguindo a libertação de mais de 500 escravos, algumas vezes provando que haviam entrado no país após o término do tráfico negreiro, outras vezes fazendo senhores aceitarem o pecúlio (reserva de dinheiro) como forma de alforria.

Associou-se à luta abolicionista denunciando, por meio da imprensa, a escravidão como fator de degradação (diminuição) do ser humano e da sociedade.

Após longo tempo doente, Luis Gama faleceu em 24 de agosto de 1882.

ADALBERTO CAMARGO (Político)

Nascido em 7 de dezembro de 1923, Adalberto, serve até hoje como estímulo para que negros brasileiros se atirem no mundo da política e dos negócios.

Primeiro negro a ser eleito deputado federal, sucessivamente, durante 16 anos. Conseguiu esse feito com um discurso voltado à melhoria de vida do povo afro-brasileiro. Esse paulista de Araraquara destacou-se também no mundo empresarial.

Teve seu nome escrito na história, como um grande empresário negro de nosso país. Com uma postura sempre voltada às questões afros, criou a Câmara de Comércio Brasil-África, restabelecendo e fortalecendo as relações comerciais e diplomáticas entre nosso país e o continente africano.

MACHADO DE ASSIS (Escritor)

Joaquim Maria Machado de Assis, negro, nasceu no ano de 1839, no Morro do Livramento - Rio de Janeiro, e viveu uma infância como órfão e pobre.

Machado não frequentou a escola, mas aprendeu a ler antes dos 10 anos. Ficou órfão ainda criança, e vendia doces para ajudar a sustentar a casa. Após alguns anos, se tornou caixeiro de uma livraria, tipógrafo e revisor, mais tarde, ingressou como funcionário público. Em 1889, ano da proclamação da República, dirigia a Diretoria do Comércio, e já era escritor consagrado.

Escreveu livros como: Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881-82), Dom Casmurro (1889) e Quincas Borba (1891).

Foi fundador, em 1896, da Academia Brasileira de Letras e eleito seu presidente vitalício. Ao morrer em 1908, recebe honras fúnebres de chefe de Estado.

Bibliografias

VENTURA, Nancy Caruso. **Negro: reconstruindo nossa história**. São Paulo: Noovha América, 2003, p. 35-38.

SITE DE BUSCA. **www.google.com.br** - acessado em 20/09/2003.

ATIVIDADE 2

Roteiro para Entrevista com Pessoas Negras da Comunidade

1. Nome Completo, data e cidade de nascimento, Cor (Raça/Etnia)
2. Nome dos Pais e cor (raça/etnia) dos pais
3. É casado (a)? Com quem?
4. Em que bairro reside/mora?
5. Estudou ou estuda? Que série estuda ou até que série estudou?
6. Trabalha? Em que?
7. Já sofreu alguma discriminação?
8. O que mudou da sua infância para hoje?

Aula 31: Visitas a outras escolas da Cidade

Objetivos:

- Transmitir o aprendido sobre cultura negra através do cantinho de Africanidades, para outras crianças;
- Mostrar as produções que realizaram e os objetos do cantinho;
- Trocar idéias e conhecimentos sobre os negros e sua cultura;
- Conscientizar outras pessoas da importância do negro em nossa sociedade;
- Analisar o que as crianças participantes do projeto aprenderam e o que consideraram importante transmitir;

Materiais

- Produções dos alunos (desenhos, cartazes, objetos);
- Alguns dos materiais expostos no cantinho (esculturas, bijuterias, livros, revistas, livros de literatura infantil, etc.);
- Fotografias dos trabalhos realizados;

Metodologia

- Primeiramente fazer as apresentações e explicar o que é projeto cantinho de Africanidades;
- Fazer algumas perguntas para ver o que sabem sobre a cultura negra;
- Explicar alguns pontos importantes que aprenderam e consideram necessários que outras pessoas saibam;
- Apresentar um teatro: “Menina Bonita do Laço de Fita” ou “A cor da Cidadania”, dependendo a idade das pessoas visitadas;
- Mostrar e explicar cada objeto levado para exposição, assim como o mapa do Continente Africano;
- Como avaliação verificar o que mais gostaram de aprender, e dúvidas que gostariam de esclarecer.
- Agradecer o convite e convida-los para conhecer o cantinho e transmitir o pouco que aprenderam para outras pessoas.

Aula 32: Animais Africanos

Objetivos:

- Conhecer os animais africanos;
- Perceber a importância dos animais para o equilíbrio ecológico;
- Relacionar os animais que temos no Brasil que são originários da África;
- Confeccionar um animal africano;

Materiais:

- Texto sobre os animais africanos (atividade 1);
- Argila;
- Fita de vídeo sobre os animais africanos (gravado do SBT Repórter)
- Guache colorido e pincel;

Metodologia:

- Fazer a leitura do texto e conversar sobre os animais africanos, sua importância para o meio ambiente,
- Passar a fita para que as crianças vejam os animais em seu habitat natural;
- Desenvolver um trabalho com argila para construir animais africanos, pintar e expor no cantinho de Africanidades;

ATIVIDADE 1

Animais Africanos

A África é bem conhecida pela sua vida selvagem nas savanas e florestas equatoriais. Existem cerca de 45 espécies de primatas, incluindo os chimpanzés e gorilas. São mais de 60 espécies de predadores carnívoros como os leões, chitas, leopardos, hienas, cães selvagens, raposas, chacais e outros. Esses animais são vitais para a manutenção do equilíbrio ecológico das áreas em que habitam. Muitas espécies de herbívoros, aves, peixes, répteis e vários outros animais compõem o rico ecossistema africano.

A partir dos anos 1940 o homem fez reduzir consideravelmente a população de animais na África, de forma direta ou indireta. Isso fez com que muitas espécies entrassem em processo de extinção. Nos últimos anos vem crescendo os esforços de proteção aos animais africanos e aumentado o policiamento de reservas demarcadas.

Elefantes africanos - Normalmente criaturas dóceis, os comportamentos dos elefantes africanos são motivados, principalmente, por três fatores: alimentação, integração social com outros elefantes e evitar perigos. Os elefantes possuem um complexo sistema social e comunicam-se entre si através de sinais visuais, sinais táteis e um vasto repertório de sons. Comem durante cerca de 16 horas por dia e dormem durante três ou quatro horas.

Os elefantes são os únicos sobreviventes de mais de 600 espécies gigantescas que habitaram a Terra há milhões de anos: os proboscídeos africanos. Deles descenderam também os mamutes e os mastodontes que chegaram até as Américas do Sul e do Norte.

Girafas - O mais alto dos animais, a girafa atinge normalmente 5,5 m de altura. É nativa da África e vive em bandos nas savanas.

Leões africanos - Seu principal habitat atual são as savanas africanas, principalmente o Quênia e a Tanzânia. Hoje, fora da África, apenas a Índia ainda possui leões em seu habitat natural, no santuário da floresta de Gir. Há dez mil anos, entretanto, os leões habitaram vastas regiões da África, Europa e Ásia.

Bibliografia

<http://www.guiageografico.com/africa-saara-egito.htm> - Acesso em 03/08/2003

Aula 33 – Uma história de Natal onde duas crianças se encontram: uma negra e uma branca

Objetivos:

- Permitir que a criatividade das crianças possa se desenvolver ao criar uma história de Natal e uma situação de encontro entre os personagens;
- Analisar como as crianças percebem depois deste trabalho, a criança negra e a criança branca;
- Perceber como as crianças caracterizam cada personagem;
- Verificar em que circunstância ocorre o Natal para esses personagens;

Recursos:

- Papel com pauta para desenvolver a história
- Roteiro para que preencham a caracterização de cada personagem (Atividade 1);

Metodologia:

- Explicar que nosso projeto está chegando ao fim, e que para isso deverão escrever uma bonita história de Natal, e que nesta história em algum momento duas crianças devem se encontrar, sendo que uma é negra e a outra é branca;
- Destacar que antes de iniciar a história, devem preencher a caracterização dos personagens, para que possamos conhecê-los melhor;
- Deixar que façam o trabalho e ao terminarem, recolher.
- Após o término das redações, conversar sobre as histórias que fizeram, e questionar ou esclarecer alguns tópicos que sejam necessários;

Atividade 1

Caracterização dos Personagens da História de Natal

Menino Branco

Nome: _____

Idade: _____

Escola e série que estuda: _____

Ele mora em _____

Sua casa tem _____

Seu pai _____
Sua mãe _____
Ele gosta de _____

Sua religião é _____

Seus amigos são _____

Menino Negro

Nome: _____

Idade: _____

Escola e série que estuda: _____

Ele mora em _____

Sua casa tem _____

Seu pai _____

Sua mãe _____

Ele gosta de _____

Sua religião é _____

Seus amigos são _____

Aula 34: Aplicação de um questionário de avaliação

Objetivo:

Este questionário tem por objetivo verificar:

- como as crianças se definem ao final do projeto;
- se as crianças negras sentiram que o projeto ajudou em identificação;
- a importância ou não destinada à presença do cantinho e os trabalhos desenvolvidos;
- o que mais chamou a atenção das crianças;
- se identificam a importância do negro na história do nosso país e nossa cultura;

Recursos:

- Folha contendo as questões (Atividade 1);
- Folha com pauta para que os alunos respondam as questões;

Metodologia:

- Entregar as questões, ler com as crianças e explicar caso haja dúvidas;
- Recolher quando terminado;
- Discutir um pouco as questões e fazer uma finalização de tudo que foi trabalhado durante o ano;

Atividade 1

Roteiro de questões para as crianças

1. Seu nome é?
2. Você é (sua cor)?
3. Por que você se define assim?
4. Este projeto ajudou na sua identificação?
5. O que você achou do cantinho de Africanidades?
6. O cantinho de Africanidades ou a sala de Africanidades foi importante?
7. Por quê?
8. O que você mais gostou?
9. E as visitas (feitas e recebidas)?
10. O que você aprendeu sobre a cultura negra que mais chamou a sua atenção?
11. Qual a importância do negro para o nosso país?
12. Fale algumas contribuições dos negro para nossa cultura.

Aula 35: Conversas em pequenos grupos

Objetivos:

- Avaliar o trabalho realizado durante o ano;
- Levantar questionamentos que muitas vezes nas produções não aparecem;
- Perceber se houve mudanças de posicionamentos em relação à identificação das crianças;
- Verificar como está a auto-estima das crianças negras, após o trabalho;
- Descobrir a importância ou não, que os alunos destinam a este tipo de trabalho;

Recursos:

- Roteiro para conversa (Atividade 1);
- Gravador;
- Um espaço fora da sala e onde não haja interferências;

Metodologia:

- Dividir a sala em quatro grupos (neste caso, dividimos em dois grupos de crianças que consideramos sendo negras, e dois que achamos brancas – mas sem que as crianças soubessem);
- Cada grupo deve se dirigir para um ambiente fora da sala, onde deve haver uma conversa com a pesquisadora ou professora, seguindo um roteiro inicial;
- Gravar as conversas para depois transcreve-las;

Atividade 1

Roteiro para conversas em grupos

1. Quem deste grupo é negro?
2. Quem aqui é branco?
3. O que vocês acharam do Cantinho de Africanidades?
4. Vocês gostaram?
5. O que vocês aprenderam que não vão mais esquecer?
6. Vocês falaram na casa de vocês, para as famílias, os amigos, os vizinhos, sobre o que estavam aprendendo sobre o cantinho?
7. O que seus pais, irmãos, enfim, as pessoas que vocês falaram acharam?
8. E os pais de vocês? Gostaram?

9. Vocês perceberam se os xingamentos, ofensas, brigas, referentes a cor, características físicas, acabaram ou pelo menos diminuíram?
10. No que vocês acham que melhorou ou não?
11. Porque vocês acham que mudou ou não?
12. Vocês aprenderam neste trabalho a valorizar o negro?
13. Quem é negro – acha que os amigos da sala ainda te xingam ou não? Quem faz mais isso, o negro ou o branco?
14. Por que vocês negros se definem assim, agora?
15. Quem é branco – acha que o cantinho de Africanidades ajudou você? Em que?
16. Quem é branco – em algum momento você se sentiu chateado, magoado, porque estávamos falando sobre o negro e sua cultura?
17. Vocês acharam que este trabalho foi importante? Por quê?
18. Para todos – vocês mudaram a forma de tratar seus amigos negros após o cantinho?
19. Em que mudaram?
20. Vocês acham que este cantinho deveria existir em todas as salas de aulas e escolas?
21. Por quê?
22. Vocês acham que se todos soubessem o que vocês sabem seria melhor?
23. Vocês pretendem falar para os outros professores, amigos, o que aprenderam?
Vai sempre buscar saber mais sobre a África?
24. Alguém gostaria de falar mais alguma coisa?

Anexo 2

(Lei 10.639/2003)

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Disponível no site: [http:// www.app.com.br/lei_10639_2003.pdf](http://www.app.com.br/lei_10639_2003.pdf)

Anexo 3

(Parecer CNE/CP 003/2004)

PARECER HOMOLOGADO(*)

(*) Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 19/5/2004.

Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTERESSADO: Conselho Nacional de Educação **UF:** DF

ASSUNTO: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais

e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

CONSELHEIROS: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Relatora), Carlos Roberto Jamil

Cury, Francisca Novantino Pinto de Ângelo e Marília Ancona-Lopez

PROCESSO N.º: 23001.000215/2002-96

PARECER N.º: CNE/CP 003/2004

COLEGIADO: CP

APROVADO EM: 10/3/2004

I – RELATÓRIO

Este Parecer visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 06/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional, pela Lei 10639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Desta forma, busca cumprir o estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1º do Art. 242,

Art. 215 e Art. 216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79 B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases

da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação

brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros.

Juntam-se a preceitos analógicos os Art. 26 e 26 A da LDB, como os das Constituições Estaduais da Bahia (Art. 275, IV e 288), do Rio de Janeiro (Art. 306), de Alagoas (Art. 253),

assim como de Leis Orgânicas, tais como a de Recife (Art. 138), de Belo Horizonte (Art. 182,

VI), a do Rio de Janeiro (Art. 321, VIII), além de leis ordinárias, como lei Municipal nº 7.685,

de 17 de janeiro de 1994, de Belém, a Lei Municipal nº 2.251, de 30 de novembro de 1994, de

Aracaju e a Lei Municipal nº 11.973, de 4 de janeiro de 1996, de São Paulo.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Belém – Lei Municipal nº 7.6985, de 17 de janeiro de 1994, que “Dispõe sobre a inclusão, no currículo escolar

da Rede Municipal de Ensino, na disciplina História, de conteúdo relativo ao estudo da Raça Negra na formação

sócio-cultural brasileira e dá outras providências”

Aracaju – Lei Municipal nº 2.251, de 30 de novembro de 1994, que “Dispõe sobre a inclusão, no currículo

escolar da rede municipal de ensino de 1º e 2º graus, conteúdos programáticos relativos ao estudo da Raça Negra na formação sócio-cultural brasileira e dá outras providências São Paulo – Lei Municipal nº 11.973, de 4 de janeiro de 1996, que “Dispõe sobre a introdução nos currículos das escolas municipais de 1º e 2º graus de estudos contra a discriminação”

Petronilha 0215/SOS 2

Junta-se, também, ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.096, de 13 de junho de 1990), bem como no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001).

Todos estes dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e

dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir.

Destina-se, o parecer, aos administradores dos sistemas de ensino, de mantenedoras de estabelecimentos de ensino, aos estabelecimentos de ensino, seus professores e a todos implicados na elaboração, execução, avaliação de programas de interesse educacional, de

planos institucionais, pedagógicos e de ensino. Destina-se, também, às famílias dos estudantes, a eles próprios e a todos os cidadãos comprometidos com a educação dos brasileiros, para nele buscarem orientações, quando pretenderem dialogar com os sistemas de

ensino, escolas e educadores, no que diz respeito às relações étnico-raciais, ao reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à diversidade da nação

brasileira, ao igual direito à educação de qualidade, isto é, não apenas direito ao estudo, mas

também à formação para a cidadania responsável pela construção de uma sociedade justa e democrática.

Em vista disso, foi feita consulta sobre as questões objeto deste parecer, por meio de questionário encaminhado a grupos do Movimento Negro, a militantes individualmente, aos

Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, a professores que vêm desenvolvendo trabalhos que abordam a questão racial, a pais de alunos, enfim a cidadãos empenhados com a

construção de uma sociedade justa, independentemente de seu pertencimento racial.

Encaminharam-se em torno de 1000 questionários e o responderam individualmente ou em

grupo 250 mulheres e homens, entre crianças e adultos, com diferentes níveis de escolarização. Suas respostas mostraram a importância de se tratarem problemas, dificuldades, dúvidas, antes mesmo de o parecer traçar orientações, indicações, normas.

Questões introdutórias

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas

de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade.

Trata,

ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial - descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnicoraciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos.

Políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização, de Ações Afirmativas

A demanda por *reparações* visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição.

Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações.

Cabe ao Estado promover e incentivar políticas de reparações, no que cumpre ao disposto na Constituição Federal, Art. 205, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos

e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. Sem a intervenção do Estado, os

postos à margem, entre eles os afro-brasileiros, dificilmente, e as estatísticas o mostram sem

deixar dúvidas, romperão o sistema meritocrático que agrava desigualdades e gera injustiça,

ao rege-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios

para os sempre privilegiados.

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do

patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para

alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem

como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com

qualificação uma profissão.

A demanda da comunidade afro-brasileira por *reconhecimento*, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada

com a promulgação da Lei 10639/2003, que alterou a Lei 9394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.

Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que

compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas,

gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito

da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os

negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de

interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria

com prejuízos para os negros.

Petronilha 0215/SOS 4

Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que,

velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos

negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual.

Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus

descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível

ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos,

a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele,

menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não

sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra.

Reconhecer exige que os estabelecimentos de ensino, freqüentados em sua maioria por população negra, contem com instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com respeito, sendo

capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Políticas de reparações e de reconhecimento formarão programas de *ações afirmativas*, isto é, conjuntos de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais,

orientadas para oferta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória.

Ações

afirmativas atendem ao determinado pelo Programa Nacional de Direitos Humanos², bem

como a compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, com o objetivo de combate ao

racismo e a discriminações, tais como: a Convenção da UNESCO de 1960, direcionada ao

combate ao racismo em todas as formas de ensino, bem como a Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas de 2001.

Assim sendo, sistemas de ensino e estabelecimentos de diferentes níveis converterão as demandas dos afro-brasileiros em políticas públicas de Estado ou institucionais, ao tomarem decisões e iniciativas com vistas a reparações, reconhecimento e valorização da

história e cultura dos afro-brasileiros, à constituição de programas de ações afirmativas, medidas estas coerentes com um projeto de escola, de educação, de formação de cidadãos que

explicitamente se esbocem nas relações pedagógicas cotidianas. Medidas que, convêm, sejam

compartilhadas pelos sistemas de ensino, estabelecimentos, processos de formação de professores, comunidade, professores, alunos e seus pais.

² Ministério da Justiça. Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília, 1996

“preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” e reconhecem que todos são portadores de singularidade irredutível e que a formação escolar tem de estar atenta para o desenvolvimento de suas personalidades (Art.208, IV).

Educação das relações étnico-raciais

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros

brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas

favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e

não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados.

Depende

também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui

estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de

articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto

que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se

limitam à escola.

É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver

com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado.

Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com freqüência nas relações sociais brasileiras,

para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo,

entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos

sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial,

serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que

difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, européia e asiática.

Convivem, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de

45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não

têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas.

Ainda

persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes européias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras,

que são a indígena, a africana, a asiática.

Os diferentes grupos, em sua diversidade, que constituem o Movimento Negro brasileiro, têm comprovado o quanto é dura a experiência dos negros de ter julgados negativamente seu comportamento, idéias e intenções antes mesmo de abrirem a boca ou

tomarem qualquer iniciativa. Têm, eles, insistido no quanto é alienante a experiência de fingir

ser o que não é para ser reconhecido, de quão dolorosa pode ser a experiência de deixar-se

assimilar por uma visão de mundo, que pretende impor-se como superior e por isso universal

e que os obriga a negarem a tradição do seu povo.

Petronilha 0215/SOS 6

Se não é fácil ser descendente de seres humanos escravizados e forçados à condição de objetos utilitários ou a semoventes, também é difícil descobrir-se descendente dos escravizadores, temer, embora veladamente, revanche dos que, por cinco séculos, têm sido

desprezados e massacrados.

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos

construir daqui para frente.

Como bem salientou Frantz Fanon³, os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não têm, hoje, de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus

antepassados. No entanto, têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo,

as discriminações e juntamente com os que vêm sendo mantidos à margem, os negros, construir relações raciais e sociais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres

humanos e cidadãos. Não fossem por estas razões, eles a teriam de assumir, pelo fato de usufruírem do muito que o trabalho escravo possibilitou ao país.

Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para

construção de uma sociedade justa, igual, equânime.

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de

discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as

desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se

constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. Diálogo com estudiosos que analisam, criticam estas realidades e fazem propostas, bem como com grupos do Movimento Negro, presentes nas diferentes regiões e estados, assim como em inúmeras cidades, são imprescindíveis para que se vençam discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam concepções e ações, uns dos outros, se elabore projeto comum de combate ao racismo e a discriminações. Temos, pois, pedagogias de combate ao racismo e a discriminações por criar. É claro

³FRANTZ, Fanon. **Os Condenados da Terra**. 2.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

Petronilha 0215/SOS 7

que há experiências de professores e de algumas escolas, ainda isoladas, que muito vão ajudar. Para empreender a construção dessas pedagogias, é fundamental que se desfaçam alguns equívocos. Um deles diz respeito à preocupação de professores no sentido de designar ou não seus alunos negros como negros ou como pretos, sem ofensas. Em primeiro lugar, é importante esclarecer que ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define. Em segundo lugar, cabe lembrar que preto é um dos quesitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – branco, pardo, indígena - a cor da população brasileira. Pesquisadores de diferentes áreas, inclusive da educação, para fins de seus estudos, agregam dados relativos a pretos e pardos sob a categoria negros, já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua ascendência africana. É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz

africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo. Lembremos os motes muito utilizados no final dos anos 1970 e no decorrer dos anos 1980, 1990: Negro é lindo! Negra, cor da raça brasileira! Negro que te quero negro! 100% Negro! Não deixe sua cor passar em branco! Este último utilizado na campanha do censo de 1990.

Outro equívoco a enfrentar é a afirmação de que os negros se discriminam entre si e que são racistas também. Esta constatação tem de ser analisada no quadro da ideologia do branqueamento que divulga a idéia e o sentimento de que as pessoas brancas seriam mais humanas, teriam inteligência superior e por isso teriam o direito de comandar e de dizer o que é bom para todos. Cabe lembrar que no pós-abolição foram formuladas políticas que visavam ao branqueamento da população pela eliminação simbólica e material da presença dos negros. Nesse sentido, é possível que pessoas negras sejam influenciadas pela ideologia do branqueamento e, assim, tendam a reproduzir o preconceito do qual são vítimas. O racismo imprime marcas negativas na subjetividade dos negros e também na dos que os discriminam.

Mais um equívoco a superar é a crença de que a discussão sobre a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema e não à escola. A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola. Outro equívoco a esclarecer é de que o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento só atingem os negros. Enquanto processos estruturantes e

Petronilha 0215/SOS 8

constituintes da formação histórica e social brasileira, estes estão arraigados no imaginário

social e atingem negros, brancos e outros grupos étnico-raciais. As formas, os níveis e os resultados desses processos incidem de maneira diferente sobre os diversos sujeitos e interpõem diferentes dificuldades nas suas trajetórias de vida escolar e social. Por isso, a construção de estratégias educacionais que visem ao combate do racismo é uma tarefa de todos os educadores, independentemente do seu pertencimento étnico-racial. Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. Também farão parte de um processo de reconhecimento, por parte do Estado, da sociedade e da escola, da dívida social que têm em relação ao segmento negro da população, possibilitando uma tomada de posição explícita contra o racismo e a discriminação racial e a construção de ações afirmativas nos diferentes níveis de ensino da educação brasileira. Tais pedagogias precisam estar atentas para que todos, negros e não negros, além de ter acesso a conhecimentos básicos tidos como fundamentais para a vida integrada à sociedade, exercício profissional competente, recebam formação que os capacite para forjar novas relações étnico-raciais. Para tanto, há necessidade, como já vimos, de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las. Até aqui apresentaram-se orientações que justificam e fundamentam as determinações de caráter normativo que seguem.

História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Determinações

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história

e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringem à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas

Petronilha 0215/SOS 9

incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia. É preciso ter clareza que o Art. 26A acrescido à Lei 9394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas. A autonomia dos estabelecimentos de ensino para compor os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido pelo Art. 26A da Lei 9394/1996, permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, do apoio direto ou indireto de estudiosos e do Movimento Negro, com os quais estabelecerão canais de comunicação, encontrarão formas próprias de incluir nas vivências promovidas pela escola, inclusive em conteúdos de disciplinas, as temáticas em questão. Caberá, aos sistemas de ensino, às mantenedoras, à coordenação pedagógica dos estabelecimentos de ensino e aos professores, com base neste parecer, estabelecer conteúdos de ensino, unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares. Caberá, aos administradores dos sistemas de ensino e das mantenedoras prover as escolas, seus professores e alunos de material bibliográfico e de outros materiais didáticos, além de acompanhar os trabalhos desenvolvidos, a fim de evitar que questões tão complexas, muito pouco tratadas, tanto na formação inicial como continuada de professores, sejam abordadas de maneira resumida, incompleta, com erros. Em outras palavras, aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior, os alunos negros deixem de sofrer os primeiros e continuados atos de

racismo de que são vítimas. Sem dúvidas, assumir estas responsabilidades implica compromisso com o entorno sócio-cultural da escola, da comunidade onde esta se encontra e a que serve, compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos, capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais de que participam e ajudam a manter e/ou a reelaborar, capazes de decodificar palavras, fatos e situações a partir de diferentes perspectivas, de desempenhar-se em áreas de competências que lhes permitam continuar e aprofundar estudos em diferentes níveis de formação.

Precisa, o Brasil, país multi-étnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos, ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, idéias e comportamentos que lhes são adversos. E estes, certamente, serão indicadores da qualidade da educação que estará sendo oferecida pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis.

Para conduzir suas ações, os sistemas de ensino, os estabelecimentos e os professores terão como referência, entre outros pertinentes às bases filosóficas e pedagógicas que assumem, os princípios a seguir explicitados.

CONSCIÊNCIA POLÍTICA E HISTÓRICA DA DIVERSIDADE

Este princípio deve conduzir:

- à igualdade básica de pessoa humana como sujeito de direitos;
- à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnicoraciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;
- ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afrobrasileira na construção histórica e cultural brasileira;
- à superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que os negros, os povos indígenas e também as classes populares às quais os negros, no geral, pertencem, são comumente tratados;
- à desconstrução, por meio de questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar conceitos, idéias, comportamentos veiculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial, que tanto mal fazem a negros e brancos;
- à busca, da parte de pessoas, em particular de professores não familiarizados com a análise das relações étnico-raciais e sociais com o estudo de história e cultura afrobrasileira e africana, de informações e subsídios que lhes permitam formular concepções não baseadas em preconceitos e construir ações respeitadas;
- ao diálogo, via fundamental para entendimento entre diferentes, com a finalidade de negociações, tendo em vista objetivos comuns; visando a uma sociedade justa.

FORTALECIMENTO DE IDENTIDADES E DE DIREITOS

O princípio deve orientar para:

- o desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou

distorcida;

- o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;
- o esclarecimento a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal;
- o combate à privação e violação de direitos;
- a ampliação do acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico-raciais.
- as excelentes condições de formação e de instrução que precisam ser oferecidas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, em todos os estabelecimentos, inclusive os localizados nas chamadas periferias urbanas e nas zonas rurais.

AÇÕES EDUCATIVAS DE COMBATE AO RACISMO E A DISCRIMINAÇÕES

O princípio encaminha para:

- a conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos

alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas

negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e

brancos no conjunto da sociedade;

- a crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das representações dos negros e de outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como

providências para corrigi-las;

- condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem, assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes das diferenças;

- valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas

da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura;

Petronilha 0215/SOS 11

- educação patrimonial, aprendido a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando

a preservá-lo e a difundi-lo;

- o cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnico-raciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos entre diferentes grupos étnico-raciais, às alianças sociais;

- participação de grupos do Movimento Negro, e de grupos culturais negros, bem como da

comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração

de projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade étnico-racial.

Estes princípios e seus desdobramentos mostram exigências de mudança de mentalidade,

de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de

suas tradições culturais. É neste sentido que se fazem as seguintes determinações:

- O ensino de *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo

negro. É meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos

o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em

atividades curriculares ou não, em que: - se explicita, busque compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana; - promovam-se oportunidades de diálogo em que se conheçam, se ponham em comunicação diferentes sistemas simbólicos

e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, além da

construção de projeto de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor, defender

sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos o façam; - sejam incentivadas atividades em que pessoas – estudantes, professores, servidores, integrantes

da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino – de diferentes culturas interatuem

e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um.

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnicoraciais,

tal como explicita o presente parecer, se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas,³ particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais⁴, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de

ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas

de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares.

- O ensino de *História Afro-Brasileira* abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e

³ § 2º, Art. 26A, Lei 9394/1996 : Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito

de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

⁴ Neste sentido ver obra que pode ser solicitada ao MEC: MUNANGA, Kabengele, org. **Superando o Racismo**

na Escola. Brasília, Ministério da Educação, 2001.

Petronilha 0215/SOS 12

organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de

remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (Exemplos: associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro). Será dado destaque a acontecimentos e realizações próprios de cada região e localidade.

- Datas significativas para cada região e localidade serão devidamente assinaladas. O 13 de

maio, Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, será tratado como o dia de denúncia das repercussões das políticas de eliminação física e simbólica da população afrobrasileira

no pós-abolição, e de divulgação dos significados da Lei áurea para os negros.

No 20 de novembro será celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra, entendendo-se

consciência negra nos termos explicitados anteriormente neste parecer. Entre outras datas

de significado histórico e político deverá ser assinalado o 21 de março, Dia Internacional

de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

- Em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e

discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente

com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: - ao papel dos anciãos e dos griots como guardiões da memória histórica; - à história da ancestralidade e religiosidade africana; - aos núbios e aos egípcios, como civilizações que

contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade; - às civilizações e organizações políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbábwe;

-

ao tráfico e à escravidão do ponto de vista dos escravizados; - ao papel dos europeus, dos

asiáticos e também de africanos no tráfico; - à ocupação colonial na perspectiva dos africanos; - às lutas pela independência política dos países africanos; - às ações em prol da

união africana em nossos dias, bem como o papel da União Africana, para tanto; - às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora;

- à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e histórica dos africanos e

seus descendentes fora da África; - à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe,

Europa, Ásia; - aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora.

- O ensino de Cultura Afro-Brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia a dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras

- O ensino de Cultura Africana abrangerá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; - as universidades africanas Tambkotu, Gao, Djene que floresciam no

século XVI; - as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e

de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (artes

plásticas, literatura, música, dança, teatro) política, na atualidade .

- O ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira, far-se-á por diferentes meios, inclusive,

a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à

divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da

história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (tais como: Zumbi, Luiza Nahim, Aleijadinho,

Padre Maurício, Luiz Gama, Cruz e Souza, João Cândido, André Rebouças, Teodoro

Petronilha 0215/SOS 13

Sampaio, José Correia Leite, Solano Trindade, Antonieta de Barros, Edison Carneiro, Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Milton Santos, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Henrique Antunes Cunha, Tereza Santos, Emmanuel Araújo, Cuti,

Alzira Rufino, Inaicyrá Falcão dos Santos, entre outros).

- O ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em

episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social

(entre outros: rainha Nzinga, Toussaint-Louverture, Martin Luther King, Malcon X, Marcus Garvey, Aimé Césaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira).

Para tanto, os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica, nos níveis de

Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos,

Educação Superior, precisarão providenciar:

- Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como em remanescentes de

quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais.

- Apoio sistemático aos professores para elaboração de planos, projetos, seleção de conteúdos e métodos de ensino, cujo foco seja História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais.

- Mapeamento e divulgação de experiências pedagógicas de escolas, estabelecimentos de

ensino superior, secretarias de educação, assim como levantamento das principais dúvidas

e dificuldades dos professores em relação ao trabalho com a questão racial na escola e encaminhamento de medidas para resolvê-las, feitos pela administração dos sistemas de ensino e por Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros.

- Articulação entre os sistemas de ensino, estabelecimentos de ensino superior, centros de

pesquisa, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, escolas, comunidade e movimentos sociais, visando à formação de professores para a diversidade étnico/racial.

- Instalação, nos diferentes sistemas de ensino, de grupo de trabalho para discutir e coordenar planejamento e execução da formação de professores para atender ao disposto

neste parecer quanto à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao determinado nos Art.

26 e 26A da Lei 9394/1996, com o apoio do Sistema Nacional de Formação Continuada e

Certificação de Professores do MEC.

- Introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais da educação,

de análises das relações sociais e raciais no Brasil; de conceitos e de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade, diferença, multiculturalismo; de práticas pedagógicas,

de materiais e de textos didáticos, na perspectiva da reeducação das relações étnico-raciais

e do ensino e aprendizagem da História e cultura dos Afro-brasileiros e dos Africanos.

- Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto

Petronilha 0215/SOS 14

dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no ensino superior.

- Inclusão, respeitada a autonomia dos estabelecimentos do Ensino Superior, nos conteúdos

de disciplinas e em atividades curriculares dos cursos que ministra, de Educação das Relações Étnico-Raciais, de conhecimentos de matriz africana e/ou que dizem respeito à população negra. Por exemplo: em Medicina, entre outras questões, estudo da anemia falciforme, da problemática da pressão alta; em Matemática, contribuições de raiz africana, identificadas e descritas pela Etno-Matemática; em Filosofia, estudo da filosofia

tradicional africana e de contribuições de filósofos africanos e afrodescendentes da atualidade.

- Inclusão de bibliografia relativa à história e cultura afro-brasileira e africana às relações

étnico-raciais, aos problemas desencadeados pelo racismo e por outras discriminações, à pedagogia anti-racista nos programas de concursos públicos para admissão de professores.

- Inclusão, em documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos de ensino

de todos os níveis - estatutos, regimentos, planos pedagógicos, planos de ensino - de objetivos explícitos, assim como de procedimentos para sua consecução, visando ao combate do racismo, a discriminações, ao reconhecimento, valorização e respeito das histórias e culturas afro-brasileira e africana.

- Previsão, nos fins, responsabilidades e tarefas dos conselhos escolares e de outros órgão

colegiados, do exame e encaminhamento de solução para situações de racismo e de discriminações, buscando-se criar situações educativas em que as vítimas recebam apoio

requerido para superar o sofrimento e os agressores, orientação para que compreendam a

dimensão do que praticaram e ambos, educação para o reconhecimento, valorização e respeito mútuos.

- Inclusão de personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes

e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola, a não ser quando tratar de manifestações culturais próprias de um determinado grupo étnico-racial.

- Organização de centros de documentação, bibliotecas, mídiotecas, museus, exposições em

que se divulguem valores, pensamentos, jeitos de ser e viver dos diferentes grupos étnicoraciais

brasileiros, particularmente dos afrodescendentes.

- Identificação, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de fontes de conhecimentos de origem africana, a fim de selecionarem-se conteúdos e procedimentos de ensino e de aprendizagens.

- Incentivo, pelos sistemas de ensino, a pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros e indígenas, com o objetivo

de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

- Identificação, coleta, compilação de informações sobre a população negra, com vistas à

formulação de políticas públicas de Estado, comunitárias e institucionais.

Petronilha 0215/SOS 15

- Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino,

que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB,

e para tanto abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de

difusão de livros educacionais do MEC - Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE).

- Divulgação, pelos sistemas de ensino e mantenedoras, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de uma bibliografia afro-brasileira e de outros materiais como mapas da diáspora, da África, de quilombos brasileiros, fotografias de territórios negros urbanos e rurais, reprodução de obras de arte afro-brasileira e africana a serem distribuídos nas escolas da rede, com vistas à formação de professores e alunos para o combate à discriminação e ao racismo.

- Oferta de Educação Fundamental em áreas de remanescentes de quilombos, contando as

escolas com professores e pessoal administrativo que se disponham a conhecer física e culturalmente a comunidade e a formar-se para trabalhar com suas especificidades.

- Garantia, pelos sistemas de ensino e entidades mantenedoras, de condições humanas, materiais e financeiras para execução de projetos com o objetivo de Educação das Relações Étnico-raciais e estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, assim como organização de serviços e atividades que controlem, avaliem e redimensionem sua consecução, que exerçam fiscalização das políticas adotadas e providenciem correção de distorções.

- Realização, pelos sistemas de ensino federal, estadual e municipal, de atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino e aprendizagem de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais; assim como comunicação detalhada dos resultados obtidos ao Ministério da Educação, à

Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação,
e aos respectivos conselhos Estaduais e Municipais de Educação, para que encaminhem providências, quando for o caso.

- Inclusão, nos instrumentos de avaliação das condições de funcionamento de estabelecimentos de ensino de todos os níveis, nos aspectos relativos ao currículo, atendimento aos alunos, de quesitos que avaliem a implantação e execução do estabelecido neste parecer.

- Disponibilização deste parecer, na sua íntegra, para os professores de todos os níveis de ensino, responsáveis pelo ensino de diferentes disciplinas e atividades educacionais, assim

como para outros profissionais interessados a fim de que possam estudar, interpretar as orientações, enriquecer, executar as determinações aqui feitas e avaliar seu próprio trabalho e resultados obtidos por seus alunos, considerando princípios e critérios apontados.

Obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras, Educação das Relações Étnico-Raciais e os Conselhos de Educação

Petronilha 0215/SOS 16

Diretrizes são dimensões normativas, reguladoras de caminhos, embora não fechadas a que historicamente possam, a partir das determinações iniciais, tomar novos rumos.

Diretrizes

não visam a desencadear ações uniformes, todavia, objetivam oferecer referências e critérios

para que se implantem ações, as avaliem e reformulem no que e quando necessário.

Estas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, na medida em que procedem

de ditames constitucionais e de marcos legais nacionais, na medida em que se referem ao

resgate de uma comunidade que povoou e construiu a nação brasileira, atingem o âmago do

pacto federativo. Nessa medida, cabe aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito

Federal e dos Municípios aclimatar tais diretrizes, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos, a seus respectivos sistemas, dando ênfase à importância de os

planejamentos valorizarem, sem omitir outras regiões, a participação dos afrodescendentes, do

período escravista aos nossos dias, na sociedade, economia, política, cultura da região e da

localidade; definindo medidas urgentes para formação de professores; incentivando o desenvolvimento de pesquisas bem como envolvimento comunitário.

A esses órgãos normativos cabe, pois, a tarefa de adequar o proposto neste parecer à realidade de cada sistema de ensino. E, a partir daí, deverá ser competência dos órgãos executores - administrações de cada sistema de ensino, das escolas - definir estratégias que,

quando postas em ação, viabilizarão o cumprimento efetivo da Lei de Diretrizes e Bases que

estabelece a formação básica comum, o respeito aos valores culturais, como princípios

constitucionais da educação tanto quanto da dignidade da pessoa humana (inciso III do art. 1),

garantindo-se a promoção do bem de todos, sem preconceitos (inciso IV do Art. 3) a prevalência dos direitos humanos (inciso II do art. 4) e repúdio ao racismo (inciso VIII do art.

4).

Cumprir a Lei é, pois, responsabilidade de todos e não apenas do professor em sala de aula. Exige-se, assim, um comprometimento solidário dos vários elos do sistema de ensino

brasileiro, tendo-se como ponto de partida o presente parecer, que junto com outras diretrizes

e pareceres e resoluções, têm o papel articulador e coordenador da organização da educação

nacional.

II – VOTO DA RELATORA

Face ao exposto e diante de direitos desrespeitados, tais como:

- o de não sofrer discriminações por ser descendente de africanos;
- o de ter reconhecida a decisiva participação de seus antepassados e da sua própria na construção da nação brasileira;
- o de ter reconhecida sua cultura nas diferentes matrizes de raiz africana;
- diante da exclusão secular da população negra dos bancos escolares, notadamente em nossos dias, no ensino superior;
- diante da necessidade de crianças, jovens e adultos estudantes sentirem-se contemplados e respeitados, em suas peculiaridades, inclusive as étnico-raciais, nos programas e projetos educacionais;

Petronilha 0215/SOS 17

- diante da importância de reeducação das relações étnico/raciais no Brasil;
- diante da ignorância que diferentes grupos étnico-raciais têm uns dos outros, bem como da necessidade de superar esta ignorância para que se construa uma sociedade democrática;
- diante, também, da violência explícita ou simbólica, gerada por toda sorte de racismos e discriminações, que sofrem os negros descendentes de africanos;
- diante de humilhações e ultrajes sofridos por estudantes negros, em todos os níveis de ensino, em conseqüência de posturas, atitudes, textos e materiais de ensino com conteúdos racistas;
- diante de compromissos internacionais assumidos pelo Brasil em convenções, entre outro os da Convenção da UNESCO, de 1960, relativo ao combate ao racismo em todas as formas de ensino, bem como os da Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas, 2001;
- diante da Constituição Federal de 1988, em seu Art. 3º, inciso IV, que garante a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; do inciso 42 do Artigo 5º que trata da prática do racismo como crime inafiançável e imprescritível; do § 1º do Art. 215 que trata da proteção das manifestações culturais;
- diante do Decreto 1.904/1996, relativo ao Programa Nacional de Direitos Humanos que assegura a presença histórica das lutas dos negros na constituição do país;

- diante do Decreto 4.228, de 13 de maio de 2002, que institui, no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa Nacional de Ações Afirmativas;
 - diante das Leis 7.716/1999, 8.081/1990 e 9.459/1997 que regulam os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor e estabelecem as penas aplicáveis aos atos discriminatórios e preconceituosos, entre outros, de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional;
 - diante do inciso I da Lei 9.394/1996, relativo ao respeito à igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; diante dos Arts 26, 26 A e 79 B da Lei 9.394/1996,
- estes últimos introduzidos por força da Lei 10.639/2003, proponho ao Conselho Pleno:
- a) instituir as Diretrizes explicitadas neste parecer e no projeto de Resolução em anexo, para serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientá-los, promover a formação dos professores para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e para Educação das Relações Étnico-Raciais, assim como supervisionar o cumprimento das diretrizes;
 - b) recomendar que este Parecer seja amplamente divulgado, ficando disponível no *site* do Conselho Nacional de Educação, para consulta dos professores e de outros interessados.

Petronilha 0215/SOS 18

Brasília-DF, 10 de março de 2004.

Conselheira Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – Relatora

III – DECISÃO DO CONSELHO PLENO

O Conselho Pleno aprova por unanimidade o voto da Relatora.

Sala das Sessões, 10 em março de 2004.

Conselheiro José Carlos Almeida da Silva – Presidente

Petronilha 0215/SOS 19

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PROJETO DE RESOLUÇÃO

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

O Presidente do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no Art. 9º, do § 2º, alínea “C”, da Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, e com fundamento no Parecer CNE/CP 003/2004, de 10 de março de 2004, peça indispensável do conjunto das

presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, homologado pelo Ministro da Educação em de 2004,

RESOLVE

Art. 1º - A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a

serem observadas pelas instituições de ensino de Educação Básica, nos níveis de Educação

Infantil, Ensino Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, bem como na

Educação Superior, em especial no que se refere à formação inicial e continuada de professores, necessariamente quanto à Educação das Relações Étnico-Raciais; e por aquelas

de Educação Básica, nos termos da Lei 9394/96, reformulada por forma da Lei 10639/2003,

no que diz respeito ao ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em

especial em conteúdos de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

Art. 2º - As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e

para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas se constituem de orientações,

princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Art. 3º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e

para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana têm por meta a educação de

cidadãos atuantes no seio da sociedade brasileira que é multicultural e pluriétnica, capazes de,

por meio de relações étnico-sociais positivas, construir uma nação democrática.

§1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de

conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto ao

seu pertencimento étnico-racial - descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de

européus, de asiáticos – capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a

Petronilha 0215/SOS 20

todos, ter igualmente respeitados seus direitos, valorizada sua identidade e assim participem

da consolidação da democracia brasileira.

§2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais, tem por objetivo o reconhecimento e valorização da

identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

Art. 4º Os conteúdos, competências, atitudes e valores a serem aprendidos com a Educação

das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, bem como de

História e Cultura Africana, serão estabelecidos pelos estabelecimentos de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações, diretrizes explicitadas no

Parecer CNE/CP 003/2004.

Art. 5º Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições

formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-

Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos, planos e projetos de ensino.

Art. 6º Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições

materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, seus professores e alunos de material

bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários para a educação das Relações Étnico-

Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; as coordenações pedagógicas promoverão o aprofundamento de estudos, para que os professores concebam e

desenvolvam unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares.

Art. 7º As instituições de ensino superior, respeitada a autonomia que lhe é devida, incluirão

nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos diferentes cursos que ministram, a

Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que

dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 003/2004.

Art. 8º Os sistemas de ensino tomarão providências para que seja respeitado o direito de alunos afrodescendentes também frequentarem estabelecimentos de ensino que contem com

instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos

conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e não negros, no sentido de

que venham a relacionar-se com respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes, palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Art. 9º Nos fins, responsabilidades e tarefas dos órgãos colegiados dos estabelecimentos de

ensino, será previsto o exame e encaminhamento de solução para situações de discriminação,

buscando-se criar situações educativas para o reconhecimento, valorização e respeito da diversidade.

§ Único: As situações de racismo serão tratadas como crimes imprescritíveis e inafiançáveis,

conforme prevê o Art. 5º, XLII da Constituição Federal de 1988.

Petronilha 0215/SOS 21

Art. 10 Os estabelecimentos de ensino de diferentes níveis, com o apoio e supervisão dos

sistemas de ensino desenvolverão a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de

História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, obedecendo as diretrizes do Parecer CNE/CP

003/2004, o que será considerado na avaliação de suas condições de funcionamento.

Art. 11 Os sistemas de ensino incentivarão pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros, ao lado de pesquisas de mesma natureza junto aos povos indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

Art. 12 Os sistemas de ensino orientarão e supervisionarão para que a edição de livros e de outros materiais didáticos atenda ao disposto no Parecer CNE/CP 003/2004, no cumprimento da legislação em vigor.

Art. 13 Aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios caberá aclimatar as Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas por esta Resolução, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos e seus respectivos sistemas.

Art. 14 Os sistemas de ensino promoverão junto com ampla divulgação do Parecer CNE/CP 003/2004 e dessa Resolução, atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino

e aprendizagens de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais; assim como comunicarão, de forma detalhada, os resultados obtidos ao Ministério da Educação, à Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação e aos respectivos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, para que encaminhem providências, que forem requeridas.

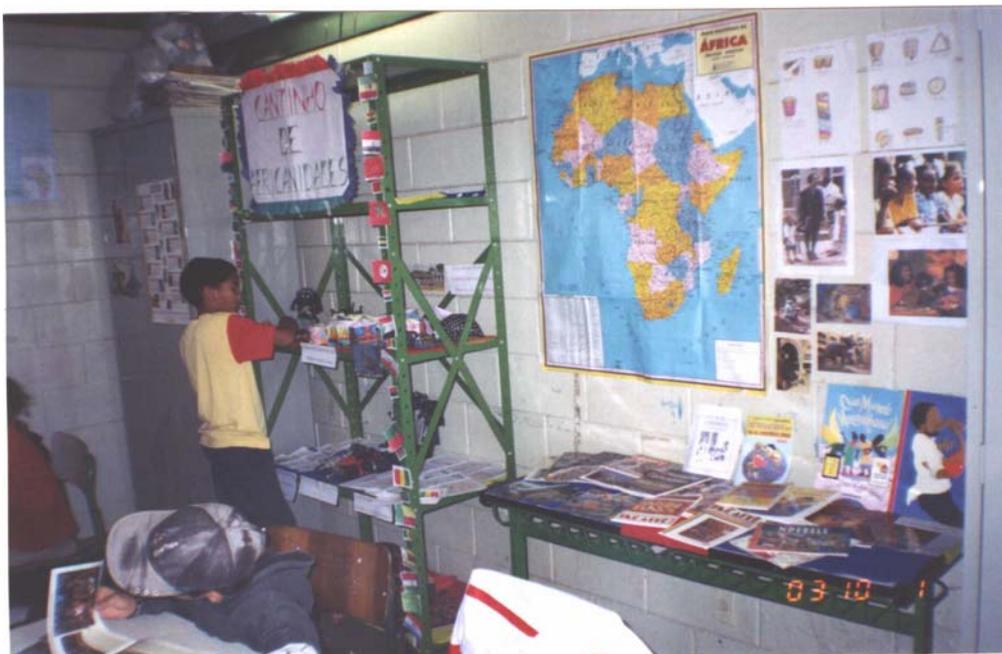
Art. 15 Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília(DF), 10 de março de 2004.

Anexo 4

(Imagens do Cantinho de
Africanidades)

Imagem do Cantinho de Africanidades



CD-Rom com imagens de diferentes momentos do trabalho com o Cantinho de Africanidades